

REVISTA

— DA —

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

— DO —

RIO DE JANEIRO

Tomo XXXIII

(2.º semestre de 1928) •

7 ABR. 1963

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Lindolpho Xavier (Director da « Revista ») — Delgado de
Carvalho — Alcides Bezerra — Vicente Licinio
Cardoso — Liberato Bittencourt



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

REVISTA

— DA —

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

— DO —

RIO DE JANEIRO

Tomo XXXIII

(2.º semestre de 1928)

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Lindolpho Xavier (Director da « Revista ») — Delgado de
Carvalho — Alcides Bezerra — Vicente Licinio
Cardoso — Liberato Bittencourt



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º

—
RIO DE JANEIRO — BRASIL

REVISTA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

Tomo XXIII

(2.º semestre de 1928)

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Lindolpho Xavier (Direção) - Paulo de Sá (Suplente de
 Caetano - Álvaro Pereira - Vasco Ligeia
 Carlos - Alberto de Azevedo

REVISTA

— DA —

Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro

TOMO XXXIII

(2.º semestre de 1928)

SUMMARIO

«Conservatoria dos Indios — Noronha Santos.....	5
Estrada de Rodagem Rio-S. Paulo — J. Mattoso Maia Forte.....	82
«Cuba—Isaura Gasparini.....	111
Pesos e Medidas — Aarão Reis.....	116
Um capitulo da Geographia do Ceará — S. Fróes Abreu.....	145
Estudo da Ilha da Trindade — R. M. Costa Lima..	181
A ressurreição da Palestina — Erasmo Braga.....	201
Uma viagem atravez da Suissa — Alberto Gertsh..	208
A Bahia — Bernardino de Souza.....	217
«Comunicações Geographicas :	
«Geographia Economica — Lupercio Hoppe.....	235
Estrada de rodagem Rio-S. Paulo — J. Mattoso Maia Forte.....	246
As energias do Brasil — Isaura Gasparini.....	246
Folk-lore american — Paulo José Pires Brandão...	249
«O planato central do Brasil — Lindolpho Xavier...	250
O Brasil — Octavio Vinelli.....	254
«O relatorio do prof. E. Backheuser -- Luiz Duarte Gama.....	257
«O 45.º Anniversario da fundação da «Sociedade»...	259
Expedições ao interior do Brasil.....	263
A catastrophe do «Santos Dumont».....	264
«Roald Amundsen.....	267
Administracção da «Sociedade» — 1929 1930 ...	269
«Cadastro social.....	270

SUMMARIO

203	Castro Alves e a geographia
207	Leal Antunes e a geographia
208	Administracao da geographia — 1927-1928
211	Annuaire de la geographia de la Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro
212	Comunicacao de Geographia
213	A Bahia — Boletim de Souza
208	Uma viagem a Paris de Souza
204	A geographia da Bahia — Antonio Brasil
181	Estado da Bahia de Trindade — N. M. Costa Lima
145	Um capitulo da Geographia de Costa e Silva
116	Pessoas e Medicinas — Antonio Brasil
111	Os Estados da Bahia — Antonio Brasil
82	Mais Porto
203	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
204	Estados de Trindade — Antonio Brasil
205	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
206	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
207	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
208	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
209	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
210	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
211	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
212	Geographia da Bahia — Antonio Brasil
213	Geographia da Bahia — Antonio Brasil

A CONSERVATORIA DOS INDIOS

(UM ARRAIAL ESQUECIDO)

F. A. NORONHA SANTOS

*A conquista dos Sás — Aldeamentos dos indios "Ara-
ris" — Sesmaria e "conservatoria" dos indigenas
— Terras no sertão de Valença — Povoamento —
D. Fernando José de Portugal — João Rodrigues
Pereira de Almeida — Ignacio de Souza Werneck
— Noticia chorographica da região — Clinica e
salubridade.*

Todas as povoações erguidas, aqui e ali, a vastidão das nossas terras, têm no inventario dos dias passados a evocação pinturesca do Brasil.

Irrádiada a obra da conquista dos Sás, no Rio de Janeiro, a colonização foi lentamente se operando a principio na faixa littoranea, para depois alcançar o interior, organizando-se na Capitania de S. Vicente "bandeiras" ousadas, que vadearam grandes rios e se embrenharam nas florestas.

A cobiça do ouro seduzia a alma dos conquistadores, á medida que a fama das riquezas era augmentada por noticias de caminheiros sertanistas.

Quando a pacificação dos selvagens permittiu que se localizassem os invasores portuguezes, a obra tranquilla do progresso não ficou nos logarejos á beira-mar. A civilização transpôz a muralha de montanhas que separa o littoral do "sertão" e foi semear em fertilissimas terras do valle do Parahyba a canna de assucar, — já conhecida na feitoria de Martim Affonso de Souza. Com os novos processos agricolas surgiram outras

lavouras, dentre as quaes se tornou a mais prospera, a do café, cujo bi-centenario commemorámos em 1927.

O mar continuou a ser, no emtanto, o ponto de contacto obrigatorio, entre o trabalho da gente de antanho e dos povoados de serra.

Do valle do Parahyba e das suas cercanias, pode-se dizer que se iniciou a civilisação intensa, a demarcar a riqueza agricola da Capitania do Rio de Janeiro, do norte de S. Paulo e de grande parte de villarejos situados nas Minas Geraes. Dahi, a opulencia conquistada por humildes curatos, erguidos sob a fé esplendorosa do christianismo. Em curto prazo de tempo transmudaram-se em vigarias colladas, communicando-se por bôas estradas e extensos caminhos vicinaes aos centros productores.

Desse dominio e infiltramento da autoridade portugueza, advieram a tranquillidade dos colonos e o adeantamento de apraziveis sitios, dos arraiaes pittorescos em que a abundancia das colheitas e o trato commercial crearam villas e cidades. Florescentes agrupamentos humanos com vida propria e fartura de recursos economicos, só decahiram quando lhes faltou o braço escravo — a obediencia passiva e soffredora da infeliz raça negra.

Consequencia desse desenvolvimento fundou-se em 1824 o curato de Santo Antonio do Rio Bonito — na *Conservatoria dos Indios* — que conhecemos no recolhimento resignado da sua decadencia e no viver accommodado da pobreza.

Foi prospera e enriquecida á custa do trabalho escravo.

Despida das lentejoulas da riqueza a *Conservatoria dos Indios*, como que se sente hoje mais á vontade na tranquillidade bucolica das montanhas que a cercam, para melhor recordar e sonhar...

Pobre e abandonada aldeia dos indios *Araris* — assim denominados segundo Milliet de Saint Adolphe — teve organizaçãõ officialisada em 1789, no vice-reinado de Luiz de Vasconcellos.

Os *Araris* descendiam ao que se suppõe dos *Bacumins* — cabilda que, como quer Nelson de Senna, teve representantes entre Rio Preto, Valença e valle do Parahyba, na linha divisoria dos territorios fluminenses e mineiro.

Desembaraçados nos movimentos — escreve Saint' Adolphe, “quasi brancos bem feitos e em maior numero que os de Valença, chamados *Purús*, que não são outros que os *Puris* citados na magistral memoria sobre ethnographia indigena publicada pelo erudito Rodolfo Garcia, no primeiro volume do “Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil.

Em 1826 — por documentos que consultámos — havia dois aldeamentos em terras de Valença: — um na villa deste nome e outro em Conservatoria. Eram em numero de mil e quatrocentos os indios aldeados nesses logares.

Da longa permanencia dos *Araris* na região, ha vestigios nas excavações feitas em differentes logares, no arraial e nas fazendas, tendo-se encontrado artefactos da ceramica indigena e algumas ossadas, inclusive no largo da Matriz, nas proximidades do tempo parochial.

Ao aldeamento de Santo Antonio do Rio Bonito foi dada uma legua de terras que se achava medida e demarcada ao tempo em que os Ouvidores de comarca e depois os juizes de orphãos, inspeccionavam os bens dos indios. Dessa sesmaria foram discriminados alguns *prazos* em aforamentos.

Na “Memoria Historica e Documentada das Aldeias de Indios da Provincia do Rio de Janeiro”, de Joaquim Norberto de Souza e Silva, publicada no volume 17º da “Revista do Instituto Historico (pag. 249 e seguintes) ha minudentes esclarecimentos acerca das aldeias de N. S. da Gloria de Valença e Santo Antonio do Rio Bonito e da situação em que se encontravam em 1852 os aforamentos concedidos. No tocante ao regimen de concessões de sesmarias, são innumerous os actos da autoridade régia. Em papeis avulsos e nos classificados sob o titulo Sesmaria — além das referencias contidas nas “Publicações do Archivo Nacional”, figuram registros concedendo *datas* de terras entre os rios Bonito, das Flôres e Preto comprehendendo os actuaes territorios das freguezias e districtos do municipio de Valença.

Traslados e documentos originaes sobre concessões de terras nesse trecho do territorio do Estado do Rio e outros papeis e livros do Archivo Municipal do Districto Federal, grupados com os titulos — “Cartas de Ordem de Sesmarias” e “Sesmarias na Capitania do

Rio de Janeiro” — constituem valiosos elementos para a historia territorial.

Num dos volumes encadernados de taes manuscritos catalogado com o numero 318, estão os registros e cartas de sesmarias concedidas no districto de Valença e sertão do Rio Preto.

Nelle se lê uma petição do Conselheiro Simeão Estellita Gomes da Fonseca, a respeito de terras no *sertão da villa de Nossa Senhora da Gloria de Valença, junto ao rio Bonito e que confrontam de hua parte com o Coronel Lourenço Antonio do Rego e das outras com a Conservatoria dos Indios.*

A sesmaria dos indios *Araris*, confirmada por Dom João VI comprehendia uma legua em quadra, “das melhores do sertão denominado “Conservatoria”, onde, em 1827, já havia uma capella curada. Apezar do destino privativo dado áquella sesmaria, tentaram, por vezes, os vereadores da Camara de Valença turbar a posse das terras,, — como nos diz o termo de vereação de 21 de abril de 1827.

Consignava a proposta dos vereadores que se officiasse ao sub-director dos indios de Conservatoria, sargento-mór Joaquim da Silveira Caldeira, no sentido de ficarem pertencendo á *dita Camara os aforamentos e o termo das terras demarcadas para a villa.* Infere-se de apontamento colligido por Damasceno Ferreira (*Historia de Valença*), ter a Camara tratado novamente, em 1829, da sesmaria dos *Araris*, distante cinco leguas de Valença, com a sua capella de Santo Antonio do Rio Bonito.

Em 1819 começaram os habitantes de Valença a cuidar da creação da sua villa. Mas só em 1826 se libertaram da influencia de S. João Marcos, Vassouras e Rezende, installando-se definitivamente a nova villa.

Desde 1801 que se iniciara o trabalho da cultura das terras. O vice rei D. Fernando José de Portugal ordenára naquelle anno a João Rodrigues Pereira de Almeida que “se passasse ás margens do rio Parahyba e assignasse aos indios terreno para cultivarem” — diz Macedo Soares (em annotação ao *Regimento das Camaras Municipaes*, de Cortines Laxe); no que foi auxiliado por seu sobrinho e por Ignacio de Souza Werneck. Incumbiu-se este da abertura de caminhos que

se dirigissem ao "sertão". Por portaria de 5 de fevereiro de 1803 foi o padre Manoel Gomes Leal nomeado capellão dos indios, levando auctorisação do bispo Dom José Joaquim Justiniano para construir capella e praticar todos os actos de religião e a bem da alma dos indios.

Da aldeia primitiva — celebre reducto do historico aldeamento indigena — tão, relebrado por monsenhor Pizarro, nas "Memorias Historicas do Rio de Janeiro e das Provincias Annexas á Jurisdicção do Vice-Rei do Estado do Brasil" (Tomo V. cap. III) guarda-se hoje pallida tradição das investidas de Ignacio de Souza Werneck.

Atravez dos estudos do Dr. André Werneck, conhecemos os pormenores da luta que aquelle capitão de ordenanças do termo do Alferes sustentou contra os indios *Coroados*.

Graças ás pesquisas do illustre historiador devemos a divulgação do "Mappa de parte da Capitania de Minas Geraes", com a sub-legenda — "mappa do sertão do Rio Preto para baixo pertencente á Capital do Rio de Janeiro com os seus rios principaes e descrição dos caminhos da Paraiba abaixo notados com pingos — 1808".

Por este interessante trabalho de cartographia antiga, pertencente á secção de mappotheca da Bibliotheca Nacional, têm-se impressão rigorosa do terreno. Distingue-se perfeitamente o caminho para a aldeia de Valença, villa de 1826 e elevada a cidade pelo decreto provincial n. 961 — de 29 de setembro de 1857. Observa-se, c omnitidez, o curso dos rios Flores e Bonito, em cujas raias estava a aldeia dos *Araris*, a repartição dos conservadores, ou a — *Conservatoria dos Indios* — áquem do sertão do rio Preto, nos limites da Capitania de Minas.

O alludido mappa faz parte da valiosa colleção de documentos relativos ao capitão Ignacio de Souza Werneck. Além da Bibliotheca Nacional, delle possuem cópias os Archivos Nacional e Municipal do Rio de Janeiro.

* * *

A séde da parochia e districto administrativo de Santo Antonio do Rio Bonito está assente num dos apertados valles da serra do Rio Bonito.

Occupa o districto municipal uma superficie estimada em 240 kilometros quadrados no computo geral do municipio de Valença de 1.273 kilometros quadrados. De accôrdo com os dados do Recenseamento Federal de 1 de setembro de 1920 a superficie de todo o municipio é, exactamente, calculada em 130.200 hectares, sendo o oitavo na ordem decrescente das circumscrições politicas do Estado do Rio de Janeiro. Moreira Pinto, no "Diccionario Geographico do Brasil" registra para o arraial de Conservatoria 22°, 16', de longitude meridional e 40°, de longitude occidental da cidade do Rio de Janeiro. A sua longitude expressa em tempo e referida ao meridiano do antigo Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, é de 2 e 40".

Limita-se o districto com as terras de Ipiabas e Santa Isabel do Rio Preto, do municipio de Valença; e de S. José do Turvo, do municipio da Barra do Pirahy.

Em sua excellente Chorographia do Brasil (1925), o illustre professor Olavo Freire, ao estudar o relêvo do solo fluminense destaca a serra do Rio Bonito como pertencente ao segundo grupo do systema orographico do Estado dando-lhe as divisas entre os rios Preto, Turvo e Bonito.

Coincidem estas referencias com o que está assinalado no grande mappa do Estado do Rio,, commemorativo do Centenario da Independencia e mandado imprimir pelo presidente Raul Veiga.

Theodoro Sampaio, no "Diccionario Historico Geographico e Ethnographico do Brasil", edição do Instituto Historico, considera essa ramificação da Mantiqueira como simples socalco corrido ao longo da esquerda do rio Parahyba do Sul.

De Itatiaia — accrescenta o proveto geographo — a cordilheira segue direcção de léste atravez do territorio fluminense passando pela cidade de Valença e por varios pontos do municipio desse nome com os seus diversos contrafortes entre o rio Parahyba do Sul e o seu sub-affluente rio Preto. Começa com o nome de Pedra Sellada e toma varias denominações, umas conhecidas geographicamente e outras mantidas na tradição oral de posseiros de terrenos e donos de fazendas, — chamando-se serras do Rio Bonito, da Taquára, das

Aboboras, etc., e terminando em territorio mineiro, no municipio do Rio Preto.

O unico curso dagua digno de menção é o rio Bonito. Nasce no lugar do *Cavallo Russo*, na serra das Minhocas e desagua na margem esquerda do rio das Flôres, que, despeja suas aguas no Preto, em terras da fazenda do Paraizo, situada no Porto das Flôres, Recebe os ribeiros Cobras, Indios e Prata. Dentro do arraial de Conservatoria, o rio Bonito atravessa com regular largura terrenos que ficam aos fundos dos predios do lado direito das ruas do Cemiterio e do Commercio. Na estação das chuvas — esse rio que nada tem a justificar a sua denominação alaga os terrenos marginaes em grande extensão.

* * *

Numa altitude sobre o nivel do mar, de 518 metros, na estação de Conservatoria da via ferrea da Rêde Sul Mineira, e de 519 a 560 metros, em logares mais elevados, dentro do arraial, as condições climatericas resultam, consequentemente, da situação topographica. As montanhas penhascosas, num e noutra ponto e alongadas, em pequena porção, formam cordilheira com os seus valles. Apresentam horizontes de linhas abruptas ou preguiçosas, que se elevam em varios trechos.

A fauna, a flora e a geologia do terreno offerecem aos estudiosos campo vasto para demoradas pesquisas.

Cobertos de vegetação rasteira, com diversas tonalidades, os contrafortes da serra do Rio Bonito são de inexprimivel encanto no claro escuro do crepusculo ou nas madrugadas de verão.

O clima de Conservatoria e de suas redondezas é excellente e dos mais salubres e recommendaveis das regiões serranas do Estado do Rio. Devido ás suas condições climatericas, está se tornando essa localidade em reputado centro de veranistas.

Góza-se sempre de suave temperatura, mesmo na época das chuvas — de outubro a março — na qual são frequentes fortes, mas passageiras, trovoadas de verão. Nesses mezes, apesar dos dias quentes, as manhãs e as tardes são agradabilissimas.

No inverno, os dias são lindos. O céu é de um azul diaphano, sendo communs as noites estrelladas e claras.

Não se conhecem observações meteorológicas, procedidas com regularidade e rigor scientificos. Póde-se, porém, reunir, a titulo de curiosidade, algumas notas acerca da temperatura. Em junho e julho — o thermometro desce, por vezes, a 6° centigrados e, excepcionalmente, á 5 e 4 grãos.

São rarissimas as grandes geadas. No decurso do estio attinge normalmente o thermometro a 28°. Nos dias de intenso calor, nos mais abafados, a 30 grãos.

A demographia sanitaria concorre para a bôa fama da solubridade local..

Morre-se pouco.

Vive-se muito, rastejando a longetividade por 80 e 90 annos.

São desconhecidos os casos de molestia pulmonares e quasi desconhecidos os das demais contagiosas e facilmente transmissiveis.

Durante o periodo anormal da guerra do Paraguay, appareceram varias epidemias, aggravando-se o quadro sanitario por falta de soccorros immediatos. Os negros escravos, que constituiam por aquella época a maioria da população local, foram os maiores victimas. Isto devido á inobservancia de preceitos hygienicos, tão da indole dos infelizes escravizados. Outras epidemias grassaram posteriormente, todas importadas da Barra do Pirahy e de Valença.

Afim de evitar o reaparecimento da epidemia, que tantas vidas ceifára no anno anterior, deliberou a Camara de Valença, a 14 de agosto de 1903, sob proposta dos vereadores capitão Lupercio de Castro e José Soares Pereira, mandar proceder ao saneamento do districto (*Historia de Valença* — Demasceno Ferreira).

Em outubro de 1918, irrompeu a pandemia da *grippe* hespanhola, que foi uma desgraça mundial, e em setembro e outubro de 1919, a variola victimou muitas crianças.

A mortalidade infantil é aliás, a que maior cifra alcança no obituario. Paga a infancia esse doloroso tributo, devido em grande parte ao pauperismo e á falta de agazalho na estação invernososa. A aleitação desordenada e a alimentação má e deficiente das mães, contribuem, sobretudo, para esse estado de cousas.

Dos 116 obitos ocorridos durante o anno de 1926 — segundo os dados que gentilmente nos forneceu o Sr. Americo Paixão, serventuario do Registro Civil — 71 fôram de crianças.

Concorreram estas, por conseguinte, com mais de 60 % no computo geral do obituario. Avultam naquelle algarismo as crianças recém-nascidas e as *nati-mortas*.

E lastimavel que localidade, tão aprazivel e dispondo de excellentes condições de salubridade, e onde a natureza é sempre acolhedora e risonha — não se nos apresente bemfazeja ás crianças dos lares desprotegidos da fortuna.

* * *

Nos aspectos do relêvo do solo, multiplices e de ampolgante belleza, — que se não repete, — tem o fcasteiro muito que aprender e contemplar. Extasia-se o olhar nesse labyrintho da cordilheira do Rio Bonito e de aguas encachoeiradas, — mal fixando deslumbrantes panoramas e bizarros traços orographicos.

Estas montanhas, que distam uma centena de kilometros da Capital da Republica, poderiam abrigar confortaveis sanatorios para a cura de doentes e descanso de extenuados por excessos de trabalho.

Nada lhes falta. Ar purissimo, agua em abundancia e altitudes razoaveis, sobre o nivel do mar, aconselhaveis aos doentes que precisam de socego e refazer forças.

Permanecem, porém, abandonadas; — desconhecem-n'as os que têm recursos e que se abalançam a longas viagens a terras estranhas, desprezando o que é nosso — porque é brasileiro.

No Estado do Rio, é dos logares serranos dos mais apropriados para uma bôa estancia de verão. Traçadas as ruas pela encosta dos morros, appareceriam facilmente as casas de campo — sem essa mania de estylos architectonicos, mais ou menos apelintrados.

Em curto prazo de tempo, mais um villarejo se levantaria!

E na paragem que foi a aldeia dos *Araris* e que é hoje o esquecido arraial de Conservatoria surgiria, assim, linda e saluberima estancia de veranistas.

Esplendor e decadencia do districto de Santo Antonio do Rio Bonito — O café como factor da riqueza — Os escravos — Conducção dos productos agricolas — As principaes fazenda.

Ha quarenta annos, a antiga Provincia do Rio de Janeiro influia consideravelmente na economia e finanças nacionaes. Cabia-lhe o primeiro logar na producção do café, conquistado em nossos dias pelo Estado de São Paulo, que, em 1840, iniciava essa cultura, contribuindo, apenas, com 2, 8 % na exportação total.

Cousas diversas — e a mais relevante — a falta de braços e o abandono de extensas lavouras concorreram para a quèda das suas condições economicas.

Restringiu-se de 1888 em diante, a menos da metade, a exportação da preciosa rubiacea — de que temos quasi o monopolio, com cerca de oitenta por cento da producção mundial.

O trabalho agricola por aquelles tempos, dependia exclusivamente do escravo.

Trabalho facil e certo, economico e disciplinado.

Com a crise da exportação agricola que se apresentou de chofre —, para a imprevidencia dos proprietarios ruraes, — despovoando-se as fazendas após a lei de 13 de maio, os lavradores de café aturdidos e esmagados pela libertação da escravidão, — como que se sentiram incapazes de traçar outro rumo a seus processos rotineiros. Ao passo que este phenomeno de depreciação se aggravava, rastejando numa e noutra propriedade pela penuria, os poucos libertos que se conservavam presos por affeição ás fazendas, eram seduzidos por bons salarios, nas terras rôxas de S. Paulo.

“Não julguem exaggerado o que aqui se affirma — escreve Mattoso Maia Forte: — foi tristissimo o que se viu no interior do Estado: virentes lavouras cultivadas com esmero, a se desdobrarem por montes e valles, desappareceram asphyxiadas pela herva damninha, e importantes propriedades, animadas até então pelo trabalho remunerador jaziam como necropoles frias”.

As *terras cançadas*, que fôram os infindaveis cafézaes do municipio de Valença e de outras regiões do

Estado do Rio, compromettidas por leoninas hypothecas, conseguiram, em época de negocios bancarios e na do "ensilhamento", melhorar suas tristes condições. Continuaram, porém, os fazendeiros mais indolentes, batidos pelo desanimo, inutilizados pela incapacidade que lhes arrefecia o estímulo para a luta. Numa das mensagens do pranteado fluminense que foi Nilo Peçanha, retrata admiravelmente o notavel estadista o scenario de desalento que dominou o Estado: — "Quem viu, naquella época a bacia do Parahyba, ostentando soberbamente o vasto oceano de suas culturas e observa hoje a desolação de suas terras despidas, a decadencia de suas cidades e a depreciação geral das propriedades, o esqueleto das fazendas, cuja casaria deixa a impressão de um monte de ossadas, sente a tristeza apertar-lhe o coração e pergunta a si mesmo, se a obra dos nossos maiores correspondeu, ao menos á devastação do patrimonio, com sacrificio das gerações futuras".

Mais do que as palavras, as cifras darão o flagrante dessas vicissitudes.

No "Esboço de Geographia Economica do Estado do Rio de Janeiro", Mattoso Maia Forte, synthetiza o movimento da exportação fluminense do café, num periodo de vinte e quatro annos — de 1895 a 1918. De quasi 72 milhões de kilogrammos, em 1895, a exportação desceu em dez annos, a 54 milhões e meio, em 1904; oscillando dahi em diante, até baixar a 35 milhões, em 1918.

Centro caféeiro de grande importancia, era natural que o districto de Santo Antonio do Rio Bonito soffresse as consequencias da baixa prolongada do producto que constituia a sua riqueza. A falta do braço escravo — gratuito e assiduo — e a do trabalho livre do colono, — aggravadas estas duas causas com o exodo da população liberta em 1888, reduziram os cafézaes, dos de mais abundantes colheitas, a pastos. Com o abandono das terras de lavoura augmentou espantosamente a praga das formigas, que ainda hoje constitue o flagello da região. Estes terriveis hypmenopteros parece não desmentirem a fama de seus avoengos, encontrados por Saint-Hilaire nas primeiras decadas do secul XIX. "Si os braseiros não dessem cabo das formigas" — dizia ironicamente o escriptor

francez — na “Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes” — ellas dariam cabo do Brasil”.

Na metade do seculo passado era tão pujante a expansão da agricultura na antiga terra dos *Araris*, que existiam arrolados e figuravam no *Almanach Laemert*, trinta e oito fazendeiros, com engenhos, e setenta e dous, sem engenhos. Destacavam-se pelo numero de escravos e fartura de colheitas — entre outras, as fazendas do Dr. Antonio Joaquim Fortes de Bustamante, Barão de Cajurú, Domiciano José de Souza, Francisco Leite Ribeiro, Gustavo Adolpho Borges, Fortunato Coelho Seabra, Luciano Alves Gomes e Manoel Alves Gomes.

Até mesmo depois de 1850 — anno em que cessou o trafico africano — as levas negreiras que se localisaram nas fazendas de café, entre os rios Parahyba do Sul e Preto, provieram de varios pontos da Provincia do Rio de Janeiro. Vinham, ordinariamente, em “comboios” já destinados ás propriedades ali situadas.

O valle do Parahyba e toda região montanhosa do Estado se tornaram assim nos maiores centros da fixação de negros, durante o longo periodo do miseravel commercio da escravatura. “Da immensa população negra”, — como a qualifica o illustrado Oliveira Vianna — advieram beneficios incalculaveis para todas as iniciativas materiaes.

Pacientes, dóceis, affectivos até á servilidade e dispondo de grande resistencia organica, os escravos fôram a força, o trabalho e a desgraçada necessidade economica — que garantiu o esplendor dos dias passados.

Para manter a disciplina entre milhares de criaturas, exorbitavam habitualmente nos castigos os senhores de escravos menos severos. Desses castigos, executados por vezes com inenarraveis requintes de maldade, se queixavam as pobres victimas procurando os governantes um meio termo na repressão de taes excessos — quando não os acobertavam propositadamente com a indifferença. As Camaras das cidades e villas, apezar de representarem directamente interesses escravocatas, diante do clamor que se avolumava por toda parte, cuidaram de regular a fórmula daquel-

les castigos. Num registro da Camara de Valença vamos encontrar esse mesmo interesse, disfarçado na deliberação dos vereadores, a proposito de castigos inflingidos á escravatura. Deveriam organizar "posturas" *cumprindo-lhes muito que tivessem presentes a delicadeza da materia para que não resultem insubordinações de escravos.*

Sob este regimen iniquo, viviam os desventurados escravos. Jungidos — do alvoroço até á noite — a penosos serviços nas fazendas, eram tambem occupados na conducção dos productos agricolas.

Delles tudo dependia. Exigia-se-lhes o maximo de esforço e sacrificios e dispensava-se-lhes o minimo de tolerancia.

Na escravaria havia peritos profissionaes nas classes de officios: — pedreiros, carpinteiros, latoeiros, pintores, alfaiates, etc. Si se tornava necessario concertar uma estrada ou abrir nova via de communicacão; desobstruir um rio ou mudar-lhe o curso das aguas, recorria-se, infallivelmente, ao braço escravo.

A conducção do café das fazendas de Santo Antonio do Rio de Janeiro era feita por meio de "tropas" — que se dirigiam pelo antigo caminho velho das Minas á villa de Iguassú.

Esta localidade se havia constituido desde o fim do seculo XVIII, num importantissimo entreposto commercial. Da historica freguezia de 1775 e villa de 1833, — que é a hoje arruinada povoação de Nossa Senhora da Piedade de Iguassú, alcançavam as "tropas" ás margens do Iguassú.

Cessava ahi a conducção em "lombo" de burro.

Attingida a fóz daquelle rio, no fundo da vasta bahia de Guanabara, transportavam as "cargas" em embarcações veleiras, em derrota ao porto commercial da cidade do Rio de Janeiro.

Inaugurada a estação da Barra do Pirahy, da antiga "Estrada de Ferro D. Pedro II", a 7 de agosto de 1864, passou a ser feita a conducção do café pela estrada de rodagem que liga o districto á actual cidade da Barra.

Mais tarde, com a inauguração das estações de Conservatoria e Ipiabas, da "Estrada de Ferro de Santa Isabel, do Rio Preto", cessaram os "comboios" e as numerosas "tropas" que frequentavam aquella velha

estrada de rodagem, facilitando-se assim a avultada exportação do districto.

Da mesma sorte desapareceram as “diligencias” e os “trolies” que, com a lotação de oito passageiros, eram empregados no transporte particular, gastando esses vehiculos quatro horas de percurso, de Conservatoria á Barra do Pirahy.

Para melhor fiscalisação dos productos exportados de procedencia fluminense e mineira, na região dos rios Bonito e Preto, foi creada a 4 de janeiro de 1872 uma “barreira”, na *ponte Zacharias*, entre as estações de Joaquim Mattoso (*Santa Isabel do Rio Preto*) e Santa Rita, nos limites dos dous Estados.

Além do café — que é explorado em grande escala em tres ou quatro propriedades agricolas — a canna e o milho representam os productos secundarios da lavoura do districto. Nas fazendas de mais recursos e em limitado numero de “sitios”, ha engenhos bem montados, com machinismos modernos, movidos por força hydraulica. Produzem energia para taes installações cerca de dez quédas dagua, das trinta e tantas de maior potencial hydraulico.

* * *

Das mais conhecidas e importantes fazendas do districto de Santo Antonio do Rio Bonito enumeramos:

As de *S. Paulo* e *S. Fernando* — esta com extenas mattas e aquella com mais de 800 alqueires e grande lavoura de café, — ambas de propriedade do opulento agricultor coronel Manoel Joaquim Cardoso.

A do *Rochedo* — pouco distante da estação de Pedro Carlos, com cerca de 350 alqueires, pertenceu ao Sr. Romeu Corrêa da Silva.

A de *S. Lourenço*, proxima á estação de Conservatoria, accrescida recentemente com acquisição de outras terras; propriedade do Sr. João Ribeiro Ferreira e administrada pelo Sr. Nestor Ferreira filho do proprietario.

A de *S. José*, a poucos kilometros do arraial de

Conservatoria e pertencente ao Dr. Alfredo de Carvalho Gomes.

A da *Florença*, situada tambem a poucos kilometros de Conservatoria, propriedade do Sr. Lupercio de Castro.

A do *Paraiso*, distante 4 kilometros da estação de Pedro Carlos, dos Srs. Nelson e Paulo da Rocha Werneck.

As da *Bôa Vista* e *Veneza*, pouco distantes da estação de Paulo de Almeida, sendo a de Veneza, de maior extensão; ambas de propriedade do Sr. Gabriel Vilela.

A de S. *Marcello*, do Sr. José Justino de Azevedo; a do Sr. Orlando Gomes e a da *Bôa Vista* do senhor Genny.

Destas, são de maior producção de café, as de São Paulo, Rochedo e S. Lourenço.

*A nova zona pastoril — Industria de productos lacti-
cinos — Um pouco de estatistica — População do
districto e do arraial de Conservatoria — Natalida-
de e nupcialidade.*

Com o deperecimento da agricultura na região que estudamos transformaram-se em pastos já o dissemos, os bons terrenos de cultura e de mattas.

A perspectiva de lucros immediatos e com pequeno esforço, fez com que os proprietarios ruraes se descurassem do amanho das terras, dedicando-se de preferencia, á criação de gado bovino.

Em curto tempo se desenvolveu a nova zona pastoril e cuidaram alguns criadores de selecção de bovinos e da importação de boas especies reproductoras.

Concomitantemente se foi verificando o crescimento da industria da manteiga e do queijo — esta menos desenvolvida nos meios de propaganda para exportação.

No correr do anno de 1924, ampliadas as instalações de uma pequena “resfriadeira” e “desnatadeira” que se localisára no arraial de Conservatoria lan-

çava-se o alicerce da industria de productos lactici-
nios no districto de Santo Antonio do Rio Bonito. No
anno seguinte, a 17 de dezembro começavam a func-
cionar, aperfeiçoadas machinas movidas á electricida-
de destinadas ao preparo e pasteurisação do leite e ao
fabrico do gelo e da manteiga para exportação, —
que se regularisou em principios de fevereiro de 1927.

Diariamente, a “Companhia Fluminense de Lacti-
cinios”, que explora aquella industria despacha pela
“Rêde Sul Mineira” cerca de 250 kilos de manteiga,
acondicionada, em latas de 10 kilos e 6.000 litros de
leite congelado.

Para este desenvolvimento industrial concoreram
as fazendas de criação do Districto que têm cerca de
33 % das 41.881 cabeças de gado bovino (sendo 23.288
vaccas e novilhos), collectadas em todo o municipio de
Valença pelo censo federal de 1920.

Dos 580 estabelecimentos ruraes do municipio,
com a superficie de 116.148 hectares e sob o valor glo-
bial approximado de dezeseis mil contos, podém ser
computados mais de 120, — grandes e pequenas pro-
priedades, — em terras de Santo Antonio do Rio Bo-
ntto.

Os braços dos que arroteam essas terras e apas-
centam o gado, são de brasileiros na quasi totalidade,
preponderando os pretos e mestiços occupados em tra-
balhos da lavoura e dos pastos.

A partir de 1923, começaram a se localisar —
numa e noutra fazenda — colonos estrangeiros que se
têm dedicado á lavoura e á pecuaria encontrando na
fertilidade do sólo extenso campo de actividade.

Ao que sabemos, data de 1889 a primeira tenta-
tiva para o aproveitamento de trabalhadores estran-
geiros na agricultura das terras districtaes. Localisa-
ram-se nesse anno immigrants de nacionalidade ita-
liana, retirando-se após curta permanencia em busca
de salarios mais compensadores e de melhores vanta-
gens na locação dos terrenos exploraveis.

* * *

Pelo recenseamento da população procedido a 1
de setembro de 1920 existiam nesse anno em todo o

districto de Santo Antonio do Rio Bonito 8.918 habitantes:

Do sexo masculino	4.796
Do sexo feminino	4.122

Quanto ao estado civil, eram:

DO SEXO MASCULINO

Solteiros	3.180
Casados	1.451
Viuvos	163
Estado civil ignorado	2

DO SEXO FEMININO

Solteiras	2.762
Casadas	1.001
Viúvas	355
Estado civil ignorado	4

Do total geral de 8.918 habitantes, discrimina o censo federal de 1920, quanto á nacionalidade:

BRASILEIROS	8.743
-----------------------	-------

Sendo 4.462 do sexo masculino e 4.081 do feminino.

ESTRANGEIROS	174
------------------------	-----

Sendo 133 homens e 41 mulheres.

Um homem, — dos muitos que se deixaram recensear, não quiz declarar a nacionalidade.

Parecerá á primeira vista exagerada a população representada numericamente por aquelles 8.918 habitantes. Mas se atendermos a extensão territorial do districto e que duas das fazendas do coronel Mancel Joaquim Cardoso são as maiores propriedades agricolas do municipio de Valença e trabalhadas por avultado

numero de colonos — julgaremos bem razoavel aquella cifra.

A séde do districto municipal de Santo Antonio do Rio Bonito — que é o pequeno arraial de Conservatoria — tem uma população avaliada em 1.000 habitantes.

Nesse milhar de almas, os homens estão visivelmente em minoria.

Isto não impede que Conservatoria continue a ser a terra de moças casadoiras e devotas do thaumaturgo Santo Antonio...

No computo geral dos habitantes, estão incluídos como solteiros os menores de 15 annos ignorando-se por esse motivo qual a cifra de creanças. Não nos parece desarrazoado suppôr que dos 5.942 solteiros — 3.180 do sexo masculino e 2.762 do feminino — mais da terça parte seja constituída pela população infantil.

Quanto ao elemento estrangeiro recenseado, é de veras lamentavel o reduzido algarismo apurado em 1920, num centro de vida agricola que muito necessita do concurso de braços e de bem organizada imigração.

No arraial de Conservatoria, sabemos por observação porpria, que são poucos os estrangeiros allí domiciliados contando-se, portuguezes, italianos syrios, hespanhóes e dinamarquezes, estes ultimos dedicados á industria de lacticinios.

Investigando outros factores naturaes do desdobramento da população em 1926, annotaremos os algarismos do registro civil no districto que assignalam precisamente 36 casamentos e 200 nascimentos.

O numero de casamentos ou de *nupcialidade* e o da *natalidade*, são evidentemente muito fracos em confronto com os dados do recenseamento federal de 1920. Acresce em relação ao numero de casamentos que os nubentes de 1926 em sua maioria, eram moradores em logares fóra da séde do districto, occupando-se quasi todos de trabalhos agricolas.

Esses algarismos offerecem margem a interessantes commentarios.

Admittindo-se a circumstancia de serem celebrados alguns casamentos e feitos os registros de nascimentos perante juizados de paz de districtos limitro-

phes, mesmo assim, é essás desanimador o aspecto do decrescimento da população.

Em 1890, dous annos após á libertação do elemento servil, o districto contava 4.430 habitantes, como se lê no "Diccionario Geographico do Brasil", de Moreira Pinto.

Accentuava-se a terrivel crise economica com a desvalorisação das terras e o abandono das lavouras. O deslocamento de quasi toda a população liberta em 1888, determinára o anniquilamento dessa outr'ora importante zona agricola do Estado.

No periodo aureo de grandes empreendimentos e do trafico da escravatura na região da serra do Rio Bonito, existiam em 1845, mil habitantes. Cultivavam viveres e colhiam grande quantidade de café que era o genero mais rendoso — assim o diz o Dr. Caetano Lopes de Moura, nas annotações do "Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brasil". de Milliet de Saint'Adolphe (Tomo II, pag. 400).

A FREGUEZIA DE SANTO ANTONIO DO RIO BONITO

Creação da parochia — Divisas — As sesmarias das Minhócas, Onças e Pompéa — Projecto de novo municipio — O tempo parochial — Anastacio Leite Ribeiro — A congrua dos vigarios — Registros de baptisados e casamentos — As irmandades — A capella de N. S. das Dôres

Curato da aldeia dos indios Araris, fundada em 1824, que prosperou sob a invocação de Santo Antonio — um dos mais festejados e populares dos santos portuguezes na colonia, foi em consequencia do seu desenvolvimento, elevado á parochia em 1839.

O decreto do governo provincial do Rio de Janeiro, n. 136, de 19 de março daquelle anno, constante do

“Reportorio de Leis e Decretos” — organizado por Luiz Honorio Vieira Souto, é do seguinte teor:

Art. 1.º — O Curato de Santo Antonio do Rio Bonito, pertencente á villa de Valença, é erecto em freguezia com e mesma denominação.

Art. 2.º — O presidente da provincia, ouvida a autoridade ecclesiastica, designará o territorio que deve desmembrar-se da freguezia de Nossa Senhora da Gloria de Valença, para districto de nova freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito, devendo esta limitar-se, na parte em que confina com os curatos das Dôres e do Amparo, pelas divisas estabelecidas entre os municipios de Valença, Pirahy e Barra Mansa.

Art. 3.º — Ficam revogadas as disposições em contrario”.

Pelo decreto provincial de n. 484, de 26 de maio de 1849, que creou o Curato de Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas, (elevado á freguezia pela lei n. 603, de 27 de setembro de 1852), desmembrado da freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito, ficaram estabelecidas as linhas divisorias em certos trechos dessa parochia: pelas sesmarias dos herdeiros de Miguel Antonio e de Francisco Pinto de Souza, Antonio Gonçalves de Moraes, — *o mata fome*, — e D. Angelica Vergueiro Faro.

Os rumos das sesmarias das Minhócas, Onça e Pompéa, continuariam a dividir os municipios de Pirahy e Valença, nos termos do decreto de 1849. Com a criação da freguezia de Ipiabas, incluindo em sua jurisdicção o povoado da Barra do Pirahy, não soffreram modificações as linhas limitrophes adoptadas em relação a Santo Antonio do Rio Bonito.

Noutros trechos limitava-se o territorio com os ribeiros S. Fernando e S. Paulo; rio Preto, a partir do ribeirão Pathiarcha S. Joaquim até o de S. Fernando e por este á barra do S. Paulo.

Discriminando melhor esta linha de limites, o vereador á Camara de Valença, Anastacio Leite Ribeiro, fazendeiro na freguezia e um dos seus grandes bemfeitores, apresentou desenvolvida proposta em sessão de 1849, que foi approvada, creando novo districto de juizado de paz e mais duas sub-delegacias de policia, sendo uma no segundo districto da parochia.

Redroduzimos na integra aquella proposta, que consta da "Historia de Valença", do Sr. Luiz Damasceno Ferreira:

"A distancia em que ficam do arraial de Santo Antonio do Rio Bonito os moradores da margem do rio Preto até a serra do Tunifel, desde o ribeirão do Patriarcha S. Joaquim até os ribeiros S. Fernando e S. Paulo, ora pertencente ao primeiro districto de paz da referida freguezia, torna impossivel a bôa administração da justiça, pois os ultimos destes moradores ficam na distancia de nove leguas do dito arraial, e assim muito conveniente seria a criação de um terceiro districto de paz e de uma sub-delegacia de policia e segundo passo a indicar, comprehendirá um territorio de sete leguas de extensão sobre tres de largura, no terreno medio e contendo mais de 75 casas habitadas, egualmente muito converia a criação de uma outra sub-delegacia de policia no actual segundo districto de paz da mesma freguezia, que fica á margem do rio Parahyba, distante do dito arraial 6 leguas e em direcção opposta; assim, pois, proponho que, se peça ao presidente da provincia — 1.º, que haja de crear um terceiro districto de paz e uma sub-delegacia de policia na freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito, com os seguintes limites: — rio Preto desde a barra do ribeirão do Patriarcha S. Joaquim até o de S. Fernando, e por este á barra do S. Paulo, pelo qual seguirá até a fazenda do Barão de Pouso Alto e dahi em linha recta até a pedra conhecida pelo nome de "Cavallo Russo", na serra do Tunifel, por cujo alto seguirá até encontrar o ribeirão do Patriarcha S. Joaquim e por este ao rio Preto; 2.º, que haja egualmente de crear outra sub-delegacia de policia no segundo districto de paz da freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito".

Em 1862, com o crescimento do numero de habitantes e florescimento das suas extensas lavouras, solicitaram á Assembléa Provincial, moradores não só de Santo Antonio do Rio Bonito, como os das freguezias limitrophes de Nossa Senhora da Piedade de Ipiadas e Santa Isabel do Rio Preto, a criação de um municipio constituido pelas tres freguezias. Na sessão de 25 de novembro foi submettido á Camara de Valença o pe-

dido daquelles moradores. Interesses inconfessaveis da politicagem dominante contrariaram, no emtanto, o justo desejo dos impetrantes, voltando á baila a pretenção em 1877, quando foi conhecida a portaria do governo provincial, denegando o pedido da criação do municipio, com a sua villa de Conservatorio. Discordou então do que havia resolvido o governo da Provincia, o presidente interino de edilidade valenciana, Dr. José de Rezende Teixeira Guimarães, mostrando na vereança de 9 de novehmbro ser mui justa a aspiração dos habitantes das tres freguezias, “que encontravam apoio nas proprias leis provinciaes”.

No “Diccionario Geographico do Brasil”, Moreira Pinto affirma á pagina 572, do primeiro volume, que, pela lei n. 2.272, de 1878, projectou a Assembléa Legislativa crear, com as freguezias de Santo Antonio do Rio Bonito e Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas, um municipio com a denominação — *Conservatoria*.

Nenhum acto, porém, expediu o governo da Provincia, no sentdio de dar execução á lei de 1878. Ficou a resolução como “letra morta” nas leis e decretos provinciaes e isso, naturalmente, por não attender precisamente a interesses eleitoraes.

* * *

A freguezia, subordinada á diocese episcopal de Valença, tem a sua igreja matriz assente no arraial de Conservatoria, — muito proximo ao local da velha capella do — curato e da parochia que se incendiou antes de 1850.

Neste anno resolveram os moradores mais abastados, tendo á frente o Commercedor Anastacio Leite Ribeiro, Floriano Leite Ribeiro e Francisco Leite Ribeiro, erguer um templo parochial em substituição da velha capella. A 22 de abril do mesmo anno era disso scientificada a Camara de Valença. De 1850 a 1852 — segundo as referencias que se encontram na “Historia de Valença”, — ascendeu a subscrição para aquelle fim, á somma de 23:461\$000, sendo os membros citados da familia Leite Ribeiro os maiores subscriptores.

O decreto provincial n. 613, de 13 de outubro de 1853, autorizou o governo a auxiliar com a consignação mensal de 300\$000 ás obras de cada uma das matrizes

de Santo Antonio do Rio Bonito e de Nossa Senhora do Amparo, "que se estão construindo á custa dos povos".

No correr do anno de 1868, após demorada construcção, inaugurou-se a egreja matriz, em terras que foram de Anastacio Leite Ribeiro, descendente dos grandes proprietarios ruraes da Provincia.

Leite Ribeiro, opulento fazendeiro na freguezia, falleceu em fevereiro de 1853, como vereador do municipio de Valença. Fundador da Irmandade do Santissimo Sacramento da parochia, delle existe, na sacristia da egreja matriz, um retrato a oleo, excellentemente conservado, á semelhança de outro que ornamenta uma das paredes da Santa Casa da Misericordia valenciana da qual foi tambem um dos bemfeitores.

"Homem de bem a toda prova", — assim o qualificou Francisco Octaviano, num de seus folhetins (*A Semana*), do "Jornal do Commercio", de 1853, — ao noticiar-lhe o fallecimento. "Coração generoso, cidadão dedicado — accrescenta a scintillante chronica de Octaviano: — "morreu servindo ainda na velhice ao seu municipio de Valença e á sua Provincia do Rio de Janeiro."

Aberta aos fieis naquelle anno, em 1874, soffreu o templo parochial pequenos reparos, ampliando-se em 1882 o côro. Por decreto n. 2.987, de 23 de outubro de 1888, concedeu o governo provincial á freguezia um auxilio de 8:000\$000 para os concertos da matriz. A pedido do então vigario Padre João Baptista da Cunha, consignou a Camara Municipal de Valença, em sessão de 16 de outubro de 1893, a verba de 1:000\$000 para terminação das obras da egreja. Consistiam estas obras em construcção de um pulpito e ornamentação dos altares.

A egreja de Santo Antonio do Rio Bonito é vasta e de elegante aspecto.

Tem 23 metros de frente e 37 metros e 60 centimetros de fundo. Construida com grande solidez, toda de cantaria, com largas paredes de 1 metro e 60 centimetros de espessura.

No frontal, vê-se, ao alto, perto da cruz, a imagem do orago, e, sob esta — mais em baixo, um relógio que funciona irregularmente.

Falta-lhe a torre.

O adro, vasto e revestido numa parte de pedra, é separado da praça da Matriz por altas pilastras, também de pedra, que esperam para ornamental-as o gradil de ferro já projectado. Esse adro, que se comunica com o logradouro publico por uma pequena escada de cinco degrãos, teve sua construcção iniciada em 1875 e foi delineado pelo vigario Padre Venancio Lins Telles Barreto.

Internamente dispõe o templo de espaçosa nave com o seu lindo altar-mór. Quatro são os altares lateraes. Nelles se guardam á contemplação dos fieis as imagens de Nossa Senhora das Neves, S. Sebastião, S. Bento e S. José, S. Luiz, S. Manuel, Sant'Anna, S. João Baptista, Nossa Senhora das Dôres, S. Pedro, Nossa Senhora da Conceição, S. Roque e Nossa Senhora do Rosario, pertencente esta á velha irmandade da mesma invocação.

Ao lado direito da nave parochial, está situada a antiga capella do Sagrado Coração de Jesus e Senhor dos Passos.

A' esquerda entende-se o vasto consistorio ou sacristia.

A nave e os altares são profusamente illuminados á electricidade. Possui a igreja um argão afinadissimo.

O actual vigario, padre José Custodio Pereira Barros, auxiliado dedicadamente pela Liga Catholica, recentemente creada, e pelas demais associações da freguezia, muito tem concorrido para a conservação do bom especto do templo, que é um dos mais bellos do bispado de Valença.

O primeiro livro de baptismos, que se acha no archivo da matriz, é anterior a 1839, anno da creação da parochia. Tem "termo de abertura", de 5 de maio de 1837, e está rubricado por *Tavares*.

Com a data de 18 de junho de 1844, se vê o primeiro registro depois da creação da freguezia, quando os vigarios ganhavam 100\$000 annuaes de congrua, ou 33\$000 mensalmente, em virtude da lei n. 37, de 7 de meio de 1836, e *sem nenhum outro vencimento por parte das rendas provinciaes*.

O primeiro livro de assentamento de matrimonios tem o termo de abertura datado de 18 de janeiro de

1838, assignando-o o Juiz Municipal João Baptista de A. Leite.

Do archivo da matriz faltam evidentemente outros livros, que foram com certeza consumidos no incendio da capella. Freguezia desde 1839, não é acceitavel que só em 1844 fossem celebrados baptismos e casamentos.

A 15 de julho desse ultimo anno procedeu-se ao registro de um casamento, o primeiro que apparece depois da fundação da parochia. Era então vigario o padre Antonio Ribeiro Barbosa de Miranda.

No pequeno e deficientissimo archivo da igreja matriz, figura um livro com o titulo — “Compromisso da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito da Villa de Valença, da Provincia do Rio de Janeiro”.

Contem esse “compromisso”, redigido pelo commendador Anastacio Leite Ribeiro, 61 artigos, distribuidos por 9 capitulos. Approvou-o a provisão do Bispo do Rio de Janeiro, D. Manuel do Monte Rodrigues, Conde de Irajá, de 13 de janeiro de 1855, de accôrdo com a lei de 22 de setembro de 1828.

Confirmou essa provisão o presidente da Provincia, conselheiro Luiz Antonio Barbosa, a 24 do mesmo mez e anno.

A 14 de agosto de 1853, assignaram o extenso documento o provedor Florentino Leite Ribeiro, vigario Demetrio João Vieira Falcão, Manuel Domingos de Araujo Bessa, secretario da Irmandade, Domingos José Rodrigues Chaves, procurador, e os irmãos Francisco Leite Ribeiro, Francisco Antonio de Athayde Seixas, Custodio Leite de Souza Ribeiro, José da Rocha Portugal, Manuel Alvares Gomes, Francisco Gonçalves da Costa e Silva, José Gonçalves da Silva Rocha, Joaquim Gomes Alves, Antonio Bento de Vasconcellos Parada e Souza, José Gomes Alvares, Luciano Alves Gomes e José Ferreira Leite.

Outra irmandade que se iniciou sob os melhores auspicios foi a do Sagrado Coração de Jesus. Fundaram-n'a a 5 de setembro de 1902, tendo no corrente anno commemorado as suas bodas de prata com grandes festividades, que se prolongaram por cinco dias. De um livro de actas dessa confraria, em poder do Sr. Julio Neves vimos que por aquella época exercia

a vigararia o padre Ambrosio Amancio de Souza Coutinho. A primeira presidente eleita foi a Sra. Belmira Carlota de Almeida — matrona de peregrinas virtudes — que por ocasião da ser empossada no cargo teve o mais eloquente testemunho da estima com que sempre a distinguiram seus co-parochianos.

Dependente da jurisdicção parochial ha uma capella, sob a invocação de Nossa Senhora das Dôres, no lugar denominado — Capellinha, — distante 5 kilometros de Conservatoria, na estrada que segue para Valença, proximo ao rio Bonito. Naquelle logar ha ainda vestigios de um cemiterio e de casas, em ruinas.

O DISTRICTO DE SANTO ANTONIO DO RIO

BONITO

Administração Municipal — Policia — Divisão Eleitoral — Administração Judiciaria — Estradas de Rodagem — Percurso destas vias de comunicação — Impressões de um forasteiro — Distancias

Situada na região noroeste do Estado do Rio de Janeiro, Santo Antonio do Rio Bonito pertence ao 3º districto, dos sete em que se divide o municipio de Valença.

A administração municipal é exercida por um agente fiscal, que superintende os serviços daquelle districto e dos de Ipiabas e Santa Isabel do Rio Preto, e por um agente privativo do districto.

Estas funcções são desempenhadas, respectivamente, pelos Srs. José Nogueira de Oliviera e Julio Francisco Coelho — que substituiram os Srs. Antonio Moreira Coelho de Magalhães e Renato Teixeira.

Segundo informes prestados pelo Sr. André Ruggeri, contador da Prefeitura Municipal de Valença, a renda do districto, no exercicio financeiro de 1926, attingiu á cifra de 24:207\$540, sendo a despesa effectuada de 12:986\$000. Por um quadro demonstrativo da receita e despesa, recentemente publicada, a arraceda-

ção do 3º districto municipal até 30 de setembro do exercício de 1927 produziu a somma de 21:178\$550.

No povoado de Conservatoria está a séde da sub-delegacia de policia districtal, subdividida por 22 quartelões, com igual numero de inspectores, dos quaes 3 têm exercicio no povoado. São em numero de 3 os supplentes da sub-delegacia. E' serventuario do cartorio o Sr. Antonio Pereira de Andrade, 1º supplente.

Quasi desnecessaria se torna a policia em terra de gente de boa indole e morigerada nos costumes. No periodo aureo de Conservatoria, uma lei provincial mandou crear *Casa de detenção* no districto. A idéa merreu no nascedouro, justamente por não haver a quem deter. Tal qual, o cemiterio, que se fechou, por falta de cadaveres...

Santo Antonio do Rio Bonito faz parte do 3º districto eleitoral do Estado, para eleições federaes e constitue a 5ª secção do 5º districto, para as eleições estadoaes e municipaes; achando-se qualificados 425 eleitores.

Na administração judiciaria, depende da comarca de Valença — que abrange, além da cidade deste nome, os districtos e povoados de Desengano, com a fazenda e capella de Santa Monica, e estação de Juparanã; Santo Antonio do Rio Bonito com a estação de Conservatoria, da via ferrea da Rêde Sul Mineira; Ipiabas e estação Pandiá Calogeras; Santa Isabel do Rio Preto, com a estação de Joaquim Mattoso; S. Sebastião do Rio Bonito, Porto das Flôres, Tabôas e Abarracamento.

A lei provincial n. 1.734, de 26 de novembro de 1872, creou a comarca de Valença, com o termo de sua cidade. Dependia anteriormente, por lei de 1833, de Rezende, e durante limitado tempo, esteve sob a jurisdicção judiciaria de Vassouras.

Santa Isabel do Rio Preto é antigo curato pela lei da Provincia n. 848, de 2 de maio de 1849, elevado a 9 de outubro de 1851 (lei n. 573) á freguezia.

Pertenceu tambem á Valença o actual municipio de Santa Thereza de Valença. Curato pela lei n. 560, de 6 de outubro de 1851, passou á parochia pela de n. 814, de 6 de outubro de 1855.

Conservatoria é séde de um juizado de paz, occupando presentemente o cargo o Sr. Manuel No-

gueira de Oliveira. Tem o juizado de paz e seu Registro Civil — como escrivão, o Sr. Americo Alves da Paixão, que accumula estas funcções com as de escrivão da subdelegacia de policia e de tabellião do districto.

* * *

Defeituosa é a rêde de estradas de rodagem, que deveria servir á expansão do trabalho agricola no districto.

Defeituosa e deficientissima.

Tres estradas geraes atravessam o territorio que estudamos, exigindo todas ellas melhoramentos. Nenhuma satisfaz a um plano capaz de attender aos reclamos dos proprietarios ruraes, que lutam com falta de conducção e facil escoamento para seus productos.

A' abertura dessas vias de communicação pelo rastro dos caminhos indigenas e "carreiros", não antecedeu nenhum trabalho technico, que se ajustasse rigorosamente a interesses da religião.

A estrada da Barra do Pirahy é a antiga estrada geral, que se chamou num trecho — *Presidente Pedreira* — em honra do conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, posteriormente visconde do Bom Retiro.

Em 1852 já se achava aberta essa via de communicação através da Serra do Mar, alcançando o arraial dos Mendes e era intento do governo provincial continual-a até o Rio Preto. Facilitaria por este trecho do territorio fluminense as communicações com a provincia de Minas. As obras eram então dirigidas pelo engenheiro militar Miguel de Frias e Vasconcellos.

A 13 de março daquelle anno o conselheiro Couto Ferraz, presidente da provincia do Rio, nomeou para a direcção dos trabalhos a executar no prolongamento da estrada, do rio Parahyba do Sul ao arraial de Conservatoria, o conselheiro de Estado José Clemente Pedreira, como presidente; o commendador Camillo José Pereira de Faro, thesoureiro; o commendador Anastacio Leite Ribeiro, Francisco Therezino Fortes e o fazendeiro Luiz Rodrigues Barbosa. Em 1860 frequentavam-n'as as "tropas" de café, que se dirigiam á Iguassú, de preferencia á Estrada de Valença.

Principia a Estrada da Barra do Pirahy na cidade deste nome. Estende-se pela planicie para, numa distancia de cerca de dous kilometros, galgar as de-

pressões do terreno, na serra de Ibiapabas. Passa próximo da estação "Prosperidade", da Rêde Sul-Mineira, e dahi em diante vae contornando accidentes do terreno, em grandes curvas, descendo junto á estação "Pandiá Calogeras", antiga Ipiabas. Distancia-se do povoado deste nome em direcção a Desvio Gomes e deste ponto até ás proximidades da estação "Paulo de Almeida" acompanha o leito da via ferrea, do qual se separa para de novo alcançal-o, atravessando-o cerca de dous kilometros além do pequeno povoado. No logar Saudade, retorna á margem esquerda da linha ferrea e, numa distancia que varia de 100 a 400 metros do leito da Rêde, vae até o arraial de Conservatoria, com cinco leguas de extensão, a partir do ponto inicial.

Da Barra do Pirahy á Prosperidade acha-se em regular estado de conservação, cuidando de beneficiar-a os donos de fazendas que lhe ficam proximas. De Prosperidade até Ipiabas, são tantas as escavações, profundos "caldeirões" e despenhadeiros, que ninguem se anima, sem imminente perigo de vida, a transitá-la.

Da estação Pandiá Calogeras á parada "Desvio Gomes", a estrada é menos má, devido á conservação e constantes concertos dos fazendeiros que, por interesse proprio, se não descuidam de facilitar o seu transito. Daquella parada da Rêde Sul Mineira á Conservatoria, é, sem nenhum exagero — pessimo o estado de conservação. Exceptua-se limitado trecho que vae das terras da fazenda de "S. Lourenço" ao arraial, graças a persistentes esforços do Sr. Nestor Ribeiro Ferreira.

Da séde do districto de Santo Antonio do Rio Bonito se prolonga a estrada da Barra pelo chamado morro de Santa Cruz e, por entre varios contrafortes e desfiladeiros da serra, alcança Santa Isabel do Rio Preto, passando pela estação Pedro Carlos. Este trecho foi concertado pela Municipalidade de Valença.

De Pedro Carlos se destaca um ramal que termina em Rio Preto, territorio do Estado de Minas Geraes. Margeia o rio, do lado direito, e o leito do ramal de Valença, da Central do Brasil, á esquerda. Passa por terras das fazendas dos Srs. Joaquim Duque, herdeiros de Laurindo Quirino Werneck da Rocha, Correia da Silva & C. e Manuel Joaquim Cardoso — todas estas propriedades de grande producção de café.

Na fazenda de "S. Fernando", acha-se interceptado o transitio por ter sido destruida pelas chuvas uma ponte sobre o rio Preto.

A ESTRADA DE RODAGEM DE VALENÇA parece ter sido aberta obedecendo em alguns pontos á mesma direcção do antigo caminho dos indios *Araris*, — assignalado no "mappa do sertão do Rio Preto", da collectanea de documentos relativos ao capitão de Ordenanças Ignacio de Souza Werneck.

E' das mais antigas do municipio de Valença.

Principia no arraial de Conservatoria e do logar "Bemfica" segue em direcção á "fazenda de "S. José", e dahi, á "Rancho Novo".

Deste ponto se estende até á cidade de Valença, indo ter, precisamente, na rua Dr. Nilo Peçanha.

Foi recentemente melhorada pela Prefeitura do municipio, que contou para isto com o auxilio desinteressado do Sr. Miguel Monteiro de Barros, proprietario da fazenda "Sant'Anna".

Atravessa terrenos pouco accidentados numa parte, e planos noutros trechos.

Até "Rancho Novo" é máo o seu estado de conservação. Dahi em diante, offerece, porém, regular trafego a vehiculos de tracção animal e automoveis, e faci! transitio a cavalleiros e pedestres.

De "Bebedeuro" se deslaca uma variante que passa por "Capellinha", fazendas de "S. Marcello", "Santa Anna", "S. João", "Olaria", "Santa Rosa", "Santa Zelina", "Cachoeirinha", "Cantagallo" e lugar *Chacrinha*, ligando-se, de novo, em terras deste ultimo logarejo, á estrada de Valença.

A chamada ESTRADA DO TURVO tem seu inicio no fim da rua do Cemiterio, no povoado de Conservatoria, e, em linhas sinuosas, atravessando terrenos elevados e de planice, proporciona regular transitio até o logar "Bicame". Dahi em deante está em deploraveis condições de conservação e segurança individual.

Trechos ha em que o viandante é obrigado a pal-milhar sobre pranchões mergulhados nos atoleiros e pantanos, ou "enterrar" a montaria no brejal. Nestas condições, attinge essa estrada a S. José do Turvo, no municipio a Barra do Pirahy.

Entre outras propriedades agricolas, atravessa

terras das fazendas da Bôa Esperança, Santa Rosa, Bomsucesso, e Bôa Vista.

Ha projecto de ligar essa via de comunicação com "Rio Vermelho" e Barra do Pirahy, na extensão de 10 kilometros.

S. José do Turvo, no municipio da Barra do Pirahy, já se communica por boas estradas com Amparo e Dôres do Pirahy, e esta ultima localidade com Vargem Alegre.

Dentre as antigas vias de comunicação no districto, é considerado como particular o caminho vicinal que, da rua Bemfica, em Conservatoria, se dirige á fazenda da "Florença", e desta á da "Veneza". Encontra-se ahi com o caminho que dá accesso á fazenda "Bôa Vista" e com a estrada que vae da estação Paulo de Almeida a bifurcar com a estrada de Valença. (*)

* * *

Pódem ser estimadas as distancias de Conservatoria de differentes logares por estradas de rodageh: (**)

	<i>Klms.</i>
RIO PRETO	35
VALENÇA	33
SANTA IZABEL	25
FAZENDA S. PAULO.....	15
IPIABAS	14
FAZENDA DO ROCHEDO.....	13
FAZENDA S. FERNANDO.....	13
DESVIO GOMES	10
S. JOSÉ DO TURVO.....	9
FAZENDA DO PARAIZO (PEDRO CARLOS)	8
CAPELLINHA	5½
PAULO DE ALMEIDA,,.....	7
FAZENDA DA VENEZA.....	5
PEDRO CARLOS	5
FAZENDA DE S. LOURENÇO.....	4
FAZENDA DE S. JOSÉ.....	4
FAZENDA DA FLORENÇA.....	3

(*) Outras informações registraríamos, se nos tivesse auxiliado a Prefeitura de Valença, com a remessa solicitada, de relatorios e estudos concernentes ao territorio — que é objecto desta NOTICIA.

(**) Estas notas foram ratificadas em parte pelo Sr. José Nogueira de Oliveira.

AS ANTIGAS VIAS DE COMMUNICAÇÃO EM
TRECHOS DO VALLE DO PARAHYBA

O caminho de Paraty — Vereda dos Guianazes — Roteiros do Rio de Janeiro para Minas — A estrada de Garcia Rodrigues — Varietes desta estrada — Outras estradas — Desvios e caminhos — As picadas dos Puris e Araris — Vias de comunicação no territorio de Valença — Notas Historicas

Sabe-se, com segurança, que o primeiro caminho regular de comunicação aberto pelos selvicolas no Rio de Janeiro e mantido pelo homem civilizado — foi o que partia de Paraty, numa das fraldas da serra do Mar.

Por elle se fazia, ainda no começo do seculo XVIII, a viagem para o norte de S. Paulo e Sul de Minas Geraes. Ia-se por mar — da bahia de Guanabara até áquelle porto. Vencidas as escarpas da serra, tomava-se direcção da aldeia de Taubaté, em S. Paulo, pela vereda dos *Guianazes*, galgando-se, em seguida, as serras do Facão ou Falcão e a do Picú, até o extremo do sul das Minas.

Não se conhecia outro caminho para atravessar a cordilheira maritima. Mantinham-no conservado — *porque era o unico* — diz Pizarro, de que os negociantes e as “tropas” se serviam para o transporte de generos que de Paraty chegavam á cidade do Rio de Janeiro — por meio de lanchas e saveiros.

Na “*Cultura e Opulencia do Brasil*”, de André João Antonil, pseudonymo do celebre padre jesuita João Antonio Andreoni, ha referencia a “dous roteiros”, de Rio de Janeiro para Minas. Um era o *caminho velho* do porto de Paraty, e outro, o *caminho novo*, pelo valle do Parahyba, — reproduzindo-lhes o traçado Orville Derby no primeiro volume da “*Revista*”, do Instituto Historico de S. Paulo.

Nos ultimos annos do seculo XVII, ou no primeiro decennio do seculo XVIII — acrescenta o erudito Sr. Basilio de Magalhães — entrou em trafego o *caminho novo*, aberto por Garcia Rodrigues. Em 1699, já

“era praticavel” — assim o diz o illustre historiador, na edição d’*O Jornal* — commemorativa do bi-centenario do café.

Garcia Rodrgiues Paes, filho e companheiro da “bandeira” de Fernão Dias Paes Leme — celebrisado no poema de Bilac — *O Caçador de Esmeraldas* — conseguiu, por diligencia propria, abrir um caminho que, beirando o rio Parahybuna até o Parahyba — e seguindo o riacho Marcos do Costa, em demanda das suas cabeceiras, transpuzesse pelos sertões de Paty a serra do Mar. Deste ponto deveria dirigir-se ás margens do rio Pillar ou *Marobi*, em Iguassú.

Esta estrada de *penetração* — executada segundo o plano delineado por Garcia Paes, teve grande augmento atravez de outras regiões.

Foi muito frequentada pelos exploradores do ouro e serviu, no seculo XIV, de orientação ao traçado das estradas de rodagem e das vias ferreas por aquella zona dos Estados de Rio e Minas.

Foi esse o caminho a que se referiu o loyolista Antoni — e que de *caminho novo* se transformou em *velho*, com a abertura de novas vias de comunicação.

Chegava até o fundo da bahia de Guanabara, atravessando a baixada fluminense.

Não sabemos si essa estrada era a que assignalam velhos registros, como penetrando em Irajá, communicando o “Sertão” directamente com a cidade do Rio de Janeiro. E’ provavel que se tivesse feito uma variante da estrada geral a encontrar terras realengas de Irajá, passando por Mirity e Pavuna.

São um tanto confusos certos documentos historicos que citam a *estrada pelo sitio do Nobrega e serra do Coito*, — onde ficavam terras de Manuel do Couto, a procurar a bacia do Mirity, em territorio carioca. Consultámos ha tempo uns autos sobre aquella serra e *caminho do Coito*, na freguezia de Inguassú.

Eram antigualhas acerca de uma vistoria e consequente appellação e embargo dos moradores do Pilar. Com suas intrincadas peças e no emaranhado do cursivo, não nos deixaram, todavia, esses autos de 1781 a 1794 nenhuma duvida de pertencer aquella porção da estrada ao velho caminho de Garcia Rodrigues. Diziam precisamente taes papeis, sujeitos ao *Juizo da*

Almotaceria — “estrada que vae para Minas pela serra do Coito”.

Com a abertura do caminho directo ou *estrada geral para Minas*, o caminho de Paraty, da orla littoranea para o “sertão” do Parahyba, fôra abandonado ou, pelo menos, se tornára de pequena serventia. Os mineiros começaram a mandar por aquella nova via de comunicação os seus productos. “Tropas” que anteriormente procuravam a estrada do Facão ou Falcão — e notadamente as que conduziam ouro e diamantes, frequentavam o *caminho novo* e as variantes que se abriram.

“O povo de Paraty — commenta Paula Freitas (*Livro do Centenario*, da descoberta do Brasil — 3ª volume), soffria com este desvio graves prejuizos por causa da diminuição da renda, e recorreu a el-rei, insistindo pela *franqueza do antigo caminho, a arbitrio dos que quizessem cultival-o*.

El-rei prohibiu, então, em 1733, novas picadas ou caminhos para as minas descobertas ou por descobrir, que já tivessem administração regular, sem licença prévia para tal fim.

Foi de pouco proveito esta estulta prohibição, porque os caminhos continuaram a ser percorridos e outros mais se fôram abrindo.

Tal a expansão territorial ao findar o seculo XVIII, — interessando o trabalho agricola da região, como corollario de premente necessidade economica.

Facil foi aos colonos e senhores de escravos a descoberta de outros meios de comunicação, que muito procuravam para beneficiar as terras sesmeiras que, do valle do Parahyba, vão sertanejar com S. João Marcos, de um lado, e Angra dos Reis e Mangaratiba, em frente ao golfo da Ilha Grande — na costa oceanica.

Já no seculo XVIII iniciaram-se obras de construção de estradas e caminhos vicinaes para melhor passagem das “tropas” e carros de bois.

Nos principios desse seculo parece ter sido aberto melhor transito para S. Paulo, porquanto, a 17 de agosto de 1729 informava o governador do Rio á metropole a respeito de um *novo caminho*.

De 1730 a 1750 foi intenso o trabalho de abertura de estradas ou simples caminhos carreiros através ás frinchas das montanhas.

Um delles deveria partir de Angra dos Reis, e outro principiaria na serra de Itaguahy — pelo *matto dentro* — até S. João Marcos, activissimo centro de vida agricola que se expandiu com a concessão das sesmarias.

Pizarro, em suas “Mamorias Historicas”, e o engenheiro Paula Freitas, recórdam essa admiravel obra de expansão que attingiu até o rio Pirahy e á sua fóz no Parahyba.

* * *

Ao alvorecer do seculo XIX e em annos subsequentes, existiam, entre outras, as seguintes vias de comunicação que, de certo modo, serviam ao desenvolvimento economico do valle do Parahyba — entre o norte de S. Paulo e a Provincia do Rio.

Do Parahyba — destacando-se da estrada geral, até o Piabanha (Petropolis), descendo a serra pelas margens do Inhomerim e deste rio ao porto da Estrella, no fundo da bahia de Guanabara. Foi uma das variantes da estrada geral das Minas, que na *serra do Coito* se separavam. Serviu, mais tarde, ao traçado de um trecho da excellente estrada de rodagem *União e Industria* e do da Estrella, na descida da serra até aquelle porto.

Do Parahyba, apartando-se da estrada de Minas, acompanhava grande porção do valle desse rio, e dahi em direcção á Sacra Familia do Tinguá, valle do ric Sant'Anna, Maxambomba (actual Nova Iguassú) e Miriti, no territorio do antigo municipio da Côte, separando-se um ramal que ia ter á Pavuna.

Deste lugar, hoje suburbio carioca da “Linha Auxiliar da Central do Brasil”, principiava uma das muitas variantes da estrada mineira, que, segundo Clodomiro de Vasconcellos, (*O Estado do Rio de Janeiro* — 1º vol.) — tem 50 kilometros de extensão ao chegar a S. João Marcos.

Bifurcava-se da mesma estrada geral o *caminho novo do Tinguá*, e, além deste, o do Pillar de Iguassú.

Servindo igualmente ao desenvolvimento das povoações, freguezias, arraiaes e aldeias, entre os rios Pirahy, Parahyba do Sul, Bonito, Preto e das Flôres, em territorio fluminense e paulista — estavam as anti-

gas estradas geraes ou ramaes, que da mesma se derivavam.

A estrada geral de S. Paulo — que partia do curato de Santa Cruz, no antigo municipio de Côte do Rio de Janeiro, é seguimento á *estrada real de Santa Cruz*, em terras que pertenceram aos padres da Companhia de Jesus e ás fazendas real e imperial. Passava por Itaguay, S. João Marcos, Passa Tres, Arrozal e outras localidades da Provincia do Rio; Arêas, Silveiras e Lorena — no norte de S. Paulo. Seu traçado em territorio paulista era, mais ou menos, o ramal de São Paulo, da via ferrea da “Central do Brasil”.

De S. João Marcos desviava-se um caminho para Mangaratiba, no sul da Provincia do Rio, a cujo local chegava tambem outro “desvio”, procedente da estrada geral, das proximidades de Bananal, passando por terras da actual villa do Rio Claro.

Num dos trechos dessa via publica ainda se vê grande ponte em arco sobre o riacho do Lopes, e numa pedra a inscripção em letras de bronze, em elipse aplainada:

Presidencia — 1837

Mais adiante de Bananal, bifurcava-se um ramal que, atravessando a serra do Ariró, ia a Paraty.

Nas circumvisinhanças de Lorena dividia-se uma verêda que, atravez de montes e campos, alcançava Guaratinguetá, Cunha, Campos Novos e a serra do Mar até Paraty.

Era o velho caminho dos *Guianazes*, nas suas investidas para o littoral.

De Arrozal seguiram varios desvios: para Quatis, Dôres, Amparo, Vargem Grande, encontrando-se no valle do Parahyba com outros trechos de estradas, inclusive o que da Pavuna (nos limites do actual Districto Federal com o Estado do Rio) ia a Rodeio, na serra do Mar, e descia á Barra do Pirahy.

De Rodeio partia um caminho que se bifurcava com a *estrada da Policia*. Esta via de communicação, em seu tronco principal, começava na então florescente villa de Iguassú. Distava o seu inicio 22 milhas da Côte e 27 pelo *caminho mais curto e conhecido* — segundo o tenente-coronel de engenheiros Miguel de

Frias e Vasconcellos, no interessante folheto — “Distancias da Cidade do Rio de Janeiro ás principaes cidades e villas da Provincia”. Este trabalho, organizado em 1846, é dedicado ao Senador Manuel Alves Branco, posteriormente visconde de Caravellas.

A estrada da Policia ia a Santo Antonio do Matto — no coração da baixada fluminense — e atravessava em seguida as serras dos Botaes e de Sant’Anna.

O transito pelas serras, na metade do seculo XIX, era máo, difficultando a passagem das boiadas que se destinavam aos curraes do matadouro de Santa Luzia, na cidade do Rio de Janeiro. Insere estes informes o relatorio do conselheiro Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, presidente da Provincia do Rio e futuro visconde de Sepetiba.

A S. João Marcos, onde se encontram as importantes installações da companhia canadense *Light and Power*, chegavam caminhos abertos no seculo XVIII e que partiam de Lorena e Guaratinguetá. No “Mappa Corographico da Capitania de S. Paulo” — de Antonio Roiz Monterinho (Collectanea de Mappas da Cartographia Paulista Antiga — Edição do Museu Paulista) figuram esses dous caminhos, chamando-se a um delles o das *Boiadas*.

A construcção de estradas para o interior fluminense foi atacada com mais vigôr em 1808. Desse serviço se incumbiu em parte a *Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação* — creada a 23 de agosto daquelle anno. Segundo o Dr. André Werneck (*Jornal do Commercio* de 17 de setembro de 1905), encarregou o Junta ao capitão de ordenanças Ignacio de Souza Werneck da exploração de duas estradas parallelas.

Dentre as obras publicas e os serviços que executou o Intendente Geral da Policia, Paulo Fernandes Vianna, desembargador do paço, durante os treze annos de sua gestão, está incluída no *Memorial* por elle apresentado (*Rev. do Instituto Historico* — vol IV), a picada que, de Iguassú, fizera abrir até Rio Preto — *para o rei viajar de sége.* •

Os primeiros caminhos ou picadas, que davam accésso dos sertões do rio Preto ac valle do Parahyba, foram abertos pelos indios *Puris* e *Araris*. Eram, ao

que se suppõe, “desvios” irregulares, no escarpado das serranias.

Só em 1819, ou, pouco depois, abriu-se na região de Valença uma estrada regular, que se derivava do *caminho novo das Minas* de Garcia Rodrigues — o patriarcha das estradas carroçaveis ou de rodagem — no interior do Brasil.

Chisramam-n'a de estrada nova. Encontrou-se mais tarde essa via publica com outras, que se abriram de 1821 a 1824, para Desengano. Valença e Rio Preto.

Seu tronco principal teve a nominação de *estrada do Commercio* — por ter sido planeada e executada pela “Junta do Commercio do Rio de Janeiro” — diz-nos o illustrado Sr. Basilio de Magalhães — “para attender ás urgentes necessidades de dar maior expansão ao transporte do café”.

Ia a Vassouras — o maior centro de riqueza agricola da região e que foi elevada á villa em 1833.

Dentre as estradas de rodagem existentes em territorio fluminense, o Sr. Clodomiro de Vasconcellos se refere á que, partindo de Cava, passa por Iguassú, ganha a serra do Commercio e termina em Paty do Alferes, municipio de Vassouras.

No que diz respeito propriamente ao territorio de Valença, já em 1829 — no anno seguinte ao da lei organica das municipalidades brasileiras (1 de outubro de 1828), tratava a Camara Municipal, em sessão de 14 de fevereiro, das posturas sobre estradas e caminhos, inclusive os de serventia particular.

Obrigar-se-iam os proprietarios de terras a conservar estradas e caminhos — de fórma a que *possam transitar dous animaes a par um do outro, sem obstaculos e perigos*.

As “disposições geraes” da lei de meios da Provincia, de 9 de junho de 1839, no seu paragrapho 24 do art. 3º, autorisaram o governo a acceitar dos moradores de Santo Antonio do Rio Bonito a offerta do restabelecimento de uma antiquissima estrada.

Originava-se esta via da estrada do Rio Bonito e alcançava a da Policia. Passava pelo logar denominado — “Chacrinha” — *fazenda do finado Manuel Pereira Terra e de Francisco Martins Pimentel*.

Tudo nos faz acreditar que seja a mesma estrada que actualmente parte da de Valença, do logar "Bebedouro", até "Chacrinha".

A "Carta Chorographica da Provincia do Rio de Janeiro" — de Pedro de Alcantara Bellegarde e Conrado Jacob de Niemeyer — levantada de 1858 a 1861, segundo as instrucções contidas no decreto provincial de 30 de outubro de 1857, assignala, entre outras, as estradas de rodagem para Barra do Pirahy, Valença e São José do Turvo.

Nas redondezas do arraial de Conservatoria, contém a "Carta Chorographica" signaes indicadores de onze fazendas.

Seriam de certo as mais extensas propriedades ru-raes e de maior producção de café, naquella época.

VIAÇÃO FERREA

A Rêde de Viação Sul-Mineira no districto de Santo Antonio do Rio Bonito — Origens desta via ferrea — O 2º Barão do Rio Bonito e seus empreendimentos — A industria assucareira e o engenho Luiz de Castilho

O territorio do districto municipal de Santo Antonio do Rio Bonito é atravessado num grande trecho pelo *linha da Barra* — Rêde de Viação Sul-Mineira — que, penetrando no municipio mineiro de Rio Preto, onde fica a estação de Santa Rita, districto de Santa Rita de Jacutinga ao S. O. do Estado de Minas Geraes. Em Soledade, neste Estado, encontra-se o ramal da Barra do Pirahy com a linha tronco, que vem de Cruzeiro, em territorio paulista. A linha tronco é a mais importante, não só pelo trafego, como pela extensão.

Essa via-ferra, de um metro de bitola, percorre, em duas secções — os municipios de Pirahy, Barra do Pirahy e Valença, no Estado do Rio, sendo uma das secções desde a estação da Barra até á de Joaquim Mattoso, districto de Santa Isabel do Rio Preto — municipio de Valença — na extensão de 75klm,500. Deste

logar á *ponte do Zacharias*, nos limites com o Estado de Minas, distam mais 10 kilometros.

Em terras do districto estão situadas tres estações — Paulo de Almeida, Conservatoria e Pedro Carlos.

A primeira denominação foi dada em honra do barão de Guaraciaba, homem de côr preta. Conservatoria teve origem por causa do historico arraial. Pedro Carlos recorda o illustre engenheiro da Estrada de *Ferro de Santa Isabel do Rio Preto* e progenitor do actual deputado estadual fluminense de igual nome.

Entre a estação Pandiá Calogeras, antiga Ipiabas, no districto deste nome, e a de Paulo de Almeida, fica a parada *Desvio Gomes*, em homenagem ao Sr. Adolpho de Carvalho Gomes, proprietario de fazendas no districto das Dôres do Pirahy.

Nesse trecho da linha e de Paulo de Almeida em deante, são innumerados os taludes, devido á natureza do terreno. Nenhuma obra de arte se vê merecedora de especial reparo. Ha dous tunneis — um nas proximidades de Pandiá Calogeras — e outro, na entrada do arraial de Conservatoria. A um kilometro de Pedro Carlos (748 metros de altitude, encontra-se uma ponte em arco, solidamente construida e com cerca de 100 metros de comprimento, da aba de uma montanha á outra.

A mais antiga das estações é a de Conservatoria — a 518m,336 sobre o nivel do mar.

Foi inaugurada pela antiga Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Preto, a 21 de novembro de 1883, com a presença do Imperador D. Pedro II.

Está installada num dos melhores predios da Rêde Sul-Mineira.

Distancia 43 kilometros da estação da Barra do Pirahy, 243 de Soledade, Estado de Minas, e cerca de 152 da estação inicial da Estrada de Ferro Central do Brasil, na praça da Republica.

Da Barra do Pirahy, ás raias do Districto Federal, na estação de Anchieta, a distancia é de 81km,573.

Diariamente é servido o povoado de Conservatoria por dous trens de passageiros — um de ida (pela manhã) e outro de volta (á tarde), fazendo-se o percurso em cerca de duas horas. Acham-se esses trens em communicação com os comboios da Central do Brasil, na estação da Barra do Pirahy.

A renda annual da estação de Conservatoria ascendeu em 1826 á cerca de 70 contos, dos quaes 29:465\$600, de venda de passagens de 1ª e 2ª classe.

Do actual agente, Sr. Antonio Moreira do Espirito Santo, recentemente removido para essa estação por motivo da aposentadoria do Sr. Manuel Nogueira de Oliveira, obtivemos exactas informações sobre o embarque de mercadorias. Dos productos exportados naquelle anno, occupou o primeiro lugar, pelo valor do frete, o café, na quantidade de 97.681 kilos, em 1.748 saccos. Segue-se-lhe o leite, que attingiu a 1.280.800 litros. A exportação da manteiga, que começou a se desenvolver em 1927, não ultrapassou de 59.862 kilos. Menor foi a do queijo, que produziu 51.789 kilos.

Em 1917, os valores quantitativos da exportação — quanto ao frete e peso, indicam o leite e productos lacticinios, em primeiro lugar, sendo bem menor o embarque do café devido ás restricções impostas pelo Governo Federal aos productores.

A estação de Conservatoria é das de maior renda — no movimento de passageiros e mercadorias. Dentro do districto de Santo Antonio do Rio Bonito, nenhuma se lhe avanta no despacho de vasilhames com leite (de 50 litros cada um) e outros volumes de productos da industria de lacticinios.

Na chamada *época dos veranistas* — de outubro a março — cresce o movimento da importação de generos alimenticios transportados pela Rêde Sul-Mineira.

As estações Paulo de Almeida e Pedro Carlos — construidas em terras dos fazendeiros destes nomes, têm insignificante movimento de importação. Quanto ao embarque do café exportado annualmente — durante os mezes de julho a setembro — sobresae a de Pedro Carlos. Fazem-se tambem por esta estação reduzido embarque de leite e despacho dos productos lacticinios da fazenda do Sr. Leopoldo Ribeiro — manteiga e queijos do typo do "Parmeson".

A *linha da Barra* vae encontrar-se com o ramal de Valença (bitola estreita), da Central do Brasil, na estação de Santa Rita, e com um dos ramaes da Estrada de Ferro Oeste de Minas, em Bomjardim, territorio mineiro.

Em 1871 inaugurou-se o primeiro trecho de linha pertencente á Estrada de Ferro União Valenciana.

Dous annos decorridos, a 24 de setembro de 1873, era dada concessão para uma via ferrea, organizando-se a Estrada de Ferro Minas e Rio — que com a Muzambinho e a Sapucahy, arrendadas á antiga companhia deste nome por decreto de 2 de dezembro de 1909, passaram a constituir a Companhia de Estradas de Ferro Federaes Brasileiras.

Na Rêde die Viação Sul-Mineira, arrendada pelo Governo Federal ao Estado de Minas Geraes até 1950, estão comprehendidas no arrendamento as linhas tronco e das dos seus ramaes, inclusive as da extincta Estrada Sapucahy. Dos 1.142 kms. em trafego, 149 estão situados em territorio fluminense.

Após alguns annos de descuidada administração, vae-se refazendo a Rêde Sul-Mineira de tristes dias de desalento e descredito. Graças á orientação dos novos dirigentes, tem sido melhorado o trafego, que muito dependia e ainda depende do estado das linhas. Removidas estas difficuldades e intensificado o serviço de transporte de cargas, é de prever seja essa estrada factor importantissimo do progresso da região que percorre.

A Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Preto, que é a actual linha da Barra — da Rêde Sul-Mineira, construíram-n'a a principio capitaes e iniciativas particulares, sendo dos mais esforçados propugnadores desse empreendimento José Pereira de Faro, 2º barão do Rio Bonito, fallecido a 3 de fevereiro de 1889.

Opulento fazendeiro no valle do Parahyba, o barão do Rio Bonito, o commendador João Pereira da Silva e o capitão Antonio Gonçalves de Moraes, foram os verdadeiros fundadores da freguezia da Barra do Pirahy.

A'quelle titular coube tambem a iniciativa de montar o engenho central *Rio Bonito*, pertencente á Companhia Lavoura, Industria e Colonização — organizada em virtude do decreto n. 9.547, de 16 de janeiro de 1886 e estabelecida em suas fazendas de Sant'Anna, Alliança, Monte Alegre e S. Pedro.

Foi talvez esta a primeira empresa que se fundou no Brasil, para attenuar a crise economica que se aproximava com o crescente e avassalador movimento abolicionista, subdividindo por processos praticos a cultura de terras das grandes propriedades.

O engenho central, inaugurado a 20 de novembro de 1886, destinava-se á fabricação do assucar e alcool, com capacidade para moer 250.000 kilos de canna em 24 horas, e com proporções para ser augmentada essa quantidade. Possuia aperfeçoadissimos machinismos e uma linha ferrea de bitola de um metro, com a extensão de 9 kilometros, entroncando-se com as Estradas de Ferro D. Pedro II e a de Santa Isabel do Rio Preto.

A gerencia technica do *Engenho Central Rio Bonito*, esteve sob a responsabilidade do engenheiro Luiz de Castilhos, um dos directores da Companhia Lavou-
ra, Industria e Colonisação.

Habil profissional, dirigiu todos os trabalhos da grande usina desde o lançamento da pedra funda-
mental.

O engenheiro Castilho, dias após a demorada visita do ministro da agricultura, conselheiro Rodrigo Silva, áquelle engenho, realizou na Escola Polytechnica interessante conferencia acerca da industria assucareira.

Ainda, sob a gestão do conselheiro Rodrigo Silva, empreendeu o notavel profissional viagem ás Anti-
lhas, para, em commissão do Governo, estudar os pro-
cessos mais aperfeçoados de fabricação do assucar:

Luiz de Castilho, — sem contar com as trombetas annunciadoras de renome — constituiu-se num dos pregoeiros de novos idéaes de trabalho. Independente no julgar, honrado nas acções, teve intensa vida de labor — toda dedicada ao estudo dos problemas economicos.

Falleceu esse esforçado patriota na cidade do Rio de Janeiro, a 31 de março de 1898.

SERVIÇOS POSTAES — TELEGRAPHO E TELE- PHONES

*Agencias do Correio no districto — A Agencia de Con-
servatoria — Notas estatisticas a respeito do seu
desenvolvimento — Vendagem de sellos e Recei-
ta — Ligeira noticia historica dos correios na Ca-
pitania e Provincia do Rio de Janeiro — O primei-
ro agente de Conservatoria — O serviço telegra-
pico — A inutilidade das linhas telephonicas.*

Acompanhando *pari-passu* o intercambio das re-
lações sociaes, o movimento postal reflecte, sem duvi-

da, o augmento ou o desfalque nas forças activas da população.

O districto de Santo Antonio do Rio Bonito tem em seu serviço de correios, o indice eloquente d'aquelle intercambio, que, dia a dia, se valorisa.

Conta tres agencias do serviço federal dos correios — localisadas em Conservatoria, Paulo de Almeida e Pedro Carlos. A primeira tem a classificação de agencia de segunda classe, desde 1912 e as demais, não passam de modestissimas agencias de quarta classe.

Na *linha da Barra*, da "Rêde de Viação — Sul-Mineira", é Conservatoria a unica estação que tem agencia de correios de segunda classe.

Durante o anno de 1926, a correspondencia directamente recebida ascendeu a 31.271 objectos em 615 malas, além de 367, em transito, o que perfaz o total de 982 malas recebidas.

A correspondencia expedida no correr d'aquelle anno attingiu a 18.802 objectos, em 584 malas que, com as 365, em transito sommam 949 transitadas na agencia.

Os mezes de janeiro, outubro e novembro, registraram maior correspondencia postada e recebida directamente da Direcção Geral dos Correios, na cidade do Rio de Janeiro.

Tiveram maior numero de malas expedidas, directamente, os mezes de janeiro, agosto e setembro, e, por conseguinte, mais avultada correspondencia. Relações commerciaes, que se intensificaram no transcorrer do anno e o grande numero de veranistas — na população fluctuante de 1926, concorreram para aquelle expressivo movimento postal.

A correspondencia recebida foi bem maior do que a expedida. Só, em janeiro, annotámos 1.648 objectos expedidos — *cartas de porte simples e registradas* — contra 3.410 recebidos: — o que quer dizer, mais 1.862 objectos postados, chegaram á Conservatoria naquelle mez de 1926 em confronto com os expedidos.

A agencia permuta, diariamente, malas com a Directoria Geral, agencia da Barra do Pirahy, e administração do Estado do Rio, em Nictheroy. São consideradas como de transito, as malas procedentes deste Estado.

Além do serviço normal de recebimento e expedição, organiza a agencia de Conservatoria outras malas, destinadas ás agencias proximas — quando disso ha imperiosa necessidade. Emittê e paga “vales postaes”, de accôrdo com as leis brasileiras e convenções internacionaes a respeito.

Em 1926, a renda da venda de sellos importou em 4:178\$640, tendo decrescido de 421\$910, em relação á apurada em 1925.

A partir de 1914 tem, no emtanto, augmentado a arrecadação proveniente da vendagem de sellos. Os algarismos que damos a seguir, comprovam esse crescimento, nos annos abaixo indicados:

1914	1:812\$680
1917	2:060\$780
1920	2:127\$715
1925	4:600\$555

A receita geral da agencia produziu em 1926 a cifra de 14:532\$000 — a maior até hoje conhecida. Nos exercicios financeiros de 1914 a 1925, teve consideravel augmento em 1915 e decresceu um pouco em 1922. No exercicio de 1925, comparado com o de 1922, ha uma differença para mais, de 2:059\$630.

No periodo que citamos, foram estas as sommas arrecadadas:

1914	5:447\$742
1915	10:511\$448
1922	10:016\$900
1925	12:076\$520

A agencia do correio funciona, desde julho de 1927 em predio alugado e de melhores accomodações que o occupado anteriormente. Situada na rua do Commercio — o principal logradouro de Conservatoria — está no centro do villarejo.

Sob a zelosa e intelligente direcção da Sra. Edwiges Siqueira, é uma repartição modelar — e digna, sem nenhum favor, de maior apreço.

Auxilia os serviços da agencia o Sr. Sebastião da Motta Macedo, filho de um dos antigos agentes e dedicado nos affazeres do seu cargo.

Resente-se o bem organizado departamento postal, da falta de estafetas para distribuição domiciliar da correspondencia. Um unico estafeta, é incumbido, exclusivamente, da conducção de malas para a estação da estrada de ferro. Com pequeno augmento de despesa, poder-se-ia attender áquella falha do serviço, dando-se tambem melhor remuneração ao actual estafeta.

A ninharia que recebe dos cofres federaes esse humilde empregado, não lhe dá, nem para comer com parcimonia.

Apezar de iniciado em 1663, quando se expediu o seu "regulamento" na Capitania do Rio de Janeiro, o serviço dos correios só se organizou regularmente em 1808, com a residencia de D. João VI no Brasil. Constituia, antes, desse anno, uma repartição sob o titulo de "Postas Correios e Diligencias de Terra e Mar", — segundo o plano adoptado em 1799 e modificado em 1805.

Em 1752, Joaquim Antonio Alberto pretendeu licença por 10 annos para estabelecer correios no "sertão" daquella Capitania — como se infere do documento publicado no 3º volume do *Archivo do Districto Federal*.

Reorganizou-se o serviço postal no Brasil, sob moldes mais adiantados e conhecidos na época em 5 de março de 1829, — quando Ministro do Imperio José Clemente Pereira. Inauguraram-se, então, novas linhas terrestres, com facilidade de transito nas estradas do littoral para o interior.

A 15 de julho daquelle anno annunciava a Camara de Valença a seus jurisdicionados, a criação no lugar de agente do correio nessa localidade, sendo escolhido para occupal-o João Baptista Reis Motta.

Os "correios" partiam, a principio, de Iguassú — que foi um dos centros irradiadores da vida fluminense, — e daquelle ponto demandavam ás freguezias da baixada e da serra, descendo ao valle do Parahyba.

Em 1847, quatro malas eram expedidas mensalmente para o municipio de Valença, sahindo os "correios" directamente da cidade do Rio de Janeiro, com a correspondencia para Vassouras, Parahyba do Sul

e Paty do Alferes; Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso.

E' interessante o exame do mappa da partida dos correios terrestres — organizado em 1846 para o anno seguinte, pela *Administração do Correio Geral da Côrte* — e que nos mostra um dos aspectos de tão util serviço publico por aquelles dias.

A accentuada prosperidade economica da freguezia de Santo Antonio do Rio Bonito, levou o governo a crear uma agencia do correio no arraial de Conservatoria, — satisfazendo pedido dos moradores na representação de 8 de janeiro de 1849.

Nomeado em março deste anno, o agente Joaquim Pedro de Almeida, tomou pòsse depois do dia 12, data em que disso foi sciitificada á municipalidade de Valença.

No sexto decennio do seculo XIX, o serviço de expedição de malas do Rio de Janeiro para o districto era feito dez vezes por mez. Sahiam os "correios" para Conservatoria, nos mesmos dias em que se expediam as malas de Desengano, Paty do Alferes, Sacra Familia do Tinguá, Santa Thereza, S. Sebastião do Rio Bonito, Valença, Vassouras, na Provincia do Rio, e Rio Preto, em Minas.

Por essa epoca exercia as funcções de agente — Joaquim Manuel da Motta Macedo, que, ao fallecer, contava sessenta annos de serviço publico.

Seu nome é relembrado dentre os sabedores da chronica local — de homens e factos da Conservatoria dos indios.

* * *

Em falta de uma estação do Telegrapho Nacional, o serviço telegraphico é executado pela "Rêde de Vição Sul Mineira", em observancia ao convenio celebrado com o governo da União.

Durante o anno de 1926, recebeu a estação de Conservatoria 882 telegrammas com 9.152 palavras, e transmittiu 404, com 7.183 palavras, segundo as notas que nos forneceu o agente Sr. Moreira.

Muito deixa a desejar o serviço telegraphico, devido a morosidade das transmissões, em prejuizo do publico.

Se houvesse fiscalisação das partes contractantes seriam corrigidos esses senões, que constituem dos

mais sensíveis tropeços ao desenvolvimento das comunicações commerciaes e particulares.

A Companhia Fluminense de Lacticínios mantém o serviço de avisos telegraphicos, tendo no arraial de Conservatoria, installado no "Hótel da Estação", um unico apparelho para o publico.

E' ligada a usina daquella empreza a varios logares, communicando-se na estação de Ipiabas a linha com a da *Light and Power*. Varias propriedades ruraes — entre outras as fazendas do Sr. Marcello, de Veneza, da Bôa Vista e S. José, possuem linhas telephonicas.

E' simplesmente detestavel o serviço telephónico, tornando-se inutil pelas constantes interrupções das linhas.

Em 1927, moradores do povoado e fazendeiros do districto, dirigiram á companhia *Light* "abaixo assignado" no sentido de passar ao domino dessa empreza, a exploração do serviço telephónico.

Pendia, assim de solução o justo pedido dos moradores de Conservatória — já cansados do ridiculo *servicinho* — que é de irritante inutilidade.

ENSINO PRIMARIO

Provavel população infantil no districto de Santo Antonio do Rio Bonito — As duas unicas escolas estaduais — Matricula e frequencia — A falta de escolas de ensino agricola — Ensino particular e municipal — As antigas escolas — Quanto ganhavam os professores — Notas de um chronista.

Consoante a situação geral do paiz — com a desoladora percentagem de mais de 74 % de analphabetos — insignificante auxilio tem merecido dos poderes publicos o ensino primario no districto de Santo Antonio do Rio Bonito.

Muito distanciados estamos e estaremos da expansão ambicionada por todos quantos se interessam por essa formosa e seductora cruzada nacional da instrucção do povo.

"No Brasil só ha um poblema nacional: — a educação do povo." Nesté conceito do eminente Dr. Miguel Couto, que por seu saber honra a clinica medica

e as letras brasileiras está synthetizado o verdadeiro programma a seguir pelos governantes.

Numa população de 8.918 habitantes para aquelle districto — e constituida talvez, por 80 % de analphabets — apurou o recenseamento federal de 1920 a cifra exacta de 5.942 solteiros dos sexos masculino e feminino, incluindo neste numero os menores de 15 annos.

Admittindo-se que a terça parte desses *solteiros* seja de menores em idade escolar — de 8 a 14 annos — e descontadas as reduzidissimas cifras de matriculas nas escolas publicas, ainda restarão mais de mil e oitocentas crianças sepultadas nas trevas da ignorancia.

O mal não reside, evidentemente, na acção do professorado — que é por todo Brasil — com rarissimas excepções aproveitavel e sempre victimas das aperturas financeiras. Cabe, de certo, aos governos combatel-o embora a grande causa do ensino primario reclame um movimento coheso de todos os espiritos — a solidariedade de todas as energias capazes e intelligentes.

“A ignorancia é uma calamidade publica como a guerra, a peste, os catclysmos e não só uma calamidade como a maior de todas, — insiste em dizel-o o Dr. Miguel Couto — porque as outras devastam e passam, como tempestades seguidas de céo bonança; mas a ignorancia é qual o cancer que tem a volupia da tortura no corroer cellula e cellula, fibra a fibra, inexoravelmente o organismo: dos cataclysmas das pestes e das guerras se erguem os povos para as benções da paz e do trabalho; na ignorancia se afundam cada vez mais para a subalternidade e degenerescencia.”

Estas palavras de apostolo e patriota, valem por um brado de alarme pelo futuro do Brasil a congregar esforços e dedicações para que nos possamos libertar da miseria do analphabetismo.

Na dilatada área do districto de Santo Antonio do Rio Bonito, desservida de meios faceis de communicção, com grandes distancias a vencer de um logarejo a outro, só existem infelizmente duas escolas publicas estadoaes, nas quaes o ensino é ministrado com regularidade. Estão localisadas no arraial de Conservatoria e regidas por professoras diplomadas pela Escola Normal de Nictheroy.

A escola para o sexo masculino é dirigida pela senhorinha Isabel Duque-Estrada e a feminina, por D. Nathalia Alvares de Castro, esposa do Sr. Alvaro Fernandes de Castro — que tem exercido cargos na administração do municipio de Valença.

O anno lectivo destas escolas se divide em dous periodos — um de 1º de fevereiro a 15 de junho e outro de 1º de julho a 14 de novembro. Pertence a fiscalização do ensino á 7ª região do Estado do Rio — cuja séde administrativa á cidade da Parahyba do Sul.

A escola masculina — que funciona em predio de boas accomodações na praça da Matriz, quasi no principio da rua do Cemiterio, teve, em 1927, cem alumnos matriculados: 86 na primeira série, 11 na segunda e 3 na terceira do curso médio.

Em outubro, a maxima da frequencia foi de 93 alumnos a média de 76 e a minima de 69.

Matricularam-se de 1 de fevereiro a 15 de junho, no primeiro periodo do anno lectivo de 1927: 70 alumnos dos quaes 59 na primeira serie e 11 na segunda.

A frequencia geral nesse periodo, accusa a maxima de 61 alumnos, a média de 48 e a minima de 21.

Auxilia a cathedratica a senhorinha Aurea Brasilia de Magalhães.

Installada em predio de acanhadas proporções, na rua do Commercio defrontando a praça da Matriz está a escola para o sexo feminino.

No anno lectivo de 1927, encerrado em novembro, o registro de matriculas assignala o numero de 66 alumnas. A maxima annual de frequencia foi de 52 alumnas; a média, 42 e a minima, 31.

Em 1928, os Algarismos annuaes da frequencia verificada foram: maxima 43, média, 37, e minima, 30.

Durante os ultimos seis annos, accusam os registros de matricula.

<i>Em</i>	<i>Alumnas</i>
1921	60
1922	22
1923	60
1924	60
1925	64
1926	67

A professora D. Nathalia Alvares de Castro exerce o magisterio no municipio de Valença ha dezeseis annos, e desde 13 de fevereiro de 1913 exerce-o, propriamente em Conservatoria.

De 1914 a 1925 prestram exames finaes 31 alumnas, assim discriminadas numericamente:

1914	2
1915	3
1917	3
1918	8
1921	5
1924	2
1925	8

Foram approvados nos ultimos exames finaes, prestados em novembro de 1927, 9 alumnos, sendo 3 de escola masculina e 6 da feminina.

No numero de alumnos matriculados, essas escolas apresentam notavel differença o que tambem se nota na frequencia.

Emquanto os meninos podem desacompanhados, percorrer estradas e caminhos que os levam ao povoado onde funciona a escola, o mesmo não succede ás meninas.

Sujeitas a regimen de educação mais rigoroso e presas a justificaveis preconceitos sociaes, são além disto aproveitadas de ordinario, em serviços domesticos que as impossibilitam de estudar.

Num centro de actividade agricola — que é o districto de Santo Antonio do Rio Bonito — com futura industria de lacticinios, poderia o governo fluminense cuidar da fundação de escolas praticas de ensino agro-pecuario, que seriam recebidas com acolhimento pelos lavradores. Queremos acreditar que tão somente difficuldades financeiras do Estado ainda não deram ensejo para se cuidar da installação de uma ou mais escolas daquella natureza.

O ensino particular no districto — falho e inferior, sob qualquer ponto de vista que se compare ao official é ministrado numa aula nocturna e na *escola dominical* mantida pelo culto presbyteriano com a matricula de 92 alumnos, dividido por seis classes. Ha, além disso professores contractados em algumas fazendas.

Do chamado ensino municipal a cargo da Prefeitura de Valença temos vaga noticia de uma escola para o sexo masculino, na fazenda de S. Fernando... Parece ter a dirigil-a um professor particular.

Dizem-nos mais que recente lei do municipio creou duas escolas uma no logar Capellinha e outra na estação de Paulo de Almeida tendo sido esta, ao que se suppõe, transferida da antiga séde, que era a estação de Pedro Correia (*).

* * *

E' de 1848 o primeiro acto administrativo installando em Conservatoria uma escola. Deu-lhe a classificação de *masculina* o decreto provincial n. 456, de 28 de agosto daquelle anno.

A 10 de novembro de 1853, o vice-presidente da Provincia do Rio, visconde de Baependy, mandou installar outra escola de instrucção primaria de segunda classe, para o sexo feminino.

Percebiam, então, os professores publicos na Provincia, minguidos ardenados de 500\$ annuaes e mais 5\$ por anno e *per capita* de alumno que se distinguisse nos estudos.

O ordenado mensal era, portanto de 41\$666. Idem ordenado ganhavam os professores primarios na Côrte em virtude da lei de 15 de outubro de 1827 tendo-lhes sido, em 1854 augmentados os proventos para 1:200\$ annuaes e uma gratificação addicional de réis 200\$000.

Em 1859 havia em Conservatoria dous collegios particulares — um para o sexo masculino e outro para o feminino. O de meninos estava sob o magisterio de José Amaro de Lemos Magalhães, ministrando-se instrucção primaria e rudimentos de geographia, latin e inglez. No collegio de meninas ensinavam-se as primeiras letras, francez, geographia, canto e musica. Era directora D. Rita Sá Lobato.

Pelo *Almanach Laemmeri* de 1866 vemos que funcionava neste anno uma aula de musica, dirigida por Venancio da Rocha Lima Soares.

(*) Faltam, porém, professores para essas escolas.
A falta de esclarecimentos, devemos estas escassas referencias acerca do chamado ensino municipal.

Dous professores de piano leccionavam no arraial: André Schmidt e Carlos Janin.

As duas escolas publicas citadas em 1848 e 1853, estavam no correr do anno de 1864, sob a regencia dos professores José Theotônio de Sayão de Miranda e D. Luiza Joaquina Hoffette.

Um inspector parochial, de instrucção primaria, fiscalisava o funcionamento dessas escolas.

Do desenvolvimento operado e que differia dos processos anteriormente alcançados, — fructo aliás, da obra benemerita dos jesuitas no ensino — mais um pouco ter-se-á na actualidade em varios pontos do Brasil.

Nenhum problema — proclamemos e repisemos — sobreleva ao do ensino primario. Por falta de cohesão dos governantes em traçar-lhe a directriz — e só por isto — o terreno a desbravar se apresenta cheio de escolhos a vencer.

Já nos libertamos do indigno regimen escravocrata — na estreiteza de vistas com que por seculos, impediu todos os anhélos do progresso. Ainda se radiam, porém, fortes tentaculos dessa outra escravidão — que constitue aviltante desgraça — a vergonha do analphabetismo de muitos milhões de brasileiros.

PRIMORDIOS DA ACÇÃO DO MUNICIPALISMO E

ASPECTOS DO MEIO SOCIAL

Arruamento de Conservatoria — Receita e despeza da Camara de Valença no exercicio financeiro de 1846-47 — Primeiras edificações — Plutocratas do café — Festas religiosas — A trapalhada eleitoral — Moradas dos mortos — Insensibilidade dos vivos

Na grande obra da conquista, a escolha de local para assento de uma povoação foi, quasi sempre, assignalada por santuarios e capellas.

Eram os primeiros marcos da fixação de dominio da autoridade.

Discorre, a proposito, o nosso laureado historiador Rocha Pombo:

“Erguia-se uma cruz no alto de uma collina; marcava-se no sólo o quadrilatero para os muros e benzia-se essa terra; levantava-se em seguida, no meio da área sagrada, a capella em que se devia abrigar o orago — o *deus* protector das familias que ali se vão installar, confiantes no destino”.

A escolha de local para o assento de nucleo de habitantes deveria obedecer á melhor situação topographica, mas, por vezes, se originou de premente necessidade militar de defesa contra inimigos externos ou investidas do selvagem. Noutros casos, attendia a interesses de potentados.

A antiga aldeia dos indios *Araris* só começou a viver, com apparato e exigencias da civilização, no transcorrer do anno de 1839 — quando a elevaram a parochia. Foi neste anno, por proposta do vereador Lucio de Azeredo Coutinho Rangel, em sessão da Camara de Valença de 14 de agosto, que se cuidou do arruamento do povoado. Anteriormente, determinára a lei provincial n. 164, de 13 de maio do mesmo anno, fôsem feitos aterros e pontes, nivelando a abertura de ruas.

Resolveu a Municipalidade contractar com o engenheiro major Cesar Cadolino — o arruamento e planta da povoação. A despesa com estes trabalhos foi orçada na importancia de 254\$920.

Documento posterior e constante da “Historia de Valença” prova que se não executaram immediatamente aquelles serviços. Seis annos após a criação do parochiato, requeria a 10^o de outubro de 1845, o vereador padre João Joaquim Ferreira de Aguiar que se officiasse a José de Souza Pires — morador em Conservatoria — incumbindo-o do arruamento da freguezia. E accrescentava a proposta do padre Aguiar: — *tendo em vista que as ruas não terão menos de 50 palmos, e as praças menos de 100.*

Desde 1839, novos horizontes se haviam aberto ao humilde aldeamento indigena, — embora bem poucos fôsem os recursos da Camara valenciana, — cuja lei orçamentaria para o exercicio financeiro de 1 de julho de 1846 a 30 de julho de 1847, marcava-lhe apenas a receita e despesa de 6:461\$562.

A floresta ia recuando, dizimada pelo machado e pelo fogo.

Importantissimo factor do rapido desenvolvimento da freguezia — ao lado da salubridade do *habitat* — foi a excellencia das terras para o plantio do café. Pouco se teria feito, no emtanto, — sem o regimen das sesmarias, que concorreu para o augmento da população, — e sem o esforço persistente do negro esravizado.

Arruada a povoação num dos valles da cordilheira do Rio Bonito, em breve tempo se levantaram casas de barro, com seus muros de adobes, de que ainda ha remanescentes. As melhores habitações, — telhadas a capricho, forradas e espaçosas, — fôram destinadas aos maioraes da terra, que se tornaram proprietarios ru-raes, donos de vastas fazendas e senhores omnipotentes de numerosa escravaria.

O traçado do arruamento de 1845, côm as restricções impostas pelo vereador Ferreira de Aguiar, é o mesmo de hoje. Nada se lhe alterou.

Durante o inverno, estanciavam os ricaços em suas *casas nobres*. Nas frequentes e sumptuosas festas religiosas de antanho, os plutocratas do café ostentavam montarias de luxo, — cavallos ricamente ajaezados. Senhoras da aristocracia territorial — que vinham de longe, aos boléos de desconjuntados carros de bois, descancar no arraial, — andavam cobertas de seda e de rendas e pedras preciosas.

Por occasião das ruidosas festas de Santo Antonio — o padroeiro da parochia — a vida do povoado despertava da sua quietude.

Milhares de forasteiros, vindos de varios pontos da Provincia do Rio, proximos de Conservatoria, eram attrahidos pelas tradicionaes festanças de junho.

Rézas, ladainhas e procissões, "cavallinhos", cavallhadas e touradas, — enchiam de encanto a alma simples do povo.

Namorados, — que conheciam segrêdos do antigo derrick portuguez, — se ajustavam para convescotes e bailes. Trovas simples eram repetidas de bocca em bocca, concórde á melancolia do romantismo em moda.

Crescia por essa época a exploração commercial de bufarinheiros — habeis na arte de enganar o proximo. O jogo desenfreiado, imperava nas festas do

arraial — seduzindo a ingenuidade dos homens da roça.

Eleições disputadissimas e turbulentas — quebravam, de vez em quando, com a subida e descida dos partidos da corôa, a monotonia do villarejo. Ecoavam, com truculencia, nos corrilhos e partidos da trapalhada eleitoral, as celeberrimas derrubadas politicas.

Na ironia fina e saltiante de França Junior — em *Como se fez um deputado* — terá o leitor a face grotesca daquellas escaramuças eleitoraes.

Ao mesmo tempo que se cercava a vida de innumeros attractivos — tornava-se inadiavel cuidar dos mortos, dando-lhes condigna morada.

Em 1845 já se achava em construcção o cemiterio dos irmãos de Santo Antonio.

Segundo a communicacão dirigida á Camara de Valença, em 9 de outubro, pelo fiscal Custodio José da Silva Vargas, deveria ter catacumbas modernisadas, dispostas á margem das ruas — que seriam abertas. Levantavam-n'o em terras de Anastacio Leite Ribeiro e por iniciativa deste, denominando-se por isto — *Santo Anastacio*.

A 17 de agosto de 1876, a provisão do vigario geral do bispado do Rio de Janeiro, monsenhor Felix Maria de Freitas e Albuquerque, autorizou a Irmandade de Santo Antonio a reconstruil-o.

Collocado numa pequena elevação, ao lado esquerdo da estrada de rodagem para S. José do Turvo, onde fica o portão de ferro que lhe dá acesso, é esse cemiterio circundado por muros de pedra e cal. Em frente ao portão, ha uma rampa de pedra.

Depois do advento da Republica, foi entregue ao governador municipal.

E' mais um pasto para animaes da visinhança — do que propriamente logar de respeito.

Uma porção de muro que lhe fica aos fundos, desmoronou-se e o matto, que cóbre o campo-santo dá a triste impressão de desamor com que foram ali esquecidos despojos humanos. Poucas catacumbas se divisam, pois crudelissima tem sido a obra da destruição.

Não ha palavras para se condemnar o desleixo com que é tratada pelo governo municipal essa metropole, reduzida hoje a uma ruinaria. As sepulturas des-

apparecêram sob a vegetação, que cresce espantosamente como num capinzal, tudo invadindo.

A apathica governança de Valença sabe, de certo, de tudo que se passa. Não vê, porque não quer, nem lhe convem ver esse crmioso abandono.

Por se tornar exiguo o terreno do cemiterio da irmandade, o decreto provincial n. 876, de 17 de setembro de 1866, consignou a dotação de 3:000\$000, destinada á construcção de um novo cemiterio em Conservatoria.

Parece ter sido adiada esta obra — por quanto, em sessão da Camara Municipal de 23 de janeiro de 1871, o Dr. Luiz Alves de Souza Lobo propunha que se puzesse a obra em concurrencia. Iniciou-se, depois daquella data a construcção em terreno doado por D. Marianna Claudiana do Espirito Santo, encarregando-se dos trabalhos a executar Francisco José Ferreira, sob o orçamento de cinco contos de réis.

Realizou-se a 24 de agosto de 1876, a cerimonia da implantação do cruzeiro — com assistencia das irmandades religiosas, do padre Joaquim de Paula Vasconcellos e capelão, padre Marcolino. A brilhou esta solemnidade a banda de musica do maestro Faustino Rodrigues Teixeira.

Deve-se em grande parte á installação da nova necropole, ao estimado e prestigioso agricultor e politico — capitão Antonio Moreira Coelho de Magalhães, proprietario dos fazendas Bôa Esperança e Santa Rosa.

De nacionalidade portugueza e homem de poucas letras, domiciliou-se no arraial de Conservatoria, depois de 1856 — vindo da freguezia de Dôres do Pirahy, o capitão Moreira.

Constituiu-se num dos bons amigos do districto de Santo Antonio do Rio Bonito.

Seus restos mortaes estão encerrados no jazigo perpetuo da familia, ao lado esquerdo de quem entra no cemiterio.

E' de 1880 a inauguração do necroterio, contiguo á necropole.

Em 1885 approvou a Municipalidade a proposta do vereador Luiz Theodoro Rodrigues — para que se ampliasse o cemiterio publico, de accôrdo com a planta do engenheiro Antonio Pinto da Silva Valle.

“Não consta se tivesse executado esse serviço” — diz-nos Damasceno Ferreira, em sua proveitosa “Historia de Valença”.

O cemiterio inaugurado em 1876, — tambem sob o dominio municipal, — tem 37m,60 de frente sobre 44m,60 cent. de fundo. E’ bem menor do que a área do antigo cemiterio particular. Circumda-o um muro, em bom estado de conservação, e na face principal, que deita para a rua do Cemiterio, está o portão de ferro que lhe dá ingresso.

Menos má é a impressão que se tem desta pequena necropole, em confronto com a outra.

A’ Prefeitura de Valença cabe o indisciplinavel dever de cuidar da nova morada dos mortos e de reparar a ruina que se observa no antigo campo santo.

Pequena verba, incluída no orçamento da despesa, será sufficiente para custear o serviço de capinação — sem onerar os cofres municipaes.

Accrescente-se a estas considerações, que o districto de Santo Antonio do Rio Bonito offerece excellente arrecadação ao erario de Valença, aurefindo, entretanto, limitadissimos beneficios.

Não é de mais, por tanto, que as moradas dos mortos mereçam um pouco de boa vontade da insensibilidade dos vivos.

ANTIGAS E MODERNAS CASAS DE CONSERVATORIA

Ancianidade de alguns predios — Edificação velha, feia e forte — Atrazada visão de mestres de obra — Indifferença musulmana da Prefeitura de Valença — A Egreja Presbyteriana — “O Conservatorien- se” — Habitação afidalgada — Interessante depoimento da tradição oral

Das velhas casas do esquecido arraial — sobreleva por sua ancianidade e pela recordação de faustosos dias — a do Sr. Antonio Moreira Coelho de Magalhães e familia. Filho de conceituado agricultor e politico

de igual nome, o Sr. Moreira é, ao que suppomos, o decano dos moradores de Conservatoria. E, seguindo exemplos que lhe transmittiu o progenitor — um daquelles “homens bons” e de austera conducta — constitue o respeitavel ancião lidima figura representativa do passado que evocámos.

De sua digna familia, — desajudada hoje de bens da fortuna — advieram quasi todas as iniciativas, a mór parte de surtos de progresso e melhoramentos que existem em Conservatoria.

De 1850 a 1865 — mais ou menos — pela mesma época em que nos parece ter sido levantado o solar dos Moreiras — fôram construidas as casas pertencentes atualmente á viuva Adolpho Fins, e aos Srs. Coriolano Bittencourt, Luiz Montoni, Franklin Silva e do medico Dr. Henrique Pamplona (domiciliado em São Paulo) — e mais algumas propriedades nas ruas principaes, do Commercio e Direita, e nas da Estação, Santo Antonio e Bemfica.

Outros immoveis, erguidos igualmente no sexto decennio do seculo passado até 1870, ainda se encontram, sob o aspecto architectonico da primitiva construcção, ou modificados num plano mais modesto.

Desapparecêram alguns predios de velha construcção, inteiramente arruinados.

No periodo de sensivel decadencia, devido á crise economica que se seguiu á lei de 13 de maio, muitos dos immoveis cahiram em ruinas e seus proprietarios, reduzidos á penuria, não os puderam concertar. Na tradição oral repetem-se as queixas de teimosos e imprevidentes proprietarios ruraes, attingidos e sacrificados pela gloriosa reforma social de 1888.

A desvalorisação dos predios foi tal que o aluguel de uma boa morada, com accomodações para familia de seis pessoas, não ultrapassava de dez mil réis.

Materiaes aproveitaveis dos predios ruinosos, fôram vendidos, por preços infimos para construcções noutros logares.

Quem percorre o arraial de Conservatoria, e contempla num dos pontos elevados da estrada de rodagem da Barra do Pirahy a casaria que se distende pelo valle, — apanha, num golpe de vista, o amontoado daquellas velhas edificações, — com a egreja de Santo Antonio, na singeleza de suas alvissimas paredes.

A edificação da terra é — velha, feia e forte. Bem poucas são as habitações, que dispoem de vastos terrenos.

Na construcção das primeiras casas, não se lembraram os proprietarios de cercal-as de pomares e jardins, e nenhum gosto artistico tiveram no arranjo das suas habitações.

Sobravam terrenos para isto, mas escasseavam intelligencias educadas nos preceitos de hygiene e conforto.

Era, aliás, naquelle tempo, a sedicção e atrazadissima visão dos mestres de obra — que norteava o gosto dos antigos.

Casa arejada e batida pelo sol, construida para muita gente, era um disparate. Dahi, essas construcções pesadas e feias, desprovidas dos mais elementares preceitos hygienicos.

Raramente cuidam os senhorios de concertar as casas ou, mesmo, de simples reparos e de caiação interna. Disto anda tambem muito esquecida a Municipalidade de Valença. Na indifferença musulmana com que pauta o seu programma administrativo em relação ao 3º districto, a Prefeitura sabe que existem em Conservatoria contribuintes de impostos, mas ignora que mereçam a accção protestora das suas leis.

Dous predios — só dous — foram em 1927 pintados e concertados. Um, o do Sr. Gastão de Moura Malafaia, cirurgião dentista, actualmente domiciliado em Barra do Pirahy, soffreu grandes obras, que o transformaram numa bella habitação. O outro, que lhe fica contiguo, propriedade do Sr. Coriolano Bittencourt, passou tambem por algumas reformas de menor extensão.

A pobreza das construcções assemelha-se á da escassez das obras e dos concertos.

Tres unicos predios se levantaram nestes dous ultimos annos.

Pertencem estes immoveis á usina da “Empreza Fluminense de Lacticinios” (rua da Estação), construidos em 1925; ao negociante Sr. Aulmo Lourenço de Souza (rua do Cemiterio), ultimado em 1925; e a igreja Presbyteriana, para o respectivo culto, á rua Direita, quasi na esquina da travessa da Felizarda.

O Templo Presbyteriano é um predio de sóbria construcção, mas elegante nas suas linhas architectonicas. Foi inaugurado a 13 de março de 1927. Custou vinte contos de réis, cabendo a principal iniciativa para a construcção ao Sr. Aulino Lourenço de Souza.

Naquella data eram em numero de oitenta e quatro os membros professos do culto, exclusive menores de seis a treze annos de idade, que attingiam a trinta e dous.

As primeiras reuniões para fundação da igreja realizaram-se em "Capoeirão", perto da estação de Pedro Carlos. A 7 de janeiro de 1912 installou-se o culto na casa de residencia de Hilario José de Paula. Reorganizou-se em 1927, a 15 de outubro de 1921. Contava vinte e quatro membros.

* * *

Numa casa, á rua da Estação — onde está installada a *Pharmacia S. José*, do prestativo e competente pharmaceutico Sr. Antonio Pereira Rosas — funciona a redacção d'*O Conservatoriense*, semanario industrial e agricola, scientifico e noticioso — de que foi proprietario e principal redactor, de 1881 a 1889 — João Parma Rodrigues de Mello, que viera de Vassouras em 1880.

Nos primeiros mezes de 1888, mudou-se a redacção para á rua do Commercio. Installou-se em predio do lado esquerdo, nas immediações da praça da Matriz.

Parma Rodrigues, pharmaceutico diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, manteve a principio o seu semanario com o auxilio fornecido pelos proprietarios ruraes, infensos ao movimento abolicionista.

Na desenvolvida "memoria", incluída no 1º volume do *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil* — sob o titulo "Imprensa do Brasil" — entre os jornaes e periodicos na Provincia do Rio, registra Max Flejuss — *O Conservatoriense*.

Acha-se, porém, nessa memoria alterado o nome de baptismo de Parma Rodrigues, devido, certamente, a engano typographico.

Em 1 de junho de 1902, appareceu o primeiro numero d'*O Municipio*, propriedade de Magalhães & Bastos, que se publicava quinzenalmente em Conservatoria.

* * *

Dentre os vetustos immoveis de Conservatoria — um se destaca em sua topologia pela originalidade da construcção.

E' a casa de sobrado, onde morou o velho Carlos de Andrade, ao lado da do senhorio do coronel Adolpho de Carvalho Gomes, e que numa das faces lateraes enfrenta com a estrada de rodagem da Barra do Pirahy e terrenos da chacara que pertenceu a Manoel Pereira Valentim. Está situada no fim de rua Direita, entre a rua Santo Antonio e a estrada de rodagem citada, com frente para a egreja parochial e muito perto da praça da Matriz.

Propriedade do Sr. Luiz Affonso Seabra, o vistoso sobrado, com nove janellas de peitoril — seis de um lado e tres de outro — tem um ar afidalgado dos solares de nossos avós.

Nota-se-lhe interessante porta, na face principal, e sobre a qual se entrelaça, dentro duma cercadura, caprichoso monogramma formado pelas letras *J. R. C.*

Ignora-se a data de sua construcção, por Francisco Leite Ribeiro, um dos abastados proprietarios agricolas no districto. De familia tradicionalmente ligada á historia de Conservatoria, uma de suas filhas, D. Luiza Leite Ribeiro, casou-se com José Ribeiro de Carvalho.

Por herança passou o predio afidalgado ao dominio deste, como cabeça de casal. Foi quem o reconstruiu, collocando aquelle monogramma na fachada.

Durante alguns annos occupou-o, como inquilino, o Dr. Bento de Azevedo Maia Rubião.

Medico, dos mais procurados no districto, o Dr. Rubião já exercia em 1859 a clinica, com seus collegas Drs. José Miniati e Luiz Henrique da Fonseca e o licenciado Manuel Domingos de Araujo Lessa, ajudado pelo boticario George Luiz Duvão.

José Ribeiro de Carvalho obteve, por herança e compra, fazendas nos districtos—entre outras a da *Bôa*

Vista, que pertencêra a seu sogro e é hoje propriedade do Sr. Gabriel Villela.

Nascido a 21 de maio de 1848, falleceu José Ribeiro de Carvalho a 6 de julho de 1896, contando 48 annos de idade. Sepultaram-no no *cemiterio novo* do arraial, em jazigo perpetuo da familia.

Era filho de João Gualberto de Carvalho, barão de Cajurú, importante agricultor no municipio de Valença, e dono de varias propriedades, inclusive a fazenda de *S. Lourenço*.

Do barão de Cajurú vimos bem conservado retrato a oleo, em medalhão, na sala de visitas da casa do coronel Adolpho de Carvalho Gomes, na fazenda do "Ribeirão Frio", em Dôres do Pirahy. O coronel Gomes e seu irmão Dr. Alfredo Gomes, são descendentes daquelle titular.

Um dos filhos de José Ribeiro de Carvalho, o de nome Mario, já fallecido, exerceu na vigencia do regimen republicano, o mandato de vereador municipal.

Distinguiu-se Mario de Carvalho pela conducta altiva, com que, fóra dos corrilhos politicos, defendeu na Camara de Valença, interesses do districto que o elegêra, pugnando por melhoramentos e obras no arraial de Conservatoria.

Não sabemos se José Ribeiro de Carvalho era aparentado com Joaquim Ribeiro de Carvalho.

O nome deste, — quasi homonymo do de José Ribeiro — apparece no *Almanach Laemmert*, de 1847, na lista de assignantes da Provincia do Rio de Janeiro.

Depoimento que nos prestou um dos mais velhos moradores de Conservatoria — octogenario intelligente e de boa memoria, recórda-o como proprietario de terras e lavouras nas divisas com S. José do Turvo. Pinta-o o nosso informante, activo e esforçado, que tudo deveu ao trabalho proprio, á energia vencedôra de uma vontade.

Joaquim Ribeiro de Carvalho, por alcunha — o *Gronga* — nasceu em Portugal.

Já encanecido e devendo sentir os estragos dos annos, fez um casamento infeliz, — do que lhe adveiu profundo desgosto.

De temperamento excentrico, dedicava-se ao estudo, em horas de lazer para o seu espirito, trabalhando por negocios da filha de Saturno...

Sahido da sua aldeiola provinciana — talvez cheio de mimos maternos — tomára rumo do Brasil, para aqui tentar a posse do sonhado futuro dos commendadores. Parece que venceu monetariamente, mas não foi feliz em negocios de amor.

Nada mais conseguimos destringar a respeito desse excentrico luzitano.

ACÇÃO DO MUNICIPALISMO E OUTROS FACTORES DE DESENVOLVIMENTO

Ruas, praças e travessas — Onde principiam e acabam — A lei do mimetismo nas nominações — Anachronica postura da Camara de Valença — O campo do Cruzeiro Football Club — Valor locativo e arrecadação do imposto predial — O commercio de Conservatorio.

Thomaz Cochrane, num folheto datado de 5 de julho de 1852, e impresso na *Typographia Imperial e Constitucional*, de J. Villeneuve & Comp., lembra o operoso subdito inglez os esforços que empregou para realização de seus planos ferro-viarios.

Sob o titulo — “O Dr. Cochrane ao respeitavel e sensato povo brasileiro” — que é minudente historico do projecto da companhia, elaborado em 1839, accentua Cochrane, com o proverbial espirito pratico dos filhos da loura Albion — que o traçado a adaptar deveria interessar ás regras de maior cultura agricola e de mais avultada população. Naquelle folheto, hoje rarissimo, allude o autor do projecto apresentado muito antes dos estudos para a constucção da Estrada D. Pedro II, ás varias phases das investigações procedidas e cita como centros de maior importancia, as villas, povoações, fluminenses de Vassouras, Valença, Conservatoria, Paty do Alferes, Pirahy, Arrozal, São João Marcos, Bananal, Barra Mansa, Rezende, etc.

Dessa situação de prosperidade se originou o arreamento de 1845 na terra dos Araris.

A' iniciativa de antigos vereadores da Camara de Valença, — no pouco que existe de beneficios do municipalismo, — muito deve a aprazivel localidade da Serra do Rio Bonito.

Exceptuada a illuminação electrica — que é da nossa época — tudo mais que se conhece, com defeitos e falhas, — é obra exclusiva dos antigos administhadores do municipio de Valença.

São em numero de doze os logradouros publicos no arraial de Conservatoria: — oito ruas, tres praças e uma travessa, abaixo discriminadas. Esses logradouros não têm placas, nem seus prédios são numerados.

RUAS — da Estação, do Commercio, Direita, do Cemiterio, Bomfica, dos Mineiros, Santo Antonio e das Flores.

PRAÇAS — da Estação, D. Luiza e da Matriz.

TRAVESSA — da Felizarda.

A rua da *Estação*, vae da praça D. Luiza á rua Bemfica — formando uma linha obliqua. E' plana e de pequena extensão; passa aos fundos da estação da via ferrea da Rêde Sul Mineira, em frente da praça da Estação.

As ruas do Commercio e Direita principiam na praça D. Luiza e terminam — a primeira na rua do Cemiterio, numa das faces da praça da Matriz, — e a segunda, na estrada de rodagem que se dirige á cidade de Barra do Pirahy. Fórmam essas duas ruas um angulo agudo, cujo vertice se encontra na praça Dona Luiza.

São os principaes logradouros, achando-se localizadas na rua do Commercio as melhores casas de negocio do arraial — o que lhe dá a primasia.

Ambas têm a mesma largura — onze metros, — sendo nove de leito e dous das calçadas lateraes. Extensas, rectas e planas, apresenta num pequeno trecho a rua Direita, ligeiro declive. Esta é um pouco mais extensa do que a do Commercio.

Tiveram, certamente, as denominações que conservam, em obediencia ao mimetismo nacional, — que crismou de — *Direita* — muitos dos tortuosos logradouros das nossas cidades — e de *Commercio*, algumas das vias publicas de cidades e villas provincianas.

A rua Direita, de Conservatoria, é das raras que não são tortas.

A chamada rua do *Commercio* vae da praça da Matriz, canto da rua do Commercio, até o local do velho cemiterio, situado do lado esquerdo, onde começa a estrada de rodagem para S. José do Turvo.

No lado direito, e na distancia approximada de noventa metros do velho cemiterio, fica a nova necropole do arraial.

E' sinuosa, plana e tem regular extensão.

A rua *Bemfica* principia ao lado direito do leito da via ferrea e termina na estrada de rodagem para Valença. Offerece algumas curvas e rampas em terreno bastante accidentado, numa parte. Atravessa esta via publica, na distancia de cerca de um kilometro do arraial, ao sul, o riacho dos Indios. E' o mais extenso dos doze logradouros de Conservatoria.

Extende-se a rua dos *Mineiros* em terreno irregular, desde a rua do Commercio até o alto do morro denominado — "Santa Cruz" — onde principia a estrada de rodagem para Santa Izabel do Rio Preto, passando pela estação "Pedro Carlos". O nome — *Mineiros* — parece ter sido dado, sem nenhuma razão justificavel e tão sómente para imitar o acto da Camara de Valença, que deu essa denominação a um dos logradouros daquela cidade.

Da rua Direita, em frente á praça da Matriz, até á linha da Rêde Sul Mineira, se estende a rua *Santo Antonio*. Tem de comprimento cento e cincoenta metros — mais ou menos. E' recta, em toda sua extensão, e, accidentada, exclusivamente, no trecho final.

A rua das *Flôres* — sinuosa e estreita — é formada pelo leito da estrada de ferro e termina no "viradouro" da mesma estrada, a uns cem metros da estação de Conservatoria.

A praça da *Estação* é limitada pela linha ferrea e rua da Estação. Denominou-se, temporariamente, — largo da "Misericordia" — quando ali esteve, num sobrado que desapareceu, pequena enfermaria destinada ao tratamento de variolosos, que não puderam ser removidos para a Santa Casa de Misericordia de Valença.

Constituida por pequeno trecho de terreno, entre as ruas do Commercio e Direita — encontra-se a praça *D. Luiza* — cujo nome recórda D. Luiza Leite Ribeiro de Carvalho, filha de Francisco Ribeiro e esposa de:

José Ribeiro de Carvalho. Ahi existiu um jardim com 13 metros de largura e 40 de comprimento, levantado por Hilario José de Paula, em virtude da concessão municipal de 23 de dezembro de 1913.

A praça da *Matriz* é a de maiores proporções. Está situada entre as ruas Direita, do Commercio, Santo Antonio e do Cemiterio. Numa das faces — na que principiam as ruas do Cemiterio e Santo Antonio — ergue-se a igreja parochial e, ao lado desta, um baracão para os costumeiros leilões de prendas.

A unica travessa é conhecida pelo nome de — *Felizarda*. Plana e recta, tem approximadamente trinta metros de extensão. Communica a rua do Commercio com a Direita.

Diz-nos gracioso informante, provir sua denominação de *felizarda* mulher, que enriqueceu com casa de hospedagem — um tanto suspeita pela casta de gente que a procurava.

Os logradouros que enumeramos não merecem nenhuma attenção dos poderes municipiaes. O capim se alastra sobre o leito calçado das ruas do Commercio e Direita, e das demais — dando-lhes aspecto de longinquo logarejo de sertão. Antiquada postura — semelhante á que subsistiu na cidade do Rio de Janeiro até principios do seculo passado — obriga os proprietarios de predios a capinarem as testadas de suas propriedades.

Nos tempos coloniaes, o *Juizo da Almotaceria* e o "Senado da Camara" compelliam, sob pena de condemnação, proprietarios cariocas á obediencia daquela postura. E, sem *tugir nem mugir* — elles se submettiam. Mas, os de Conservatoria, fazem *ouvidos de mercador* ás ordens da Prefeitura de Valença...

Já é tempo da Camara Municipal modificar a anachronica postura. — Ella tem algum cabimento, em relação ás estradas de rodagem, mas é inaceitavel sua observancia em logradouros de um villarejo. Organize-se, em logar disto, modesto serviço de limpeza, para a séde do districto de Santo Antonio do Rio Bonito — dispensando-lhe o jovem Prefeito de Valença um minuto de protecção.

A pobresinha vive a triste existencia dos desherdados da sorte.

Só lhe conhecem deveres em dias designados para farças eleitoraes, e, quando o implacavel fisco municipal, exige o pagamento de tributos.

* * *

Conservatoria como todo povoado que se preza — copiando o ultimo figurino da moda e a mais recente novidade dos grandes cidades nucleos de população — não pudera escapar á febre do jogo da bola.

Na praça da Matriz, estabeleceu o “Cruzeiro Football Club” o seu *campo* e com auxilio de fazendeiros do districto e negociantes e moradores do arraial fundaram os Srs. Frederico Guilherme Hildebrandt, Arnaldo Luiz Simões e Sylvo Teixeira a 1 de abril de 1927, essa associapção, realizando a 21 do mesmo mez e anno o primeiro *match*.

Attinge o numero de associados a cento e cincoenta.

O local escolhido para o “campo” se nos afigura dos menos apropriados por se tratar da principal praça da povoação, ladeada por casas de familias, — que vivem justamente assustadas com os “esbarros” das bolas, por occasião dos jogos.

Antes do “Cruzeiro Football”, o afamado jogo breião foi representado na localidade pelo “Progresso Football Club” — organizado em 1920 por Antonio Luiz Montoni e outros. Pretendeu este Club, da municipalidade, cessão de terreno, na praça da Matriz, e isenção de impostos. Obrigando-se a fazer respeitar o espaço destinado ás barraquinhas durante as festas de Santo Antonio. A 24 de abril daquelle anno foi negado o pedido, sob o principal fundamento de não ter o club organização legal e personalidade juridica para assumir compromissos.

Depois do fracasso do “Progresso Football Club”, organizaram alguns moradores o “Guarany Football Club” e o “Sport Club Conservatoria” — que tiveram tambem ephemera existencia.

Possuem maior numeros de predios as ruas do Commercio, Direita e Bemfica.

No ról de lançamento do exercicio de 1926, constava a inscripção de 141 predios em todo districto de Santo Antonio do Rio Bonito. Ignoramos o numero dos

terreos, assobradados e de sobrados, por não nos ter respondido a Prefeitura ao quesito que formulámos.

Dentro do povoado de Conservatoria ha cerca de 130 immoveis, sujeitos a lançamento e cobrança do imposto, que constitue renda municipal. Só os templos catholicos e acatholicos (Egreja Presbyteriana) gozam de isenção.

Não figuram em lançamento as casas de morada das propriedades agricolas — cujos valores são incluídos no imposto territorial, cobrado pelo Estado.

De conformidade com os aligeirados esclarecimentos que obtivemos do Sr. André Ruggeri, contador da Prefeitura de Valença, o lançamento do exercicio de 1926 apurou para aquelles cento e quarenta e um predio, o valor locativo total de Rs. 41:864\$000. Arrecadou-se no mesmo exercicio a somma de 3:836\$400 — de quótas do imposto predial. Pela divida activa do municipio restava cobrar-se uma boa somma de contribuintes em atrazo.

* * *

COMMERCIO, PEQUENAS INDUSTRIAS E PROFISSÕES — Em todo districto de Santo Antonio do Rio Bonito foram collectadas no exercicio de 1926 — quarenta e nove casas de negocio, — das quaes mais de 40 situadas na área do povoado de Conservatoria. A arrecadação do imposto de licença commercial produziu para os cofres da municipalidade de Valença — segundo os dados que nos forneceu o contador da Prefeitura, — a cifra de 7:382\$. E' relativamente animado o commercio local, parecendo-nos que excede mesmo ás necessidades da população.

Podem ser assim discriminadas as casas de negocio que, até 31 de dezembro de 1927 funcionavam devidamente licenciadas: — *Comestiveis, fazenda, armazinhos, louças, calçado, etc.* — 12; *padarias* — 3; *pharmacias* — 2; *botequins* — 2; *barbeiros e cabelleiros* — 2; *alfaiates* — 3; *açougue* — 1; *dentista* — 1; *pedreiros* — 3; *carpinteiros* — 4; *marceneiros* — 2; *ferrador* — 1; *alugador de animaes* — 1; *olarias* — 2; *fabricas de queijo* (pequena industria) — 2.

Entre os principaes negociantes de comestiveis, fazendas, armazinhos, etc., citaremos os Srs. Aulino Lourenço de Souza, Raphael Barra Sobrinho e Laurindo Couto, estabelecido o primeiro á rua do Cemiterio,

e os demais na rua do Commercio. As padarias estão localizadas nas ruas — do Commercio (Reginaldo Gomes de Moura); Direita (Silveira & Filhos) e Bemfica (Bartholomeu Barra).

As *pharmacias* “S. José”, propriedade do Sr. Antonio Pereira Rosas desde 1921, e “Santo Antonio”, do Sr. Manoel Luiz Simões funcionam, respectivamente, nas ruas da Estação e Direita. No local onde se vê hoje a *pharmacia* “S. José” ou nas suas imediações, esteve a *botica* de João Lopes Bastos (formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro), que era frequentada pelo Dr. Maia Rubião e, ainda em 1902, pelo medico e cirurgião Dr. Henrique Pamplona, que allí davam consultas. No mesmo local da *pharmacia* “Santo Antonio” foi estabelecido o *pharmaceutico* Luiz Campos, que falleceu em 1926.

João Alves de Freitas e José Siqueira exploram os officios de cabeleireiros e barbeiros, em pequenas casas situadas á rua do Commercio.

Dos dous hotéis — um é o da “Estação”, ponto de almoço para os passageiros da Rêde Sul Mineira, e o outro foi inaugurado a 1 de setembro de 1927, com o titulo de — “Conservatorio Hotel”, á rua do Commercio.

O hotel da “Estação” é propriedade do Sr. Annibal Marques Duarte e tem a dirigil-o D. Aurora Duarte esposa do proprietario. E’ o antigo hotel *Baptista* do velho e conhecido proprietario e morador de Conservatoria Sr. Domingos Baptista, fallecido em 1927, que o traspassou em 1925 ao Sr. João Cunha, tendo sido tambem administrado por João Pegas, genro do antigo negociante Sr. Luiz Muntoni. O “Conservatoria Hotel” é administrado pela Sra. Elvira de Andrade Magalhães.

Na época dos veranistas — de outubro a março — ficam repletas as casas de aluguel e os hotéis, animando-se o arraial com festas e bailes.

Os Srs. Floriano Vieira Ramos e Benjamin Miguel são os donos das duas olarias. Ambos têm suas fabricas nas proximidades do arraial.

A pequena industria de lacticinios é representada pelas fabricas da estação de Pedro Carlos e do arraial, na rua do Cemiterio.

Em fevereiro de 1927 estavam licenciados 8 automoveis particulares e 5 vehiculos de tracção animal. Havia cerca de 40 carros *cantadores*, de tracção bovina, pertencentes a fazendas e sitios.

Dentre as afreguezadas casas de commercio desapparecidas, em 1904, citeremos: a da viuva Fins & Comp., com armazem de seccos e molhados, fazendas, armarinho e ferragens; a de Vieira Pires & Filhos, com igual genero de negocio, accrescido de perfumarias; e a de Gabriel Antonio da Cunha, com armazem de comestiveis e armarinho.

Na metade do seculo passado a prosperidade economica proporcionava certa abastança e o commercio local era reflexo de fartura de recursos, advindos da exploração agricola. Contava o arraial com intenso commercio, sendo em numero de 19 os negociantes de generos alimenticios; 5 padarias, 2 hoteis, 3 lojas de ouriveis e relojoeiros, 2 farreiros, 3 marceneiros, 4 lojas de alfaiate e 5 sapateiros.

Em 1862 — com a febre da exportação do café — o hoje esquecido arraial de Conservatoria teve os seus grandes dias se opulencia. Trinta e dous negociantes disputavam a numerosa freguezia das fazendas e rondozas do districto. Dispunham de maiores e melhores relações na praça do Rio, as casas commerciaes de Antonio da Silva Ribeiro, Carlos José de Andrade, Manoel Gomes Martins, Manoel Pereira Valentim e Marques & Amarantes. Dous hoteis — o “Conservatoria”, de Modesto Antonio de Araujo, e o de Manoel de Oliveira Mello, offereciam boa hospedagem, não excedendo a diaria de 3\$000. O *Almanach Laemmert* de 1864, enumera as casas commerciaes do arraial, e incluye no rol dos profissionaes que alli se haviam estabelecido um afinador de pianos, de nome Carlos Jansen.

Já existia naquelle anno o matadouro publico de carne verde — localiazdo dentro do povoado. Por proposta do vereador João José da Silva, de 29 de março de 1885, removeram-no para o logar — Bemfica. Funciona presentemente em detestavel alpendre nas immediações da estrada de rodagem para Valença.

O talho ou açougue — que recebe a carne provin-da do matadouro, fica situado no começo da rua Direita. E' um casebre immundo, que está a precisar dos mais elementares cuidados hygienicos.

SERVIÇOS MUNICIPAES — CALÇAMENTOS —
 ABASTECIMENTO DE AGUA — ILLUMINAÇÃO
 PUBLICA E DOMICILIAR.

Dispendio com os calçamentos — Datas, notas e commentarios — Muita obediencia politica e pouca diligencia — A canalisação da agua — Defeitos no serviço e medidas a adoptar — Amnesia da Prefeitura de Valença — Illuminação á electricidade — A Empresa de Força e Luz — A antiga illuminação de Conservatoria.

Dos doze logradouros do povoado, tres ruas e faces de duas praças possuem calçamento á alvenaria.

A primeira rua a ser calçada foi a do Commercio. Em sessão da Camara Municipal, de 13 de janeiro de 1874, sob a proposta dos veriadores Dr. Marciano Antonio de Mello, José Paulino Pires e José Leite de Souza — mandou-se calçar, á alvenaria bruta, um trecho daquelle logradouro.

Pela somma de 11:152\$313, de accordo com o contracto celebrado a 1 de abril de 1874, executou esse serviço a firma social de Faria, Ariosa, Vilaronga & Comp.

A 27 de julho do mesmo anno por proposta do vereador José Paulino Pires, determinou a Municipalidade a continuação do calçamento da rua do Commercio — *entre a casa de Antonio Diniz e a praça da Matriz*, inclusive a face onde se ergue a igreja parochial. Incumbiu-se do respectivo serviço a firma acima alludida, á razão de 3\$290 o metro quadrado.

Em cumprimento á deliberação municipal de 29 de julho de 1878, iniciou-se o calçamento da rua Direita. Foi contractante do serviço o capitão Antonio Moreira Coelho Magalhães, — dispendendo-se num trecho, até encontrar a praça da Matriz, a quantia de 7:404\$380, e no trecho restante, a somma de 3:169\$742.

Parece não ter sido ultimada esta obra em 1878, porquanto, a decisão da Camara de Valença de 29 de março de 1879, mandou continuar o calçamento *até a estrada de rodagem que vae para Barra do Pirahy.*

A 12 de março de 1884 a Edilidade valenciana contractou com o prestimiso cidadão Carlos de Andrade o calçamento á alvenaria bruta, da rua da Estação — entre o então largo da Misericordia e a rua Bemfica — por 5:158\$800. Este melhoramento attingiu tambem á praça fronteira, occupada pela estação da antiga *Estrada de Ferro de Santa Isabel do Rio Preto.*

Muito antes de cuidar a Municipalidade de Valença de melhorar a pavimentação das ruas de Conservatoria, resolveram moradores deste povoado angariar donativos para o calçamento da ladeira da Matriz, naquella cidade, entregando ao presidente da Camara, em fins de 1843, o producto da subscrição destinada ao mesmo fim.

Apezar do longo periodo de duração — sem nenhum concerto — ainda se acham, relativamente, em bom estado de conservação, os calçamentos das tres ruas e das faces das duas praças que ennumeramos. As pedras ponteagudas fazem, entretanto, dos transeuntes habéis equilibristas castigando-lhes os pés. Pequenos reparos — recalçada a alvenaria e macadamizado o leito das ruas — proporcionariam melhoria no transito para pedestres e no trafego de vehiculos.

Isto não pensa longinquamente fazer a Prefeitura de Valença, — no lemma pratico de vida que adoptou — de muita obediencia politica e pouca diligencia...

Outro serviço municipal é o de abastecimento de agua — de que é dotado o arraial de Conservatoria ha cerca de meio seculo — antes que villas e cidades da Provincia do Rio de Janeiro gozassem desse melhoramento.

Remonta ao anno de 1873 a iniciativa para o abastecimento de agua potavel, pois nesse anno consignou o decreto provincial n. 1.824, de 3 de janeiro, a dotação de 8:000\$000 — destinada ás obras de canalisação.

Confirmou esse decreto o de n. 1.902 de 10 de julho ainda de 1873, em virtude de solicitação da Camara de Valença, sob proposta dos vereadores Domingos Custodio Guimarães e Drs. Luiz Pereira de Castro Filho e José de Rezende Teixeira Guimarães.

Tiveram as obras de captação grande augmento sob o plano do velho fazendeiro Antonio Moreira de Magalhães.

As aguas foram aproveitadas de uma das nascentes da serra do Rio Bonito — a pouca distancia do rio da mesma denominação — nos fundos do local do novo cemiterio. Abaixo da nascente construiu-se a caixa receptora — partindo dahi o encanamento para o chafariz, ainda hoje existente, levantado na praça da Matriz. Para attender ás necessidades dos moradores, inaugurou-se no transcorrer do anno de 1883 — entre as ruas do Commercio e Direita — o chafariz da praça D. Luiza. Construiu-se nessa occasião, um tanque destinado á lavagem de roupa e uma pequena bacia, que serve de bebedouro dos animaes de montaria.

Como fosse deficiente a agua para o crescente consumo da população, contractou a Municipalidade, a 22 de julho de 1895, com José Antonio Ribeiro, os reparos na linha adductora, mediante o dispendio de réis 5:000\$000.

Municipalisou-se nesse anno o serviço, que estivera, até então dependente do governo estadual.

As obras technicas de engenharia foram, por vezes, fiscalizadas pelo engenheiro francez Auguste Pralot.

Em fins de 1926 terminou a construcção de ampla caixa receptora — maior do que a antiga — em terreno cedido gratuitamente por Luiz Montoni, a cavalleiro da rua do Cemiterio. Essa caixa, mandada construir pelo Prefeito Sr. Monoel Joaquim Cardoso, está admiravelmente situada, num dos pontos mais altos da localidade. Foi construida sobre fortissimos alicerces de pedras, tijolos e cimento. Tem capacidade para vinte e um mil litros d'agua.

As duas caixas — a antiga e a moderna, não dispõem de nenhum aperfeçoamento no tocante á purificação do precioso liquido, separando-lhe os detritos organicos.

Até 31 de dezembro de 1926 era de trinta e quatro o numero total de pennas d'agua. E' uma pequena parcella, que chega a ser ridicula, no computo geral dos habitantes do povoado. Grande numero de casas tem canalisação particular — proveniente de nascentes, em chacaras e terrenos que vão ter a uma das encostas da serra do Rio Bonito. Outras habitações se servem das aguas de poços e cisternas.

Muito se resente o serviço municipal de abastecimento de agua do irregular conductor da nascente á caixa receptôra, dentro do arraial. Resente-se sobretudo, a canalisação da falta de uniformidade do diametro dos encanamentos.

Do reservatorio, recentemente construido, parte um unico encanamento de tres e pouco mais pollegadas de diametro, com varias emendas. E estende-se, exclusivamente, pelo sub-sólo da rua do Commercio, até á praça da Estação, em frente á usina da *Empresa Fluminense de Lacticinios*, sem nenhum ramal para os demais logradouros.

Nas ligações domiciliares, em sua maior parte, não ha registros de pennas de agua, nem caixas com o indispensavel aparelhamento.

Casas ha em que se não encontram torneiras, que regularisem o consumo, correndo canstantemente a agua — que assim se desperdiça, por falta de installações regulares.

As duas caixas receptôras parecem sufficientes para attender ás necessidades do consumo.

Falta, no emtanto, o essencial no serviço de abastecimento — uma boa linha aductora, — que distribua a agua necessaria a todos, cessando o flagello da escassez, da penuria de que tanto se queixam os moradores de Conservatoria.

E' dos problemas municipiaes o mais relevante, á espera de intelligente solução.

Quando Prefeito o Sr. Manoel Joaquim Cardoso, fôram restabelecidas as bases para se regularisar o systema de abastecimento d'agua e o de uma rêde de exgottos, que iria ter ao rio Bonito.

Causas diversas — cujos pormenores desconhecemos — impediram a execução desses melhoramentos.

Eleito recentemente o Dr. Olyntho de Castro, vereador pelo districto de Santo Antonio do Rio Bonito,

propôz a revisão da canalisação d'agua, ampliando-se a área de abastecimento — e tornando obrigatoria, em todas as habitações, a construcção de fossas sanitarias.

Estas medidas estão, aliás, incuidas no programma administrativo do director de Hygiene do Estado, o illustre Dr. Alcides Lintz.

Veremos se a amnesia da Prefeitura de Valença — que em vespuras de eleição promette *mundos e fundos* — tornará uma realidade o inestimavel beneficio proposto por aquelle esforçado discipulo de Hippocrates.

* * *

A illuminação electrica — publica e domiciliar — começou a funcionar com regularidade em 22, sendo, porém, a concessão pelo contracto de 1918. A 30 de dezembro deste anno foi assignado contracto com o senhor José Justino de Azevedo, para installação e conservação do serviço de illuminação electrica na séde do districto de Santo Antonio do Rio Bonito. O prazo da concessão é de 20 annos — com a subvenção annual Valença n. 192, de 31 de julho de 1918.

Para execução do importante melhoramento, valiosos se tornaram os esforços e a intelligente cooperação do vereador Gastão de Moura Malafaia.

Mais tarde, fóra das responsabilidades da vereança, constituiu-se o operoso edil num dos socios da empresa exploradôra do serviço, que tomou o nome de Nossa Senhora da Luz.

Na administração do Prefeito Dr. José Hyppolito Ramos Filho — digamos com inteira justiça — na gestão desse espirito emprehendedor, inaugurou-se o serviço de illuminação á electricidade. Nos logradouros publicos do povoado assentaram-se trinta e oito postes de madeira, com lampadas reflectoras — sendo vinte e quatro nas duas ruas principaes — Commercio e Direita.

A distribuição da energia electrica está presentemente á cargo da *Empresa Força e Luz de Conservatoria*. E' fornecida a energia por uma quéda d'agua situada entre as estações de Conservatoria e Pedro Carlos — em terras do Sr. José Justino de Azevedo e proxima do logar conhecido por "Ferradura". A qué-

da d'agua tem 32 metros de altura, segundo os esclarecimentos que nos forneceu o gerente daquella Empresa. Dista do arraial de Conservatoria — pelo leito da Estrada de Ferro da Rêde Sul Mineira — tres e meio kilometros.

Funciona alli um dynamo conjugado com turbina 25 H. P. e outro, inaugurado em 1926 — com 60 H. P. — de corrente alternada para 2.200 volts.

Não nos foi possivel conhecer qual o consumo (Kw-h) da illuminação publica e particular em 1926.

Em julho de 1927 havia 87 consumidores — oitenta e dous sem relogios e cinco com relogios-marca-dores.

O serviço tem melhorado sensivelmente, sendo agora raras as costumeiras interrupções de luz de outros dias — por culpa em parte, de Empresa, e devido á falta de fiscalisação. Esta só poderia ser má — quando a Prefeitura naquella época má pagadora da subvenção, não se sentia com autoridade para reclamar e multar.

Data de 1885 o primeiro acto dos poderes municipaes, beneficiando a séde do districto de Santo Antonio do Rio Bonito com o serviço de illuminação. A iniciativa partiu do vereador Adolpho de Carvalho Gomes, actual proprietario de terras entre outras a fazenda do "Ribeirão Frio", no districto de Dôres do Pirahy. Obrigou-se a governança provincial a fornecere, gratuitamente, os postes para a installação de candieiros a kerozene.

Suspensio por algum tempo o serviço, restabeleceu-o, porém, a Camara Municipal em 14 de agosto de 1899.

A 1 de junso de 1904 ficou resolvido que a illuminação — tanto da cidade de Valença, como a dos districtos do municipio — fôsse feita durante vinte dous dias em cada mez.

Não deveriam ser accessos os lampeões em noites de luar.

Em 1913, por acto municipal de 15 de maio, restabeleceu-se o serviço de illuminação de trinta velas — como nos infôrma o Sr. Luiz Damasceno Ferreira, no valioso elucidario de notas administrativas — que é a *Historia de Valença*

ESTRADA DE RODAGEM RIO-SÃO PAULO

JOSE' MATTOSO MAIA FORTE

A estrada Rio-São Paulo, que parte do Districto Federal, começa, no Estado do Rio de Janeiro, quando atravessa a ponte "Washington Luis", sobre o rio Guandú-Mirim, com 126 metros de extensão, mais ou menos, entre os^o kilometros 30 e 31 (contada a distancia do marco 0 em Campinho). Corre ella, ahi, pelos antigos campos de Marapicú.

MARAPICU'

Marapicú faz parte do 2.^o districto de Iguassú, o qual tem actualmente sua séde no povoado de Queimados, á margem da Estrada de Ferro Central do Brasil. A séde da freguezia esteve no povoado de Marapicú desde 1759 até 1911 quando, pela Lei n. 1008, de 11 de Outubro, transferiu para Queimados. Tornou em 1919, por determinação da Lei n. 1.634, de 18 de Novembro, para o primitivo logar, mas foi ephemera sua permanencia ahi porque uma nova Lei, a de n. 1.799, de 8 de Janeiro de 1924, fel-a voltar para Queimados.

A origem da freguezia foi a sesmaria concedida (Monsenhor Pizarro. *Memorias Historicas*, Livro IV) a Garcia Ayres, de 3.000 braças em quadro no *Mari-pocú*. Estas terras constituiram o patrimonio de uma das illustres familias fluminenses do Brasil-Colonia e do Brasil-Imperio. Possuiu-as no seculo^o XVIII o capitão-mór Manoel Pereira Ramos, que tambem era senhor de outras proximas e dos engenhos de Cabucú, Itauna e Pantanaes, na região do Guandú.

Do consorcio do capitão-mór Manoel Pereira Ramos com D. Helena de Andrada Souto Maior Coutinho nasceram, entre outros filhos varões, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, conde de Arganil, bispo titular de Zenopolis e effectivo de Coimbra, de cuja Universidade foi reitor; o desembargador João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, procurador geral da Corôa, em Lisbôa, e Ignacio de Andrada Souto Maior Rendon, brigadeiro do exercito do Brasil (Pereira da Silva, *Os varões illustres do Brasil*, vol. I. fls. 283). Estabelecendo-se em Lisboa o dr. João Pereira Ramos, este, sua mãe e outros filhos instituiram o morgadio de Marapicú para que aqui continuasse a mesma familia. O brigadeiro Souto Maior Rendon casou-se com D. Antonia Joaquina Luiza de Athayde Portugal, nascendo desse consorcio Manoel Ignacio d'Andrada Souto Maior Pinto Coelho, que foi barão e marquez de Itanhaen, tutor de D. Pedro II e senador pela provincia de Minas Geraes.

O morgadio extinguiu-se em nossos dias com o passamento do conde de Aljezur, camarista de Dom Pedro II.

Já ao tempo do brigadeiro, a região de Marapicú era alagada pelas cheias dos rios que a banham, o Guandú e seus afluentes da margem esquerda, que correm ahi em zonas planas e quasi sem declive. O brigadeiro, homem rico, senhor de terras e engenhos, fez enxugar e reduzir a terras lavradas, para criação de gado, uma grande área de pantanaes e varzeas apauladas na bacia oriental do Guandú, (Varnhagen. *Revista do Instituto Historico*. tomo V. fls. 227).

Como lavouras, tinha a freguezia as da canna de assucar, mandioca, milho e café, productos que eram transportados até os portos fluviaes de Meriti e Jacutinga e a Irajá, ou ainda levados pelo Guandú até á barra do Itaguahi.

O capitão-mór Manoel Pereira Ramos fundou em suas terras uma capella, que foi substituida por outra em terras doadas por elle sua mulher em 1752. O templo ahi construido serviu de capella curada e de matriz da freguezia creada por Alvará de 4 de Fevereiro de 1759. (Pizarro, op cit.; Cortines Laxe, *Regimento das Camaras Municipaes*, annotado por Macedo Soares).

O districto limita-se ao Sul com o Districto Federal, defrontando com os districtos de Campo Grande e Santa Cruz.

A *Consolidação das Leis e Regulamentos concernentes aos territorios das freguezias do Districto Federal* (Decreto Federal n. 3.232, de 5 de Janeiro de 1917) descreve deste modo a linha divisoria na zona confinante com Marapicú:

Campo Grande — Vem de Gericinó e, em recta, do pico desse nome, aos 887 ms., ás vertentes dessa serra e ás do Mendanha e Guandú, passando nos picos denominados Guandú (900 ms.) e Manoel José (350 ms.) até o de Marapicú (631 ms.); deste pico, segue pelo divisor de aguas até o Tingui ou Guandú-mirim, em frente ao morro da Bandeira e, por esse rio, até o marco limite da antiga fazenda de Santa Cruz, junto da pequena lagôa formada pelo mesmo rio, outrora denominada Mooguarrehiba.

Santa-Cruz — Do mesmo marco, pelo leito do Guandú-mirim até sua foz no Guandú.

O Estado do Rio de Janeiro não accete esta linha divisoria, mas uma outra, que vae do Realengo em recia até a confluencia do rio da Prata com o Mendanha e segue pelo rio Tingui ou Guandú-mirim até sua foz no Guandú e por este abaixo.

A divergencia é grande: pela linha federal, o massiço Gericinó--Marapicú é dividido, ficando no Districto Federal a região cujas aguas, desde os cumes, vertem para elle; pela divisoria fluminense, o massiço fica integralmente dentro do Estado.

Além dos rios já mencionados, banha o districto de Marapicú, nesta parte do Sul, o ribeirão do mesmo nome, que se lança no Guandú.

A orographia da região resume-se no massiço de Marapicú, cujo cimo está a 631 ms. sobre o nivel do mar.

A Estrada de Ferro Central do Brasil corre pelo territorio do districto, ao Norte, e possui ainda o ramal de Austin a Santa Cruz, cortando-o de Norte a Sul. De Austin para Carlos Sampaio, a ligação está feita por um ramal da Linha Auxiliar.

A estrada de rodagem Rio-São Paulo desenvolve-se na parte meridional do districto, em cerca de 8 kilometros, passando por uma ponte elevada sobre o primeiro daquelles ramaes, na fazenda do Paraiso.

ITAGUAHI — BANANAL — SEROPEDICA

Transposta a ponte "Victor Konder", de 91 ms. de comprimento, sobre o rio Guandú, no k. 39,300, o viajante entra no municipio de Itaguahi, no antigo districto do Bananal, anteriormente de Nossa Senhora da Conceição do Bananal e hoje Seropedica.

A freguezia teve por origem uma capella construida em terrenos doados por DD. Francisco do Amor Divino, Maria Rosa do Nascimento Pereira de Souza não só para aquelle fim como para a construcção de um cemiterio e de um logradouro publico. A capella foi edificada com o auxilio de subscrição publica, concorrendo os cofres da provincia com 20:000\$000 para as obras e 1:200\$000 para as alfaias.

Em 1846 creou-se o curato (Decreto n. 398, de 20 de Maio), assignalando-se-lhe os seguintes limites: na margem do rio Itaguahi o lugar denominado Vallão dos Bois; por este á estrada de Piranema e desta á do Taquari e dahi até o Mineiro (deve ser a *Mineira*, estrada que por ahi passava); dahi, pela estrada do do Rei á da Onça; por esta á fazenda do Bom Jardim., terminando na estrada geral, no ribeirão da Onça, descendo sempre pela mesma estrada geral á margem do rio Itaguahi. Entrava pelo caminho situado aos fundos da casa de Antonio Barbosa de Araujo, ficando, portanto, para o curato do Bananal, todos os fogos do lado direito, compreendidos desde o ponto de partida dos limites. Dentro destes, ficava a feitoria de Periperi, da casa imperial, e onde, segundo o Sr. Paulo Setubal, no seu romance *A Marquiza de Santos*, o primeiro Imperador do Brasil teria esbofetado o marido da famosa dama (logo depois da annullação do seu casamento), por haver escripto uma carta com termos injuriosos em relação a D. Domitilla.

Formou-se a freguezia com terras desmembradas

das freguezias de São Francisco Xavier de Itaguahí e São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages.

Elevado o curato á categoria de freguezia pelo Decreto n. 549, de 30 de Agosto de 1851, assim subsistiu, passando, com a divisão municipal feita pelos Decretos ns. 1 e 1-A, de 8 de Maio e 3 de Junho de 1892, a ter a denominação de Bananal, simplesmente.

Em 1924, pela Lei n. 1.801, de 8 de Janeiro, perdeu o povoado os fóros de séde, que foi transferida para o lugar denominado Patioba.

Recentemente, porém, o municipio de Itaguahi foi modificado em sua divisão districtal (Lei n. 2.069, de 29 de Novembro de 1926), passando a contar cinco e não tres districtos. Os novos, então creados, têm por sédes os povoados de Caçador, no interior, e de Corôa Grande, no littoral, á margem do ramal de Mangaratiba, da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Ao districto de Bananal foi dada a denominação de "Seropedica", com séde na antiga fazenda de Santa Tereza, ora de propriedade do Sr. Cassiano Caxias.

Suas divisas, ao Norte, absorveram completamente o pouco que ainda restava, aquem do ribeirão das Lages, á antiga freguezia e districto de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages. O novo districto, Seropedica, tem por divisas o rio Teixeira, affluente de Itaguahi, o ribeirão das Lages, a estrada do Caçador e as aguas vertentes da serra do Carrapato até o Bom Jardim, confinando, pois, com o municipio de Iguassú (desde o rio Guandú até o ribeirão São Pedro) com o de Vassouras, desde o São Pedro até o ribeirão das Lages e com o primeiro (villa), 3º (Macacos) e 4º (Caçador) districtos de Itaguahi.

A denominação de Seropedica provém do facto de ter sido iniciada em 1844 por José Pereira Tavares a criação do bicho da seda e a-fiação e tecelagem da seda. Apezar de auxiliado pelos cofres provinciaes e de haver chegado a fazer o plantio de 120.000 pés de amoreira, Tavares não foi feliz no seu empreendimento tanto que o governo provincial, disposto a animar a industria nascente, constituiu em 1864 uma comissão de que fizeram parte, entre outros, o visconde

de Barbacena e o barão de Mauá para organizar uma companhia que a dirigisse. D. Pedro II, que visitou o estabelecimento em 1851, fez-se accionista da nova empresa. Nem com tão alto patrocínio a empresa vingou. Foram esgotados os recursos, e embora o estabelecimento chegasse a ter cerca de 200.000 pés de amoreiras e enviasse para a exposição de Paris, em 1856, pa. Esta industria tambem não prosperou.

Foi sua contemporanea em Itaguahi, a do assucar, havendo dois inglezes, os srs. Dodgson e Coats, aquelle em Arapucaia, installado usinas com os mais modernos machinismos e processos usados na Europa. Essa industria tambem não prosperou.

As terras do districto, na parte oriental e septentrional, facilmente alagaveis com as cheias do Guandú e do Lages, elevam-se na parte occidental, tendo os primeiros contrafortes da serra de Itaguahi da qual é um dos extremos, ao Norte, a serra do Cambraia.

Pelo centro do districto corre a Rio-São Paulo até o ribeirão das Lages.

Antes, porém, passa pela fazenda do Sr. Cassiano Caxias, a qual pertenceu ao visconde de Sepetiba e á Imperial Companhia Seropedica Fluminense. Está a fazenda a 15 ks. de Belém, a 16 ks. de Itaguahi e a 22 ks. de Santa Cruz.

Começa a subir e attinge a mais de 100 metros de altitude na garganta da Viuva Graça (k. 56). Desce novamente e torna a subir para cortar a garganta de Pouso Alegre (k. 59).

São estas duas gargantas os pontos mais pittorescos do percurso, no Estado, avistando-se, de um lado, o povoado do Bananal, com sua capellinha branca, e, do outro, a planicie que se estende para e pelo Districto Federal. Da garganta de Pouso Alegre a estrada desce e entre os ks. 62 e 63 atravessa o ribeirão das Lages e segue pela margem esquerda deste até passar, entre os ks. 68 e 69, por uma ponte, sobre a linha ferrea da Light que se dirige de Lages, no ramal de Paracambi, para Fontes, onde estão as usinas hydro-electricas.

Detenhamo-nos, porém, um pouco, nesta parte da bacia do Lages.

SÃO PEDRO E SÃO PAULO DO RIBEIRÃO DAS LAGES

Entre as duas gargantas a que nos referimos, ha uma estrada estadual que vae ter ao decadente povoado de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages.

Informa Cortines Laxe (*op. cit.*) que o bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro, D. Caetano da Silva Coutinho, em visita episcopal que fez em 1832, teve a idéa de ahi edificar uma capella em que os fieis, até ali dependentes da freguezia de Marapicú, pudessem ter os soccorros espirituaes da Egreja e na qual fossem celebrados os actos do culto. Elle proprio concorreu com 4:000\$000. Com este e o auxilio dos fieis, foi a capella construida sob a invocação dos Apostolos São Pedro e São Paulo. Seu patrimonio constou de um terreno de dez braças quadradas, adquiridas pelo capitão Victorino Figueira, que as doou para a construcção da capella e do cemiterio.

Em 1836, pelo Decreto n. 77, de 29 de Dezembro, foi a capella elevada á categoria de freguezia, sob a referida invocação, sendo desannexado o respectivo territorio da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú.

Confinava a freguezia com as de Sant'Anna do Pirahi, Sacra Familia, Nossa Senhora da Conceição de Marapicú e São Francisco Xavier de Itaguahi. Da primeira, era separada pelas aguas vertentes para o ribeirão dos Macacos; da segunda, pelo mesmo ribeirão, desde as nascentes até sua foz no Lages, e por este ribeirão abaixo até sua confluencia com o São Pedro; com a terceira, pelo rio Guandú. Estas divisas foram traçadas pelo Decreto n. -54, de 7 de Maio de 1839.

Creado o curato e depois a freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Bananal, confinou com esta, que se interpoz entre a primeira e a de Marapicú.

O districto e a freguezia subsistiram assim até que o Decreto n. 133, de 18 de Outubro de 1890, reduziu seu territorio, que já se limitava, nessa época, com a freguezia de São José da Cacaria, creada em 1850 dentro do municipio de São João Marcos, então São João do Principe, transferindo-se para o municí-

pio de Pirahi uma parte d'elle. Esta parte foi a zona que, partindo da antiga *ponte coberta*, no ribeirão das Lages, seguia o curso deste, aguas abaixo, até uma ponte que dava passagem para a fazenda do dr. Pedro do Gordilho Paes Leme. Dahi, a linha se dirigia para o alto da serra, atravessando a estrada que ia para Macacos, apanhando as fazendas do Araribú e Saudoso Retiro, pelas respectivas linhas divisorias. Seguia pelas divisas da fazenda do Sabugo, pertencente ao tenente José Ayrosa, indo apanhar a fazenda de Pantaleão Azevedo, dentro dos respectivos limites e por sua divisão; e dahi ao alto da serra até encontrar as divisas com o municipio de Pirahi.

Perdeu, com isso, a freguezia, uma porção de terras situadas á margem esquerda do Lages.

Em 1895, a Lei n. 201, de 6 de Dezembro, transferiu do povoado de São Pedro e São Paulo do Ribeirão das Lages a séde do districto para o povoado de Macacos, á margem direita do ribeirão deste nome. Em frente, á margem esquerda, estende-se tambem outro povoado, mas já dentro do municipio de Vassouras, para onde foi transferida a séde do districto de Belém (de Vassouras), pela Lei n. 1619, de 6 de Novembro de 1919, a qual dista 12 ks. da Rio-São Paulo.

Corre nas proximidades do districto, á margem esquerda do Lages e do Macacos, o ramal de Paracambi, da Estrada de Ferro Central do Brasil, o quel tem pouco menos de 5 ks. desde o ponto de bifurcação (Estação Guedes da Costa).

São Pedro e São Paulo poderia ter tido outra sorte se por ali passasse a linha do centro da antiga Estrada de Ferro D. Pedro II, porque houve o projecto, quando se estudava o respectivo traçado, de leval-a por ali e pelo valle do Macacos (ribeirão atravessado na serra, em Rodeio, pela linha ferrea) até o alto da serra, em busca do valle do Pirahi. Como é sabido, o projecto não teve execução, construindo-se a linha pela serra e vertentes do rio Sant'Anna.

Rica era então a zona a que São Pedro e São Paulo servia de ponto de passagem, apesar de flagellada pelas cheias do Lages.

Quando os lavradores da região proxima e de serra acima, no Pirahi e São João do Principe, viram que a D. Pedro II não lhes serviria, contractaram com a companhia constructora assentar, á custa delles, o ramal de Macacos, encampado em 1865 pelo governo imperial.

Se por ahi o movimento de tropas de cargas era grande, antes da construcção da D. Pedro II, como passagem dos municipios de serra acima, e de São Paulo e Minas Geraes, em busca das vias fluviaes de Itaguahi e Iguassú, ainda se manteve quando a estação de Belém foi inaugurada. O declinio começou quando a via ferrea transpoz a serra e avançou pelo valle do Parahiba. As estradas deixaram de ser conservadas porque desaparecera o trafego de viajantes e cargueiros e as proprias lavouras foram abandonadas por outras mais proximas do valle do Parahiba.

Por outro lado, a primitiva séde de São Pedro e São Paulo foi perdendo sua importancia continuamente, até que o estabelecimento de fabricas de tecidos em Macacos lhe assestou o golpe de morte, levando para este povoado o movimento commercial e o administrativo.

Recentemente, o districto foi ainda mais despojado de seu territorio, desde que a Lei n. 2.069 de 29 de Novembro de 1926, levou as fronteiras do districto de Seropedica (antigo Bananal) até o ribeirão das Lages.

Foi o districto servido outrora por varias estradas de rodagem. Ao Norte, corria a estrada dos Fazendeiros (tambem chamada de Matto Grosso), que, vinha do municipio de Pirahi e, cortando o de Itaguahi, penetrava no de Iguassú, indo entroncar com a da Policia. A estrada da Policia começava na Pavuna, em continuação á que ia do municipio neutro; passava por João Paulo, Mangueira, Manganga* (de onde partia um ramal para a villa de Iguassú), cortava os rios Iguassú, do Ouro, Santo Antonio, São Pedro, Sant'Anna, internava-se pelo municipio de Vassouras e, atra-

vessando o Parahiba, pelo de Valença, terminava no rio Preto, onde se fazia a passagem para Minas Geraes.

Mais distante, á direita desta, corria a estrada do Commercio, assim chamada por ter sido sua construção promovida pela Junta do Commercio da Côrte Partia da villa de Iguassú, ia a Santo Antonio das Palmeiras, cruzava os rios São Pedro e Sant'Anna, as serras do Tinguá e da Viuva e, pelo interior de Vassouras, passando por Pati, Ubá, rio Parahiba, se dirigia por Valença e Santa Thereza ás margens do rio Preto.

Mais ao Norte, já fóra das divisas do districto, passou posteriormente a estrada Presidente Pedreira, cujo ponto inicial foi em Santo Antonio do Matto, seguindo pela margem esquerda do Lages até ganhar o valle dos Macacos e galgar a serra. Dahi, corria por Santa Cruz dos Mendes até Ipiranga, atravessava o Parahiba para o municipio de Pirahi, indo até Conservatorio, no municipio de Valença.

A Oéste, corria a de Belém a São José da Cacaria onde se ligava á velha estrada geral de Itaguahi.

A Léste, passava a que de Itaguahi demandava Belém, passando pelo Bananal.

Para não alongarmos estas referencias a antigas estradas de rodagem, chamamos a attenção de quem desejar conhecer mais amplos detalhes, para os excellentes estudos que os professores Basilio de Magalhães e Clodomiro Vasconcellos publicaram na edição d'*O Jornal*, de 1927, commemorativa do Centenario do Café.

Proximo a São Pedro e São Paulo, mas em terras do municipio de Vassouras, está situada a fazenda que pertenceu ao capitão Pedro Dias Paes Leme., depois marquez de Quixeramobim. Paes Leme foi, como o registou a Historia Patria, encarregado de levar a São Paulo, em Dezembro de 1821, a mensagem dos fluminenses afim de que os paulistas representassem a D. Pedro no sentido de não deixar o Brasil; e desta fazenda partiu, á chamado de Joaquim José da Rocha, para o desempenho de tão importante missão. (Anotações á Biographia de Drummond, *Annaes da Bibliotheca Nacional*).

SÃO JOSE' DO BOM JARDIM

A' esquerda da estrada Rio-São Paulo, ainda no valle do Lages e a alguns kilometros de distancia, está o districto de São José do Bom Jardim, que teve a denominação de São José da Cacara até que a Lei n. 1.969, de 29 de Dezembro de 1873, mudou para aquella.

Primitivamente curato. São José do Bom Jardim foi elevado á categoria de freguezia pelo Decreto n. 519, de 4 de Maio de 1850, que a fez pertencer ao municipio de Itaguahi por estar dentro dos limites fixados para esta villa pelo Alvará de 5 de Agosto de 1818; mas a Deliberação de 23 de Agosto de 1854 e o Decreto n. 734, de 27 de Outubro do mesmo anno, determinando que os limites da freguezia fossem, na parte confiante com a de São Francisco Xavier de Itaguahi, os marcados pela Provisão do bispo, de 6 de Fevereiro de 1847 (menos o Sacco da Prata, que ficava para Itaguahi), dispoz que São José da Cacara continuasse a pertencer ao municipio de São João do Principe.

Imprecisos ou inconvenientes os limites com Pirahi, determinou o Decreto n. 858, de 26 de Agosto de 1856, que a divisa corresse pelo ribeirão das Lages desde a ponte deste nome, na estrada do Presidente (não confundir com a "Presidente Pedreira", que é outra), até a ponte de D. Luiza. Ainda pela mesma razão, a Lei n. 632 A, de 25 de Novembro de 1903, fixou a divisa do districto com o seu visinho de São Sebastião do Arrozal — impropriamente chamado até em documentos officiaes Arrozal de São Sebastião — pela estrada geral do gado, começando na ponte situada sobre o ribeirão das Lages, em frente a uma casa de negocio que pertenceu a Francisco Manoel Domingues, até á fazenda do Mathias e pela mesma estrada até o alto da serra do Mattoso.

Mais proximo de Pirahi, o districto mudou de jurisdicção, passando, em virtude do Decreto n. 155, de 8 de Dezembro de 1890, para a daquelle municipio, do qual se transferiu para São João Marcos, o districto de Passa Tres, pouco antes tambem incorporado ao mesmo municipio de Pirahi (Decreto n. 133 A, de 18 de Outubro de 1890 e Decreto referido, n. 155).

Pela nova divisão districtal de Itaguahi, confina com os districtos de Caçador e Seropedica, separando-a do primeiro a serra do Bom Jardim, cujo nome antigo é Cacaria.

A séde do districto é banhada pelo ribeirão Cacaria, affluente da margem direita do Lages.

A BACIA DO RIBEIRÃO DAS LAGES

São as aguas do Lages aproveitadas para a produção da energia electrica que se consome na Capital da Republica e em alguns pontos do Estado do Rio de Janeiro.

Em Fontes, a cerca de 11 kilometros do ponto em que a estrada Rio-São Paulo passa sobre a linha ferrea da Light, estão as usinas geradores.

A poucos metros destas elevam-se as montanhas entre as quaes a Light construiu a grande muralha que represou as aguas do ribeirão, no lugar denominado Salto, a 260 metros de altitude.

De uma a outra montanha, foi construida a muralha de uma altura de 25 metros e larga bastante.

Por traz desta muralha represaram-se o ribeirão e varios affluentes, formando um extenso lago cuja superficie é avaliada em 33 milhões de metros quadrados e cujas margens devem ter uma extensão de 300 kilometros, duas vezes o perimetro da bahia de Guanabara. Com elle desapareceu uma grande parte do valle.

Póde dizer-se que não é um lago, mas tres, embora sem solução de continuidade.

O primeiro vae do Salto ou da barragem, e é o de maior volume, até o ponto em que o Lages recebe as aguas dos ribeirões das Pedras (antigo Pouso Frio) e Guardinha; o segundo, desse ponto, pelo mesmo Lages, até Ponte Bella, com a ramificação do Sipó; o terceiro, vae da fóz do Araras e por este acima, até proximo da cidade de São João Marcos.

O lago principal, do Salto a Ponte Bella, mede 28.875 ms.; o das Pedras, desde sua foz em Santa Paulina, até ás terras de Nossa Senhora do Carmo, 8.750 ms.; o terceiro desde a Barra até a fazenda da Olaria 7.900 ms.

As aguas represadas supprimiram do valle do Lages uma superficie de cerca de 700 alqueires de terras de antigas fazendas e sitios. A pequena distancia do lago, na bacia do ribeirão das Pedras, estão as ruínas da séde do districto de São Sebastião do Arrozal. No extremo do terceiro lago fica, a 1 k. da represa, a cidade de São João Marcos, na bacia do Araras, em uma altitude de 480 metros.

A bacia do Lages é cercada a Nordeste, pelas serras das Lages, Caveiras e Araras, que, com estas e outras denominações, a separam da do Pirahi; a Sudoeste, é limitada pelas serras de Itaguassú e Catumbi, que com estes e outros nomes, a separam da bacia do Itaguahi. A serra das Caveiras, assignalada na carta geographica de Bellegarde com esse nome e na chorographia do Sr. Clodomiro Vasconcellos, figura na carta do Estado, de 1922, com a denominação de Caieiras. Milliet de Saint Adolphe, Candido Mendes, Homem de Mello e Moreira Pinto não o designam em suas obras.

Nas primeiras serras, que fazem parte da cordilheira do Mar, um dos pontos elevados, na bacia do Lages, é o morro das Colheres, cuja altitude é superior a 600 ms., havendo outro, no valle do Gardinha, o pico da Mãe Rosa, que se eleva a 584 metros.

São principaes affluentes da represa do ribeirão das Lages: da margem direita, o ribeirão das Pedras ou Pouso Frio; da esquerda, o Araras, o Sipó, o Gardinha e o Bonito. Estes dois ultimos vertem da serra das Araras; o Sipó, da mesma serra, ahi conhecida sob o nome de Crystaes; e o Araras, ainda da mesma serra, onde foi conhecida pelo nome de Parado. O das Pedras verte da serra de Itaguassú, na encosta opposta ás nascentes do Mazomba, affluente do Itaguahi.

O volume do lago foi ainda augmentado com o desvio de aguas do Pirahi, as quaes, captadas, vão se despejar no Araras através de um tunnel de 9 ks. de extensão, aberto na rocha da serra das Caveiras, e tão alto que dentro d'elle póde passar um homem montado a cavallo.

Voltando á estrada Rio-São Paulo, deixamos ainda, á sequerda, no k. 68.200 as ruínas da *ponte coberta*, que outrora ligava as margens e servia ás estradas de rodagem que por ahi passavam, de São José do Bom Jardim a Macacos e Belém e de Pirahi a Itaguahi

e Iguassú. Digamos ainda que á esquerda desta ponte, embora distante, ficava nas proximidades do Cacaria e do Lages, a Feitoria Imperial do Bom Jardim, propriedade que pertenceu á casa de Bragança, no Brasil.

SERRA DAS ARARAS-PIRAHI

Transposto o Lages, entra-se na região que foi assignalada pelo Auto de 29 de Setembo de 1801 para a villa de Rezende, categoria a que fôra elevada a freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre. Partia a divisa, nesta região, da barra do Pirahi, no Parahiba, por uma linha recta ao ribeirão das Lages e por este acima, até á serra, acompanhando-a até ás divisas com a capitania de São Paulo. Foi, pois, dentro dos limites fixados para a jurisdicção daquella villa, que se constituíram os municipios de Pirahi, São João Marcos, Rio Claro e Barra Mansa.

Pouco adiante do cruzamento com a linha ferrea da Light, começa no k. 69, a subida pelos contrafortes da serra das Araras, a qual se desenvolve em curvas até pouco depois do k 77. Passa-se de uma altitude de menos de 100 ms. a 400 ms., no alto. Nas proximidades do k. 74, está o *varandim*, onde se verá proximamente o bello monumento commemorativo da abertura da estrada, construido por iniciativa do Touring Club do Brasil.

O *varandim* offerece formosos panoramas, estendendo-se ao longe os cumes das serras. Estamos, depois, no valle do rio Pirahi, tributario do Parahiba.

PIRAHI

O municipio de Pirahi confina, ao Norte, com o de Barra do Pirahi, pelo rio Parahiba e pela linha formada pelos limites entre a fazenda de Botafogo e Vargem Alegre. Dahi segue em direcção ás nascentes do ribeirão da Divisa e por este ribeirão abaixo até sua foz no Pirahi. Por este vae até a foz do ribeirão da Sacra Familia, correndo pelo seu curso até encontrar as divisas do antigo districto de São Pedro e São Paulo; a Léste, com o municipio de Itaguahi pelas serras da Senhorinha e do Rodeio e ribeirão das Lages; ao Sul, com o municipio de São João Marcos, pela serra do Arrozal, vertentés do rio Pirahi até encontrar a estra-

da do Arrozal e por esta até a serra das Araras; a Oéste, com o municipio de São João Marcos, pelo correto confluyente (é o Guardinha) do ribeirão das Lages, que desagua em frente ao ribeirão Pouso Frio ou das Pedras, e por este ribeirão acima até encontrar as divisas do districto de São Sebastião do Arrozal, as quaes correm pela estrada geral do gado, até a serra de Catumbi; e com o municipio de Barra Mansa pela linha que, partindo da foz do ribeirão Tres Poços, segue por elle, aguas acima, até as cabeceiras e dahi vae terminar no Rancho dos Negros. Muito mais dilatado foi o territorio de Pirahi, pois nelle se compreeendia o municipio de Barra do Pirahi, creado em 1890.

O municipio teve por origem (Cortines Laxe, *op. cit.*) uma pequena capella que os moradores do local construíram em 1770, onde ainda hoje se acha a séde. A capella passou para a categoria das curadas, por Provisão de 15 de Outubro de 1811, e para a de freguezia perpetua por Alvará de 17 de Outubro de 1817.

Pizarro, nas suas *Memorias Historicas*, Livro V é mais noticioso. Diz que foi em virtude da Provisão de 21 de Fevereiro de 1772 que os moradores do sitio de Pirahi levantaram em terras da fazenda de Domingos Alvares Louzada uma capella de madeira. Obteve ella a categoria de curada porque a matriz de São João Marcos ficava a uma distancia de oito leguas por caminhos pessimos. O bispo D. José Caetano visitou-a em Outubro de 1811 e, attendendo a uma representação que lhes dirigiram tres mil fieis, ali creou uma nova freguezia, pela referida Provisão de 15 de Outubro, com jurisdicção sobre territorios até então pertencentes ás freguezias de São João Marcos e Rezende. Houve duvidas sobre a validade dessa creação, por não haver precedido approvação do Rei, que a deu, afinal, pelo Alvará de 17 de Outubro de 1817.

Sant'Anna do Pirahi subsistiu como freguezia de São João Marcos até que a Lei provincial n. 96, de 6 de Dezembro de 1837, a erigiu em villa. A categoria de cidade foi-lhe dada pelo Decreto n. 2.041, de 17 de Outubro de 1874.

A Lei de 1837 estabeleceu, porém, que suas disposições só teriam execução depois que os moradores do termo da villa houvessem edificado e mobilhado, ás suas expensas a casa da camara, jury e cadeia, con-

forme o plano mandado levantar pelo presidente da provincia. Approvado o plano em 24 de Março de 1838, tres dias depois o presidente constituiu uma commissão provisoria, composta dos srs. coronel José Gonçalves de Moraes, Silvino José da Costa, Felisberto Ribeiro Franco, Raymundo de Souza Breves e Manoel José de Barros Vianna, para promover a subscrição com cujo producto se deveria occorrer ás despesas.

No mesmo dia, treze cidadãos, moradores no termo da villa, assignaram um termo perante o juiz de paz da freguezia, obrigando-se por si e seus successores a assumir, por escriptura publica, o compromisso da construcção de taes edificios, preparando desde logo casa provisoria para a camara, cadeia e jury. Foram esses moradores os srs. Carlos de Souza Pinto de Magalhães, barão de Pirahi, Silvino José da Costa, José Luiz Gomes, Joaquim Gomes de Souza, Raymundo de Souza Breves, Felisberto Ribeiro Franco, Manoel Gonçalves Vallim, José da Conceição, Antonio José de Barros Vianna, Manoel Gonçalves Pereira, Manoel José de Barros Vianna e Domingos Pereira dos Santos.

Mas os pirahienses não quizeram esperar pela conclusão definitiva das obras a que se haviam obrigado, afim de terem a sua freguezia transformada em villa, com a qual teriam camara, cadeia e juiz. Trataram desde logo de preparar installações provisorias e antes de findar o anno de 1838 estas estavam promptas e já se havia feito a eleição para a primeira camara municipal.

As edificações definitivas ficaram concluidas em 1842, sendo aquelles cidadãos exonerados do compromisso, como o declarou a Deliberação provincial de 6 de Abril do mesmo anno.

Para constituição do termo de Pirahi, a Deliberação de 28 de Setembro de 1838 fixou os respectivos limites, dentro dos quaes se compreendiam os curatos de São João Baptista do Arrozal e de Nossa Senhora das Dores. Taes limites foram, com o correr dos annos, alterados, creando-se dentro do termo as freguezias e districtos de Santa Cruz dos Mendes, São Benedicto da Barra do Pirahi, São José do Turvo e Nossa Senhora das Dores, que formaram depois o municí-

pio de Barra do Pirahi; e, recentemente, o districto de Pinheiro.

O municipio de Pirahi perdeu extensa zona com a criação do municipio da Barra do Pirahi, por Decreto de 10 de Março de 1890, compensando-se-lhe com a annexação, feita pelo Decreto n. 133 A, de 18 de Outubro do mesmo anno, do director de Passa Tres, desmembrado de São João Marcos. Pouco depois, em Dezembro do mesmo anno, pelo Decreto n. 155, de 8, voltou Passa Tres para a jurisdicção de São João Marcos, que perdeu, com essa permuta, o districto de São José do Bom Jardim.

Registemos tambem que Pirahi esteve a ponto de perder a categoria de municipio, que com tanto esforço adquirira em 1838. De facto, o governador Portella, creando pelo Decreto n. 50, de 19 de Fevereiro de 1890, o municipio de Barra do Pirahi, transferiu para este povoado, elevado á categoria de cidade, a séde do municipio e da comarca. Pirahi passava a simples districto. O governador, porém, emendou o acto anterior, dando ao novo municipio, pelo Decreto n. 59, de 10 de Março do referido anno, outra formação e mantendo o que extinguiu.

O municipio de Pirahi é, em geral, montanhoso e suas terras partem de uma altitude de pouco mais de 400 ms., na serra das Araras, descendo a 360 ms. nas margens do Parahiba.

Seu clima é reputado salubre. Nem demasiado quente no verão, nem fria demais no inverno, a temperatura é suave como a daquellas altitudes. A cidade que lhe serve de séde, banhada pelo rio Pirahi, é muito pittoresca e começava a ser procurada como ponto de veraneio e de repouso para enfermos. Da decadencia em que esteve por muitos annos ia se reerguendo. Mas as esperanças desse lento reerguimento se dissiparam com a elevação das tarifas da Estrada de Ferro Central do Brasil. Anteriormente, o viajante ia do Rio á Barra do Pirahi por 4\$000, ida e volta, em certos trens diarios. Hoje, esta passagem custa muitissimo mais e, sómente nos domingos, ha passagens muito baratas. Todavia, o viajante poderá ir de auto-

movel pela estrada Rio-São Paulo e tomar, á direita da subida, no k. 81, mais ou menos, a estrada que da fazenda de Santa Rosa vae ter a Pirahi.

A estrada que, ao atravessar o Lages, entra em terras do 1º districto de Pirahi e por ellas continua, vae beirando e cortando morros, sem atravessar povoados. Dir-se-ia um deserto se não passasse pelas antigas fazendas de São Joaquim, (k. 81), Arlindo (k. 84), a 420 ms. de altitude e Rocinha (k. 88). Nas proximidades desta está a 540 ms. de attitude. Passa por Mato Dentro, a 560 ms., desce a 480 ms. no Sobradinho, depois do k. 96; e, na altitude de 460 ms., no k. 99 chega a Passa Tres que se separa de Pirahi pela serra dos Crystaes, correndo a linha pela estrada do Arrozal, ao Norte. Antes de se atravessar o povoado, corta-se a estrada estadual que o liga á cidade de São João Marcos e vai dahi a Mangaratiba pela antiga estrada, cujos bellos panoramas, na travessia da serra, são celebrados por todos quantos della se servem.

PASSA TRES — SÃO JOÃO MARCOS

Passa Tres é a unica séde de districto fluminense atravessado pela Rio-São Paulo.

E' o 2º districto do municipio de São João Marcos.

Como o fizemos ao passar pelo do Pirahi, recorramos a Monsenhor Pizarro.

Diz-nos este que, havendo João Machado Pereira e seus socios povoado as terras do sertão, além da serra de Itaguahi, teve origem a freguezia de São João Marcos, cuja capella foi primitivamente construida na fazenda daquelle lavrador.

Foi erecta com auctorização do bispo D. Frei Antonio de Guadelupe, em 1739, e não era filiada a qualquer das freguezias mais proximas. Arruinada a velha capella, deu-se inicio á construcção de um novo templo em 1768, no sitio de Panellas, o qual começou a servir aos fieis em 1801.

Era então vasto o territorio da freguezia. Diz Pizarro que, pelo rio Pirahi, que ficava distante tres leguas da séde, se limitava, ao Norte, com a freguezia

de Sant'Anna das Areias, do bispado de São Paulo; no mesmo rumo, rio abaixo, á distancia de 8 leguas, confrontava com a freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Parahiba Nova, sitio de Campo Alegre (Rezende); á de 5 leguas, ao Nascente, defrontava com a freguezia de São Francisco Xavier de Itaguahi; ao Sul, m distancia de mais de 3 leguas, limitava-se com as freguezias de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis da Ilha Grande e Nossa Senhora da Guia de Mangaratiba. Ao Poente, antes da creação da freguezia de Sant'Anna do Pirahi, fazia divisa com a da Sacra Familia do Tinguá. Creada a villa de Rezende, em Setembro de 1801, ficou a freguezia de São João Marcos sujeita á jurisdicção daquella, mas em 1811, os moradores do arraial e da freguezia requereram ao principe regente D. João que o arraial fosse erigido em villa, separando-se da de Rezende "para evitar os inconvenientes resultantes da distancia em que se achavam da côrte e da villa de Rezende, sendo-lhes penoso e prejudicial irem solicitar ás suas dependencias civeis e criminaes por caminhos muitas vezes impraticaveis, com grande prejuizo de suas lavouras e detrimento da publica segurança pela difficuldade de se punirem os delictos com promptidão e certeza, como convinha". E, constando a D. João que o "mesmo arraial e freguezia continha sufficiente povoação que cresceria mais com o augmento da agricultura, já muito adiantada, abrindo-se e cultivando-se com grande fervor terrenos vastissimos até então incultos e desaproveitados", desmembrou do termo da villa de Rezende o mencionado arraial e freguezia, erigindo-o em villa com o nome de São João do Principe.

Tinha, pois, São João do Principe a categoria de villa quando se installou o governo provincial em 1834. Nenhuma outra freguezia em seu territorio. Logo, porém, o Decreto n. 152, de 7 de Maio de 1839, elevou á categoria de freguezia a capella curada de Nossa Senhora da Piedade do Rio Claro, sendo depois creadas as freguezias: de Santo Antonio de Capivari, até então capella curada, pelo Decreto n. 270, de 8 de Maio de 1842; de Nossa Senhora da Conceição de Passa Tres, então curato, pelo Decreto n. 374, de 7 de Maio de 1846; de São José da Cácia, tambem curato, pelo Decreto n. 519, de 4 de Maio de 1850.

Mais tarde, por Deliberação de 3 de Setembro de 1890, foi creado o districto de São Sebastião do Arrozal.

Sant'Anna do Pirahi, que estava dentro dos limites de São João Marcos, foi, como já vimos, elevada a villa, passando a pertencer-lhe em virtude da Deliberação de 28 de Setembro de 1838, o curato de São João Baptista do Arrozal.

Do municipio tambem se desmembrou, pela Lei n. 481, de 19 de Maio de 1849, a freguezia de Nossa Senhora da Piedade do Rio Claro, tornada villa, compreendendo-se na sua jurisdicção a freguezia de Santo Antonio de Capivari.

Já no regime republicano, pelo Decreto n. 115, de 15 de Agosto de 1890, foi a villa elevada á categoria de cidade, e como a época era de banir tudo aquillo que lembrasse o regime decahido, a denominação de São João do Principe foi substituida pela de São João Marcos, que jamais deixou de ser o padroeiro local. Mas o Decreto só se referira á villa; a obra ficou completa com o Decreto n. 246, de 9 de Maio de 1891, que estendeu a todo o municipio a denominação da cidade.

Dest'arte, a intenção de ser perpetuada a lembrança do principe que creara a villa, ficou esquecida. Note-se que a memoria de D. João não merecia tal, pois o regente fôra amigo dos são joannenses. Occorre-nos um facto que bem o mostra: quando se creou a villa, o juiz, vereadores e officiaes da nova camara foram, em 18 de Junho de 1813, fixar os marcos divisorios, principiando no sitio de Barra Mansa. Persuadidos de irregularidades imaginarias, os vereadores de camara de Rezende tambem ali se apresentaram e deram voz de prisão aos outros. A isso se limitou o incidente, retirando-se uns e outros para as respectivas sédes. A camara de São João do Principe, porém, levou o facto ao conhecimento de D. João que, por intermedio da Mesa do Desembargo do Paço, desaggravou os são joannenses, mandando repreender severamente os rezendenses por seu "tumultuario, despotico e escandaloso" procedimento, advertindo-os de que se abstivessem de qualquer outro semelhante, na certeza de que seriam severamente castigados com as penas da lei das quaes os relevava por essa vez, sómente. E lhes impoz

o onus de pagarem as custas da diligencia. (Carneiro Maia, *Noticias Historicas e Estatisticas do municipio de Rezende*).

Passa Tres é um pequeno povoado que fica ao Norte do municipio, banhado pelos rios Pirahi e Passa Tres, este affluente do primeiro. E' o termo da antiga Estrada de Ferro Pirahiense, depois Viação Ferreira do Sapucahi, ora pertencente á Rêde Sul Mineira, e cuja estação foi inaugurada em 8 de Julho de 1883. Pretendeu-se prolongar a linha de Passa Tres até encontrar a de Barra Mansa a Angra dos Reis (Oéste de Minas), mas o projecto foi abandonado depois de preparado o leito. A conclusão de tal obra porá muitos municipios de Minas Geraes em communicacão directa com o mar.

Foi um dos pontos de convergencia e de passagem de estradas de rodagem. Por ahi passava a estrada geral de Itaguahi a São Paulo; depois, a do Presidente, que de Itaguahi se dirigia para o Picú, em Minas Geraes; dahi partia uma para São João Baptista do Arrozal; até ahi chegou o prolongamento da grande estrada construida pela Companhia de Mangaratiba, estando por essas vias ligadas a outras que iam ter ao valle do Parahiba.

No k. 104, mais ou menos, a estrada corta o rio Pirahi, que, vindo das suas nascentes, na direcção do Sul para o Norte, faz nessa região uma curva para tomar a direcção do Oriente. Está a estrada, então, a uma altitude de cerca de 450 metros.

POUSO SECCO-RIO CLARO

Corre ainda a estrada mais alguns kilometros por terras do municipio de São João Marcos e, ao atravessar a velha estrada do Rio Claro ao Alto ou Rancho dos Negros, entra no municipio do Rio Claro. Pouco adiante do k. 110 a estrada encontra a via ferrea Oéste de Minas, que se dirige de Barra Mansa para o Rio Claro e Angra dos Reis. A Rio-São Paulo corre mais ou menos parallelamente á Oéste de Minas, desde o k. 110 até o k. 116, a principio á esquerda (na direcção Barra Mansa-Rio Claro), e depois á direita. Chega-se a Capellinha, estação da mes-

ma via ferrea, entre os ks. 111 e 112 e avista-se a capellinha que deu origem á denominação local.

A' direita de Capellinha, o territorio do municipio do Rio Claro vae se afunilando: é no extremo dessa zona que se encontram as linhas divisorias de Barra Mansa, Pirahi e Rio Claro. A de Barra Mansa com Pirahi vem das nascentes do Tres Poços e se dirige para o Rancho dos Negros; a de Barra Mansa com Rio Claro vae do Rancho dos Negros até Banco d'Areia; a de Pirahi com Rio Claro vae de um ponto da linha divisoria Pirahi-Barra Mansa, aproximadamente na fazenda de São Sebastião, até encontrar a estrada do Arrozal, ficando para o Sul a divisa do Rio Claro com São João Marcos, e a estrada que vae do Rio Claro ao Rancho dos Negros.

No k. 116 a Rio-São Paulo afasta-se da Oéste de Minas, corta o rio Barra Mansa, passa a cerca de 2 ks. do Rancho dos Negros e já na estreita faixa meridional desse municipio, chega ao seu termo, Pouso Secco, na divisa com São Paulo. (121k.424).

"Pouso Secco! E' agora um mytho — disse o senhor Americo R. Netto n'A *Estrada S. Paulo-Rio*, fl. 151. Quando São Paulo foi provincia estava então no seu territorio, na serra da Bocaina, servindo de ponto de reabastecimento de animaes, talvez mesmo logar de pernoite. Era ahi que se cobravam os direitos. Hoje, compõe-se de duas casas, uma grande e uma pequena, onde quasi não mora ninguem e pouca cousa existe".

Pouso Secco, é isso, em synthese. Não chega a ser um logarejo. Sua notoriedade foi a de um ponto de passagem de tropas que iam e vinham do Bananal de São Paulo. E como era um ponto de passagem, o fisco fluminense estabeleceu ahi uma "barreira" para a cobrança dos impostos. A notoriedade voltou agora com a rodovia Rio-São Paulo e com o posto que o fisco fluminense estabeleceu depois de meio seculo da sua extinção.

Um pouco para o Sul de Pouso Secco, fica Banco d'Areia, também outrora ponto de passagem para o Bananal. Temos visto confundirem-se os dois logares, mas são distinctos, figurando ambos em uma carta da fronteira, que tivemos em mãos. Moreira Pinto também os distingue no seu *Diccionario Geographico*.

ASPECTOS ECONOMICOS

A região a que temos feito referencias — Pirahi, São João Marcos e Rio Claro — foi outrora de grande importancia economica para a provincia do Rio de Janeiro, pela intensa cultura do café e sua exportação.

Tomando por base uma estatistica de 1860, verificamos que Pirahi exportava annualmente 521.500 arrobas, sendo 341.500 de São João Baptista do Arrozal, 80.000 de Sant'Anna do Pirahi e 100.000 de São José dos Thomazes. São João Marcos concorria com 382.800 arrobas, sendo 229.900 do 1º districto e 152.900 de Passa Tres.

Rio Claro, exportava 33.600, sendo 9.000 de Santo Antonio de Capivari.

Em São João Marcos, era o commendador Joaquim José de Souza Breves, o maior productor, pois só elle concorria com 60.000 para um total de 229.900, seguindo-se-lhe Antonio Xavier da Rocha, com 10.000; o barão de São João do Principe, com 8.000; e outros (eram 90 ao todo), com 5.000 e menos. Em Passa Tres, era ainda o commendador Souza Breves o maior exportador, concorrendo com 40.000 em um total de 152.900. Seguiam-se-lhe o barão de Pirahi, com 14.000, e o barão do Rio Claro, com 10.000.

Em São João Baptista do Arrozal, no Pirahi, eram maiores exportadores: o commendador Souza Breves, 90.000, em um total de 341.500; José de Souza Breves, 90.000; Joaquim José Gonçalves de Moraes, 35.000; Francisco José de Oliveira, 25.000; e barão do Pirahi, 10.000.

No Rio Claro, o barão do mesmo nome era o maior, productor, dando 4.000 em um total de 24.600 arrobas.

Os tres municipios produziam e exportavam 937.900 arrobas. Como a exportação geral da provincia era de 8 a 9 milhões de arrobas, a dos tres municipios excedia de 10 por cento.

A abolição da escravidão foi a ruina dos tres municipios com o abandono das lavouras por parte dos libertos, desorganizando completamente o trabalho agricola.

Um anno antes da Lei Aurea, a estatistica accusava, em 30 de Junho de 1887, os seguintes numeros de

escravos: Pirahi, 6.038; São João Marcos, 3.064; Rio Claro, 761.

Vinha já em descida a curva da existência de escravos: em 1873, Pirahi contava 13.386 e em 1885. 10.780; São João Marcos, 7.810 e 5.206; Rio Claro 2.398 e 1.389. Quando, pois, se decretou a abolição da escravidão, havia os libertos sexagenários e os filhos de escravos, mas nascidos depois da Lei de 28 de Setembro de 1871.

A lavoura do café declinou rapidamente, mantendo-se ainda em certa escala no municipio de Pirahi, onde, comtudo, antigas e excellentes fazendas foram transformadas em campos de criação.

Hoje a exportação de café dos tres municipios não chega a attingir 0,7 % da produção geral do Estado, avaliada em mais de um milhão de saccos.

Quem tiver curiosidade de conhecer com mais detalhes o que foram os referidos municipios, a partir da metade do seculo passado, como centros de produção do café, encontrará abundantes informações em diversos artigos publicados na edição d'“O Jornal” a que já fizemos referencia.

Cultiva-se ainda em Pirahi o cafeeiro, mas se as terras já não se prestam a uma lavoura mais productiva da rubiacea, seu solo adapta-se ás culturas da canna de assucar e dos cereaes. Em São João Baptista do Arrozal e nas propriedades situadas á margem do Parahiba ha boas pastagens, desenvolvendo-se a industria pastoril.

Não conhecemos estatisticas, recentes da produção local. O “Questionario Agricola”, publicado em 1913 pelo dr. Dias Martins, director do Serviço de inspecção e Defesa Agricolas, attribuia ao municipio uma produção de 20.000 arrobas de café, 120.000 saccas de milho, 40.000 de arroz e 20.000 de feijão.

No municipio de São João Marcos, as terras são, em geral, boas para o plantio da canna de assucar, batatas e cereaes, principalmente arroz. Tem poucas zonas planas, sendo o solo geralmente montanhoso.

De grande productora de café, como vimos, passou a decadente, sobretudo depois da provação que sofreu em 1909. Sua população foi quasi que dizimada

pela malaria, provocada, segundo se disse e consta de documentos officiaes, pela represa do ribeirão das Lages. Em São Sebastião do Arrozal, em São João Marcos (cidade), a mortalidade foi elevada, emigrando a população rural que não morreu.

As terras do Rio Claro são altas, o clima salubre e o solo, de grande uberdade, presta-se ás culturas do café, canna de assucar, cereaes, fumo, batatas e mandioca.

Em 1910, segundo o mesma estatistica, a produção foi de 9.000 arrobas de café e superior a 40.000 saccos de cereaes.

Itaguahi foi um centro de commercio quer para tropas que vinham do interior, trazendo a produção agricola destinada á exportação quer para os portos nacionaes e para os centros do Rio de Janeiro, via Santa Cruz, levando, de volta, os productos de importação.

Em 1836 foi feita a concessão para a construcção de dois canaes, um do porto da Viuva ao Sacco da Madeira, outro da villa ao Porto do Casaca, no rio Itaguahi.

A construcção deste ultimo foi arrematada por Francisco José Cardoso, que propoz construir o canal entre o trapiche do Barroso e o porto do Casaca, com o direito de cobrar taxas de passagem por espaço de 100 annos. O canal tinha por effeito encurtar o caminho, de 1.000 braças, entre a villa e o Itaguahi.

Concluido o canal em Fevereiro de 1841, tentou o constructor arrendar o trapiche do Barroso, onde os embarques eram feitos pelas embarcações que subiam o rio; mas, não o conseguindo, obteve do governo provincial uma ordem prohibindo que se embarcasse café no rio, devendo forçosamente ser embarcado no canal, onde pagaria a taxa de 40 réis por arroba. Os que preferiam levar seus cafés até á beira do rio para ahi o embarcarem, estavam sujeitos, então, sómente á taxa de 10 réis por arroba, no trapiche. A differença era de palmo. Os fazendeiros revoltaram-se, fizeram protestos e reclamações que só cessaram em 1848, quando o governo provincial indemnizou o constructor do canal, franqueando a navegação do mesmo, independente de taxas.

Itaguahi concorria com os portos de Mangaratiba, Angra dos Reis e Parati, pelos quaes tambem se fazia a exportação dos municipios de serra acima, inclusive de São Paulo e Minas Geraes.

A estrada principal era a estrada "geral" que dali partia e se ligava com a que ia do Rio de Janeiro, via Santa Cruz.

Passava pelos aterrados do Teixeira e do Quilombo, subia a serra de Catumbi, descia na vertente opposta pelo morro do Andrade, feitoria de Santarém, Mathias Ramos seguindo proximo do ribeirão Pouso Frio (das Pedras) e Sipó, ffluentes do Lages; cortava este, passava proximo do morro das Colheres, seguia na direcção de Passa Tres e dahi a Pouso Secco, inter-nondo-se por São Paulo.

Essa via, que foi trilhada pelas tropas dos nossos bisavós, offerecia, porém, muitos inconvenientes. Por isso, o presidente da provincia, dr. Caldas Vianna, mandou fazer em 1844 estudos para uma nova estrada que, partindo do Sacco da Madeira, em Itaguahi, fosse terminar na serra do Picú, em Minas Geraes. Foi, uma vez construida, a estrada que se conheceu sob a denominação de "Presidente" (tão sómente e não "Presidente Pedreira", que é outra). Partia de Itaguahi, passava pelo Caçador, encruzilhada do Pavão e atravessava a serra de Catumbi. Na vertente opposta, affastava-se do traçado da "geral", rumando para São José da Cacaria, á margem do Lages, e, atravessando-o, seguia pela serra do Pires em demanda de Pirahi, São João Baptista do Arrozal, Barra Mansa, Rezende e Picú.

Em nossos dias, em documentos officiaes, encontramos a estrada dividida e descripta fraccionadamente. Assim, o relatorio do engenheiro José Augusto Devoto, annexo ao Relatorio do Secretario das Obras Publicas e Industrias, dr. Augusto de Abreu Lacerda, de 1895, diz a seu respeito: "começa na ponte sobre o rio Itaguahi, na divisa do Estado com o Districto Federal, atravessa a cidade de Itaguahi, ponto terminal do Ferro Carril de Santa Cruz a Itaguahi, vae ter á estação de Passa Tres, da Estrada de Ferro de Sant-Anna, da Companhia Viação Ferrea Sapucahi e termina na séde do districto do Arrozal, no municipio do Pirahi". Omisso quanto ao trecho de Arrozal a Bar-

ra Mansa, menciona depois o relatorio os ultimos trechos como sendo — mas erradamente — da estrada Presidente Pedreira, partindo da Divisa (hoje Floriano) para bifurcar-se em Boa Vista, indo um ramal para as divisas de São Paulo e outro para a serra do Picú.

A RODOVIA CONSTRUIDA E OUTROS TRAÇADOS

Referimo-nos, até aqui, á estrada Rio-São Paulo, depois de construida e ao que nos suggeriu o seu percurso.

Diremos agora algumas coisas sobre os seus antecedentes.

Tratando-se, em 1925, de uma grande rodovia que ligasse o Estado de São Paulo ao Districto Federal, através do Estado do Rio de Janeiro, o governo fluminense, a cuja frente se achava o sr. dr. Feliciano Sodré, tendo por Secretario da Agricultura e Obras Publicas, o sr. dr. Pio Borges, fez estudar os traçados mais convenientes, para resolver a respeito.

Foi disso encarregado, primeiramente, o engenheiro Fausto Lopes da Costa, que apresentou varios traçados.

O primeiro partia de Pouso Secco a São João Marcos, passando por São João Baptista do Arrozal e Passa Tres, com 58 kilometros, ou de Pouso Secco a São João Marcos, passando por Vendinha e Passa Tres, com 40 kilometros. De São João Marcos ia a Santa Cruz, com 65 kilometros, ou por uma variante, 57 kilometros. Traçado mais curto: 97 kilometros de Pouso Secco a Santa Cruz.

Segundo traçado — De Formoso, em São Paulo, a Rezende e dahi a Santa Cruz, passando por Barra Mansa, Pirahi, com 123 kilometros ou 108 kilometros, por uma variante. De Pirahi a estrada tomaria a direcção Paracambi-Nova Iguassú-Anchieta, ou Pirahi, Ponte Coberta-Santa Cruz, com diversas variantes.

Terceiro traçado — De Formoso a Rezende, Barra Mansa, Pinheiro, Arrozal, Passa Tres, São João Marcos, serra de Itaguahi, Itaguahi e Santa Cruz, com 126 kilometros.

Estudando esses traçados o dr. Aurelio Lopes Domingues, director de Obras Publicas, opinou por um quarto, cuja extensão não excedia de 97 kilometros. Partia de Pouso Secco, passando por Capellinha, Vendinha, Passa Tres, São João Marcos, serra de Itaguahi e Santa Cruz. Para uma estrada provisoria, aproveitando trechos já construidos, indicava o mesmo engenheiro o traçado Bananal-Barra Mansa, Pinheiro, Vargem Alegre Barra do Pirahi, Mendes, Rodeio, Paracambi, Belém, Nova Iguassú e Anchieta com uma variante de Paracambi, Ponte Coberta, Santa Cruz. O primeiro traçado provisorio teria 145 kilometros ou, adoptada a variante, 163 kilometros, mais ou menos.

A primeira bandeira da Associação de Estradas de Rodagem, de São Paulo, em Setembro de 1925, fez o percurso Bananal, Barra Mansa, Pinheiro, Pirahi, Paracambi, Belém, Queimados, Nova Iguassú, Anchieta, (que é mais ou menos o primeiro traçado provisorio, acima proposto), com 173 kilometros.

Um outro traçado foi suggerido pelo dr. Porto d'Ave: Pouso Secco, Capellinha, Passa Tres, São João Marcos, Alto do Mattoso (serra de Itaguahi) e Santa Cruz, com 80 kilometros.

Novo traçado foi proposto pelo sr. Rezende Martins: Bananal, Barra Mansa, Arrozal, Pirahi, Ponte Coberta, Santa Cruz, com 113 kilometros.

Os srs. D. L. Derrom e Americo Netto, da Associação Paulista, estudaram os traçados seguintes:

Boas estradas 1 — Bananal, Pouso Secco, Arrozal, Pirahi, Ponte Coberta, Caxias, Campo Grande, com 115 kilometros.

Boas Estradas 2 — Bananal, Pouso Secco, Passa Tres, serra das Araras, Ponte Coberta,, Caxias, Campo Grande, com 106 kilometros. Este é o traçado que mais se approxima do adoptado e construido.

Finalmente, o dr. Plinio de Oliveira lembrou tambem outros traçados:

Via Barra do Pirahi: Bananal, Barra Mansa, Pinheiro, Vargem Alegre, Barra do Pirahi, Ipiranga, Mendes, Paracambi, Queimados, Nova Iguassú e Central, com 188 kilometros ou 180 kilometros com uma variante.

Via São João Marcos: Bananal, Pouso Secco, Capellinha, Passa Tres, São João Marcos, serra de Ita-

guahi, Itaguahi, Ponte da Guarda, Santa Cruz, Central, com 174 kilometros.

Como se vê, quasi todos os traçados, menos o adoptado e os de Boas Estradas tinham sobre este (pondo de parte questões technicas) a vantagem de servir a um maior numero de localidades fluminenses, séde de municipios e de districtos, tal como acontece com o percurso paulista, que vem desde a capital até Bananal, ligando municipios e districtos.

A estrada actual, magnificamente construida, não é, porém, uma estrada propriamente de turismo na zona fluminense. A de turismo, se o governo fluminense completar as ligações e melhorar os trechos existentes será a que, partindo da Rio-São Paulo, se dirigir para a fronteira paulista, passando por Paracambi, Mendes, Barra do Pirahi, Vargem Alegre, Pinheiro, Barra Mansa e Rezende. Deste municipio fluminense internar-se-ha no Estado de São Paulo.

CUBA

Dra. Isaura S. Gasparini.

A Imprensa do Mundo annunciou aos povos a celebração do segundo centenario da Universidade de Cuba, despertando entre os estudiosos o desejo de conhecer a vida e o desenvolvimento da rainha das Antilhas.

Se bem que o Canal do Panamá tenha aparentemente separado as Americas, estas duas irmãs siamezas permaneceram unidas pelo gigantesco arco das Antilhas, que de um lado se prende ao Cabo Pária e do outro á Florida.

Este arco é formado por uma cadeia submarina de montanhas, cujos cumes ultrapassando a flor das aguas constituem as grandes Antilhas.

A' Cuba, desde épocas remotas, coube papel de destaque, por sua feliz situação geographica.

Qual graciosa nave ancorada á entrada do Golpho do Mexico, sua capital, Havana, é a chave do mesmo golpho, e bem assim a do Canal do Panamá.

Constitue o ponto de intersecção de todas as grandes vias de communicação entre o Atlantico e o Pacifico e entre o norte e o sul do continente americano.

Foi descoberta por Colombo, cujo tumulo existe ainda na Cathedral de Havana, embora suas cinzas fossem transportadas á Europa.

Acha-se situada entre os 19g,48 e 28g,11 de lat. norte e 76g,30 e 87g,18 de long. oeste.

E' separada da Florida e do Yucatan pelos estreitos do mesmo nome e das Lucayas pelo Canal de Bahama.

E' rodeada pelo Mar das Antilhas, um dos mares mais frequentados do Globo. A oeste e ao norte soffre

a influencia do Gulf-Stream e no Canal de Yucatan nota-se o curiosissimo phenomeno de fontes de agua doce jorrarem no seio das aguas salinas do oceano! Ao sudoeste do porto de Batabamo, a duas ou tres milhas de terra, ellas jorram com grande força, dando aos navios provisões de agua doce no meio do mar!

Possue magnificos portos como sejam:

Havana, Matanzas, Santiago de Cuba, Cienfuegos e outros apesar de suas costas serem baixas, alagadas e cheias de bancos de coral e de pequeninas ilhas.

Uma cadeia de montanhas atravessa a ilha em toda a extensão, enviando importante ramo para sudoeste. Os montes principaes são: Serra Maestra, que domina o systema orographico local, Monte Totrifto, Serra da Gloria e Monte S. João de Latrão.

Da inclinação destas montanhas descem rios, de pequena extensão, impetuosos na estação das chuvas. Destacam-se dentre elles o rio Canto, navegavel numa extensão de 80kms., o rio dos Negros, que sahe da caverna do Fumidero, e os pequenos rios Zaruco e Santa Cruz.

Tem clima quente e secco, mas modificado pelas chuvas e os ventos de norte e de leste, que a refrescam.

E' de todas as Antilhas a que possue solo mais fertil. Produz, com abundancia, fumo, café, cacáo, cereaes, batatas, fructas, mas sua principal riqueza é a cultura da canna de assucar.

Em 1827 já possiua 510 engenhos de canna, numero que se elevou a 14.442 em 1850.

Actualmente as plantações da preciosa gramminea cobrem uma área de 560.000 hectares.

A producção que de 1904 a 1912 oscillava entre 1 e 2 milhões de toneladas, attinge hoje a 22% da producção mundial e equivale ao total da de assucar de beterraba das demais regiões do Globo.

O augmento da procura de assucar desde os primeiros annos da guerra e que chegou ao auge em 1917, proporcionou á ilha lucros consideraveis.

Depois da conflagração o governo de Cuba regulamentou a producção do assucar.

Vejamos qual tem sido ella nos ultimos annos:

<i>Annos</i>	<i>Toneladas</i>
1920-1921	3.926.040
1921-1922	3.996.387
1922-1923	3.601.387
1923-1924	4.412.699
1924-1925	5.151.486
1925-1926	4.758.993
1926-1927	4.500.000

O consumo local retém 120.000 toneladas por anno.

O fumo cubano, considerado o melhor do mundo, é cultivado de preferencia em Pinar del Rio.

Esta industria, á qual cabe o segundo lugar, occupa grande numero de habitantes, principalmente na fabricação de cigarros e charutos.

Dá uma renda annual de 50 milhões de dollars.

A producção de 1923 foi a seguinte:

384.000.000 de cigarros;

328.000.000 de caixas de charutos;

1.126.146 kilos de fumo em folhas.

As florestas da ilha são em grande parte de cedro e acajú, sendo o primeiro empregado na confecção de caixas para charutos.

O rebanho da ilha é representado por 4.771.394 de bovinos e 934.060 de aquinos.

Possue riquezas mineraes, representadas pelo ferro, cobre, ouro e petroleo.

O ferro é explorado nos districtos de Daquiri e Mayari, da provincia do Oriente; o cobre, nas provincias do Oriente e de Pinar del Rio.

A producção de Petroleo é de 4.000 barris, de 160 litros cada um; é o dobro da producção da Inglaterra.

O commercio de Cuba acha-se em optimas condições; suas transacções são feitas com os Estados Unidos e outros paizes americanos e com a Grã-Bretanha, França e Allemanha.

A exportação excede sempre á importação.

Podemos verificar com alguns exemplos:

<i>Annos</i>	<i>Importação</i>	<i>Exportação</i>
1918	297.622	413.325
1923	268.951,1	421.074,6
1925	285.040,1	353.105,7

A moeda usada é o peso ouro, que equivale ao dollar.

Este commercio é favorecido pelos portos já citados, por 40 portos especiaes, pertencentes ás grandes refinações de assucar, e pela rêde ferro viaria, cuja extensão é de 5.150kms.

Em relação á superfiice de Cuba, que é de 114.514 kilometros quadrados, é já um numero bem consideravel.

Todos os centros importadores são ligados pelo telegrapho.

A população cubana, a partir de 1920, cresce numa proporção de 29% em cada decennio. O recenseamento de 1850 dava á ilha 945.000 habitantes sendo 445.000 brancos e 500.000 de côr.

O de 31 de dezembro de 1925 dá-lhe 3.327.928, o que mostra que em 75 annos a população tornou-se maior 3 vezes e meia.

Cuba foi colonia hespanhola de 1492 a 1898, tendo sido a posse hespanhola interrompida por uma breve occupação ingleza em 1762.

Tornou-se independente pelo tratado de Paris de 1898.

Sua Constituição, de 21 de fevereiro de 1901, augmentada em 12 de junho de 1902 por doze artigos apresentados pelos Estados Unidos, um dos quaes lhe concede a direito de intervenção, faz uma republica com Presidente, Vice-Presidente, Camara e Senado.

Possue, além de sete outros, um Ministerio da Instrucção Publica, objecto de grande interesse dos politicos.

A Universidade de Havana, fundada em 1728, e que possue sete faculdades e escolas annexas de botanica, desenho, navegação, etc., representa o verdadeiro indice da cultura de Cuba.

E assim, a linda nave, ancorada em frente ao Golpho do Mexico, deixa tremular em seu mastro o pavilhão de listras azues entremeiadas de branco e encimadas por um triangulo vermelho ornado de fulgurantes estrella de prata.

Representa o azul a intelligencia de seus filhos, burilada pela cultura; o branco a paz resultante do trabalho consciente e ordenado; o vermelho o sangue sempre offertado em holocausto á Patria, e a estrella a luz que ha de guial-a aos grandes destinos.

PÊZOS E MEDIDAS

DR. AARÃO REIS

A LEI é *arma* indispensavel á *intelligencia*.... Admittindo, mesmo, tenha cada INDIVÍDUO intuição exáta da *solidariédade* entre os INTERÊSSES COLETIVOS e os INDIVIDUAIS e, ainda, que tão fóra estivessem de qualquer contestação as *exijencias* DAQUÊLE que nem uma dúvida pairásse sôbre a respectiva legitimidade, — nem por isso deixaria a LEI de ser imprescindivel; porquanto, não é a ignorancia dos VERDADEIROS INTERESSES que a tórna *necessária*, mas, especialmente, a *maldade*, ou a *tibieza*, dos entes humanos que os léva a sacrificar, quázi sempre, um INTERÊSSE COLETIVO AFASTADO a qualquer INTERÊSSE INDIVIDUAL IMEDIATO.

(RUD. VON JHERING — *Zweck in Recht*).

Tem-se convencionado *dar e receber*, nas *trócas*, certa *substancia* que, útil por sí própria, sêja facilmente manuzeável nos úzos correntes da VIDA — ferro, prata, ou qualquer outra *substancia*, de *dimensão* e de *pêzo* *préviamente* *fixados* e *marcada*, para evitar as dificuldades de continuas *medidas*, com um determinado CUNHO especial, sinal do respectivo VALOR.

(ARISTÓTELES — *A Política* — Cap. 3º. do Liv. 1º).

(*) — N. R. A Commissão directora resolveu respeitar a orthographia do Dr. Aarão Reis, por ser um systema por elle adoptado ha muitos annos, mesmo em serviço official. O presente trabalho foi escripto especialmente pelo eminente professor da Escola Polytechnica para a "Geographia do Brasil", que esta *Sociedade* está editando e será opportunamente incluido no volume respectivo.

SUMÁRIO: — *A mérida das grandezas* — Harmonia indispensável entre a *unidade* e a *natureza das grandezas a medir* — Dificuldade de exprimir certas *quantidades* — Conjunto de qualidades, físicas e econômicas, a que foi mister atender — Diversidade dos antigos **SISTEMAS DE PADRÕES** — Pretensões de vários autores da antiguidade — **HUYGHENS** e o seu padrão de medida universal — O *pendulo* — A confusão e a balburdia antigas — *A influencia social da CIENCIA* — O velho **SISTEMA DE MEDIDAS FRANCEZ** — O grande serviço da **REVOLUÇÃO DE 1789** — **LUIZ XIV** e a *unidade monetária franceza* — Das *instruções* aos deputados do 3.º estado constava a exigencia dum novo **SISTEMA DE PÊZOS E MEDIDAS** — *A França e a Inglaterra* — *Assembléa Constituinte e a Convenção Nacional* — *A comissão da Academia das Ciências de Paris* — O novo **SISTEMA** proposto — A fixação do **SISTEMA MÉTRICO DECIMAL** em 1789 — A adoção generalizada de 1840 em diante — *Portugal*, o **CONDE DE LINHARES** e **FONTES PEREIRA DE MÉLO** — No *Brazil*, independente — 1862 e 1874 — Vantagens e objecções — A adoção legal dum **SISTEMA DE PÊSOS E MEDIDAS**, de úzo obrigatório nacional, impórta num dos mais úteis e prestimosos **SERVIÇOS PÚBLICOS DE GARANTIA DE INTERESSES**.

Dezêjos e necessidades — Riqueza — Valor — Medida do valor — Poder aquisitivo — Unidade — O **OURO** e a **PRATA** — *A libra esterlina e o dolar* — Metal cunhável — O *título*, ou *tóque*, e os *pêzos* — Intervenção da **MOÉDA** nas *trócas* — *A utilidade imaterial da MOÉDA* — *Moéda-papel, títulos promissórios e papel-moéda* — *A unidade monetária do SISTEMA MÉTRICO DECIMAL* — O **SISTEMA MONETARIO BRAZILEIRO** — O **REAL** e o **MIL RÉIS** — As **MOÉDAS BRAZILEIRAS** — *A CASA DA MOÉDA* — *A pertinaz descontinuidade de ORIENTAÇÃO da ADMINISTRAÇÃO, no Brazil* — **SERVIÇO PÚBLICO DE GARANTIA**, sua alta importancia nacional — Acôrdo generalizado muito para dezejar — Palavras a repetir.

(*) — **CURSO ELEMENTAR DE MATEMÁTICA**, do **DR. AARÃO REIS**, de que estam publicados os 3 primeiros volumes: — o 1.º, **ARITMÉTICA**, já em 4.ª ed., e os 2.º e 3.º, **ALJEBRA**, já em 2.ª ed.

No primeiro volume do seu CURSO ELEMENTAR DE MATEMÁTICA (*), dice o próprio A., a respeito d'êste assunto, o que consta das páginas que óra prefere para aquí trasladar a repetil-as, apenas, com diversa redação:

“Na infancia da PRODUÇÃO DA RIQUEZA, quando cada familia produzia, com o auxilio dos proprios elementos de que dispunha, tudo quanto era mister para a *satisfação das necessidades*, ainda então muito *limitadas*, de seus membros, — a MEDIDA DAS GRANDEZAS e suas AVALIAÇÕES eram, póde-se dizer, *dispensáveis*; pois, bastava apreciar, *aproximadamente*, a extensão dos campos necessários á pastagem do gado, a quantidade de provisões que convinha reservar para a má estação, etc.; não sendo mister *medir o valor dos productos*, que eram criados para a subsistencia da própria familia, que os *consumia* sem *trocál-os* por outros.

Desde que, porém, apparecêram as separações nas familias, retirando os membros, que se afastavam, suas *quótas* nos *productos acumulados por todos*, — surgiu a necessidade imperioza de *medir e avaliar tais quótas*, contando o *gado*, inventariando as *provizões*, medindo os *campos*, etc., e procurando formar *idéa do valor comparativo* de tais *productos do trabalho comum*.

Essa necessidade de *medir e avaliar* as couzas foi se acentuando, cada vez mais, á proporção que INDIVIDUOS, pertencentes a familias diversas, fôram reunindo suas *fôrças* e seus capitais (*productos acumulados*) para *produzirem associados*, e que, principalmente, cada INDIVIDUO e cada FAMÍLIA — não podendo mais produzir, diretamente, *tudo quanto exigia seu CONSUMO* — precisou obter, por meio de TRÓCAS, aquilo que não PRODUZIA; isto é, á proporção que a *associação de trabalho e de capitais* e a *divisão do trabalho* se fôram impondo como indispensáveis e fôram intervindo na PRODUÇÃO.

Desde então foi apparecendo e se acentuando a necessidade de cada um *medir e avaliar* — tão exactamente quanto possível — os *elementos de produção* com que concorre quando associado a outrem, de

modo a poder apreciar a *quóta* que lhe deve de caber nos *rezultados obtidos conjuntamente*; e, ainda, a de cada um *medir e avaliar* os produtos que dá e recebe nas *trócas*.

O elemento constitutivo de uma MEDIDA ou UNIDADE, deve de estar *de harmonia* — material e econômicamente — com a *natureza das grandezas que se trata de MEDIR, ou de COMPARAR*: assim, para as grandezas de *pêzo*, deve a MEDIDA ser de um *pêzo*, cujo tamanho se preste, fácil e comodamente, á comparação com as grandezas que mais frequentemente apparecem nas TRÓCAS; do mesmo modo, a MEDIDA *de extensão* deve de ser uma *ária*, cujo tamanho se preste, tambem, fácil e comodamente, á comparação com as superficies que mais comumente é mister *medir e avaliar*; etc.

A escôlha, portanto, das MEDIDAS, é determinada, não só pela *natureza* das grandezas a medir, mas, tambem, pelas proporções de tais grandezas que, mais frequentemente, são *oferecidas e procuradas* nas TRÓCAS.

Tais UNIDADES ECONÔMICAS são concretizadas em UNIDADES MATERIAIS, tão FÍXAS e ESTÁVEIS quanto possível, que possam ser, facilmente, RECONHECIDAS e VERIFICADAS.

Entre as idéas mais claras, algumas há, sempre, que, nem a *linguagem*, nem mesmo *símbolo algum arbitrário*, póde jámais exprimir; enquanto que outras, nem mais claras, nem melhor determinadas, estão no caze contrário. E' o que succede com certas idéas de *quantidades*.

Assim, por exemplo, um INDIVÍDUO não póde dar a outro a *noção precisa* da *grandeza duma linha* sinão comparando-o com *outra linha já de ambos conhecida*; sem esse *térmo de comparação*, todos os meios ordinários de comunicação fálham, e é mister mostrar a *própria linha*.

No entanto, quando se conhece a *relação*, ou a *pozição angular*, das grandezas que se quer designar, a comunicação verbal póde bastar, sem que seja preciso recorrer á *expozição* das próprias grandezas.

Sabêmos, por exemplo, o que um *geômetra* antigo entendia por um *ângulo réto*, ou um *ângulo dum gráo*, tão bem como si tivessêmos sob os olhos um

circulo dividido por qualquer operário de *Atênas*, ou de *Alexandria*. Sabêmos, do mesmo modo, o que êsse geômetra quer dizer quando fâla da *relação de 2 para 1*, ou da *diagonal dum quadrado para seu lado*; mas, quando dezigna êle certo *comprimento individual* — um *pé*, um *espítâmio*, ou um *estádio*, por exemplo, — ficâmos sem saber o que quer êle dizer, salvo si referiu essa MEDÍDA a qualquer outra conservada invariável desde os tempos antigos até aos modernos.

Êste *inconveniente* — observado e sentido em todos os tempos e logares, — determinou a referencia das MEDÍDAS uzadas, comumente, a — PADRÕES FIXOS e ESTÁVEIS.

O estudo histórico desta questão mostra que, desde o princípio, foi mistér, na escôlha e adoção das PADRÕES para às MEDÍDAS e AVALIAÇÕES, atender ao conjunto de certas qualidades, não só *físicas*, mas, também, *econômicas*; porquanto, si, matematicamente, a *unidade, para cada espécie de MEDÍDA, é arbitraria*, econômicamente, não o pôde ser. Assim, si, para *medir o pêzo* das substancias alimentícias, pôde-se uzar, indiferentemente, a *unidade GRAMO*, ou a *unidade ONÇA*, ou qualquer outra *unidade análoga*, — tais *unidades* não poderiam prestar-se, em cazo alguem, á MEDÍDA da *arquêação dum navio*, ás *tarifas das vias de circulação*, etc., porquanto produziriam NÚMEROS demaziado grandes, ou excessivamente pequenos.

E' certo que, sem deixar de atender a tais condições, cada NAÇÃO — e, mesmo, cada COMÚNA — adotou seu *sistêma particular* de PADRÕES; bazeados, porém, em geral, nas *dimensões* e nos *movimentos* do próprio CORPO HUMANO, tais *sistêmas* apresentavam *aproximações suficientes* para a época em que a deficiência da CIRCULAÇÃO tornava pouco frequentes as TRÓCAS e quázi desconhecidos os *contrátos a prazo*.

Não tardou, porém, que — o próprio *arbitrio* na escôlha dos PADRÕES, — as *fraudes* dos vendedores e, mesmo, ás vêzes, dos compradores, — a *ignorancia dos governantes e dos governados*, — o *desleixo*, enfim, *geral dos próprios interêssados*, — determinássem, por

toda a parte, na METROLOGIA, a maior variedade de *sistemas de PADRÕES*, e o que era peor — a maior confusão em cada um dêles.

O pé — *padrão* de medida em quázi todas as NAÇÕES — teve por origem o comprimento do pé humano, e variava, portanto, dentro em limites que não são muito aproximados; — o que determinou recorrer-se, algumas vêzes, a outros *padrões*, que se supunha mais exátos. Em alguns povos agrícolas, determinou-se a *polegada* pelo comprimento de *trez grãos de cêvada juxtapostos*; e, em algumas tribus nômadás da *Arábia*, o diâmetro dum certo número de crinas de caválo juxtapostas forneceu o *padrão* do mesmo gênero.

Quanto aos *pêzos*, em alguns povos, tomou-se a *gota d'água para unidade*, e, em outros, o *grão de trigo*.

Alguns autores têm procurado sustentar que os povos da antiguidade fôram — em seus esforços para estabelecer *padrões de medidas* — muito além dessas tentativas grosseiras. Assim, PANCTON pretende, em sua METROLOGIA, que a *circunferencia*, ou o *diâmetro*, da TERRA, era o *têrmo de comparação* a que êles referiam *todas as suas medidas de comprimento*; e BAILLY, insistindo nessa opinião, com o talento e a illustração que revelou em todas as suas obras, procura persuadir que o *estádio* foi, sempre, considerado *uma parte alíquota exáta da circunferencia terrêstre*, embóra a *unidade* indicada sob êsse nome tenha sido *diversa* para cada povo e, mesmo, para cada autor.*. Não há, porém, esforço de gênio capaz de dar a semelhante suposição o mínimo gráo de probabilidade. Os povos da antiguidade não tinham meios, ainda, de determinar, com alguma precisão, o comprimento da *grande unidade* a que se supõe que tais *medidas* fôsem referidas; e, si uma tal *comparação* tivésse havido, não teria, certamente, passado desapercibida aos próprios SÁBIOS daquêle tempo. No entretanto, é fato que, nem ARISTÓTELES, POSSIDÔNIO e PLI-

(*) — O falecido professor DR. BORJA CASTRO — que tão respeitável renome deixou nos fâstos escoláres da nossa vèlha *Escola Central*, hoje *Politécnica*, como catedrático de HIDRAULICA — insiste nesta opinião no seu recomendável volume *Expositor Técnico*.

NIO, nem qualquer outro dos SÁBIOS da antiguidade, que tentáram estabelecer a *dimensão do glôbo terrestre*, imaginou, jámais, que a *diferença* entre suas próprias asserções a respeito e as dos outros era, simplesmente, *aparente*, isto é, que, de acôrdo todos êles quanto á *grandeza absoluta* do glôbo, diferia o resultado de cada um dos demais, apenas, quanto ao *comprimento da medida* empregada para o designar.

Ao gênio fecundo do célebre HUYGHENS deve-se, na realidade, o primeiro ensaio para estabelecer um PADRÃO DE MEDIDA que fôsse, ao mesmo tempo, *exáto e universal* para todos os logares e todos os tempos. Demonstrando que os tempos das vibrações dos PENDULOS só dependem do comprimento DÊSTES, e que, qualquer que seja a respetiva estrutura, há, sempre, um PONTO que, nos PENDULOS cujas oscilações se fazem no mesmo TEMPO, está á mesma DISTANCIA do centro de suspensão, — concluiu que poderia o PENDULO fornecer um PADRÃO para as medidas de comprimento, embóra a variação da GRAVIDADE, confôrme a lititúde, exija correção, para cuja determinação, com a suficiente exatidão, acreditava êle que a CIENCIA não deixaria de fornecer os meios indispensáveis.

CASSINI propuzera, tambem, em sua obra sôbre *A Grandeza da Terra*, outro PADRÃO — igualmente natural, mas de menos fácil determinação — que era a *sexta milézima parte dum MINÚTO DE GRÃO dum dos CÍRCULOS MÁXIMOS do glôbo terrestre*.

Apezar, porém, de tais tentativas, nem uma NAÇÃO tomára a resolução de adotar qualquer um dêsses PADRÕES para baze dum sistema regular de medidas que pôdesse adaptar-se, simultânoamente, ás necessidades da CIENCIA e ás da ECONOMIA PÚBLICA E DOMÉSTICA, e aumentavam a confusão e a balbúrdia em todos os sistemas de medidas em úzo, admitidas, em cada espécie de medida, diversas unidades, adotadas, além disso, as mais extravagantes e caprichozas divisões para cada unidade, e variando ao infinito as unidades, suas respetivas divisões e suas denominações, até, mesmo, dentro em cada paíz. Ninguém mais se entendia, em semelhante confusão; — a dúzia de ovos continha, em certas localidades, trêze — o quarteirão

tinha 26 centezimos; — o cento, 104 centézimos; — etc. Era um verdadeiro caos.

Dezinvolviam-se, entretanto, vertiginosamente, as relações comerciais internas e internacionais; auxiliavam-se já, mutuamente, na PRODUÇÃO, os mais afastados continentes; as TRÓCAS efetuavam-se de extremo a extremo do glôbo terrestre; as transações mais variadas e múltiplas realizavam-se á distancia e a longos prazos; e tudo concorria para salientar e agravar os inumeráveis inconvenientes e as dificuldades quázi insuperáveis que semelhante anarquia oferecia ao PROGRESSO SOCIAL e á CONFRATERNIZAÇÃO DOS POVOS.

Felizmente, porém, do mesmo passo que os valiosos trabalhos científicos do século dezoito — impulsivando, decizivamente, por seus progressos *especulativos*, a grandioza *elaboração filozófica* que tendia a aproximar, diretamente, a CIENCIA da sua mais elevada missão social — preparavam os *elementos abstráios* para o natural *advento* da nova DOCTRINA REJENERADORA; recebia a influencia social da CIENCIA, de todos os lados, notáveis contribuições, tendentes todas a melhor *incorporar o elemento científico ao sistema fundamental da sociabilidade moderna*. E, entre os novos *serviços especiais* prestados, então, pela CIENCIA á INDÚSTRIA, avulta a operação geral em que a CIENCIA acentuou, honroza e salutarmente, sua influencia deciziva sobre a *vida social*, prezidindo á instituição dum admirável *sistema de medidas universais*, tão nobremente executado quanto sábiamente concebido; e que, emanado da França em revolução, se impoz á aceitação das demais NAÇÕES civilizadas, com exclusão, apenas, de poucas, onde mal entendido patriotismo sobrepúja, ainda, os reais interêsses sociais, que independem de divições geográficas e deza-venças políticas.

A instituição geral dessa grande operação apresentou, desde o principio, sob o ponto de vista social, o caracter notável, e que tem sido pouco apreciado, duma constante preocupação, generosa e racional, de afastar, tanto quanto possível, qualquer atributo de *nacionalidade*, que pôdesse prejudicar sua universal propagação; e, apesar de só tardia e insufficientemente

têrem as NAÇÕES da *Európa* correspondido, em sua maioria, ao nóbre apêlo, que, solênemente, lhes dirijiu a *França* para um consenso comum e eficaz nêsse sentido, — a posteridade, sempre jústa, não póde, nem poderá jamais, esquecer que tão importante inovação foi concebida e levada a efeito tendo-se em vista seu destino diretamente comum ao conjunto das populações civilizadas que fôram todas, por êsse motivo especial, convidadas para uma cooperação regular.

Independentemente de sua evidente utilidade direta, essa memorável intervenção do verdadeiro *espírito especulativo* na regulamentação duma *ordem de relações humanas* — a que parecia, aliaz, tão estranho — é, eminentemente, própria para fazer presentir, desde já, os melhoramentos capitais que, de futuro, colherá a existencia moderna, a muitos outros respeitos, da judicioza racionalização de seus átos os mais práticos, quando a influencia científica, convenientemente generalizada, tivér penetrado bastante em toda a economia elementar da sociedade rejênerada...

Como em todas as outras NAÇÕES civilizadas, sentiam-se na *França* os gráves inconvenientes rezultantes da confusão das *medidas*, suas *divizões* e suas *denominações*; eram gerais e insistentes as queixas; e nem faltavam *propostas*, muitas e variadas, para a reorganização do *sistêma*. Ninguém se preocupava, entretanto, sériamente, de empreendêl-a e de levál-a a efeito.

Não era, porém, possível que um *sistêma* — que tão sérios e gráves inconvenientes apresentava e que só tinha a seu favor a autoridade dos tempos antigos e a indolencia dos tempos modernos — pôdesse rezistir ao salutar *espírito de refórma* que dominou essa ilústre NAÇÃO durante o gloriozo e fecundo período de sua memorável revolução.

A *uniformidade das medidas* — para que deu a *França*, em fins do século dezoito, tão grande e decisivo passo, instituindo o seu *systema métrico decimal*, que tem sido, felizmente, adotado por quázi todas as demais NAÇÕES civilizadas, — era uma das mais palpitantes necessidades sentidas, há séculos, pelas populações laboriozas, e um dos seus mais incessantes reclâmos.

Nos *Estados-Gerais*, reunidos na *França*, em 1560,

já se pedia *que houvesse, para todo o paiz, um só pêzo e uma só medida*, ao que foi respondido que a *incumbencia de reduzir as mesmas mercadorias ao mesmo pêzo e mesmas medidas fôra confiada a pessoas de experiencia e probidade, de cujo trabalho e esforço era de esperar lográssem, muito breve, os francezes*; — em 1579, nos primeiros *Estados* reunidos em Blois, reaparecia o mesmo pedido para que *não houvesse, em toda a França, mais do que um pêzo, uma medida, uma vara, um pé, etc.*, estabelecidos PADRÕES *duma MEDIDA e dum PÊSO para todas as provincias*; — e, em 1588, nos segundos *Estados de Blois*, se insistia no mesmo pedido, alegando convir, por êsse meio, *garantir o tráfego e o comércio e abolir os abúzos cometidos por cauza da diversidade das medidas*.

Da luta travada entre o FEUDALÍSMOO — que rezistia á *centralização da administração pública nas mãos dos REIS* e o MONARQUÍSMOO — que procurava despedaçar os laços com que as *prerogativas dos senhores feudais* tolhiam a ação absoluta do poderio real e majestático, — surjiu, como medida indispensável e inadiável, a *uniformização do sistema monetário em cada NAÇÃO*. Assim, na *França*, desde o reinado de FELIPE IV — o BÉLO, — foi proibida a *cunhagem de moeda* pelos senhores feudais, mantendo-se em circulação, apenas, as *moedas cunhadas em Tours e em Paris*; — e, em 1667, LUIZ XIV estabeleceu, definitivamente, a *unidade monetária* para toda a *França*.

Infelizmente, o mesmo não succedeu quanto aos PÊZOS e MEDIDAS, apesar de repetidas tentativas, sempre infrutíferas, que, nêsse sentido, fizéram os astrônomos — interessados, mais do que ninguem, em dispôr *duma unidade de medida* que fôsse bazeada em PADRÃO FIXO E ESTÁVEL.

No século dezoito, a reforma dos PÊSOS E MEDIDAS era, pois, reclamada, tanto pelos *sábios*, quanto pelas *populações*, vizando *aquêles* certa precisão, que *lhes* faltava, nos PADRÕES ADOTADOS, e *estas* a abolição, apenas, dos abúzos, de todo o gênero, a que se prestavam as *medidas em úzo*.

Por ocasião da famosa reunião dos *Estados-Gerais* convocados em 1789, que se transformáram em *Assembléa Revolucionária Constituinte*, foi, ainda, consigna-

da — nas *instruções dadas aos deputados do 3º Estado pelos respetivos eleitores* — a exigencia duma *refórma dos pêzos e medidas*.

Foi, portanto, atendendo a insistentes reclâmos da opinião pública, que, sôbre *proposta do ABADE TALLEYRAND*, decretou essa *Assemblée*, aos 8 de maio de 1790, que — *o rei de França convidásse o da Inglaterra a reunir, a uma comissão de ACADÊMICOS FRANCEZES, igual número de membros da SOCIEDADE REAL DE LONDRES*, para, de comum acôrdo, *determinar-se a UNIDADE FUNDAMENTAL DUM NOVO SISTÊMA DE MEDIDAS, que ambas aquelas NAÇÕES se comprometêssem a propagar por todas as demais civilizadas*.

A *Inglaterra*, porém, resentida, ainda, com a intervenção franceza na lúta para a independencia das *colônias inglezas norte-americanas*, deixou de corresponder a tão nobre convite; e teve a *França* de empreender, sózinha, tão importante quanto utilíssima taréfa.

Constituída por MONGE, LAGRANGE, CONDORCET e BORDA, ficou a *comissão da ACADEMIA DAS CIENCIAS DE PARIS* incumbida de *organizar um — SISTÊMA DE PÊZOS E MEDIDAS* que satisfizesse os reclâmos da opinião pública. Adotando, para UNIDADE FUNDAMENTAL E BASE, a *décima-millionésima parte do quarto da circunferencia terréstre* e denominando-a MÉTRO, formulou essa benemérita *comissão* um primeiro esbôço do novo *sistêma* e encarregou os ilústres DELAMBRE e MÊCHAIN de procedêrem aos *trabalhos geodézicos* necessários para a medida do arco do meridiano de *Paris*, compreendido entre *Dunkerque* e *Barcelôna*, da qual medida seria induzida a *da quarta parte daquêle meridiano total*, donde a *determinação exáta* do PADRÃO dessa escolhida UNIDADE FUNDAMENTAL.

Os succêssos políticos dessa agitadíssima época revolucionária arrastaram o eminente CONDORCET ao suicídio para furtar-se á *guilhotina*, a que tinham sido condênados os chéfes do *partido girondino*, e collocaram o ilústre MONGE na direção do *fabríco de canhões*; de modo que foi mistér reorganizar a *comissão*, que ficou constituída, afinal, por BORDA, LAGRAN-

GE, BRISSON, LAPLACE, BERTHOLET e PRONY, e propoz, então, que, aceitas as *medidas* e os *cálculos* do ABADÉ LACAILLE fôsse o *comprimento* do TEMPO fixado, *provizoriamente*, em *443 linhas, 44*. E a CONVENÇÃO NACIONAL — que sucedêra á ASSEMBLÉA NACIONAL LEJISLATIVA, desde 20 de setembro de 1792 — impaciente para realizar mais uma *refórma*, adotou, pelo *Decreto de 2 de Agosto de 1793*, êsse PADRÃO e o *sistêma provizório* sôbre êle organizado; — *decreto*, porém, que não chegou a ser executado, tendo o de 7 de abril de 1793, (18-germinal-III) modificado o primitivo *sistêma provizório*, adotando, definitivamente, o que prevaleceu, afinal, e óra vigóra como SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL.

Adiada, entretanto, a adoção legal dêsse novo SISTÊMA por cauza, não só da demóra no fabrico dos respetivos *pêzos e medidas*, como das dificuldades internas e externas com que lutava a *França*, — ficáram suspensos, também, os *trabalhos geodézicos*, relativos á *determinação rigorosa* do *comprimento* da BASE escolhida, até que, em 1799, insistindo a *França* em seu generoso convite algumas NAÇÕES EUROPEAS — a *Dinamárca*, a *Espâna*, a *Saboia*, a *Toscâna* e as repúblicas *Bátava*, *Româna*, *Ligurina*, e *Helvética* — enviáram *comissários científicos* que, reunidos aos francezes, constituíram a *comissão geral dos pêzos e medidas*, que, aos 22 de junho de 1799, apresentou ao LEJISLATIVO FRANCEZ o relatório de seus trabalhos, acompanhado dos *protótipos* do MÉTRO e do KILOGRAMO, os quais fôram encerrados, cada um, em sua caixa especial de ferro, fechada a 4 chaves.

A LEI DE 10 DE DEZEMBRO DE 1799 (19-frimário-VIII) fixou, afinal, definitivamente, o *valor* de MÉTRO em *443 linhas, 296* e estabeleceu as demais medidas tais como óra figuram no SISTÊMA METRICO DECIMAL; e, no seu art. 4., determinou a cunhagem duma *medálha comemorativa* da época da operação, tendo por inscrições: — dum lado, *A todos os tempos, A todos os povos*; e, do outro, *República Franceza, ano VIII (1799)*.

Até 1839, foi *tolerado*, entretanto, em *França*, o úzo dalgumas *medidas* de tranzição, constituídas por medidas novas sob designação antiga, como, por exemplo,

a *toêza*, *uzual*, do comprimento exáto de 2 MÉTROS, em vez de 1^m,946, que correspondia á *toêza antiga*.

Do 1.º de janeiro de 1840, porém, em diante, os *pêzos e medidas* do novo SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL tornáram-se os *únicos legais e officiaes*; e, como tais, admitidos nas questões judiciárias, o que forçou a adoção geral e definitiva deste SISTÊMA em toda a *França*.

À *Portugal* cábe a glória de ter sido a primeira NAÇÃO que tentou adotar o novo SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL; pois, já em 1812, pelo *Decreto de 17 de outubro*, expedido por D. RODRÍGO DE SOUZA COUTINHO — CONDE DE LINHARES, — então *Ministro da Fazenda*, era nomeada, para estudá-lo, a *primeira comissão, constituída pelos* DRS. CIÊRA, JOZÉ BONIFÁCIO, * NOGUEIRA DA GAMA e outros, que opinou pela conveniencia da sua pronta adoção, tendo sido, o confronto entre o MÉTRO PROTÓTIPO e os PADRÕES DA VÁRA executados pelo artista JOÃO HAAS, que determinou, para *valor médio do palmo*, — 0^m,219965; e, em 1849, era apresentado ao *Parlamento*, aos 10 de abril, projéto de LEI estabelecendo, como *único official e legal*, êsse novo SISTÊMA; mas, só a 13 de dezembro de 1852 foi referendada a respetiva LEI pelo eminente estadista portuguez FONTES PEREIRA DE MÉLO, que, pelo *Decreto de 13 de junho de 1859*, determinou sua execução definitiva.

Separado da *metrópole* em 1822, conservou o *Brazíl* o antigo *sistêma de pêzos e medidas*, anarquizado e dispersivo, que ali e nas respetivas colônias vigorava então; e só apóz repetidas tentativas conseguiu adotar o NOVÓ SISTÊMA.

Mandado adotar pela LEI N. 1.157, de 26 de junho de 1862, e pelo DECRETO N. 5.089, de 18 de setembro de 1872, — só se tornou, definitivamente, obrigatório de 1.º DE JANEIRO DE 1874 em diante.

São incontestáveis as vantágens que offeréce o SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL, quer sob o ponto de vista da sua *organização racional*, quer sob o de seus *caractêres de universalidade*.

(*) .— O mesmo eminente varão, brasileiro náo, de *S. Paulo*, que, depois, tornou-se, de fáto, pelo vulto proeminente que assumiu, o verdadeiro — PATRIARCA DA INDEPENDENCIA DO BRAZÍL.

Além da *relação simples* entre todas as diferentes UNIDADES e A DE COMPRIMENTO, bazeada, aliás, num fáto natural, positivo e invariavel, como a *medida da circunferencia do glôbo terréstre*, — da formação metódica dos *múltiplos e sub-múltiplos*, — da extrêma simplicidade de *nomenclatura* e de *cálculos*, comparativamente às complicações rezultantes da multiplicidade das antigas *medidas* e dezigualdade de suas recíprocas relações e de suas subdivizões: — tem o SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL, prezentemente, a inestimável vantajem de estar já adotado e praticado por quázi todos* os paizes civilizados, cujas populações já se familiarizáram com sua *estrutura*, suas *subdivizões*, e sua *nomenclatura*, embóra um tanto rebarbativa.

Acréce que êle oferéce notáveis caractéres de *universalidade*; pois, tomada sua BAZE sôbre a própria Terra, pátria commum, — suas *subdivizões* são as do SISTÊMA UNIVERSAL DE NUMERAÇÃO, — sua nomenclatura deriva de 2 linguas antigas a que se filiam quázi todas as modernas, — e a *comissão* incumbida de *organizál-O* compunha-se de notabilidades científicas de vários paizes.

Tem sido opostas — é certo — algumas *objeções* contra o SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL; e, entre tantas, avúltam as seguintes:

1^a.) — Afastando-se das *unidades uzadas* nos diversos paizes, o novo SISTÊMA tenderia a aumentar a *confusão* em todas as apreciações e avaliações;

2^a.) — Houve êrro na determinação exáta do MÉTRO, inexactidão de que se resente, portanto, todo o SISTÊMA.

Tais *objeções* têm, porém, perdido sua importancia á medidá que se generaliza, cada vez mais, êsse novo SISTÊMA.

(*) — Trabalho estatístico — apresentado á *Academia de Paris*, aos 27 de março de 1882, por MALARGE — mostrava, já então, que o SIS. MÉT. DEC. estava adotado e em úso em 29 paizes, com população superior a 710.000.000 de habitantes (*Anuário do Observatorio Astronómico do Rio de Janeiro*, para 1890). De presente, na *Európa*, na *Améria* e na *Oceania*, apenas a *Inglaterra*; e os *Estados Unidos da América* do Nórte não adótam, ainda, obrigatóriamente, êsse SIST. DE PÊSOS E MEDIDAS, que é, aliás, nessas duas NAÇÕES e suas *colônias*, de úso facultativo. Na *Ásia* e na *Africa*, não logrou, ainda, generalizar-se.

Era inevitável, num SISTEMA devendo preencher condições de regularidade científica e de universalidade, a instituição de PÊSOS E MEDIDAS diversos dos até então usados, que nem uma *relação* guardavam entre si e se subdividiam com extrema diversidade; e, entretanto, o MÉTRO pouco difera da nossa *vára* antiga, o *kilogrâmo* têm pouco mais de 2 *libras*, e, assim, outras *medidas*. Demais, o hábito de lidar com as medidas novas, adquirido em pouco tempo, nulifica esse *inconveniente*, compensando-o, como compensou, pela facilidade nos cálculos e pela nitidez da idéa formada sobre cada grandeza avaliada.

Quanto á *inexatidão* da *medida determinada para o MÉTRO* — questão, aliaz, de precisão científica sem grande importancia prática e comercial, — as diferenças verificadas nos cálculos das diversas determinações do *arco do meridiano*, são, apenas, de *décimos de linha*; pois, que são estes os comprimentos determinados para o MÉTRO:

443 linhas,44.....	pelos cálculos de LACAILLE,
443,296	pelos cálculos da COMISSÃO GERAL,
443,31	pelos cálculos de BIOT e ARAGO,
443,39	pelos cálculos MAIS RECENTES.

Introduzido, como já se acha, na quazi totalidade das NAÇÕES CIVILIZADAS, tende o SISTEMA MÉTRICO DECIMAL a oferecer ás relações internacionais, dentro em curto prazo, mais um forte laço de *solidariédade comercial a mútua dependencia*, que não deixará de concorrer, eficientemente, para o estabelecimento de sólidas garantias de PAZ no mundo; parecendo que se tornará, afinal, uma realidade benéfica os votos da CONVENÇÃO FRANCEZA, consagrando o NOVO SISTEMA MÉTRICO DECIMAL — *A todos os tempos e A todos os povos.*”

O que fica assim exposto, por essa apropriada transcrição, patentêa, bem caracterizadamente, que a adoção legal dum SISTEMA DE PÊZOS E MEDIDAS — de úzo obrigatório em toda a NAÇÃO — impórta num dos melhores e mais úteis, sinão imprecindíveis, SERVIÇOS PÚBLICOS DE GARANTIA de quantos carêça o ESTADO de *organizar e de manter*, em beneficio dos

INTERESSES INDIVIDUAIS e, mesmo, dos NACIONALIS, no cabal desempenho da sua árdua, mas nobilíssima, *missão social*.

E, não basta — para *efetivar* a GARANTIA vizada — legalizar o SISTEMA mais bem *organizado*, que possa, *generalizando-se*, tornar-se, afinal, UM SÓ E ÚNICO para toda a HUMANIDADE, como o exige o belo ideal da *solidariédade humana*, — mister é, ainda, imprecindível, cêncar a *aplicação uzual* dêsse SISTEMA de todas as múltiplas *precauções* tendentes a tornar, de fáto, pozitivamente *efetiva* a vizada GARANTIA PRÁTICA; e, para isso, caréce o ESTADO — que, nêsse detálhe administrativo, é, em geral, representado pelo EXECUTIVO de cada MUNICIPALIDADE — de exercitar sua *autoridade coativa* no sentido de, não só exigir prévia *aferição oficial* das *medidas concretas* que tenham de ser utilizadas no COMÉRCIO e em qualquer tranzação pública, como realizar, por seus *ajentes diréto*s, periódicas *verificações*, de modo que, pelo menos, se tórnem difíceis e ráros os *ardís, embústes e fraudes* com que o EGOÍSMO, sempre gananciozo, tente ilaquear a bôa fé, a injênuidade e a ignorancia dos incautos.

Sem essa dúpla GARANTIA imprecindível — que só um ÓRGÃO SOCIAL de autoridade, voluntariamente, aceita e acatada, como o ESTADO, póde assegurar, de modo *efetivo*, aos INDÍVIDUOS e á COLETIVIDADE, — jámais poderia expandir-se a CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA, como o exige a gradual e perzistente elevação generalizada do nível médio do CONFÔRTO e do BEM-ESTAR da HUMANIDADE.

II

Para desinvolver-se, preenchendo os *fins* da sua existencia, caréce o ser humano de satisfazer os *dezêjos* que sua própria vida compórta e determina; e, para isso, tem *necessidade* de recorrer á NATUREZA, que lhe prodigaliza todos os *elementos* indispensáveis a essa satisfação. A cada *necessidade* corresponde um *dezêjo*; de modo que estas duas expressões representam — *pozitiva e negativamente* — a mesma idéa.

Pouco numerosos a princípio, os *elementos* adequados á satisfação de tais *necessidades* vem se multiplicando, prodijiozamente, á medida que se alárgam e se dezinvolvem as *exigencias da vida humana*; e tais, tantos e tão múltiplos e variadissimos se oferécem, afinal, que não pódem deixar de ser distinguidos em — *indispensáveis, úteis e supérfluos*.

O inestimável *conjunto* de tais *elementos* — convenientemente *apropriados, transformados e adaptados* á ampla satisfação das *necessidades humanas* — constitúe o que, na CIENCIA ECONÔMICA, se denomina — RIQUEZA.

E, confórme são mais, ou menos, *imperiozos* os *dezes*, que determinam as *necessidades*, mais, ou menos, *valiozos* tórnam-se os elementos que os pódem satisfazer; de modo que a *ineficiencia* — ou, antes, a *raridade* — dêstês agúça e estimúla aquêles, e a *dificuldade* de *obtêl-os*, ou de *multiplicál-os*, determina e acentúa essa *raridade*. São, pois, *trez* as *variáveis independentes* de que é *formação* o VALOR: — a *utilidade*, a *raridade* e o *trabalho*.

E, assim, todo e qualquer VALOR é, necessariamente, *parcéla* da RIQUEZA; mas, há *elementos da natureza*, dos mais *úteis* — como, por exemplo, o *ar atmosférico* — que não são *parcêlas* da RIQUEZA, porque *sem válor econômico*.

Bazêando-se, assim, o VALOR, no próprio *dezejo* que determinou a *apropriação, transformação e adaptação final* do *elemento* a que êle se aplica, — é *mistér*, para *medíl-O*, medir a *intensidade* do respectivo *dezejo*; e, não sendo esta *comensurável diretamente*, recórre-se, para *medíl-a*, a um *procêsso de comparação*, que é, ou *subjetivo*, em relação ao gráo de satisfação proporcionada, ou *objetivo*, em relação aos próprios *elementos naturais*, que são comparados para serem *trocados*.

Quando dous indivíduos efetúam, entre sí, uma TRÓCA, faz cada qual — para *satisfazer* o *dezejo* que o estimúla e provóca a TRÓCA — certo *sacrifício* cedendo determinado *elemento de riqueza*, já possuído, para obter *outro*, que *dezeja*; e é claro que a *intensidade* dêsse *sacrifício MÉDE*, exatamente, a do *dezejo* que êle procura satisfazer. Assim, si um dêsses dous indivíduos TRÓCA, por exemplo, *10 carneiros por 1*

boi, é porque júlga que *1 boi* é *10 vêzes* MAIS DEZÊJÁVEL do que *1 carneiro*.

Quanto MAIOR fôr, portanto, o *dezêjo* que tivér provocado e determinado a RIQUEZA já possuída, MAIOR será a *parcéla* de qualquer outra RIQUEZA oferecida — *necessária* para despertar *outro dezêjo equivalente*, mas *diverso*, que estimúle e determine a TRÓCA.

De modo que — o *valor* de qualquer elemento de RIQUEZA (*material, intelectual, ou, mesmo, moral*) é, *sempre*, MEDÍDO por *outro*, ou *outros*, com que possa ser TROCADO. Donde a FÓRMULA ECONÓMICA: — o *valor* de qualquer elemento de RIQUEZA é *exprêso* pelo seu PODER AQUIZITÍVO.

De modo que, si *1 boi* póde ser TROCADO por *5, 10, 15...* carneiros, seu VALOR é *5, 10, 15...* vêzes MAIOR do que O de *1 carneiro*; e O dêste é *5, 10, 15...* vêzes MENOR do que O de *1 boi*; — donde a conclusão de que — os *valores* de dous elementos quaisquer de RIQUEZA *estam, sempre, em razão INVERSA* á das *respetivas parcélas trocadas*.

Assim como — para ter-se idéa clara e nítida das *grandezas* (de *comprimento, de pêzo, de volúme, etc.*) — não basta *comparál-as*, todas as de cada espécie com uma *préviamente escolhida* para *térmo de tais comparações*, que é, assim, a MEDÍDA COMUM (isto é, a UNIDADE) da sua *respetiva espécie*: — o MÉTRO, para os *comprimentos*; — o KILOGRÂMO, para os *pêzos*; — o LÍTRO, para os *volumes, etc.*, assim, *tambem*, não basta — para ter-se idéa clara, nítida e precisa dos VALORES — *comparál-os*, diretamente, uns com os outros, como *sucêde* nas TRÓCAS, mas é *mistér*, ainda, *COMPARAL-OS* com um *préviamente escolhido* para *térmo comum de tais comparações*, que é, assim, a MEDÍDA COMUM (isto é, a UNIDADE) dos VALORES.

Nos tempos primitivos, diferentes *elementos* fôram adotados como UNIDADE DOS VALORES. E' assim, que HOMÉRO avalia em *100 bois* a *armadura* de DIOMÉDES; e, de *pecus, rebanho*, derivou-se, no latim, a palavra *pecunia, dinheiro*, da qual deriva-se no portuguez, o *adjectivo pecuniário*, *a*; e não vai já muito lonje a época em que eram: — no *Japão*, o *arroz*, —

nos centros africanos, os tecidos d'algodão, — no Canadá, as peles raras, etc., as RESPETÍVAS UNIDADES DOS VALORES.

A civilização, porém, determinou o acôrdo, quázi generalizado, na escôlha dos *metais preciosos* — especialmente, o OURO e a PRATA — para PADRÕES GERAIS dos VALORES, servindo um *pequeno pêzo* de OURO, ou de PRATA, préviamente fixado sob as denominações de LÍBRA ESTERLÍNA, LUÍZ, FRANCO, LÍRA, DOLAR, MARCO, CRUZEIRO, PESÊTA, PATACÃO, etc., para *térmo comum de comparação geral* a todos os VALORES. Assim, para *medir* o VALOR dum qualquer *elemento de riqueza*, mistér é compará-lo ao dêsse determinado *pêzo* de OURO, ou de PRATA, verificando QUANTAS dessas UNIDADES é preciso *ceder* em TRÓCA daquêle referido *elemento de riqueza*. E, si se verifica que, numa certa TRÓCA, é necessário, para obter o *elemento de riqueza* dezêjado, dar 5, 10, ... 1000..., de tais UNIDADES, têm-se que *êle VALE 5, 10, ... 1000, ...* LÍBRAS ESTERLÍNAS, LUÍZES, FRANCOS, LÍRAS, DOLARES, MARCOS, tivér sido — destas — a UNIDADE adotada na TRÓCA.

Estas UNIDADES — que, alias, reduzem-se, em definitiva, a uma ÚNICA UNIVERSAL, * a qual todas as outras, quer de OURO, quer de PRATA, referidas, por ser aquela que logrou dominar todos os *mercados monetários* do mundo — contitúem a — MOÉDA.

A escôlha dos *metais preciosos* — especialmente, do OURO — para MOÉDA, ou UNIDADE MONETÁRIA, foi impôsta pelas excepcionaes vantájens que oferecem êles para o exercício apropriado de semelhante *função econômica*, graças, não só ao *estado nativo* em que são colhidos na NATUREZA, como, tambem, e sobretudo, — á *extrêma facilidade á circulação*, que oferecem, — ás *dificuldades*, que opõem ás *falsificações*, — á *perfeita divizibilidade*, — á *inalterabilidade*, etc.

Acréce que, de evolução em evolução, chegou-se,

*. — Até 1919, prevaleceu, nas tranzações mundiais, o predomínio da LÍBRA ESTERLÍNA; a grande guerra mundial de 1914-1918 destrônou, porém, essa UNIDADE^a substituindo-a pela nórte-americana, — o DOLAR OURO, que óra predomina.

ficável para a MOÉDA, que hoje consiste, entre os povos civilizados, em — *pequenos discos de OURO, ou* povos civilizados, em — *pequenos discos de OURO, ou de PRATA, cujos PÊSOS e TÓQUES * são GARANTIDOS PELO ESTADO e VERIFICADOS PELA INTEGRIDADE DOS CUNHOS ESTAMPILHADOS NAS DUAS FACES.*

A representação, em MOÉDA, do VALOR de qualquer *elemento de riqueza* dá o seu respectivo PRÊÇO.

A intervenção da MOÉDA decompõe o fenômeno econômico da TRÓCA em duas operações distintas, que facilitam, em extremo, as transações e aceleram a CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA, permitindo que se efetive no *tempo* tão bem como no *espáço*. Na primeira — que constitui a VENDA, — há a TRÓCA do *elemento de riqueza possuído* pela MOÉDA; e, na segunda — que constitui COMPRA, há a TRÓCA da MOÉDA pelo *elemento de riqueza desejado*. Assim, o agricultor VENDE:—*café, assucar, algodão, fumo, castanhas, etc.*, que possui, para, com a MOÉDA obtida, COMPRAR, por sua vez, *roupa, calçado, chapéus, móveis, joias, etc.*, de que carece para o CONFÔRTO e o BEM-ESTAR da vida; — e, analogamente, o operário VENDE seu TRABALHO, durante certo prazo de tempo, para com a MOÉDA assim obtida, COMPRAR os *alimentos, vestuários* e mil outras *utilidades*, de que carece para atender às suas NECESSIDADES.

*.— Para a *cunhagem* das MOÉDAS — quer de OURO, quer de PRATA,—é indispensável adicionar, ao, METAL PURO, pequena parcela duma LÍGA INFERIOR (de PRATA e CÔBRE, por exemplo), para que ofereça a MOÉDA maior facilidade á *cunhagem* e maior *durabilidade* e melhor rezista á *circulação*, de mão em mão.

Nas *moedas brasileiras*, como nas *portuguezas*, em 1.000 *partes de metal já preparado para a cunhagem*, entram 917 partes de OURO PURO (para as MOÉDAS DE OURO), ou de PRATA FINA (para AS DE PRATA), e, apenas 83 *partes de liga inferior de CÔBRE*.

Nas LÍBRAS ESTERLÍNAS, para 1.000 *partes de OURO AMOEDÁVEL*, entram, apenas, 916 $\frac{2}{3}$ partes de OURO PURO e 83 $\frac{2}{3}$ de *liga inferior*.

Nas *moedas francezas, italianas, bégas, alemãs, holandezas, austríacas, etc.*, entram, para 1.000 *partes do METAL CUNHÁVEL*, apenas, 900 partes de OURO PURO, ou de PRATA FINA, e 100 *partes de liga inferior*.

Essa quantidade de METAL PURO, em razão a 1.000 *partes do metal cunhavel*, é que dá — O TÓQUE, ou melhor, o TÍTULO do metal *amoedado*.

De modo que a MOÉDA, sendo um *elemento da natureza* suscetível de ser TROCADO por outro, é, em rigor, uma *mercadoria*; mas, *mercadoria especial*, cuja *extrêma divizibilidade, inalterabilidade* e outras *valiozas condições* a tórnham, eminentemente, apropriada para facilitar a CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA, como intermediário constante e geral nas TRÓCAS.

A *utilidade*, por bem dizermos *imaterial*, da MOÉDA nas sociedades modernas — em que *representa*, especial e principalmente, um *título*, ou *documento*, que dá ao respetivo possuidor o DIREITO de haver, sob certas condições, *parcéla da RIQUEZA PRODUZIDA* — permitiu que, com o extraordinário desinvolvimento da CIRCULAÇÃO e da confiança despertada pela RIQUEZA ACUMULADA, surjissem, afinal, a necessidade de — em certos cazos e dentro em certos limites — poder a *função* da MOÉDA ser preenchida, sufficientemente, por *méras fôlhas de papel* consignando a *proméssa expréssa de serem trocadas*, em qualquer ocasião, por *valor equivalente em metal*, ou em *mercadorias*.

E, assim, orijinou-se a MOÉDA-PAPEL, de que há *irez espécies*, bem distintamente caracterizadas: — a essencialmente *representativa*, emitida, pelos BANCOS, para facilitar e alargar as tranzações em substituição da MOÉDA METÁLICA depositada e guardada em suas respetivas *cazas fôrtes*; — a *fiduciária*, que é *simple proméssa* de pagamento, cujo *valor* depende do gráo de confiança inspirada pelo *emitente*, que a subscréve; — e, finalmente, a *méramente convencional*, que é PAPEL-MOÉDA, emitido pelo ESTADO sob garantia, apenas, do PATRIMÔNIO NACIONAL, para atender a dificuldades financeiras determinadas ou por despesas excedentes aos *recursos normais*, ou por necessidades inadiáveis de prosperidade nacional.

O SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL estabeleçêra — como UNIDADE MONETÁRIA — uma MOÉDA DE PRATA, do pêzo total de 5 *grâmos*, cunhada duma *liga* de 0,9 de PRATA FINA e 0,1 de CÔBRE; donde, apenas, 4,5 *grâmos* de PRATA FINA e 0,5 *grâmos* de CÔBRE.

No *Brazil* a adoção legal de SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL não compreendeu, porém a alteração do SISTÊMA MONETÁRIO, que já era, aliaz, *decimal*, tendo a enórme vantájem de ter por UNIDADE o REAL, cujo valor, nimiamente insignificante — *fictício*, mesmo — não permite *sub-múltiplos*, o que facilita, de modo consideravel, os *cálculos*.

O REAL-OURO — que é a UNIDADE FUNDAMENTAL do SISTÊMA — equivale, apenas a 0,00283 do FRANCO; mas a UNIDADE UZUAL NAS CÔNTAS, — que é o MIL RÉIS OURO — equivále a 2,8316 FRANCOS.

Quando, em 1822, sacudindo o júgo da *metrópole luzitana*, constituiu-se o *Brazil* em NAÇÃO INDEPENDENTE, circulavam peças DE OURO e DE PRATA de diversos VALORES, cunhadas de acôrdo com a *legislação monetária portugueza*, que fôra ao *extremo* de estabelecer *padrões diferentes* para MOÉDAS DO MESMO TÓQUE cunhadas no *reino* e na *colônia*; de modo que tinha a OITAVA DE OURO *dous valores legais diversos*: — o de 1\$600 nas MOÉDAS PORTUGUEZAS (de 6\$400) do pêzo de 4 OITAVAS e o de 1\$777 7/9 nas MOÉDAS BRAZILEIRAS (de 4\$000) do pêzo de 2 1/2 OITAVAS, embóra umas e outras de 22 QUILÁTES, isto é, do TÓQUE, ou do TÍTULO, de 917 MILÉZIMOS DE OURO PURO e 83 MILÉZIMOS DE LÍGA; e maior, ainda, era a confusão nas MOÉDAS DE PRATA e completa a dezordem quanto ÁS DE CÓBRE.

Atendendo, pois, mais á necessidade de regularizar as tranzações e pôr alguma ordem em semelhante anarquía, do que, mesmo, a estabelecer, patrióticamente, um SISTÊMA MONETÁRIO BRAZILEIRO, foi decretada a LEI N. 59, de 8 de outúbro de 1833, que estabeleceu o VALOR LEGAL DE 2\$500 PARA A OITAVA DE OURO DE 22 QUILÁTES, quer em *barras*, quer em *moédas, nacionaes, ou estrangeiras*; e, para a execução dessa LEI, orgânizou o GOVERNO uma *tabéla oficial* reguladora dos VALORES NOMINAIS porque deveriam de *circular*, no paiz, as MOÉDAS — de OURO e de PRATA, nacionaes e estrangeiras — nella contempladas, exigindo-se, para as não contempladas,

guias da CASA DA MOEDA * autenticando os respectivos *pêsos tóques e valores*, sendo de 1 para 15 1/8 a *relação aceita* para os *valores relativos* do OURO e da PRATA.

Na vijencia dessa LEI correspondia o *cambio par* ao valor de 43 1/5 dinheiros para 1\$000 brasileiro.

Não tardáram, porém, os fatos a revelar que o *valor legal de 2\$500* não correspondia ao VALOR REAL DA OITAVA DE OURO DE 22 QUILÁTES; pois, o *cambio*, não conseguindo manter-se *ao par* (43 1/5 *dinheiros esterlínos* por 1\$000 *brazileiros*), decêra, successivamente, oscilando, quázi sempre, entre 27 a 26 *dinheiros esterlínos* por 1\$000 *brasileiros*.

Decorreu daí a necessidade da decretação da LEI N. 401 de 11 de setembro de 1846, que — firmando o VALOR LEGAL DE 4\$800 para a OITAVA DE OURO DE 22 QUILÁTES, nas MOÉDAS a circular no Brazil — determinou a redução do PAPEL-MOEDA em circulação até que adquirisse ÊSTE aquêle VALOR; e o DECRETO N. 487, de 28 de novembro do mesmo ano, regulamentando essa LEI, estabeleceu a seguinte *tabéla dos valores* com que deveriam as MOÉDAS DE OURO e DE PRATA, nacionais e estrangeiras, de

*. — O primeiro *Rejimento*, porque se rejeu a nossa CAZA DA MOÉDA, dáta de 9 de setembro de 1686, conforme consta das *Memórias Históricas* de MONSENHOR PIZARRO (pajs. 187 a 195 do 8º volume). Apoz a INDEPENDENCIA do Brazil, várias *refórm*as tem sofrido, a começar pelo *Reg.* de 13 de março de 1834.

Uzofrúe — como de direito e de conveniencia pública coletiva nacional — *privilégio exclusivo* para *cunhájem* das MOÉDAS emitidas na circulação. Exercita esse *privilégio* conhando-AS por conta diréta do ESTADO, ou cobrando — dos INDIVÍDUOS que LHE confiam, pra esse fim, OURO, ou PRATA, em *barras* — a importancia das despesas respetivas da *cunhájem*, que era costúme denominar *braçajem*. Aliaz, a *braçajem* tende a se confundir com *senhoriájem*, que é, propriamente, um *pequeno impôsto* cobrado pelo ESTADO pela *ucnhajem* que, além dum *serviço* prestado, fórma o *valor* da MOÉDA, impedindo *falsificações*, certificando o *título* e o *pêzo*, e dispensando contínuas verificações.

circular *oficialmente*, mantida a relação de 1 para 15 5/8 do OURO para a PRATA:

MOÉDAS:	Pêzos		Títulos	Valores nominais
	oit.	grãos		
de ouro:				
Nacionais e portuguezas	4		0,917	16\$000
Nacionais de 4\$000.....	2	18	"	9\$000
Libras esterlinas	2	16	"	8\$890
de prata:				
Patacão brasileiro	7	36	"	1\$920
Pêzos duros espanhóis..	7	36	"	1\$920
Nacionais de 2 patácas..	5		"	1\$280

E, finalmente, pela LEI N. 475, de 20 de setembro de 1847, posta em execução pelo DECRETO N. 625, de 28 de julho de 1849, ficou, definitivamente, organizado o SISTEMA MONETÁRIO BRASILEIRO, em virtude do qual fôram cunhadas e póstas em circulação as MOÉDAS DE OURO DE 20\$000 e DE 10\$000, do título de 917 milézimos e pêzos respetivos, e, tambem, AS DE PRATA DE 2\$000, DE 1\$000 e DE \$500 do mesmo título (0,917, mas com os respetivos pêzos reduzidos de 3,863% como *senhoriájem* do ESTADO; de modo que as de 2\$000 ficáram pezando 7 OITAVAS + 8 GRÃOS = 25,5 GRÃOS, e as outras em proporção, com tolerancia, ainda, de 0,0996 do gramo na de 2\$000, e, proporcionalmente, nas outras duas (de 1\$000 e de \$500).

E, como, além disso, ficou limitada a 20\$000 a *obrigatoriedade* do recebimento das MOEDAS DE PRATA — reduzidas, assim, a méras *moedas de trôco*, simples *auxiliares* nas tranzações, — é claro que foi o nosso SISTEMA MONETÁRIO BRASILEIRO estabelecido sobre a BAZE MONETALÍSTA, dum PADRÃO-ÚNICO, de OURO.

Em 1867, verificado que o *prêço da prata de 917 milézimos de título desmonetizada* era SUPERIOR — apesar da *senhoriájem* e da *tolerancia* — aos *legais dos respetivos cunhos*, determinou a LEI N. 1.507, de 28 de setembro, que fôsem os *respetivos pèzos das nossas MOÉDAS DE PRATA de 2\$000 a de 1\$000* reduzidos a 25 GRÂMOS e o *título a 900 milézimos*, apenas; e os das de \$500 e \$200 (então emitidas) a 6,25 GRÂMOS e a 2,50 GRÂMOS e o *título a 835 milézimos*, de modo a não haver mais *interêsse* na *desmonetização* dessas MOÉDAS, méras *auxiliáres da circulação*.

Mas, já em 1870, nova *decisão legislativa* — consignada na LEI N. 1.817, de 3 de setembro, e respetivo REGULAMENTO, expedido pelo DECRETO de 18 de novembro de 1871 — restabelecia *o *título de 917 milézimos*, e os *pèzos* fixádos, em 1849, pelo DECRETO de 28 de julho (N. 625), mandando desmonetizar, para nova *cunhájem*, as MOÉDAS DE PRATA emitidas na *vijencia da legislação de 1867* e criando MOÉDAS DE NÍQUEL (com 75% de *cóbre*), de \$200, \$100 e \$050, pezando, respetivamente, 15, 10 e 7 GRÂMOS.

E, como a *valorização inesperada do NÍQUEL* — determinada pela *extraordinária baixa das nossas táxas combiais* — pôdesse chegar a *estimular a desmonetização* dessas MOÉDAS DIVISIONÁRIAS, de mére *trôco nas tranzações internas do paíz*, fôram eias substituídas — *ex-vi da LEI n.640, de 14 de novembro de 1899*, pelas que óra *circúlam de \$400, \$200 e \$100, com pèzos reduzidos*.

Tudo quanto fica, assim, expôsto, tende a *patentear* que a *organização dum sistêma monetário*, a *fixação dos padrões das respetivas unidades*, quer quanto ao *título do metal, cunhável*, quer quanto aos *pèzos das moédas*, e, ainda, á *própria cunhájem oficializada dessas moédas*, consitüem *importantissimo SERVIÇO PÚBLICO*, que não pôde deixar de ser incluído — como, de fáto, o é, em todas as NAÇÕES civilizadas — entre as *mais positivas funções do ESTADO*, tal a GA-

*. — Sempre a *DESCONTINUIDADE* e a *VACILAÇÃO* acentuando a *ORIENTAÇÃO POLÍTICA* da *ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRAZILEIRA!*...

RANTIA que deve de oferecer aos INTERESSES — e, tambem, aos PRÓPRIOS DIREITOS — dos INDIVÍDUOS e da COLETIVIDADE.

É muito para lamentar é não ténham, ainda, podido os povos civilizados acôrdar na adoção generalizada DUM ÚNICO SISTEMA MONETÁRIO.

E, a propósito, apraz-nos repetir, aqui, como fêcho, palavras que, nêsse nóbre sentido, proferimos alhúres*:

“E, assim, apesar dos admiráveis progressos que tem a TÉCNICA logrado proporcionar, nêstes últimos palavras que, nêsse nóbre sentido, proferimos alhúres* : tambem, da gradual consolidação da *solidariédade humana*, decorrente da intensificação e do desinvolvimento maravilhoso da PRODUÇÃO DA RIQUEZA e de sua CIRCULAÇÃO, — nos encontrâmos, ainda, no inicio da porfiada e tremenda pelêja — que é mistér pelejar, sem tréguas, com corájem e com bravúra — na conquista para as *linguájens* — diversificadas por tantas cauzas etnográficas — dum conveniente e apropriado DENOMINADOR COMUM, que compléte a facilidade da *interdependencia humana*, iniciada e proseguída, até aqui, pela crecente universalização do *cálculo*, das *medidas do tempo e das demais grandezas avaliáveis*, das *fórmulas e notações científicas*, das *artes plásticas e da múzica*, dos *utensílios, ferramentas e maquinismos*, dos *procêssos de estatísticas*, de *contabilidade* e de *administração*, das *régras gerais de GARANTIA dos interesses, direitos e liberdades*, e, tambem, das próprias *instituições jurídicas e políticas*, que condiçônam, pelo melhor, a prosperidade das nações.

Dous grandes e decizivos *passos*, apenas, restam por vencer nêsse largo caminho de paz, de concórdia e de progresso: — a adoção dum ÚNICO SISTEMA MONETÁRIO e a adoção duma ÚNICA LINGUAGEM AUXILIAR.

Para que vença a HUMANIDADE o primeiro, bastar-lhe-ha superar a última rezistencia que, contra a com-

* — O ESPERANTO *como lingua auxiliar, commum a todos os povos* — PARECER submittido, ao *Consêlho Diretor* do CLUBE DE ENJENHARIA, aos 18 de júlio de 1921 — Publicação oficial do CLUBE, em folhêtos, — 1921.

pléta *genezalização* do SISTÊMA MÉTRICO DECIMAL, opõe, ainda, o *vultuozo capital* invertido nos inumeráveis maquinismos construídos de conformidade com as velhas *unidades inglezas* — que funciõnam em fábricas das mais vastas, das mais importantes e das mais produtivas do mundo.

Ha de, entretanto, chegar o día, em que tambem êsse *passo decizivo* será transposto e galgado mais êsse *degráo* da luminoso escáda da vida social, tais e tão imperiozas se vam acentuando, progressivamente, as incontestáveis vantágens sociaes — mais do que, mesmo, méramente econômicas — que decorrerão duma ÚNICA unidade para as avaliações das RIQUEZAS, quer sob o ponto de vista por bem dizermos *abstráto*, quer sob o *concréto*, materializado.

... E há de, então, vacilar a HUMANIDADE — ainda perpléxa — em frente da último *passo*, do derradeiro *degráo* dessa nova escáda de JACOB, de cujo cimo dominará, vitorioza e triunfante, a NATUREZA.

..... — lauda eterna
de pompa, de fulgor, de movimento e lída,
uma escála de luz, uma escála de vida,
do Sol á íntima luzerna*,

subjugada, afinal, por completo, para o serviço da ampla satisfação das suas indefinidas *necessidades*, individuais e sociaes, físicas, intellectuais e morais?!... Não, porcerto.

As evoluções humanas, são, em geral, circuláres; e, de progresso em progresso, de aperfeiçoamento em aperfeiçoamento, vólvem, quázi sempre, ao ponto inicial, em estupenda transformação, porém, de *sentimentos* e de *idéais*, de *pensamentos* e de *volicões*, de *orientação* e de *átos*. E, si é, pois, certo — como tudo faz crer — que a vida humana comum se iniciou pelo úzo duma só e única *linguájem*, que se foi, com o tempo, e devido a cauzas várias e múltiplas, modificando, corrompendo e diversificando, afinal, até joeirar-se em

*. — MACHADO DE ASSÍS — *Mundo Interior*.

inúmeros *idiômas*, que tende ainda, cada qual, para fracionar-se em *dialétos diferentes*; natural é que se fêche o ciclo evolutivo pela adoção duma ÚNICA LINGUÁJEM, *auxiliar*, que — respeitadas as suscetibilidades do *patriotismo*, embóra doentio, de cada povo — permita o *geral entendimento* entre todos os humanos em íntima comunhão de SENTIMENTOS e de PENSAMENTOS, que tendem a ser IDENTICOS desde que a mesma concepção geral do mundo.

Sendo o escôpo da vida a gradual e perzistente elevação do nível médio generalizado do CONFÔRTO e do BEM-ESTAR, não apenas MATERIAIS, porém, principalmente, INTELECTUAIS e MORAIS, assentam, cada vez mais e melhor, os fenômenos *sociológicos* sobre os *econômicos*, que, mais diretamente, interéssam a normalidade dessa vida; e, por isso, crêsce e se acen-túa, de dia para dia, a ação dessas duas grandes LEIS que prezidem ás manifestações de tais fenômenos: — a da *oférta e procúra* e a do *mínimo esforço para a eficiência máxima*. E, si léva aquela os humanos a redobrárem de esforços na lúta, que é a vida, — fôrça-os esta a procurar, instintivamente, nessa lúta tremenda e incessante, os MEIOS que lhes póssam proporcionar a mais rápida e a mais ampla vitória com o mínimo dispendio de enerjias. E, si, nessa orientação fôrçada, já conseguíram o *aparêlhamento* de tantas e tão prestimozas *armas* — ás quais nos referimos, — não seria de bem consêlho vacilárem, agóra, diante de dificuldade, que já se anulou, aliaz, graças ao inestimável serviço dum dêsses grandes bemfeitores da HUMANIDADE, que, de tempos a tempos, se levantam, entre seus semelhantes, como as *colúnas simbólicas* a que deu a escritura hebraica — no seu inimitável estílo figurado — o encargo de guiar o povo priviléjiado na dolorosa travessia do extenso dezérto que é, sempre, mistér atravessar na vida, corajosa e intemerátamente, para que logrêmos o frúto sazônado do nosso labor eficiente.

...?Não é — sem contestação possível — o modo de expressar as *grandezas* por meio de *simbolos* e de *notações* um dos mais admiráveis instrumentos da inteliencia humana, do qual se têm utilizado todas as raças por diversos SISTEMAS, tanto mais prestimosos quanto mais simples e mais flexivais? ?Não é, acaso, o

SISTÊMA, que, de presente, prevaléce — *commum* a todos os povos — um exemplo típico de OBRA HUMANA PERMANENTE, cujo mérito especial — consistente no *valor de posição* dos *algarismos* que fórmam os *números* representativos da *grandeza* — lhe dá essa admirável *adaptabilidade* aos úzos sociais?

E são, pela ventúra, ainda discutíveis as extraordinárias vantágens que têm derivado — e continúam a derivar, para a civilização dos povos, do crecente acôrdo, que día para día, mais se generaliza, referente ás *instituições jurídicas*, por meio das quais são dirimidas, dentro no âmbito nacional, todas as pendencias determinadas pelo exercício dos DIREITOS e pelo cumprimento dos DEVÊRES, — accôrdo que desperta, de todos os lados, esforços sincéros e pertinázes no sentido de applicá-lo, também, unifórme e permanentemente, ás *relações internacionais*?...

?E há, ainda, quem póssa contestar que — para êsse escôpo, que se transformaria, conseguido, na *paz universal* — concorreria, mais do que qualquer outro fator, a *universalização* da mesma *instituição política*, firmada, sólidamente, na eficiente GARANTIA dos INTERÊSSES, dos DIREITOS, da LIBERDADE e da IGUALDADE PERANTE A LEI?...

?E, que representa tudo isso, si não as crecentes e irreprimiveis ASPIRAÇÕES HUMANAS para a UNIDADE DA VIDA COMUM COLETIVA da HUMANIDADE, no *espáço* e no *tempo*?!..."

UM CAPITULO DA GEOGRAPHIA DO CEARA

RECURSOS MINERAES

(Memoria apresentada ao 8º Congresso Brasileiro de Geographia, por
S. FRÓES ABREU.)

A presente memoria que tivemos a satisfação de submitter á apreciação dos doutos membros do 8º Congresso Brasileiro de Geographia, reúne dados **historicos, technicos e algumas opiniões** pessoas acerca de factos relacionados com o estudo do sólo cearense.

O assumpto não foi certamente abordado com brilho e positivamente, não representa a obra que idealizamos, mas o desejo de proporcionar algumas notas fidedignas sobre mineraes do Ceará, pondo de parte tudo quanto diz respeito á pura fantasia, incitou-nos a vir apresentar as notas que vinhamos reunindo ha algum tempo.

Como se vê pela inspecção da bibliographia annexa a esta memoria, são muito abundantes as fontes informativas; mas, lamentavelmente, uma grande parte fornece dados que não merecem muito crédito.

As obras mais modernas sobre geographia do Ceará já expõem a parte referente á constituição do sólo com bastante clareza e precisão, graças aos trabalhos dos geologos da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas. Na parte que diz respeito ás occorrencias mineraes, no entanto, ha ainda muita velharia intimamente misturada á fantasia, á imprecisão e aos factos reaes. Algumas vezes são ainda citados minerios de ferro com 80 % de ferro puro — em flagrante antagonismo com as leis chemicas, — noticias antiquissimas, sem posterior confirmação, de minas de zinco, mercurio, prata, etc., que vêm sendo conservadas pela tradição, destes tempos immemoriaes.

Sem desacatar as opiniões de typos do porte de Feijó, Marcos de Macêdo, Capanemá e Senador Pompeu, que incontestavelmente devem ser considerados altos expoentes de cultura, em sua época, desprezamos muita cousa dos seus escriptos, que não pôde ser endossada nos dias que correm.

A's observações pessoas aduzimos todos os informes que nos pareceram fidedignos e, assim, reunimos muitos elementos de grande utilidade para todos quantos queiram ter uma noção, um tanto precisa, acerca dos recursos mineraes do Ceará.

Um esboço historico referindo-se aos principaes observadores do sólo e ás explorações de character francamente industrial completam este trabalho.

Nossa intenção não foi fazer um estudo mineralogico — mas tratar dos mineraes com uma feição geographica, indicando os principaes, o local das

occorrencias, dando idéas ácerca da qualidade, composiçãõ, etc., de maneira que possam ser facilmente apprehendidas as vantagens que o homem pôde delles fruir.

Fica, destarte, justificado o titulo que demos a esta memoria, que, realmente, nada mais é que um capitulo da geographia do Ceará, onde se trata do reino mineral encarado como factor de progresso.

*
* * *

UM CAPITULO DA GEOGRAPHIA DO CEARÁ

RECURSOS MINERAES

Os aborigenes que habitavam outróra o territorio cearense ainda não conheciam os metaes e nenhuma importancia davam aos mineraes, para elles sem utilidade alguma.

Provavelmentê só depois do contacto com os primeiros colonizadores (Pero Coelho, Padre Francisco Pinto e Luiz Figueira) foi que passaram a dar attenção aos seixos, procurando os que se pareciam com os que lhes **descreviam os forasteiros**, em suas cupidas inquirições ácerca dos recursos da terra. Devem ter sido, portanto, os incolas, por suggestões dos colonizadores, os primeiros pesquisadores de mineraes no Ceará.

Daquellas inquirições, é que nasceram as lendas de minas de prata das serras de Maranguape e Ibiapaba que, muito tempo depois, deveriam attrahir ao Ceará uma grande expedição hollandeza.

Os insuccessos dos primeiros colonizadores, repellidos pelo incola altivo e hostilizados pela inclemencia do meio, fizeram com que, por muito tempo, não se cuidasse de desvendar as suppostas riquezas mineraes.

Em 1649 os hollandezes sob a direcção de Mathias Beck trabalharam activamente no inutilito de descobrir as ricas minas de prata referidas pela tradição, gastando energia sem proveito durante o tempo de seu dominio no Ceará.

Depois disso, passaram-se mais de cem annos sem que houvesse **acontecimentos notaveis** ligados aos estudos ou ás explorações mineralogicas.

No decorrer das ultimas décadas do seculo XVII, e até o meiado do seculo XVIII, percebe-se pelas **chronicas**, que houve um periodo de paralisação com relação a essas questões.

Na segunda metade do seculo XVIII, até os primeiros annos do seculo seguinte, é que essas explorações tomaram maior surto. Póde-se dizer mesmo que esse periodo é caracterizado pelas cogitações em torno da riqueza mineral da Capitania. Em 1752 principiou a exploração das jazidas auríferas no sul do Ceará, cujo resumo historico damos num capitulo especial.

O capitão-mór Azevedo Coutinho Montaury muito se interessou pelo estudo das possibilidades economicas da Capitania; por 3 vezes enviou para Portugal caixotes com amostras de substancias diversas, colhidas no interior do Ceará.

O primeiro lote de amostras foi despachado de Aracaty, a 30 de Abril de 1783. Dentre os productos mineraes, havia saccos com salitre, amiantho,

tripoli a que os inglezes chamam Ratiston, pedras que parecem chysolitos, amethystas, topazios, etc., chrystaes, pedras raras e curiosas, azeviche, alambre branco em bruto, pedras creadas pela Natureza que parecem bolas de ferro, pedras conhecidas nessa terra pelo nome de metallicas, pedras que parecem ser de ferro, pedra-hume, pedra de afiar, bruta e já polida, malacacheta ou talco, etc.

Cerca de um anno e meio depois, Montaury fez nova remessa, na qual haviam *ossos monstruosos e quasi petrificados* encontrados numa escavação feita proximo á ribeira de Aracacú (rio Acarahú), “*não se tendo achado*”, diz a memoria que encaminhava as amostras, “*a caveira ou ossos pertencentes á cabeça pelos quaes talvez se poderia vir no conhecimento da qualidade do animal de que são os mesmos ossos por não haver animal algum tão montsruso nem de tradição de que jámais o houvesse nessa Capitania a que se possam attribuir aquelles ossos*”.

Machados de ferro encontrados numa serra onde havia vestigios de explorações, pedras ahí encontradas, *saquinhos com pedras que dizem ser de prata*, de cobre fino, de tintas, “*sendo uma entre ellas esquipatica por chocalhar com outra dentro, pedras cingidas com uma correia de tintas e metallicas*, salitre e sal que dizem mineral, provenientes das serras da Ibiapaba e Campo Grande, pedras de que se póde extrahir ouro, de Icó, e pedras que dizem ser *osso, chumbo e cobre*, da Ribeira do Açaracú” tudo isso acompanhado por um extenso relatorio, constituiu a segunda remessa.

As amostras enviadas por Montaury despertaram muito interesse em Portugal, sobretudo certos especimens tidos como *pedras de prata*.

E tal foi a impressão causada pelos mostruarios remetidos, que logo se constituiu, em Lisboa, uma companhia destinada a explorar as riquezas mineiras do Ceará. O ponto collimado foi a serra da Ibiapaba onde se suppunha existir possantes minas de prata.

As principaes figuras dessa empreza foram Vasco Lourenço Velloso, Manoel Francisco dos Santos Soledade e Antonio Gonçalves de Araujo.

Este ultimo foi ao Ceará galardoado com o posto de superintendente das minas, levando os apetrechos necessarios ás explorações e cerca de 50 operarios mineiros, entre os quaes, sabe-se que foram os francezes Jean Sporgel e Martin Furgeor, que chegaram ao Ceará no anno de 1741. Consta que as pesquisas iniciaram-se em Ubajára, nas proximidades duma ladeira que se dirigia para o povoado que deu origem á cidade de São Pedro de Ibiapina. Mais tarde, passaram a trabalhar em Ipú, onde, segundo se dizia, o minerio era mais abundante.

Os minerios de Ubajára analysados pelos peritos trazidos por Gonçalves Araujo revelaram apenas cobre em pequena porção e nada de prata.

Tendo o governo de Portugal sciencia do fracasso dessas explorações, ordenou ao Capitão-Governador Geral de Pernambuco mandasse fazer pesquisas afim de averiguar-se se havia ou não minas de prata na Capitania do Ceará.

Caso não houvesse, ordenava que se suspendessem as explorações e se destituisse Antonio Gonçalves Araujo do posto de superintendente e lhe cassassem todos os privilegios de que gozava, — até que se descobrissem as minas.

Manoel José de Faria, o ouvidor que trouxe essas ordens, encontrou grandes difficuldades para lhes dar cumprimento; Araujo resistiu ás intimações, interinou-se na serra da Ibiapaba e fugiu para o Piauhy, quando o ouvidor tentou captural-o.

Consta que dahi partiu para Lisboa, via Pará ou Maranhão, e sendo surpreendido pela morte durante a viagem, deixou para uma filha a elevada somma de 200.000 cruzados que se julgou haver sido lucro de taes minas.

Influenciado pelos successos das bandeiras paulistas que, desde o meiado do seculo XVII, vinham descobrindo constantemente novas jazidas de ouro e pedras preciosas, não se cansava o governo de Portugal de recommendar aos capitães-móres e ouvidores do Ceará que procurassem explorar as riquezas mineraes da Capitania.

De accordo com as instrucções recebidas de Lisboa, o ouvidor-mór Avellar Barbedo, que serviu com o capitão-mór Azevedo Montaury, procurou indagar das possibilidades do Ceará, tanto em relação ao reino mineral como ao vegetal. Durante sua gestão fez varias excursões que lhe deram ensejo a conhecer muito bem o interior da Capitania. E' provavel mesmo que Avellar Barbedo houvesse palmilhado quasi todo o Ceará á cata de amostras de minerios; autoriza-nos a assim pensar o facto de ter elle remettido caixotes de amostras, de uma feita de Aracaty, (4 — Junho — 1787) depois do Crato — (4 — Agosto — 1787 ou 1788), e mais tarde de Sobral, (8 — Outubro — 1788).

O operoso ouvidor esteve durante algum tempo na serra da Ibiapaba, onde se occupou "em fazer o Exame Physico daquelle territorio", e encontrou ahi, segundo affirma em carta de 4 de Junho de 1787, escripta em Aracaty. "hua prodigiosa abundancia de minas de differentes metaes e semi-metaes como tambem hua grande variedade de plantas exoticas, e me parece, que algumas ineditas". Escreveu uma memoria sobre a serra da Ibiapaba que, infelizmente, é hoje completamente desconhecida.

Para succeder a Azevedo Coutinho Montaury no cargo de Capitão-mór do Ceará, o governo portuguez nomeou Luiz da Motta Féo e Torres, que tomou posse a 9 de Novembro de 1789. Attendendo ás insinuações do governo da metropole, Féo e Torres não se demorou em procurar esclarecer a questão das minas de prata da serra da Ibiapaba. Como os negocios referentes á administração da Capitania não permittissem que elle em pessoa se internasse pelos sertões, á cata das faladas minas, limitou-se a colligir informações. Assim, numa carta ao Ministro Martinho de Mello e Castro, de 7 de Junho de 1790, fez um pequeno estudo baseado nos informes que lhe pareceram fidedignos.

Noutra exposição ao governo portuguez, em documento dirigido ao mesmo Ministro, a 10 de Outubro de 1792, Féo e Torres expõe a situação da Capitania, assolada pela *secca-grande* do povo, a secca "que deixou mais tradições tristes" segundo Pompeu. E á secca de 3 annos successivos juntavam-se epidemias, de modo a affastar completamente qualquer tentativa de explorações mineralogicas. Em época tão ingrata, todas as energias eram absorvidas pelo problema da alimentação e pelo combate aos males que dizimavam o povo.

Féo e Torres fez ver á gente de Portugal as difficuldades que havia em desempenhar as recommendações que lhe davam, traçou um esboço historico da mineração no tempo de Gonçalves de Araujo, referiu-se ás varias representações do ouvidor Pedro Novaes dizendo que não se descobria prata, e que a que se retirava era insignificante; mas Pedro Lelou de Lanoia havia feito ensaios perante o Governador Geral de Pernambuco e o ouvidor, e com luvas nas mãos "para não fazer falsificação extrahiu prata em abundancia em presença dos ditos".

Em Outubro de 1790, o Governador Féo e Torres foi a Sobral passar em revista as tropas auxiliares e milicianas; fez tenção de prolongar um

pouco a excursão, indo até Ubajará inspeccionar as minas, mas, como a grande secca dificultasse muita a realização desse projecto, incumbiu o sargento-mór Ignacio de Amorim Barros de ir colher amostras na parte mais profunda da mina. As amostras, em quantidade pequena, devido a difficuldades em obtel-as, foram remettidas para Portugal em Outubro de 1791.

Parece que o resultado da analyse dessas amostras foi desfavoravel á versão corrente e dominante, de grandes minas de prata.

Nunca mais houve recommendações especiaes para que se animasse a exploração de minas de prata no Ceará, e, quando, em 1799 João da Silva Feijó foi designado para estudar os recursos mineraes do Ceará, a preocupação capital do Governo portuguez foi que se descobrisse salitre. Feijó, como teremos occasião de mostrar, viajou muito pelo Ceará, procurando estudar todas as jazidas, mas nenhuma luz lançou sobre a fantasista versão das abundantes minas de prata, comparaveis ás do Perú.

Estava quasi a findar o seculo XVIII, quando o Governo portuguez, accedendo aos pedidos reiterados dos capitães-móres, resolveu tirar o Ceará da dependencia politica de Pernambuco, (carta régia de 17 de Janeiro de 1799) constituindo-o Capitania independente daquella. Bernardo Manoel de Vasconcelos foi seu primeiro Governador. Desempenhou muito bem sua missão e não mediu esforços no intuito de desenvolver e aproveitar os recursos naturaes da novel Capitania independente.

Sómente o apoio dado a João da Silva Feijó, encarregado de estudar a região no que dizia respeito ás sciencias naturaes, seria bastante para gran-gear-lhe de todos os applausos mais entusiasticos.

Realmente, ao franco apoio de Bernardo de Vasconcellos deve-se a operosa actuação de Feijó, que consumiu a maior parte da sua estadia no Ceará a perscrutar-lhe as possibilidades economicas. Dentre as suas obras, as que mais de perto interessam ao Ceará são as que mencionamos abaixo:

“Memoria sobre a Capitania do Ceará, escripta de ordem superior pelo Sargento-mór João da Silva Feijó, Naturalista encarregado por S. A. Real das investigações philosophicas da mesma Capitania.” — Esta memoria, assás interessante, foi publicada no *Patriota*, em 1814, e na Revista de Instituto do Ceará, vol. III, pag. 3.

“Memoria Economica sobre a Raça de Gado Lanigero da Capitania do Ceará, com os meios de organizar os seus rebanhos por principios ruraes, aperfeiçoar a especie actual das suas ovelhas, e conduzir-se no tratamento dellas e das suas lãs em utilidade geral do Commercio do Brasil e prosperidade da mesma Capitania”, escripta e offerecida ao Principe Regente, Nosso Senhor, Rio de Janeiro, Na Impressão Regia, 1811, por Ordem de S. A. R.

De Feijó existe ainda uma memoria sobre a mina de ferro do Cangaty, que se acha, pelo menos em parte, transcripta na Chorographia da Provincia do Ceará de José Pompeu de Albuquerque Cavalcante, publicada no Rio de Janeiro, na Imprensa Nacional, no anno 1888 e tambem no “O Ceará no começo do seculo XX” de Thomaz Pompeu de Souza Brasil.

Escreveu ainda alguma cousa sobre as minas de ouro do Ceará, uma flóra, que ficou em manuscrito, ainda outro trabalho com o titulo “Collecção descriptiva de plantas da Capitania do Ceará”, um “Preambulo ao Ensaio Philosophico e Politico sobre a Capitania do Ceará (para servir á sua Historia Geral. Imprensa Regia, Rio de Janeiro, 1810). Desenhou uma “Carta topo-

graphica do Ceará á Mina de Salpêtra descoberta no sitio de Tatajubá”, na distancia de 55 leguas da villa da Fortaleza, e uma “Carta Demonstrativa da Capitania do Ceará” para servir de plano á sua Carta Topographica, 1810.

A carta topographica de Fortaleza aos depositos de salitre, encontra-se na collecção de mappas da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Os escriptos deixados por Feijó e principalmente a sua acção, esforçando-se pela expansão da industria mineral no Ceará, tornaram-no uma figura de elevado porte na historia economica desse Estado.

Póde-se mesmo dizer que Feijó foi o Eschwege do Ceará. O papel que o naturalista germanico representou em Minas Geraes, guardadas as devidas proporções, foi identico ao do nosso patricio, no Estado nortista. A obra de Eschwege é, sem duvida, muito mais vultosa, e para isso deve ter concorrido, além do grande preparo do naturalista estrangeiro, o meio muito mais propicio em que viveu.

Não sabemos, ao certo, a época em que Feijó se retirou do Ceará; suppõe-se que foi em 1819; o que podemos adiantar é que se póde restringir ao primeiro decennio do seculo XIX o periodo de sua grande actividade naquelle Estado.

São dos moldes desse trabalho apreciar pormenorizadamente a obra dos que se occuparam com os estudos relativos á geographia economica: entretanto não queremos deixar de consignar algumas palavras á “Memoria sobre a Capitania do Ceará”. Seu autor foi o primeiro homem que o Ceará possuiu capacidade para compreender as suas possibilidades sob aspectos varios — pois, antes d'elle, os que haviam palmilhado a Capitania eram aventureiros obsecados pelas riquezas de que falavam as lendas, ou simples homens publicos completamente alheios ao estudo das sciencias naturaes.

Feijó não foi absolutamente um idealista, mas antes um homem de acção, que comprehendia muito bem o seu papel. Na “Memoria sobre a Capitania do Ceará” elle deixa traços inconfundiveis da sua orientação, e as suas idéas relativas á criação de gado lanigero, á expansão da industria salineira, ao ensaio de diversas culturas exóticas, ao reflorestamento — o que de certo para diante daria immenso interesse á Fazenda Real — traduzem bem os attributos superiores de seu espirito.

Em questões de geologia Feijó não foi impecavel; errou, como erram todos.

Assim, no paragrapho 20 da citada “Memoria”, ao tratar da “Qualidade Physica do Terreno”, depois de apresentar tres divisões para as terras da Capitania — beira-mar, montanhosa e sertão, — divisões ainda hoje correntemente seguidas, diz que o terreno “é em geral um terreno vulcanico, composto de massas irregulares de lavas e outras substancias terreas primitivas, mais ou menos alteradas por força de fogo, constituindo o seu amago ou nucleo universal uma rocha viva, azulada, saxozza, vitrescente e durissima.”

Isso não está de accôrdo com as observações mais recentes.

Feijó tambem suppoz ter visto “antigas crateras vulcanicas afuniladas” — que não passavam de morros graniticos de fórmias conicas.

Chronologicamente, depois de Feijó, apparece na historia das explorações do Ceará a figura de George Gardner, botanico inglez, que chegou ao Aracaty, subiu o valle do Jaguaribe, esteve na chapada do Araripe e dahi seguiu para

o Piauí em continuação á sua longa jornada através o norte do Brasil. Comquanto se tenha occupado mais com a botânica e com o estudo dos costumes do Ceará de 1838, — pois Gardner nos deixou noticias muito interessantes acerca de Aracaty, Icó, Crato, Jardim, etc., — teve tambem occasião de fazer



CARTA DA PARTE DO CEARA' DESENHADA PELO NATURALISTA JOÃO DA SILVA FEIJO' NO PRINCIPIO NO PRINCIPIO DO SECULO XIX.

(Reproducção do original conservado na Bibliotheca Nac. do R. de Janeiro. por O. V. Burger.)

observações geologicas na serra do Araripe, referindo o terreno ao periodo cretaceo, pela analogia com as camadas de grêda da Inglaterra.

Ahi teve ensejo de fazer uma grande collecção de peixes fosseis, já conhecidos ha muito tempo, e referidos por Feijó no pagrapho 25 da sua "Memoria sobre a Capitania do Ceará".

Uma collecção desses fosseis foi enviada ao Sr. J. E. Bowman, em Manchester, que a expoz na Associação Britannica de Glasgow, onde foi vista por Luiz Agassiz.

Os peixes foram classificados por Agassiz como pertencentes ao periodo cretaceo, confirmando assim, com base paleontologica, a determinação de Gardner, feita apenas por analogias com os terrenos da Inglaterra.

Gardner deixou escriptas suas notas de viagem pelo interior do Brasil, numa obra importante, que se encontra na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

Em 1855, Marcos de Macedo, Juiz de Direito do Crato, escreveu um pequeno trabalho sobre os "Terrenos carboniferos da Comarca do Crato"

publicado no "Diario de Pernambuco" e na "Revista do Instituto do Ceará", vol. XIII, pag. 106.

Macedo era possuidor de alta cultura, interessado pelo estudo das sciencias naturaes, e applicava suas horas de lazer em observações sobre a chapada do Araripe.

Seus escriptos revelam o interesse que mantinha acerca de tudo quanto se relacionava com a região em que vivia, e com a clareza de expressão de que tinha o segredo, deixou bem patente a classificação inadequada que elle estabeleceu para os sedimentos do sul do Ceará.

Macedo admittia sobre os "terrenos plutonicos, onde principiam os granitos, e outras rochas de igual formação", o "lias" que se reconhece pelo aspecto cavernoso do terreno e suas formações sempre grosseiras e de sedimento" e sobre esse o jurassico, correspondendo aos sedimentos superiores da chapada. E' de admirar que elle não houvesse dispensado o interesse que lhe deveram despertar os peixes fosseios, já naquella época tão conhecidos e até classificados e descriptos por Agassiz no "Edinburgh New Philosophical Journal" (1841) e nos "Comptes Rendus de l'Academie des Sciences" (1844). De Marcos de Macedo ha outro escripto interessante — uma carta em que expunha ao eminente engenheiro Ferdinando Halfeld o que sabia a respeito da zona sul do Ceará, em suas relações com o problema do desvio do rio São Francisco. Halfeld sabendo-o conhecedor da região e homem capaz de prestar informes precisos, pediu-lhe noticias; a carta em que Macedo se desempenhou dessa incumbencia é um interessante documento dado á publicidade pelo Sr. Barão de Studart na "Revista da Academia Cearense", tomo II, pag. 199.

Depois de George Gardner, que só esteve no valle do Jaguaribe e no extremo sul, o povo cearense acolheu de 1859 a 1861 um trôço grande de naturalistas. Foi a celebre Commissão Scientifica que o governo imperial estipendiou, organizada sob os auspicios dessa gloriosa instituição que é o Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Della fizeram parte homens eminentes, especialistas reconhecidos e acatados na época, cada qual encarregado das questões de sua especialidade. Assim, ao barão de Capanema e seu ajudante, o capitão João Martins da Silva Coutinho, foram confiados os estudos geologicos e mineralogicos; o Dr. Manoel Ferreira Lagos auxiliado por João Pedro e Lucas Antonio Villa Real teve a cargo os estudos de zoologia; o capitão-tenente Giacomo Raja Gabaglia e os primeiros tenentes da armada José Soares Pinto, Basilio Siqueira Barbedo, engenheiro Caetano de Brito de Sousa Gayoso e Dr. Agostinho Victor de Borja Castro, foram encarregados de fazer estudos geographicos e astronomicos; o Dr. Francisco Freire Allemão tinha a seu cargo as questões de botanica; José dos Reis Carvalho era o desenhista; completava o trôço de cientistas o poeta Antonio Gonçalves Dias, que se deveria occupar com os estudos de ethnographia e descrever a viagem. Encorporaram-se depois á secção astronomica, o primeiro tenente de engenharia Francisco Carlos Lassance Cunha e o capitão Antonio Alvares dos Santos Souza, e á secção de ethnographia o Dr. Francisco de Assis de Azevedo Guimarães. As diversas secções deviam agir independentemente de accôrdo com a natureza dos estudos de cada uma, mas em harmonia de vistas com o conselheiro Freire Allemão, chefe da commissão, além de encarregado da secção botanica. Tudo fazia

suppôr que uma expedição de tal maneira organizada, composta de homens conhecedores profundos de suas especialidades, e que acceitavam espontaneamente aquelles encargos, fosse produzir os resultados mais interessantes. Della surgiriam relatorios extensos e preciosas colleções, nas quaes ficariam patenteadas as grandes riquezas e as innumerables curiosidades esquecidas nos sertões incultos.

Mas tal não se deu.

A commissão encontrou grandes obstaculos, revêzes de natureza financeira, revêzes causados pelas estações chuvosas, doenças e até a morte de dois membros — o tenente Gayoso e o Dr. Francisco de Assis. Finalmente, o naufragio dum hiate conduzindo o material que vinha sendo colhido com tanto esforço, quando já havia ordem para que todos os membros regresassem ao Rio de Janeiro, foi o ultimo revéz dessa mallograda commissão.

Todas as secções encontraram vasto campo de investigações; apenas Gonçalves Dias procurou em vão tribus indigenas no Ceará, e depois de acompanhar o barão de Capanema durante algum tempo, seguiu para o Maranhão, Pará e Amazonas. Os resultados dessa missão ficaram muito obscurecidos, em virtude da perda das colleções no naufragio do hiate "Palpite"; mesmo assim, embora não correspondendo á expectativa geral, as colleções do Museu Nacional ficaram muito enriquecidas, relativamente ao material botânico e zoologico.

Os membros da commissão de 1859-1861 percorreram quasi todo o Estado.

O povo cearense, principalmente a classe de cultura abaixo da mediana, lançou sobre a commissão aquelles epithétos finamente satyricos que traduzem a zombaria e a descrença que o povo do norte mantém com relação ao estudo das sciencias naturaes. "Commissão das borboletas" foi um dos appellidos provocados pela operosidade dos membros da secção zoologica, que colleccionou no Estado cerca de 4.000 specimens de passaros e cerca de 10.000 insectos (*).

Cerca de um lustro depois, em Março de 1866, chegou ao Ceará o celebre naturalista Luiz Agassiz, de volta da Amazonia. Já havia estado de passagem em Fortaleza, em agosto do anno anterior, demorando-se apenas o tempo que o navio esteve no porto. Desta vez, Agassiz demorou-se 16 dias; nesse curto prazo fez varias excursões nas proximidades da capital, indo até as serras da Aratanha e Monguba fazer observações sobre a supposta glaciação pleistocenica.

Obsecado pela sua theoria da glaciação, Agassiz viu em todos os matacões produzidos pela exfoliação dos granitos e gnais-os mais caracteristicos indícios de morenas. Hoje, as morenas de Agassiz e os vulcões de Feijó são postos á margem como material esteril, quando se faz o computo das antigas contribuições para o conhecimento da geologia do Ceará.

O geologo Frederico Katzer esteve no Ceará em 1897, demorando-se sómente algumas semanas em observações geologicas, apenas na região comprehendida entre a Capital e Quixadá.

Em 1906, Roderic Crandall, trabalhando sob a orientação do Professor Branner, esteve no sul do Estado e ahi fez uma colleção de fosseis descriptos mais tarde por Branner e Jordan.

(*). Vide nosso trabalho "A Commissão scientifica de 1859" na Revista do Instituto do Ceará, tomo XXXIII, anno 1919.

Em 1909, por um feliz accordo entre os directores de Serviço Geologico e Mineralogico do Brasil e a Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, iniciou-se uma nova era de estudos do sólo cearense.

Com um plano vasto e grandioso, semelhante ao da commissão do imperio chefiada pelo conselheiro Freire Allemão, e dispondo de pessoal habilitado e de recursos que faltaram aos scientists de 1859, desse empreendimento resultou um conhecimento já um tanto minucioso do sólo cearense. As principaes personagens dessa nova phase de estudos foram os geologos americanos Horace Williams, Roderic Crandall e Horatio Small; os brasileiros Euzebio de Oliveira e Alberto Betim Paes Leme; os engenheiros Gastão Gomes e Arnaldo Pimenta da Cunha, que determinaram coordenadas geographicas, e Alberto Leofgren, que fez estudos referentes ás questões florestaes. A lista das publicações referentes a esses estudos encontra-se no ultimo capitulo desta memoria.

Em 1911 a "Stanford Expedition", composta de 8 scientists americanos, cujo chefe era o eminente Professor Branner, permaneceu 10 dias no Ceará, havendo ensejo, nesse tão curto lapso de tempo, apenas para uma visita á região de Quixadá.

Dentre os observadores de nossos dias, devem ser lembrados Francisco Dias da Rocha, proprietario do Museu Rocha, em Fortaleza, que possui uma grande collecção mineralogica; L. Jacques de Moraes, que esteve, de 1920 a 1924, a serviço da I. F. O. C. S., estudando a estrutura das serras dos Estados do Nordeste.

A leitura destas notas deixa bem claro a existencia de tres periodos de estudos acurados do sólo cearense, que correspondem a tres regimens administrativos.

No regimen colonial, salientam-se as explorações de Feijó (primeira decada do seculo XIX); no regimen imperial, a excursão chefiada pelo conselheiro Freire Allemão — (1859-1861), e no actual regimen republicano os estudos da Inspectoria de Obras contra as Seccas (primeira decada do seculo XX).

Cada um desses surtos, distanciados um do outro precisamente de meio-seculo, teve em mira estudos sob pontos de vista differentes.

O primeiro foi essencialmente utilitarista, — tinha em vista descoberta de riquezas.

O segundo, collimando o estudo da natureza, o conhecimento da fauna, da flora, do sólo e dos aborigenes, cuja existencia era ainda suspeitada — teve um fim scientifico.

O terceiro — um fim social; estudar o sólo em relação aos meios de armazenar agua, afim de minorar os padecimentos dos que vivem na zona sujeita á irregularidade de chuvas.

O sólo foi estudado primeiro para obter dinheiro (mineraes de valor para a corôa de Portugal), depois para se obter amostras e documentos para o conhecimento da nossa terra, e, finalmente, com um escopo ainda mais altruista, obter agua para os habitantes da zona semi-arida.

Tendo já sido feita uma referencia aos principaes observadores do sólo cearense, cumpre agora, para completar a noção geral sobre o assumpto, algo dizer com relação propriamente ás explorações feitas em caracter industrial.

Os principaes empreendimentos, nessa esphera, foram as explorações hollandezas, em procura de prata, (1649), as explorações de ouro no valle do Salgado, (meiado do seculo XVIII) as de salitre dirigidas por Feijó (principio do seculo XIX) as tentativas de mineração de ouro em Ipú e de cobre em Pedras Verdes (fim do seculo XIX).

Com relação á prata, será relatada, em traços geraes, a acção dos hollandezes ao tempo do seu dominio no Ceará.

Quanto á exploração de ouro, que, em certo período, attraheu, a actividade de grande parte da população cearense, ha documentação importante publicada pelo incansavel Sr. Barão de Studart.

Damos aqui apenas um resumo historico da mineração, recommendando, entretanto, os abundantes e minuciosos documentos publicados por aquelle illustre bibliophilo e referidos na lista bibliographica.

O OURO

AS LAVRAS DO CARIRI

I

Não se sabe ao certo quando se deram os primeiros descobrimentos de ouro no Ceará.

Em 1690 o almotacé-mór Antonio Luiz Gonçalves Camara Coutinho, Governador de Pernambuco, foi incumbido por Pedro II de Portugal de descobrir minas no Cariri.

Manoel Marques, capitão de infantaria no Recife, encarregado pelo almotacé Antonio C. Coutinho, Diogo da Silva Velloso, a mando do Governador Antonio Felix José Machado e Francisco Monte da Silva e seus parentes, no tempo de Lourenço Alves, tambem se empenharam nessas diligencias que, aliás, não surgiram effeito.

Só em 1752 espalharam-se as primeiras noticias ácerca do ouro no Cariri. Em Março desse anno o Governador de Pernambuco recebeu em audiencia José Honorio Valladares Abuim, recentemente chegado dos sertões do Ceará, que lhe contou que vira no Cariri trabalhos de mineração de ouro e que os habitantes do lugar faziam o possivel para que a noticia desses trabalhos não se divulgasse. E para fortalecer as suas asserções, trouxe amostras de ouro que se tirava do riacho Genipapeiro.

Sem perda de tempo, tomou o Governador José Luiz Corrêa de Sá as providencias que o caso reclamava, e, como não pudesse repartir as terras por diversos exploradores, por estarem as minas distantes das *Geraes*, conforme preceituava a ordem regia de 27 de Março de 1730, — tratou de organizar uma expedição ao Cariri para verificar a existencia dessas minas.

Tres dias após a denuncia de Valladares Abuim, chegava um portador com uma carta de Domingos Alvares de Mattos, coronel da Ribeira dos Cariris, trazendo noticias sobre o descobrimento, amostras e uma relação de 9 riachos onde se encontrava ouro. Poucos dias se haviam passado quando chegou a Recife uma carta do capitão-mór de Icó, Bento da Silva Oliveira, confirmando as primeiras noticias.

Abuim quiz passar por ser o denunciador dos trabalhos de mineração, mas pelo testemunho de Jeronymo Mendes da Paz este merito deve caber a Domingos Alvares de Mattos. Sabendo que este mandava a denuncia ao Governador de Pernambuco, Abuim comprou algum ouro e partiu celere, conseguindo chegar ao Recife antes dos portadores do verdadeiro denunciador. A frota que partiu do Recife a 5 de Julho de 1752 levou para Portugal a importante nova, com as cartas e a relação, agora já de 15 riachos, acompanhada de amostras de ouro, pesando 28 oitavas (100 grs. 24). O Governador de Pernambuco organizou uma expedição que deveria policiar as minas, cobrar os quintos e comprar ouro aos particulares (a 1.280 réis a oitava), entregando a direcção a Jeronymo Mendes da Paz, — homem de sua inteira confiança e possuidor de grande capacidade administrativa, que teve como ajudantes o tenente Francisco Alvares Pugas e o alferes Francisco Luiz Guedes.

A 17 de Maio de 1753 partiram para o Aracaty Jeronymo da Paz e 30 soldados em companhia de José Honorio, e dalli seguiram para o Cariri, o tenente Pugas seguiu mais tarde com alguns soldados. No Cariri encontraram o capitão general do Ceará Luiz Quaresma Dourado e o ouvidor Proença de Lemo⁹ que alli estavam, attrahidos pela importante descoberta.

A missão de Jeronymo da Paz não foi das mais faceis; teve de fazer frente a mil obstaculos oriundos, principalmente, das intrigas com que o ouvidor do Ceará procurava indispol-o com as autoridades.

Os odios do ouvidor do Ceará e do capitão general Quaresma Dourado contra Domingos Alvares de Mattos — que communicou a descoberta ao Governo de Pernambuco, deixam perceber que aquelles pretendiam desfructar occultamente os lucros da mineração, tanto mais quanto Quaresma Dourado interessava-se muito pela mineração, e até obteve, pela provisão de 14 de Dezembro de 1754, licença para lavrar metaes na Comarca de Maranguape.

Quaresma Dourado demittiu Alvares de Mattos do posto de coronel da Ribeira dos Cariris.

Quando estava para chegar ao Cariri a parte principal da expedição, acompanhada por Francisco Luiz Guedes que se atrazou por trazer carros e cargas pesadas, através os sertões da Parahyba, Proença de Lemos mandou que emissarios, nos sertões do Rio do Peixe, espalhassem o desanimo e a indisciplina entre a tropa, propalando que as minas do Cariri eram uma "blague".

Mas Jeronymo da Paz enviou o alferes Guedes ao encontro da tropa para auxiliar-a e mandou José Caetano com alguns mineiros fazer bateadas perante os officiaes militares da Fazenda e da Guarda Mória para provar que havia ouro. O resultado dos ensaios foi excellente; tanto no Salgado como no riacho Genipapeiro obtiveram pintas de ouro, de sorte que o ouvidor não conseguiu o seu intento.

Até a Jeronymo da Paz quiz o ouvidor convencer da inutilidade da mineração; achava tão inutil que se atrevia offerecer 400\$000 por cada 100 oitavas de ouro. Como ainda dessa vez, falhassem os seus planos, o intrigante ouvidor tornou-se adepto da mineração, promettendo índios a quem não tivesse escravos para minerar, e attrahindo gente para trabalhar nas minas, em datas que elle concederia gratuitamente; elle proprio passou a trabalhar em datas suas.

Finalmente, deixou o Cariri tendo antes uma conferencia com Quaresma e consignando em termo escripto a não existencia de minas de ouro naquella região (X) Livre da *dôr deilharga*, Jeronymo da Paz organizou a Intendencia, fez nomeações para os diversos cargos, mas pouco tempo depois estavam todos mal satisfeitos com a vida rude e afanosa do sertão.

Domingos Alvares de Mattos que muito auxiliou Jeronymo da Paz no estudo dos riachos auríferos, foi nomeado guarda-mór; José Honorio Abuim protestou contra esta preferencia attribuindo a si direitos por ter sido o descobridor das minas. Mattos, porém, continuou no cargo. De par com o antigo ouvidor, uns frades que lá habitavam eram um obstaculo á ordem publica; em carta de 5 de Fevereiro de 1754, Jeronymo da Paz, já livre de Proença de Lemos, diz que só lhe resta que o desembarcem de clerigos e frades. Jeronymo da Paz mandou fazer ensaios nos riachos de todo o territorio de Cariri, dando alguns muito bôa pinta de ouro. Depois do ensaio dos riachos, voltou a Missão Velha onde ficou á espera das chuvas; logo que ellas cahiram, começaram os trabalhos nos affluentes do Carité, onde, aliás, não se encontrou ouro. Em 15 de Dezembro de 1756, Jeronymo da Paz mandou para Recife 5 libras de ouro (2 ks. 265) compradas a diversos exploradores, principalmente aos indios Pinarés; nessa remessa havia uma folheta de 214,8 grs. (60 oits) achada por um portuguez no dia 2 de Dezembro. Durante o mez de Abril de 1757 fizeram-se novas remessas de ouro; não sabemos em que porção.

(X) A 9 de Fevereiro de 1754, Jeronymo da Paz tomou posse do cargo de *Intendente da casa de fundição*. De Lisboa vieram ordens para que se estabelecesse uma officina para se fundir ouro, porque a mais proxima era a de Jacobina, na Bahia, que distava dali muito mais de 100 leguas.

As ordens de Lisboa, entretanto, não foram cumpridas. Parece que no Cariri não houve casa de fundição porque, em documento de 1757, se verifica que todo o ouro dos Cariris era remettido em pó para Pernambuco.

A COMPANHIA S. JOSE' DOS CARIRIS

A mudança do Governador trouxe grandes modificações na vida industrial do Ceará, que, nessa época, ainda não era Capitania independente.

A mineração entrou em nova phase. O novo Governador Luiz Diogo Lobo e Silva não achou vantajosa a exploração do ouro por conta do Governo e preferiu organizar uma empresa — a Companhia de Ouro de São José dos Cariris, com duração minima de 1 anno, e formada por 21 membros que concorreriam com um certo numero de escravos e uma certa quantia correspondente a esse numero (20\$000 por cada um). Julgou-se a idéa excellente e deram-se até alguns passos para a organização de uma segunda companhia, mas o Governo poz obices a isso para que a agricultura não fosse prejudicada pela falta de braços.

Por causa das minas, o Cariri attraheu quasi toda a população do Ceará e tal foi o accumulo de gente naquella zona que Diogo Lobo e Silva prohibiu a ida aos Cariris sem passaportes. Organizada a companhia, foi eleito o socio Jacob Viçoso para superintender os trabalhos, com ordenados de 5 012 de ouro, descontados os quintos.

Amador de Aleteio vê nessa nomeação um factor para o mallogro da companhia, porque, ao envés de confiarem um cargo tão importante a um individuo activo e conhecedor da arte de minerar, entregaram-no a Jacob Viçoso "sem mais premissas do que ter estado em Minas Geraes onde fôra pagar uma divida".

O capital da companhia era de 8:211\$000, incluído o valor de 73 escravos; o maior accionista era o sargento-mór Manoel Corrêa de Araujo que entrou com a quota de 140\$000 em dinheiro e 7 negros avaliados em 640\$000, perfazendo o total de 780\$000.

Em Março de 1756, partiu do Recife a comitiva de Jacob Viçoso, que, chegando ao Cariri, arranchou-se na fazenda Juiz, a 3 leguas das lavras do Monte Dourado; os outros membros com escravaria chegaram oito dias depois.

Jacob Viçoso administrou a companhia até fins de 1757 sendo substituído por Guimarães Fixier que exerceu o cargo de 1º de Janeiro a 8 de Julho de 1758. Em Abril de 1756, no dia 14 descobriram-se as lavras do Morro Dourado, pouco tempo depois descobriram-se as lavras do Serrote Caximbo, em Fevereiro do anno seguinte as da Lagôa Secca; em Março as lavras das terras dos Monges Benedictinos, entre as Fazendas Juiz e Volta Redonda e Morros Altos de Garrotes, entre Boqueirão e Mangabeira.

Os negocios da companhia não foram prosperos; durante o tempo em que esteve em actividade, 1 anno 10 mezes e 9 dias, verificou-se um prejuizo de 4:267\$418, isto é, cerca de 51,9 % sobre o capital. A producção do ouro foi de 3.243 gs. 48 (906 oitavas), excluidos os quintos e quebras, que renderam 1:382\$060. A despesa, entretanto, orçou em 5:649\$478 dos quaes, só de salario aos escravos, gastaram-se 2:911\$680.

O primeiro indicio da decadencia da mineração do Cariri foi a extincção da Companhia, que ficou assentada numa reunião havida no Recife a 12 de Maio de 1758. A 12 de Setembro do mesmo anno uma ordem de Lisboa mandou que fosse suspensa a mineração no Cariri, assim como em qualquer outro ponto da Capitania.

Mas apesar desta ordem e dos severos castigos aos que a infringissem, por muito tempo grande numero de individuos entregaram-se occultamente á lavagem de cascalho.

Amador de Aleteio, em sua memoria, informa-nos acerca dos methodos e aparelhagem usada nos Cariris.

"Nos Cariris porém nada mais houve para pisar os mineraes que uns pedaços de pau de quatro a cinco palmos de alto com uma espiga de ferro cravada em uma ponta, de que a cabeça teria uma pollegada de grossura abaixando o pau com uma argolla de duas pollegadas de largo para que não rachasse ao cravar a espiga, e com estes pilões a mão é que nos Cariris se pisavam os crystaes e rochedos para extrahir o ouro, que em si continham entranhado, além do uso que faziam de pedras para tão bem pisarem e moerem."

Quando se dissolveu a Companhia e Fixier retirou-se do Cariri, as ferramentas a ella pertencentes constavam de 27 almocafres, 17 alavancas e 11 picaretas, bastante gastas, 3 espigas e 3 argollas de mão de pilão.

LAVRAS DA MANGABEIRA

As lavras da Mangabeira ficavam na região do Salgado circumvizinha á antiga povoação de São Vicente Ferrer, hoje cidade de Lavras.

Feijó define as Lavras como sendo os indícios da mineração no século XVIII no districto do Icó, a 10 leguas S. O. daquela cidade, nuns montes aridos situados á margem esquerda do rio Salgado.

O barão de Capanemá que em 1860 esteve em Lavras informa-nos que em certo tempo lá appareceram dois inglezes. Formaram uma companhia e começaram a lavar, mas desapareceram de repente, e a melhor mina que descobriram foram as algibeiras dos accionistas.

Em principio de 1757 os exploradores de ouro do Cariri estenderam suas pesquisas mais para o norte e o resultado foi a descoberta, em Março daquelle anno, dos terrenos auriferos das proximidades da cidade de Lavras.

O nome Mangabeira deriva-se provavelmente da fazenda Mangabeira do padre Sobreira.

O naturalista Feijó escreveu um interessante trabalho com o titulo — “Memoria sobre as Lavras de ouro de Mangabeira da Capitania do Ceará”; elle trata, além destas, das lavras de Montes Dourados, Juiz, etc., descobertas anteriormente e que de preferencia devem ser referidas entre as minas de Cariri.

Não conseguimos saber em quanto montou a producção destas lavras; de 14 de Maio a 28 de Setembro de 1757 entraram na Intendencia provenientes das lavras de Mangabeira 368 oitavas de ouro, isto é, 1.317, gr. 44.

As condições de explorabilidade não eram más. Em carta a Lobo e Silva pondera Jeronymo da Paz “que as lavras de Mangabeira têm agua bem perto” tão perto e mais do que as tem na ponta do Varadouro ao Palacio de Olinda ou á Igreja de São Bento”, e no verão não fica muito longe do Salgado por um caminho plano “sem mais que uma pequena ladeira menos rude que a do Varadouro”.

Acha que uma barragem seria uma medida de grande utilidade, mas isso era um serviço que necessitava tempo, paciencia e disposição, e ninguem se queria furtar ao trabalho de lavar cascalho.

PRODUCCÃO DO OURO NAS LAVRAS DO CARIRI E MANGABEIRA

Não se póde indicar com certeza o numero que representa a producção total das minas de Cariri e Mangabeira, não só porque grande parte era desviada clandestinamente, como tambem porque os algarismos dados por Jeronymo da Paz, pelos balanços da Companhia e por Amador Alteia, não estão em plena concordancia. Vejamos primeiramente a parte da Companhia; pelas contas de seus administradores, no periodo decorrido entre 19 de Outubro de 1756 e 28 de Agosto de 1758, datas da organização e da dissolução, ella arrecadou apenas 906 oitavas ou pouco mais de 3 kg. 200.

Aleteio calcula em muito mais. Em sua memoria diz que em treze mezes, durante a administração de Jacob Viçoso, passaram pela Intendencia, pertencentes á Companhia, 819 $1\frac{1}{4}$ oitavas e 18 grãos ou 2.933 gr. 79. De

Maio a Setembro de 1757 entraram 368 oitavas das minas de Mangabeiras; no entanto elle calcula no minimo em 800 oitavas a producção de Mangabeira. Durante seis mezes da administração Fixier, a Companhia percebeu 678 oitavas e o ultimo administrador ainda mandou 3 libras de ouro; portanto, pelo computo de Aleteio a Companhia percebeu, ao todo, 1.497 $\frac{1}{4}$ oitavas e 18 grãos além de 3 libras que fazem um total de 6.220 gr. 037. isto é, pouco mais de 6 kilos.

Diante desses factos Aleteio conclue que o mallogro da Companhia não foi devido á falta de ouro, mas, exclusivamente, á falta de probidade de seus dirigentes.

Quanto á Fazenda Real, esta apurou de quintos, segundo Bernardo de Vasconcellos (carta de 23 de Fevereiro de 1759) 36 marcos e 5 oitavas ou 6.266 gr. 22. Ora, segundo Jeronymo da Paz, entraram ao todo na Intendencia 8.800 oitavas, das quaes $\frac{1}{5}$ pertencia a Fazenda Real; logo, temos 1.760 oitavas ou 6.300, 8 grammas de quintos.

Quanto ao total de ouro produzido Jeronymo da Paz calcula em mais de 8.800 oitavas (31 kgs. 504), e Bernardo de Vasconcellos em mais de 8.000 (28 kgs. 640).

III

A EXPLORAÇÃO DA PRATA

A 20 de Março de 1649 partiu do Recife para o Ceará uma frota destinada a explorar as minas de prata que constava existir nessa região.

Seguiram perto de 300 homens, entre marinheiros, indios e soldados, accomodados em tres hiates e dois barcos, sob a chefia de Mathias Beck, que levava tambem um corpo tecnico.

As figuras de mais destaque nessa expedição eram os engenheiros João Castiliaen e Ricardo Caer, os mineiros allemães Hans Simpel e Carel Helback, os prateiros Jonas e van Meulen, Jacob van der Mais, Gartsman e Hendrick van Ham.

Com 18 dias de viagem chegaram á altura de Fortaleza, desembarcaram um pouco ao norte da ponta de Mocuripe, travaram relações com os indios e construíram o forte de Schoenenburch.

Tiveram informações de duas minas de prata, — uma proximo ao lugar onde acampavam, no monte Itarema, não longe da serra de Maranguape, — outra no monte Uscuapaba ou Upuapaba, para as bandas de Camucy ou Cameresiby. Os hollandezes fizeram muitas promessas aos chefes dos indios para que elles lhes indicassem exactamente o local dessas jazidas e só com grande esforço conseguiram algo do que desejavam.

Mathias Beck mandou o principal Francisco Aragiba á zona de Camocim afim de estreitar relações com os chefes Tremembés e colher algumas noticias sobre as tão mysteriosas jazidas da Ibiapaba.

A' luz dos documentos deixados por Mathias Beck, só houve effectivo trabalho de mineração no monte Itarema, proximo á serra de Maranguape.

Poucos dias depois da chegada ao Ceará, recebeu Mathias Beck (23 de Abri. de 1649) uma carta de Hendrick van Ham participando-lhe que Hans

Simpel havia descoberto um mineral num leito dum rio sem, comtudo, encontrar a jazida, e logo no dia seguinte chegou do interior o engenheiro Castiliaen com quatro negros trazendo maior quantidade de amostras. O prateiro Jonas foi encarregado de analysar o minério e no dia seguinte apresentou a Mathias Beck um pedaço de prata do tamanho de um grão de saraiva, conseguido pelo tratamento de uma libra de minério. No dia seguinte o prateiro obteve mais prata e declrou que as amostras revelavam a existencia de um rico veio nas proximidades do logar onde haviam sido colhidas, mas o mineral era pobre e o que rendia não compensava as despezas de extracção. Logo depois, (28 de Abril) chegam novas amostras donde Jonas não consegue tirar prata, o que motiva uma ordem de van Ham, que dirigia as explorações no interior, que só mandasse mineraes depois de examinados pelos mineiros, para que não se occupasse o mestre Jonas em analyses improficuas.

Um portador chegado de Itarema (30 de Abril) traz novas amostras e uma carta em que van Ham dizia que á medida que as excavações se tornavam mais profundas o mineral se tornava de melhor qualidade e que se a analyse daquellas amostras revelasse boa porcentagem elle não poria duvidas sobre a opulencia da jazida. Conhece-se o que revelou a analyse dessa amostra: de 7 libras de minério conseguiu o ensaiador meia libra de prata ou sejam 7,14 %. Disse Jonas, no entanto, que a amostra não era rendosa porque gastava 2 reales de reactivos.

(Em resumo, segundo o diario de Mathias Beck, no periodo de 25 de Abril a 3 de Maio, e 23 de Julho a 3 de Setembro de 1649 Jonas e van Meulén analysaram muitos kilos de minério, quasi sempre com muito pouca prata.

Nesses ensaios o mestre Jonas mostrou-se sempre habil, enquanto van Meulen deu sempre provas de incapacidade.

Dando-lhe Mathias Beck 8 libras (3.624 grs.) de mineral, no dia seguinte van Meulen não apresentou sequer um grão de prata, pretextando que o moinho de azougue estava desarranjado. Dando-lhe mais tres libras, (1.359 grs.), van Meulen trouxe-lhe apenas um pequeno pedaço do tamanho dum grão de milho. Consultados outros prateiros, esses se admiraram dos resultados obtidos por van Meulen e foram accordes em consideral-o o unico culpado, pois estava fazendo ensaios num cadinho quebrado.

A 3 de Maio fizeram os mineiros uma declaração por escripto, para ser enviada a Pernambuco, de que havia em Itarema uma boa mina de prata.

A 25 de Julho um indio vindo de Maranguape trouxe um mineral semelhante ouro que mestre Jonas não pode analysar por não ter esmeril, encontrando, comtudo, vestígios de prata, "o que é indicio sufficiente que no monte Maragoaba proximo ao monte Itarema existe tambem mineral de prata".

Aquella amostra fôra encontrada á flôr da terra e o indio não trouxera mais por não ter ferramenta para extrahir outros pedaços da rocha.

Essa era a mina que Martim Soares Moreno achava que se não devia explorar para não depreciar o valor da prata.

Proseguíam os holandezes nessas pesquisas quando chegaram noticias dos insuccessos em Pernambuco; então, abandonando as *ricas minas*, deixaram no Ceará sómente apagados vestígios de seu dominio e a lenda de riquezas assombrosas que têm perdurado até os nossos dias.

Actualmente já não se encontram vestígios das explorações dos holandeses.

Já em 1859 o barão de Capanema andou á procura de taes vestígios, guiado por um velho que se arguia conhecedor do local das minas, bateu os arredores de Maranguape nada encontrando que pudesse ser considerado vestígio das antigas explorações.

A EXPLORAÇÃO DO SALITRE

Em 24 de Outubro de 1799 chegou ao Ceará o naturalista João da Silva Feijó, contractado pelo governador Bernardo Manoel de Vasconcellos para "o descobrimento de salitre e mais assumptos da historia natural nas terras da Capitania". Sem perda de tempo, tratou Feijó de estudar as jazidas de que já se tinha noticia desde o tempo do capitão-mór Azevedo Coutinho Montaury pelas amostras por este remetidas para Portugal.

A primeira região salitreira verificada por Feijó foi o sertão entre Quixeramobim e Santa Quitéria; no lugar Tatajuba elle iniciou a exploração industrial da nitreira, por conta do governo.

Planejou fazer uma installação local para a colheita de minerio e outra em Fortaleza para a purificação. Após muitos obstaculos interpostos por Bento Maria Targine, escrivão deputado da Junta da Fazenda, conseguiu apparelhar-se para a exploração desse deposito.

A jazida de Tatajuba era muito pequena e ao cabo de algum tempo ficou quasi esgottada, obrigando Feijó a ir procurar outras na zona da Ibiapaba.

No primeiro anno de exploração, a mina de Tatajuba produziu 1.997 kilos de salitre (34 quintaes) e como as despesas orçassem em 1:249\$360 o kilo de salitre custou 625 réis.

No anno seguinte a producção foi de 1.248 kilos (21 quintaes e 1 ar.) e as despesas 1:440\$000 — o kilo de salitre custou 1.154 réis. Para se avaliar como era caro o producto cearense, basta saber que o salitre do Oriente custava 205 réis o kilo e o das cavernas de Minas Geraes era vendido á fabrica de polvora do Rio de Janeiro a 327 réis o kilo.

Comprovado o insuccesso financeiro da exploração em Tatajuba, Feijó propoz a mudança do campo de exploração para a serra de Ibiapaba, na parte septentrional, onde havia depositos mais extensos. O novo campo salitreiro era mais proximo do littoral, não muito longe do porto de Camocim, e a região apresentava ainda outras vantagens, — havia mattas, boas aguas e povoações de indios que poderiam ser empregados no serviço de mineração. Os principaes depositos nessa região ficavam, um a cerca de 54 kilometros ao sul de Granja, outro em Boassú-Velho, 12 kilometros mais al oeste, em Bari e em Pindóba, proximo á cidade da Viçosa. Em principios de 1804, Feijó convenceu-se de que o campo de exploração devia ser esta zona e a 2 de Maio, da Villa de São Pedro de Ibiapina, mandou um officio ao governador João Carlos Augusto Oeynhausien, pondo-o ao par de seus estudos. Referindo-se ao lugar Pindóba, dizia: — "está situado sobre a serra da Ibiapaba, para o poente, entre Villa Vicoza e esta povoação de São Pedro de Ibiapina, dista 6 leguas desta povoação e 28 ou 29 de Granja, é cercada por uma cadeia de montes calcareos e argillosos onde se encontram sete ricas

nitreiras naturaes, além de outras menores, todas proximas umas das outras com excepção de duas que distam $3\frac{1}{4}$ de legua para oeste e vizinhas duma boa nascente”.

Num paralelo com as nitreiras de Tatajuba salientou Feijó a riqueza das que acabava de conhecer e finalmente propunha o restabelecimento da exploração, agora na zona da Ibiapaba.

Reiniciou-se um periodo de exploração que foi curto, pois, em Fevereiro de 1805, a Junta da Fazenda mandou paralyzar os trabalhos, provavelmente porque o custo do salitre era demasiadamente alto.

O processo usado era o da lixiviação das terras salitrosas e a conversão dos nitratos de sodio ou, mais provavelmente, de calcio, em nitrato de potassio por meio da cinza de madeira.

O methodo não podia deixar de ser muito dispendioso, em vista da quantidade de madeira necessaria a ser queimada para produzir a cinza para a conversão dos nitratos diversos em nitrato de potassio. Pelos dados ao nosso alcance, o laboratorio de Tatajuba, entre Novembro de 1799 e Dezembro de 1803, produziu 5.563 kilos de salitre-nitrato de potassio (97 quintaes, 2 arrobas e 27 libras). Sobre o de Pindóba não encontramos dados. Ahi está em linhas geraes o que foi a exploração do salitre no Ceará. Para informes mais pormenorizados consultem-se os documentos publicados na “Revista do Instituto do Ceará”, vol. II, pag. 247.

A QUESTÃO DA MINA “PEDRAS VERDES”

*“La raison du plus fort est toujours la meilleure
Nous l'allons montrer tout à l'heure.”*

LA FONTAINE.

O sitio “Bugrinha”, proximo á villa de Tubarão, pertencia a Antonio Rodrigues Carneiro, e nada havia nelle que excitasse a cobiça de outrem. Sabia-se, desde a mais remota antiguidade, que num certo local, na encosta da serra, as pedras eram verdes, côr de azinhavre, e que ali existia uma mina de cobre. Mas a mina não excitava a ganancia dos potentados, tanto mais quanto o barão de Capanema, que a havia visitado, não a achava opulenta. O seu proprietario, entretanto, inspirado por uma aspiração muito louvavel, requereu ao governo imperial um privilegio para explorar minerios de cobre nas terras de sua propriedade. Obteve-o na data de 22 de Fevereiro de 1888 e em fins de Março do mesmo anno principiaram os trabalhos de reconhecimento.

Foi encarregado de demarcar a área determinada pelo decreto imperial, levantar plantas e fazer estudos, o engenheiro civil e de minas Francisco Sá. Durante estes estudos, colheram-se algumas toneladas de minerio, que foram remittidas ao Sr. barão da Ibiapaba (Joaquim da Cunha Freire), em Fortaleza, para que este se encarregasse de mandar fazer analyses e estudos na Europa. Conhecendo os resultados das analyses de minerio de “Pedras Verdes”, o barão teve desejos de associar-se a Carneiro para ambos explorarem aquella

riqueza em perspectiva. Carneiro, por motivo que se desconhece, não quiz associar-se ao barão e dahi surgiu a celebre questão, ainda hoje sem decisão.

Os estudos no sitio "Bugrinha" foram embaraçados com a chegada do coronel J. Sombra, representante do barão e do engenheiro A. Wurffbain, tambem com privilegio do governo para explorar cobre no sitio "Bugrinha". Houve intervenção da justiça, suspensão dos trabalhos e, em Outubro do anno seguinte (1889), o engenheiro da provincia Antonio Epaminondas da Frota foi ao local verificar as demarcações e plantas apresentadas ao governo pelos concessionarios. Os trabalhos de Francisco Sá e Theodoro da Costa Lima eram a expressão fiel da verdade, os da parte contraria eram imaginarios, e as amostras que elles apresentavam á Secretaria da Agricultura haviam sido compradas a trabalhadores de Antonio Rodrigues Carneiro. O barão adquiriu um terreno proximo ao sitio de Carneiro, com a intenção de ir estendendo seus limites até a jazida de cobre, mas resolveu pôr em pratica um processo mais expedito.

Entrou em confabulações com o tabellião do municipio, e na escriptura da compra dum terreno por 200\$000, após a designação do nome do sitio, collocou-se uma entrelinha com os dizeres:

"Onde se acha encravada a mina "Pedras Verdes"."

Isso foi averiguado; o tabellião foi processado, mas até hoje os herdeiros legaes de Antonio Carneiro esperam pacientemente pela decisão da justiça, que já tem, em algumas instancias, dado ganho de causa ao barão da Ipiapaba...

MINERIOS DE FERRO

FERRO — Os minerios de ferro são encontrados com relativa abundancia. As regiões ferriferas mais conhecidas estão situadas nos municipios de Granja, Quixadá, Santa Quitéria, Uruburetama e Sobral.

Os minerios são sesqui-oxydos anhydros, oxydos magneticos e combinações destes com o titanio. Em Itaúnas, no municipio de Granja, o minerio é um itabirito bastante puro, semelhante aos bons minerios da zona ferrifera de Minas Geraes. Contem 90 a 97 % de oxydo ferrico, o que corresponde a 63 até 68 % de ferro metallico; suas impurezas são silica de 3 a 10 %, phosphoro de 0,020 a 0,040, enxofre apenas vestigios; não contém titanio nem manganez. O minerio presta-se para a fabricação de gusa conversivel em aço pelo processo Bessemer.

Devido a estarem as jazidas proximas ao porto de Camocim, é possível pensar-se em sua exploração com o fim de exportar minerio para a America do Norte.

Fazer siderurgia local é utopia.

Seguem-se algumas analyses que attestam a pureza do minerio de Itaúnas.

Silica	6.1	3.1	2.0
Ferro metallico	65.5	67.7	68.3
Oxydo ferrico correspondente	93.6	96.7	97.6
Phosphoro	0.028	0.025	0.039

No municipio de Quixadá, o ferro ocorre na região entre os rios Cangaty e Choró. O naturalista Feijó descreveu uma jazida "na margem oriental do riacho denominado Cangaty, onde se chama Barbadas, sertão junto á cabeceira do Rio Choró".

Embora haja uma descrição pormenorizada do local da jazida, não se póde identifical-a com certeza devido á diferença de denominações locais e mesmo á discordancia entre a narração de Feijó e o mappa da região. Entre os rios Cangaty e Choró, na fazenda Caçadas, encontram-se blocos de minerio espalhados numa área muito limitada.

Um poço aberto no local deixou ver uma camada de 0m,8 de espessura. O minerio tem relações geneticas com o gnais da região, concorda com as camadas do gnais, que, macroscopicamente, só deixa ver os elementos normaes: quartzo, feldspatho e biotita. A descrição feita por Feijó concorda até certo ponto com o minerio que ocorre na fazenda Caçadas: "pó denegrido tirando a roxo escuro". A sua massa é dura, de maneira que fere fogo com o fusil e risca o vidro". É emfim refractario ao magneto e fusivel ao fogo do maçarico com o socorro do carvão dando um vidro escuro." Este minerio é um typo differente do de Granja, é uma magnetita bastante titanifera e sua composição é a seguinte:

TiO ₂	22.9
Fe	59.7
Mn	0.4
MnO	0.5

A outra região ferrifera fica no municipio de Santa Quitéria; o minerio é uma magnetita bastante pura. A analyse revella:

Ferro metallico (Fe)	64,6 %
Manganez metallico (Mn)	1,3 %
Oxydo manganoso (MnO)	1,7 %
Silica (SiO ₂)	3,4 %
Titanio (Ti)	nihil
Oxydo ferroso (FeO)	20,0 %
Oxydo ferrico (Fe ₂ O ₃)	69,3 %

Em São Francisco de Uruburetama tambem ha occorrencias de magnetitas cujas jazidas não foram ainda estudadas.

COMPOSIÇÃO

Silica	3.1
Oxydo ferrico	58.9
Oxydo ferroso	15.6
Anhydrido titanico	3.6
Oxydo manganoso	0.2
Alumina	19.2

Do municipio de Sobral, analysamos uma amostra de minerio typo itabirito muito silicoso.

COMPOSIÇÃO

Ferro metallico	51.8
Oxydo ferrico	74.0
Silica	13.4
Alumina	10.4
Titanio	traços
Manganez	não

Ahi estão, em traços geraes, esboçados os recursos do Ceará quanto á qualidade de seus minerios de ferro. Resta agora estudar a quantidade daquelles que se mostraram passiveis de proveitosa exploração, taes como os do municipio de Granja, Sobral e Santa Quitéria.

II

MINERIO DE COBRE

Conhecem-se manifestações cupriferas em duas regiões; ao nordeste, no municipio de Viçosa, e a sueste no municipio de Aurora.

A região de Viçosa tem sido muito decantada pelas minas de cobre. Ha perto de quarenta annos, move-se lentamente uma questão judicial em torno da posse das terras cupriferas.

A primeira referencia autorizada á chamada mina "Pedras Verdes" encontra-se no relatorio da commissão que fez estudos no Ceará de 1859 a 1861.

O barão de Capanema viu um schisto argilloso impregnado de malachita, que na sua opinião não justificava a construcção de estradas e outras obras indispensaveis á exploração da jazida. A mina "Pedras Verdes" consta duma impregnação de minerios de cobre nos schistos argillosos, que formam a escarpa da Ibiapaba, ao nordeste da cidade de Viçosa. Não ha minerios sulfurados, encontram-se apenas a malachita, o mais abundante, a cuprita e o cobre nativo.

O facto de não existir mineral sulfurado simplifica muito as operações metallurgicas, mas infelizmente essa classe de minerios, tão puros, em geral, apresenta-se parcimoniosamente.

Em "Pedras Verdes" ha amostras, onde domina a cuprita e o cobre nativo, que analysadas podem accusar até 50 % de cobre; ha tambem amostras que só contém vestigios desse metal. O autor destas notas, quando visitou a jazida, colheu tres séries de amostras: minerio pobre, medio e rico. O pobre revelou cerca de 1 %, o medio 4 %, o rico 9 %. Como o pobre domina sobre o medio, e o medio sobre o rico, é razoavel avaliar-se em cerca de 3 % o teor medio do minerio visivel.

A impregnação da rocha parece superficial, e numa galeria aberta ha annos notam-se os schistos completamente isentos de cobre.

A mina, contudo, ainda não foi objecto dum estudo meticoloso, mas o que se observa por simples inspecção não autoriza a apregoar-se uma grande riqueza.

A mina de cobre do municipio de Aurora fica na fazenda Coxá, cerca de 8 kilometros sueste da villa. Esta mina tambem está ha muitos annos em litigio, disputam-na o negociante Teixeira e o padre Cicero Romão Baptista.

O minerio é principalmente malachita em relação com veios de quartzito e schistos argillosos da *série do Ceará*. O teor medio do minerio colhido por Small é 1 °|°, segundo analyses de Theophilo Lee.

MINERIOS DE CHUMBO

Os minerios de chumbo são raros no Ceará.

Existem pequenos veios de galena nas rochas da Serra Grande, attestados por pequenas amostras no Museu Nacional do Rio de Janeiro. No schisto betuminoso da chapada do Araripe e calcareos com elle relacionados encontram-se frequentemente pequenas concentrações de galena.

MINERIOS DE MANGANEZ

Ha dois typos de jazidas de manganez no Brasil: um em que o minerio é de formação "in situ" (decomposição do queluzito), e outro em que o minerio é de origem sedimentar e foi transportado de outros locaes (typo de Burnier). As jazidas do primeiro typo encontram-se nas rochas crystallinas mais antigas, a ella pertencem os depositos manganeziferos de Nazareth, na Bahia, de Queluz em Minas. As do segundo typo ficam nas rochas de *série de Minas*, e são frequentemente acompanhadas por leitos de minerios de ferro (itabiritos); são desse typo as jazidas de Miguel Burnier em Minas, e Urucum em Matto Grosso. A jazida de Quixadá é de formação autochtona, decomposição "in situ" de uma rocha composta essencialmente de granadas manganeziferas e quartzo. As granadas são spessartitas de cor marron e amarello avermelhado.

A rocha matriz fórma veios na rocha regional, já decomposta, e que parece ser o gnais que afflora nas proximidades da jazida. Nestes veios observam-se phases diversas da decomposição da rocha matriz, donde resultam massas mineraes mais ou menos friaveis, mais ou menos negras, com teor em oxydos de manganez, variando entre 10 e 70 °|°. As porções que accusam apenas 10 °|° de oxydos contêm ainda muito manganez sob a fórma de silicato; são estadios pouco alterados da rocha matriz. A jazida fica situada na fazenda "Caçadas" entre os rios Choro e Cangaty, onde ocorre um minerio de ferro titatinefero e magnetico em relação com o gnais. A jazida ainda está no periodo de estudos. Parece-nos que a maior porção do minerio ainda não attingiu uma phase adiantada de decomposição, e consequentemente ainda tem baixo teor em oxydos. Isso vem mais uma vez pôr em evidencia a lentidão das acções metasomaticas nos climas aridos, já verificada pela raridade dos veios de kaolim e depositos de argilla, em todo o

sertão. Algumas amostras da melhor qualidade do minerio têm a seguinte composição :

Humidade	2,5	1,6	2,2	2,0
Silica e silicatos	8,4	14,9	15,1	16,8
Manganez soluvel em HCl.....	44,4	44,9	45,2	42,5
MnO ₂ (calculado)	70,2	71,0	71,5	67,2
Ferro	2,0	2,4	2,7	3,5
Phosphoro	0,088	0,050	0,061	0,190

Em Aquiráz, situado proximo á costa, ocorre uma argilia impregnada de manganez e graphita.

O pseudo minerio contém 8,5 % de bioxido, correspondente a 5,3 % de manganez metallico, e 18 % de graphita; o resto é areia e argilla. Nestas condições nem é minerio de manganez, nem serve para os usos da graphita.

OURO — Outrora avidamente explorado nos afluentes do rio Salgado, entre Lavras (então São Vicente Ferrer das Lavras) e Missão Velha, (antiga minas dos Cariris Novos). Hoje da mineração de ouro só resta a historia. O ouro dessa região provém dos schistos metamorphicos da *série do Ceará*.

A carencia de agua foi, sem duvida, o maior impecilho á exploração dessa região aurifera. As outras regiões, reconhecidamente auriferas, são: os arredores da cidade de Ipú, cerca de 10 kilometros para leste (terras de Volta) e cerca de 26 kilometros ao norte (riacho Juré). A mina proxima ao Ipú contém ouro no gneiss e schistos. Amostras analysadas em diversos laboratorios nacionaes e estrangeiros, segundo Heraclito de Carvalho, accusaram teores variando entre 23 a 157 grammas por tonelada. São, como se vê, minerios bastante ricos.

ASBESTO — Sob essa denominação classificam-se os varios minerios de estructura fibrosa, compostos essencialmente de silicato de magnesio hydratado.

São mineraes de origem metasomatica, productos de alteração de amphibóleos e pyroxenios. Seu grande emprego industrial é fundado na resistencia ao ataque pelos acidos, ás altas temperaturas e na fraca conductilidade calorifica. Mineraes dessa classe são encontrados em pequenas quantidades no municipio de Quixadá e provavelmente o serão em quasi todas as regiões onde os schistos de *série do Nordeste* contiveram amphibóleos, o que é commum.

ARGILLAS — São productos de decomposição das rochas. Compõem-se essencialmente de silicatos de aluminio hydratado, podendo apresentar uma série infinita de gradações. Geralmente são misturas de silicato de aluminio, ferro, calcio, magnesio, potassio e sodio, contendo agua de constituição. Sendo um producto de alteração de rochas, sua composição depende da natureza da rocha. Rochas que contem mineraes ferruginosos dão argillas vermelhas ou amarellas, devido aos oxydos e hydroxydos de ferro; rochas acidas dão sólos

de argillas e areia; rochas basicas dão geralmente sólos pouco silicosos e ricos em elementos uteis ás plantas. A celebre terra roxa de São Paulo é um producto da decomposição de diabases. No Ceará, a unica área extensa de rochas diabasicas fica no sopé da serra Grande, a cerca de 4° de latitude, e um pouco acima de Ibiapina. Segundo Small, ahi affloram diabases que ficam por baixo dos arenitos sem mostrar metamorphismo nos contactos.

Argillas para ceramica commum encontram-se de preferencia nas serras de Baturité, Estevam, Meruóca e Uruburetama, onde, devido á humidade, as acções metasomaticas se exercem com maior intensidade. Na região litoranea tambem ha argillas que podem ser usadas para o fabrico de tijolos communs. Em Milagres encontra-se a halloysita, silicato de aluminio hidratado, dotado de propriedades refractarias.

CARBONATOS DE SODIO E POTASSIO — Encontram-se nas innumeradas lapas existentes na encosta abrupta da serra Grande. São innumeradas as lapas em concordancia com os extractos, quasi todas de pequena altura, poucas vezes excedendo um metro. O tecto e o sólo dessas pequenas grutas são cheios de estalactitas e estalagmitas de carbonato de calcio associado aos carbonatos e chloretos alcalinos. A genese desses depositos é simples: as aguas em circulação no interior da rocha, tendo em dissolução bicarbonatos e chloretos, ao dinamarem no tecto das lapas, evaporam-se e o seu residuo forma as estalactitas e estalagmitas. São, entretanto, jazidas secundarias cuja origem, está ligada a uma jazida primaria ainda desconhecida. Essa jazida primaria póde ser um deposito de saes que se achem no interior da serra Grande. E' possivel tambem que estes saes trazidos pelas aguas provenham da lixiviação de feldspathos, quer do cimento dos arenitos, quer das rochas crystallinas sobre que assentam as camadas da serra Grande.

Quando a orthose é decomposta pelos agentes atmosphericos, forma-se o kaolim, havendo eliminação de silica e de potassio sob a forma de bicarbonato. E' possivel que da decomposição de orthose, da albita e de outros feldspathos derivem os carbonatos de sodio e potassio; mas a associação de chloreto de sodio já vem pôr duvidas a respeito desta tão simples hypothese genetica. A exiguidade de occurrencias dessa natureza é devida á posição das camadas da serra que, via de regra, inclinam-se para o Piauhy com um angulo variando de 4° a 7°. E' possivel que naquelle Estado haja occurrencias semelhantes; não consta, entretanto, que alguem tenha feito observações nesse sentido. Mesmo no Ceará esse phenomeno tem passado despercebido a muitos observadores. Varias amostras de areia do sólo das grutas e de calcareo das estalactitias, accusaram teores variando de 4 % a 19 % de saes soluveis nagua. Notou-se sempre a presença de carbonatos e chloretos de sodio e potassio, vestigios de sulfatos, vestigios de calcio e magnesio, e algum nitrato. Na maioria das vezes o sal predominante é o carbonato de sodio.

GRAPHITA — Tambem chamada plumbagina, é carbono crystallizado ou amorfo, quasi sempre acompanhado de impurezas. E' um mineral accessorio das rochas acidas. O barão de Capanema encontrou uma área de rochas gnassicas no municipio de Quixeramobim. Proximo a Caiçara, no municipio de Quixadá, encontra-se um pequeno veio de graphita um tanto pura.

Uma amostra dessa proveniencia, analysada, accusou:

Humidade	2,5
Materiaes volateis. (Agua combinada e gazes)	3,0
Carbono	63,9
Materia mineral. (Silicatos de ferro, aluminio, calcio, etc.).....	30,6
	100,0

Amostras do sertão, de procedencia incerta, continham:

1) Materia mineral fixa (argilla e fragmentos de rocha).....	55,6 %
2) Materia mineral fixa (argilla e fragmentos de rocha).....	52,9 %
3) Materia mineral fixa (argilla e fragmentos de rocha).....	55,5 %

AGUA-MARINHA — 'E' um silicato de aluminio e glucinio, de côr azul claro caracteristica. São pedras de 7,5 a 8 da escala de Mohs, de dureza e composição chimica semelhante á esmeralda e aos beryllos.

Têm grande emprego em joalheria.

Em "Poço dos Cavallos", no municipio de Laranjeiras, têm-se encontrado grande numero de especimens susceptiveis de aproveitamento industrial.

COLUMBITA — Niobio-tantalato de ferro e manganez; encontra-se no pegmatito na fazenda "Poço dos Cavallos", em companhia de quartzo penetrado de turmalinas, fluorita, agua-marinha, etc.

FELDSPATHOS — São silicatos de aluminio e metaes alcalinos e alcalino-terrosos. O mais commum e de mais extenso emprego industrial é a orthose-silicato de aluminio e potassio que existe profusamente espalhado nas regiões archeanas e algonkianas do Estado.

'E' o principal elemento dos veios de pegmatito injectados nos granitos, syenitos, gnais e schistos da série do Ceará.

Em algumas regiões onde se exerceram com maior intensidade as acções metasomaticas, o feldspatho transformou-se em kaolim-silicato de aluminio-hidratado.

Nos veios de pegmatito é que se encontram, de preferencia, as pedras coradas, turmalinas, aguas marinhas e outros mineraes de valor.

Na fazenda "Poço dos Cavallos", perto de Quixeramobim, o feldspatho é de côr branca e composição sodico-potassica.

Estes feldspathos têm a particularidade de tornarem-se fluorescentes quando aquecidos, apresentando uma coloração verde, semelhante ao que se dá com a fluorita encontrada no mesmo veio.

Trata-se provavelmente de pequenas quantidades de fluor.

FLUORITA — Fluoreto de calcio, mineral empregado na fabricação de acido fluorydrico e em metallurgia, como fundente.

Na fazenda "Poço dos Cavallos", perto de Quixeramobim, têm sido encontrados crystaes roxos e brancos na fórmula de octaedros e tetraedros.

Os crystaes aquecidos tornam-se luminosos e mostram uma bella coloração verde (phenomeno da fluorescencia).

GRANADAS — Existem disseminadas em varias regiões onde occorrem rochas metamorphicas.

Têm sido encontradas em "Poço dos Cavallos", municipio de Quixeramobim, da variedade almandita, granada vermelha, em espécimens susceptiveis de emprego em joalheria.

Em Assaré tambem se têm encontrado granadas almanditas nos pegmatitos. Na fazenda "Caçadas", municipio de Quixadá, ocorre uma rocha composta essencialmente de granada spessartita e quartzo, que deu origem ás jazidas de manganez.

MICAS — Vulgarmente chamadas malacacheta, são salicatos complexos de aluminio ferro, calcio, magnesio e metaes alcalinos.

Embora se achem largamente disseminadas formando um dos elementos das rochas graniticas e schistos metamorphicos, só nos veios de pegmatito ellas adquirem um valor commercial.

Em Quixadá tem-se extrahido em pequenas quantidades mica das variedades rubi e verde em placas de 0,20 x 0,20, que encontram no mercado cotações bastante remuneradoras.

QUARTZO — Tambem chamado crystal de rocha, é o anhyrido silico-crystallizado. A calcedonia é a silica semi crystallina, semi amorpha e a opala é uma variedade de silica amorpha.

Tem-se encontrado as seguintes variedades de quartzo:

Quartzo leitoso, formando veios nos schistos crystallinos e donde derivam os abundantes seixos que se encontram no sertão, principalmente entre Baturité e Quixeramobim.

Quartzo hyalino, crystallizado nas formas caracteristicas, apresentando algumas vezes formas bi-pyramidadas, em varios locais no sertão.

Algumas vezes são atravessados por agulhas de turmalina preta. (Poço dos Cavallos).

Quartzo amethysta, formando drusas, na fazenda "Olho d'agua de Gamelleira", entre Quixadá e Russas e outros logares.

Quartzo citrino, ou falso topazio, tambem é encontrado nos leitos de alguns riachos.

Sob a fórma de areia, o quartzo fórma as dunas que se movem lentamente no litoral e alguns areiaes do interior.

As calcedonias são encontradas em alguns riachos do interior.

RUTILO — É um oxydo de titanio, crystallizado no systema quadratico. É encontrado com muita frequencia nos leitos dos riachos sob a fórma de caroços negros muito pesados. O titanio ocorre ainda nos minerios de ferro de São Francisco e Quixadá.

Como sphenio-silico titanato de calcio, é encontrado nos syenitos do Cedro.

TURMALINAS — São boro-silicatos de aluminio, ferro, metaes alcalino-terrosos e alcalinos. Encontram-se frequentemente nos veios do pegmatito.

No ceará, têm sido encontradas em varias localidades nos municipios de Quixadá e Quixeramobim, as variedades verde (esmeralda do Brasil), rosea (rubelita), negra (afrisita) e dichroicas (verde com nucleo roseo).

GYPSITA — Occorre entre os sedimentos cretaceos, ao sul do Estado.

Os principaes depositos encontram-se proximo a Barbalha e Brejo dos Santos; já tem sido explorada em pequena escala.

CARVÃO DE PEDRA — Noticias antigas indicavam jazidas de carvão na chapada do Araripe e na serra da Ibiapaba ou serra Grande, mas, de facto, não ha jazidas de carvão no Ceará!

O "carvão de pedra" da zona do Araripe nada mais era que o schisto bituminoso.

O "carvão" da serra da Ibiapaba era encontrado proximo ao porto de Chaval; foram amostras para o Club de Engenharia e Escola Polytechnica, mas os reconhecimentos geologicos mostraram que não se trata de uma jazida, apenas de um accumulo de carvão estrangeiro de algum navio naufragado.

IV

SCHISTOS BITUMINOSOS

No sul do Estado, entre os sedimentos cretaceos, ha schistos bituminosos contendo concreções e leitos de calcareos, concentrações de galenita e uma abundante fauna fossil formada de peixes conservados.

Ha affloramento destes schistos em Tabócas (cerca de 24 kilometros N. O. do Crato) no rio Batateiro, em varios pontos nos municipios de Barbalha, Milagres e perto de Nova Olinda. Em Tabócas, na mina "Santa Rosa", já foram feitas excavações e retirada uma certa quantidade de schisto que foi o combustivel usado na sonda que furava em busca de petroleo, por iniciativa do Padre Cicero Romão Baptista.

Este schisto foi a origem do boato com respeito á occorrença de carvão de pedra no sul do Estado. Esta crença popular é razoavel, pois elle se apresenta sob a fórma de folhelhos negros de alguns centimetros de espessura, parecendo mesmo um carvão.

O schisto queima com chamma fulliginosa, deixando um residio relativamente pequeno. Seu pó é pardo, bem como o risco. E' parcialmente soluvel no ether de petroleo, benzol, toluol, chloroformio e sulfeto de carbono. A média de varios ensaios mostrou-nos que a sua composição immediata é:

Humidade	2.5
Materias volateis	50.0
Carbono fixo	7.5
Cinzas	40.0
	<hr/>
	100.0

Enxofre: 3,5 a 4 % — A materia mineral do schisto é composta de argilla e calcareo; uma analyse das cinzas evidencia isso:

Silica e silicatos insolúveis em HCl	19.2
Oxydo de aluminio (Al ₂ O ₃)	36.2
Oxydo ferrico (Fe ₂ O ₃)	10.8
Oxydo de calcio (CaO)	25.0
Anhydrido carbonico (CO ₂)	2.4
Anhydrido phosphorico (P ₂ O ₅)	4.7
Materia organica não queimada	0.6
Não dosados e perdas	1.1
	100.0

Este schisto é bem differente dos que apparecem na costa de Alagoas, no valle do rio Parahyba, em São Paulo e nas camadas do sul do Brasil.

Entre outras dissemelhanças de character geologico e chimico, este, ao contrario daquelles, contém uma notavel porcentagem de substancias extractiveis pelos solventes organicos, e que lhe empresta a denominação verdadeira de schisto bituminoso, segundo Luiz de Launay.

Varios ensaios de distillação, feitos pelo autor, na Estação Experimental de Combustiveis e Minerios, accusaram um rendimento de 200 a 220 litros de oleo e 100 a 120 metros cubicos de gaz por tonelada de schisto.

O oleo bruto tem densidade 0.93, côr vermelho escuro, é inflammavel á temperatura commum e seu ponto de combustão anda por volta de 40°.

O oleo fraccionado dá: (porcentagens em volume, densidade a 15° C.):

66-100	5.0 %	0.780
100-130	2.0 %	0.807
130-150	7.5 %	0.826
150-180	10.1 %	0.855
180-220	9.0 %	0.889
220-250	8.7 %	0.922
250-280	13.4 %	0.933
280-310	35.0 %	0.956
acima por differença dá.....	9.3 %	

Em productos commerciaes, temos os seguintes rendimentos carentes de purificação ulterior:

Gazolina	7.0 %
Naphta pesada	7.5 %
Kerosene	27.8 %
Oleo combustivel	48.4 %
Residuo combustivel	9.3 %

que referidos ao schisto dão:

PARA CADA TONELADA:

	Litros
De gazolina	14,0
De naphta pesada	15,0
De kerosene	55,6
De oleo combustivel mais o residuo combustivel	96,8

Composição approximada dos gazes incondensaveis:

Gaz sulphydrico (H ₂ S) e anhydrido carbonico (CO ₂)	3 %
Hydro carbonetos illuminantes	5 a 10 %

(C₆H₆, C₂H₄, C₂H₂, etc.)

Methana (CH ₄)	30 a 40 %
Hydrogenio (H ₂)	5 a 10 %
Azoto (N ₂)	30 a 40 %

Poder calorifico dos gazes: 4.000 a 5.000 calorias por litro. Estes schistos precisam ser cuidadosamente estudados, principalmente sobre o ponto de vista da occorrença sobre o que muito pouco se sabe. O autor destas linhas conhece apenas os affloramentos duma região limitada.

ROCHAS

ROCHAS DE PROFUNDIDADE — TYPOS ACIDOS

Granito e gnais são formados por um aggregado crystallino de quartzo, feldspatho e mica. Os gnais podem ser considerados como granitos cujos elementos tomaram uma certa orientação devido ao metamorphismo dynamico, (orthognais) ou rochas sedimentares altamente metamorphizadas (paragnais). Ha typos que parecem evidenciar uma e outra origem e ha factos em argumento de ambos. A presença de graphita e calcareos nos gnais são favoraveis á hypothese sedimentar; a transição gradativa de gnais para granito e vice-versa, parece confirmar a hypothese eruptiva. Os gnais da serra de Baturité (Guaramiranga) fazenda Caçadas, etc., são muito laminados e parecem sedimentos metamorphizados, os gnais prophyroides da região de Quixeramobim parecem mais de origem eruptiva. Em Ipú, ha um gnais melannocratico aurifero; na serra de Baturité (Canna-Brava), ha affloramentos de gnais leucocratico a duas micas (muscovita e biotita). Os trabalhos de Small, Crandall e L. Jacques de Moraes e Djalma Guimarães dão indicações precisas sobre a distribuição dessas rochas no Ceará.

b) Typos neutros:

Syenito — Occorre nos arredores da cidade de Quixadá, formando morros abruptos que emprestam a essa região um aspecto caracteristico. No Cedro, foram aproveitados para formar grande parte da parede do açude. A rocha

dos morros de Quixadá e Cedro é uniforme; é um syenite typico Plauen, de estructura porphyroide, composto de phenocrystaes de orthose numa massa de hornblenda, alguma mica e sphenio. Raramente contém pyrita e chalcopryta. Frequentemente injectado de veios de pegmatita com orthose e muito pouca mica. Os morros de syenito, vistos de longe têm aspecto rugoso, devido ás canelluras e caldeirões feitos pela erosão.

ROCHAS DE EFFUSÃO

Typos basicos

Small assignalou a presença de diabase no flanco da Serra Grande, a Leste de Ibiapina e Jacaré. Ha veios cortando os schistos crystallinos archeanos, no rio Choró, proximo á estação Cangaty (kilometro 147 da Estrada de Ferro de Baturité), no valle de Aracoyaba, proximo á Baturité, (Rocha), em Senador Pompeu e entre Icó e Umary (Moraes), e provavelmente ainda em muitos outros pontos do sertão.

ROCHAS SEDIMENTARES

a) *Calcareos* — Ha rochas calcareas de origem sedimentar nas formações da Serra Grande e chapada de Araripe. Na Serra Grande, o calcareo mostra um adiantado grau de metamorphismo, e, além de estar quasi sempre associado aos folhetos e arenitos, fórma uma camada na base da série, onde se acha a celebre gruta Ubajara (13 kilometros N. E. de Ibiapina).

Na chapada de Araripe, a occorrença typica de calcareo é na chamada *série de Sant'Anna* — camada de 50 a 100 metros visivel quasi em todo o contorno da chapada. Nessas camadas tem-se encontrado grande quantidade de peixes fosseis, estudados por Agassiz, Branner, Jordan, que foram accordes em attribuil-os ao periodo cretaceo. Tambem na região de Orós, ha occorrenças de calcareos entre as rochas metamorphicas.

b) *Arenitos* — Os arenitos são as rochas sedimentares mais disseminadas no Estado; formam a quasi totalidade das séries da Serra Grande e Araripe, e apresentam diversos typos. Ha occorrenças de arenito, nas serras Grande, Araripe, serra do Rôla, serra do Pody, serra de Quinconcá, chapada do Apody, serra de Baturité e na faixa litoranea.

Na costa são de cores variadas communs á formação terciaria; na chapada de Araripe e Serra Grande ha arenitos conglomeraticos, calcareos, ferruginosos de cores variadas — cinzentos, brancos, amarellos, vermelhos etc. Quanto á idade geologica, podem ser divididos em arenitos terciarios, na costa, cretaceos nos sedimentos do sul e oeste (permianos a oeste, caso se abrace a theoria de Small).

ROCHAS METAMORPHICAS

1º) — *Schistos crystallinos archeanos* — São rochas sedimentares altamente metamorphizadas, difficeis de distincção entre certos gnais e schistos mais modernos. Occorrem em grandes áreas, tanto ao longo da E. F. de

Sobral como E. F. de Baturité; são formadas principalmente por miçalchistos e amphiboleo-schistos.

2º) — *Calcareos* — Ha calcareos metamorphicos na zona de Redempção (Acarape) e Itapahy, encaixados no gnais que Euzebio de Oliveira considera entre os mais antigos do Brasil e refere ao archeano laurenciano. São muitos-magnesianos sem ser, contudo, verdadeiras dolomitas. Uma amostra colhida em Itapahy, e analysada pelo autor continha:

Uma amostra da mesma procedencia da collecção S. G. e M. B. continha:

Silica	1.9 %	P. ao fogo -	43.55
Anhydrido carbonico	—	SiO ₂ -	1.39
Agua combinada	45.5 %	Al ₂ O ₃ -	1.10
Oxydo de aluminio	0.5 %	CaO -	33.33
Oxydo de ferro	vestigios	Mgo -	19.33
Oxydo de calcio	34.2 %	Fe ₂ O ₃ -	0.55
Oxydo de magnesio	18.5 %	P ₂ O ₅ -	0.50
			99.76

Esses calcareos são brancos ou levemente azulados e contém muitas vezes graphita e alguma tremolita (Dias da Rocha). São empregados no fabrico de cal e em obras de estatuaria. (Estatua do general Sampaio, e tumulo de Dona Anna de Alencar Araripe e outras obras de arte).

3º) — *Schistos da série do Ceará* — *Série do Ceará* é nome dado ao conjuncto de camadas constituídas por schistos argillosos, quartzitos, arenitos e calcareos metamorphizados, jazendo em discordancia sobre as rochas archeanas e frequentemente injectadas por veios de quartzo, pegmatito e granito.

Esta série foi determinada por Crandall, no Ceará, dahi o nome. As observações geologicas nos Estados do Rio Grande do Norte, Parahyba, Pernambuco e Piauhy têm evidenciado que a série é commum a todos os Estados do Nordeste. Melhor seria chamal-a, "série do Nordeste". No Ceará, têm-se reconhecido esta série (Paes Leme, Small, Williams, no valle do Coreahú, ao pé da Serra Grande, na margem esquerda do rio Acarahú, proximo a Sobral, nos valles do Curu, São Gonçalo, serra de Baturité, Acarape, serra do Pereiro, e valle do Salgado. Os schistos argillosos frequentemente são metallizados; — contém ouro no valle do Salgado, cobre nas escarpas da Serra Grande (Pedras Verdes) e Coxá. (Valle do Salgado). A idade desta série ainda é objecto de muita duvida; Betim Paes Leme considera-a mais moderna que os quartzitos das serras de Tucunduba e Avaré, que elle julga synchronicos com a série de Minas, e attribue a série do Ceará ao periodo siluriano, por analogias com a "série de Bambuhy". Euzebio de Oliveira, que estudou a "série do Ceará" na Parahyba, considera-a synchronica com a série de Minas. O professor Brañner, em sua mappa geologico, não fazia distincção entre os schistos archeanos e os da "série do Ceará".

BIBLIOGRAPHIA

Para enfeixar estas notas sobre este importante capitulo da geographia do Ceará, parece-nos muito opportuno relacionar aqui os diversos dados sobre o assumpto que se encontram esparsos em livros, revistas e jornaes.

Esse trabalho foi iniciado pelo professor Branner, que organizou a lista bibliographica referente ao Ceará, estampada no "Resumo da geologia do Brasil para acompanhar o mappa geologico do Brasil" paginas 61 a 62.

A lista que se segue é, pois, uma ampliação de que Branner estabeleceu ha cerca de sete annos passados.

HISTORIA DAS EXPLORAÇÕES

"Minas de ouro e prata no Brasil oriental" — Alfredo de Carvalho.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XX, pag. 96.

"Diario de Mathias Beck" — Alfredo de Carvalho.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XVII, pag. 325.

"O Ceará no tempo de Miranda Henriques Lobo da Silva e as Minas dos Cariris" — Barão de Studart.

"Revista do Instituto do Ceará", volume VI, pag. 73.

"A exploração das minas de S. José dos Cariris durante o Governo de Luiz Joseph Corrêa de Sá, segundo a correspondencia do tempo" — Barão de Studart.

"Revista do Instituto do Ceará", volume VI, pag. 5.

"Documentos sobre as Minas de São José dos Cariris" — Barão de Studart.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXIX, pag. 60.

"Jazidas auríferas no Ceará" — Alfredo de Carvalho.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XIX, pag. 123.

"Travels in Brazil" — Henry Koster, 2ª edição, 2 volumes, Londres de 1817.

"Notas sobre geologia do Nordeste", vol. I, pags. 152-258.

"Travels in the gold and diamond districts during the years 1836-1841", by George Gradner, Londres, 1849. A parte referente ao Ceará foi traduzida e publicada na "Revista do Instituto do Ceará", volume XXVI, paginas 143-205.

Ha uma traducção allemã de Lindau.

"A commissão scientifica de 1859" — S. Fróes Abreu.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXXIII, pags. 198-207.

"Chronica de Ipú" — Euzebio de Souza.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXIX, pag. 152.

NOTICIAS SOBRE MINERAES

"Extractos dum livro inedito do padre Telles de Menezes Lima"

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXIII, pag. 337.

"Memoria sobre a Capitania do Ceará" — João da Silva Feijó.

"Revista do Instituto do Ceará", volume III, pag. 3.

"A History of the Brasil, comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants, etc." by James Henderson. London, 1821.

"Descrição dos terrenos carboníferos da Comarca de Crato" — Marcos Antonio de Macedo.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XIII, pag. 107.

"Relatorio da Comissão chefiada pelo conselheiro Freire Allemão — Secção geologica" — Rio de Janeiro, 1862. Na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.

"Descrição geographica abreviada da Capitania do Ceará" — Coronel Antonio da Silva Paulet.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XII, pag. 5.

"Chorographia da Provincia do Ceará" — José Pompeu de Albuquerque Cavalcanti. Rio de Janeiro, 1888.

"O municipio de Pereiro" — Antonio Augusto de Vasconcellos.

"Revista do Instituto do Ceará", volume II, pags. 103 e 237.

"A mina de ouro de Bom Jesus" — Raymundo Heraclito de Carvalho.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XV, pag. 113.

"Mineral resources of Ceará" — Virgilio Brigido.

"Brazilian Mining Review", 1. paginas 93 e 94. Rio, Julho de 1903.

"Apontamentos sobre a freguezia de Santa Quitéria" — Eduardo Marques Peixoto.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XX, pag. 69.

"O Ceará no começo do seculo XX" — Thomaz Pompeu de Souza Brasil — Fortaleza, 1909.

"Noticia historica chorographica da comarca de Granja" — Padre Vicente Martins.

"Revista do Instituto do Ceará", volumes XXV, pag. 171; XXVI, pagina 317 e XXIX, pag. 3.

"Noticia geographica, historica e descriptiva do Municipio de Quixeramobim" — Euzebio de Souza.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXVIII, pag. 191.

"Municipio de Crato" — José Pinheiro Bezerra de Menezes.

"Revista do Instituto do Ceará", volume XXXII, pag. 152.

"Sobre um carvão do Ceará" — S. Fróes Abreu.

"Correio do Ceará", 1º de Dezembro de 1921.

"O Ceará no Centenario" — Thomaz Pompeu de Souza Brasil — Fortaleza, 1922 (?).

"Schisto bituminoso da chapada de Araripe" — S. Fróes Abreu — Rio de Janeiro, 1922 e na "Revista do Instituto do Ceará", vol. XXXVIII.

"Soda e potassa — sua occorrendia no Ceará" — S. Fróes Abreu.

"A Industria", Abril, 1923 — Rio de Janeiro.

"O manganez no Ceará" — S. Fróes Abreu.

"Gazeta de Noticias", 7 de Setembro de 1924 — Rio de Janeiro.

"Geographia do Ceará" — Barão de Studart — Ceará, 1924.

"O salitre no Ceará" — S. Fróes Abreu.

"Correio do Ceará" e "Revista do Instituto do Ceará", volume XXXIX, pagina 172.

"O titanio no Ceará" — S. Fróes Abreu.

"O Nordeste, de 17 18 e 20 de Abril de 1925 e "Revista do Instituto do Ceará", volume XXXIX, pag. 219.

"Tem o Ceará riquezas no sub-sólo?" — Entrevista concedida pelo Sr. Arlindo Gondim.

"O Nordeste", de 9 de Junho de 1926. — Fortaleza.

GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA

"On the Geology and fossil fishes on north Brasil" — George Gardner. Report of the British Association for the Advancement of Science for 1840. Transactions, pags. 118-120 — Londres, 1841.

"On the fossil fishes found by Mr. Gardner in the Province of Ceará, in the north of Brasil", by Louis Agassiz.

(Edinburgh New Philosophical Journal, vol. XXX, pags. 82-84 — Edimburg, 1841.

"Sur quelques poissons fossiles du Brésil" — Louis Agassiz.

"Comptes Rendus de l'Academie des Sciences, vol. XVIII, paginas 1.007-1.015 — Paris, 1844.

"Recherches sur les poissons fossiles" — Luis Agassiz — Neuchatel, 1833 e 1834.

"Peixes petrificados que se acham na provincia do Ceará" — George Gardner.

"Jornal do Commercio" n. 95, de 9 de Abril de 1842 e como appendice na Geologia elementar de Boubée, pags. 45-55 — Rio, 1846.

"Ensaio estatístico da Provincia do Ceará" — Thomaz Pompeu de Souza — Brasil, 1863.

"Geology and Physical Geography of Brasil", Boston, 1870 — Charles Frederic Hartt.

"On the fossil teleostean genus Rhacolepis Agassiz" — A. Smith Woodward. Proc. of the Zoological Society of London 1887, pags. 535 e 542.

"Catalogue of the fossil fishes in the British Museum", partes III e IV — A. Smith Woodward — Londres, 1889.

"On some Upper Cretaceous fishes of family Aspidorhynchidae" — A. S. Woodward — Proc. of the Zoological Society of London, 1890, paginas 629 a 636.

"Paizagens do Ceará" — Frederico Katzer.

"Revista do Instituto do Ceará", vol. XVII, pag. 291.

"Beitrag zur Geologie von Ceará", LXXVIII. Denkschriften der Math. Nat. Wissn. Klasse der R. A. Kad. der Wiss, 1905.

"The Cretaceous fishes of Ceará" — D. S. Jordan e J. C. Branner. Smithsonian Miscellaneous Collections n. 1.793, vol. LII, pags. 1-29 — Washington, 1908.

"Geographia, geologia... nos Estados orientaes do norte do Brasil" — R. Crandall — Publicação n. 4, de I. F. O. C. S. — Rio de Janeiro, 1910.

"Fluting and pitting of granites in tropics" — J. C. Branner.

Proceedings of the American Philosophical Society, vol. LII, paginas 163-174, Philadelphia, 1913.

"Geologia e supprimento d'agua subterranea no Ceará, etc." — Horatio Small. Publicações ns. 25 e 32 da Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas. — Rio, 1913-1914.

"Notas sobre a geologia do Ceará" — Alberto Betim Paes Leme.

"Revista de Sciencias" — Rio de Janeiro, 1920.

"Apontamentos naturalisticos da região percorrida, abrangendo a zoologia, phytologia, geologia, climatologia e a prehistoria" — Dias da Rocha — Fortaleza, 1921.

"Serras e montanhas do nordeste" — Luciano Jacques de Moraes — 1924.

Publicação da Inspectoria Federal de Obras Contra as Seccas.

"Ha vulcões no Ceará" — S. Fróes Abreu. — "O Sitiá" de 24-5-925-

ESTUDO GEOGRAPHICO DA ILHA DA TRINDADE

Memoria apresentada pelo DR. ROBERTO MOREIRA DA COSTA LIMA, ao 8º Congresso Brasileiro de Geographia.

A lenda, quasi mythologica, que até ha pouco envolvia a historia da Ilha da Trindade, tão cubiçada pelos estrangeiros e tão pouco conhecida pelos nacionaes, impediu até certo ponto de ser estudada geographicamente, afim de se deduzir o que politicamente della fosse possível obter.

De facto, a não ser a lenda que durante tanto tempo a envolveu, bem como a implantação da bandeira ingleza em seu territorio, pouco mais se conhecia dessa ilha deserta, affastada da costa brasileira e perdida, por assim dizer, na vastidão do Atlantico.

Mas não se diga que a distancia e a sua posição geographica, motivassem esse descaso por um pedaço de terra que sempre foi nosso, nem autorizassem o abandono em que viveu, até bem pouco, quando a propria Inglaterra, de muito mais longe, jámais deixou de zelar por Santa Helena, cujo renome data do presidio de Napoleão I.

Não tivemos, é certo, um personagem dessa tempera, nem um facto de igual monta para immortalizal-a e nos viesse despertar do somno lethargico da indifferença, na pesquisa e nos estudos dessa ilha magestosa, engeitada por nós, mas preferida por outrem.

A nossa historia nos relata, que em Janeiro de 1895, uma esquadra ingleza, alli passando, se apoderou della, arvorando o seu pavilhão, com flagrante infracção dos mais sagrados principios do Direito Internacional, facto de que, aliás, só tivemos conhecimento a 18 de Julho desse anno. Esse acto, que direi impulsivo, fôra revogado, após o immediato protesto do nosso Ministro Carlos de Carvalho, a que succedeu discussão diplomatica e mais ainda: a officiosa intervenção de Portugal, alliado da Inglaterra, em 5 de Agosto de 1896.

Tanto a nossa posse dessa ilha malfadada era um facto incontestado e tão intempestivo fôra o acto dessa tomada brusca, que o espirito liberal e nobre da grande Nação Britannica, o reconheceu plenamente, restituindo-a.

Mais tarde, quando ainda não se desenhavam nos horizontes patrios, as nuvens que já toldavam, infelizmente, os céos da Velha Europa, convulsionada na maior guerra que a historia da Humanidade registrou, um esforçado official da nossa Marinha de Guerra, Commandante Joaquim Ribeiro Sobrinho, solicitou das autoridades navaes a licença e o auxilio possível para

proceder a estudos na Ilha da Trindade. Seguindo, assim, a bordo do Cruzador *Barroso*, com o material necessario, coube-lhe a honra de occupar militarmente a Ilha, como o primeiro official, que alli desembarcava e a guarnecia, procedendo a estudos a que se propuzera.

Entretanto, o objectivo principal e intimo que o levou a esse arriscado empreendimento, não fôra esse, e sim, a descoberta por um livro e documentos relativos, dos suppostos thesouros occultos por alguns piratas dos que faziam o curso no Atlantico, fabulosos e tentadores, revelados quasi pelas indicações que reputavam precisas adquiridas de um pharmaceutico de nome José Martiniano de Oliveira Barbosa, residente em Guaratinguetá.

Enthusiasmado por esses precisos dados, associando áquelle cidadão, partiu esse official, com a missão militar de installar-se na Ilha.

Vencidas as primeiras difficuldades e corrigidas as coordenadas geographicas desde a data indicada, atravez das condições climatericas e atmosfericas, technicamente; escusado será dizer que nada encontrou o nosso official, apesar dos ingentes esforços que empregou.

Consta mesmo que um corsario ao fallecer a bordo do navio que o capturara, revelou ao Commandante do mesmo o esconderijo certo dos thesouros, fructos de suas acções malfazejas e dahi a procura dos demais.

Existia de facto, uma lenda antiga, quasi phantastica, de que os Corsarios que infestavam os mares na epocha medieval e do feudalismo escondiam seus thesouros, fructos maleficos de saques e piratarias alheias, nessa ilha, no meio do oceano, em lugar seguro e só delles conhecido.

A navegação para a Trindade não era commum e raros mesmos são os que se vangloriam de havel-a avistado em viagem e muito menos de nella haverem desembarcado.

Os fabulosos thesouros escondidos cuidadosamente, é possivel, talvez, que existissem em tempos, dando fundamento e curso á lenda; porém, muito antes de qualquer pesquisa nossa, já haviam sido retirados por outros mais avisados, que se atreveram a essa incerta aventura.

Posteriormente, já então nós em plena guerra européa, aliados que fomos da Inglaterra e dos que se bateram pelos ideaes do DIREITO e da LIBERDADE, em pról da CIVILISAÇÃO, necessitando as esquadras de um ponto de apoio, ancoradouro e pequena base de operações ou deposito de carvão, fomos incrementar a guarnição da Trindade e defendel-a, quanto possivel, dos suppostos refugios ou ataques de unidades navaes alemãs, ainda então dispersas pelos mares, apesar do bloqueio inglez.

Data dahi a noticia mais recente e os estudos mais aprofundados dessa ilha.

Não faltou a collaboração arrojada dos Commandantes Moraes Rego e Cantuaria, installando estação radio-telegraphica, etc., nem a scientifica dos Doutores Bruno Lobo e Pedro Martins, aquelle expontaneamente, desejando colher dados e enriquecer o nosso Museu, de que era digno Director, este, como provector medico da Armada, então zelando pela saude da guarnição e tambem insigne cientista.

Multiplicaram-se as viagens periodicas á Ilha da Trindade, revezando-se o destacamento, provendo-se de viveres e material necessario, ora pelo *Benjamin*, ora pelo *Tiradentes* e *Carlos Gomes*.

Não irei repetir aqui toda a explanação curiosa e interessante da lenda, que Virgilio Varzea, o fino novellista, soube descrever no seu livro: *O brigue Flibusteiro*, relatando as aventuras do *Falcão*, qual um novo Daniel Défoe, imaginando novos Robinsons (Crosué...).

Passando rapidamente pelas informações colhidas de varios officiaes de Marinha, que tiveram a ventura de conhecer a Trindade, desejei tão sómente, trazer aqui uma modesta contribuição sobre o estudo dessa ilha desconhecida, reunindo o que havia esparso.

Crente, entretanto, de seu pouco valor, ousou apresental-a ao juizo dos competentes.

O aspecto dessa ilha, ao avistal-a, é montanhoso, especie de um alto paredão escuro, de granito, onde as tempestades são frequentes e o mar sempre revolto; o desembarque é, pois, difficil e só póde ser feito em canôa ou jangada.

Acha-se ella situada aos 20°30'16" de latitude S e aos 22°65' de longitude W Greenwich; distante 800 milhas do Rio de Janeiro e de 614 da Victoria, estando a 27 milhas das ilhotas de Martim Vaz.

Das praias que possui a unica possivel de desembarque é a Enseada do Principe. O Pico da Grazina tem a altitude de 420 metros e dista uma hora e 40 minutos. No pico Desejado, de 580 metros, nasce a cachoeira que corre para W. Todo o cimo é guarnecido de matto alto e arbustos. Passa-se pelos morros do Sapé, Vermelho e Verde e do outro lado o Morro das Tartarugas, além do Tunnel de Pedra.

A origem da ilha é vulcanica, com grande quantidade de turfa e tem cerca de 6.000 metros de extensão por 2.000 metros de largura, sendo 1/6 de sua superficie capaz de cultura, prestando-se o terreno á criação de gado montez e vaccum.

Existe uma montanha de cerca de 600 metros de altura, chamada Pico da Trindade e alguns picos; o sólo é de argilla e rocha calcarea, além de muito accidentado. A acção das aguas das chuvas e o capricho dos ventos dá aos picos as fórmulas mais variadas. As encostas mais suaves e os morros prestam-se a pastagens diversas.

Não ha grandes arvores na ilha, entretanto, os picos da Trindade e Desejado são cobertos ao lado de W por arbustos de tres e quatro metros de altura. Embora actualmente nada produza, o sólo é fertil, podendo colher-se feijão, milho, batatas, etc.

Nos valles e na grande bacia onde nasce a maior cachoeira ha grande quantidade de sambaibais, que cobrem tambem os atos do Desejado e da Trindade.

Na Praia dos Portuguezes ha agua corrente, produzindo 230 toneladas em 24 horas, assim como na Fonte do Porto e Fonte Escondida. A Fonte Barril produz 43 toneladas; maior quantidade de todos produz a Cachoeira Grande, porém, difficilmente poderá ser aproveitada. Na parte NW existem outras pequenas nascentes.

A fauna da ilha é representada por albatrozes, corvos marinhos, garças lindas, graunas brancas, cinzentas, pinguins, baratas domesticas e ratos.

Avulta entre todos, em toda parte, o carangueijo de tres especies dif-

ferentes, grandes e terrivelmente astuciosos; grande riqueza de peixes, polvos e tartarugas.

As borboletas na exuberancia de suas côres embelezam a Natureza agreste.

Os carangueijos amarellados e de grandes dimensões, vivem em buracos cavados no sólo e alimentam-se de capim. Sahem para pastar ao sol, quando declina e recolhem-se pela manhã.

Nas praias de NE apparecem pedra pomes, esponjas e pedaços de coral cobertos de camadas calcareas. Ha tambem esqueletos de baleias conservados, bem como vestigios de occupação, taes como restos de casas de madeira.

Lá se encontra um marco deixado pelo *Benjamin Constant* no barranco da praia do Principe e na das Tartarugas um outro de granito levado pela Divisão composta do *Andrada e Republica*.

No morro do Recife ha uma taboleta com a inscripção: "Vapor *Oceano* — Commandante Macedo — Immediato Duarte" — significando, talvez, a passagem desgarrada por ahi de algum navio mercante brasileiro.

Do antigo Porto da Rainha não ha mais vestigios, senão a explanada.

Ha na ilha um curioso tunnel no morro desse nome, com 70 metros de altura a SE, com 15 metros de largura e 10 de altura menor, onde o mar invade, indo até a uma pequena bacia ao Norte.

O desembarque é penoso e depende do tempo, sendo relativamente facil a sotavento.

O acampamento que lá esteve abriu estradas e cultiou do melhor modo possivel a ilha, soltando a esmo, os casaes de animaes que levaram hoje muito reproduzidos.

O clima é excellente e a temperatura supportavel nas praias e agradável na montanha. As noites são frescas e a agua bôa.

Junto á Trindade está a ilhota da Rocha, cuja escarpa é fendida d'alto a baixo.

Na ilha existe um morro appellidado o "Pão de Assucar", com 390 metros de altura e o Filhote, semelhante ao que monta sentinella á bôsea Guanabara.

Os recifes são pedregosos e de accesso quasi impossivel, por esboroar-se o terreno, que parece lava solidificada.

A superficie dessa ilha é de seis kilometros quadrados, approximadamente, podendo comportar cerca de 900 pessoas em condições normaes. Hoje está completamente deshabitada, porém, entre 1700 a 1800 lá viveram algumas dezenas de almas, gente portugueza.

Consta tambem que em 4 de Abril de 1774, lá estivera D. Juan de Langara, Capitão de navio da Marinha hespanhola, como Commandante do navio *Santa Rosalia*, indo em sua companhia Juan Nepomuceno.

O nosso contingente militar é pequeno.

Predominam alli os ventos de SE e sopram com frequencia tambem os de NS.

Dista da costa do continente do Estado do Espirito Santo cerca de 630 milhas, ficando mais proximo do porto de Victoria, na distancia de 614 milhas, como disse.

Navegando-se com a velocidade de 12 milhas, o tempo de viagem até lá é de 66 horas, ou pouco mais de dois dias e meio; rumo NE 4° p. L.

Ao Estado do Espirito Santo, pequeno no mappa e grande no seu progresso pelo esforço de seus filhos dedicados, cumpriria impulsionar as communicações mais frequentes e directas com a ilha proxima de sua costa, custeando-a, si possivel, com os proprios recursos extrahidos do que explorar, cuja riqueza é abundante.

Não se apresenta melhor oportunidade do que esta, ao reunir-se o 8º Congresso de Geographia, em Victoria, como um attestado palpitante da acção patriotica do seu Governo e da grandeza de seu povo, para assegurar, definitivamente, a sua jurisdicção e zelo pela Ilha da Trindade.

POSIÇÃO GEOGRAPHICA, EXTENSÃO E TOPOGRAPHIA

A Ilha da Trindade está situada em 20°31' latitude Sul e 13°7'57" de longitude léste do Observatorio do Rio de Janeiro. (1)

Tem de comprimento de NNO a SSE cinco kilometros, um kilometro e oito decimos de largura, e seis e oito decimos quadrados de superficie.

Excessivamente accidentado, o sólo desta ilha de natureza vulcanica contém montanhas elevadissimas e escalvadas; entre ellas acha-se no littoral, ao O, uma, com 264 metros de altitude, denominada pelos navegantes "Monumento" (K) (2); na extremidade N outra, que chamam Crista de Gallo (A); a léste, outra, de côr avermelhada, com 65 metros de elevação, tem na sua base uma galeria (G) formada pela natureza, que tem 132 metros de comprimento, por onde atravessa o mar de lado a lado, com grande fragor; ao Sul, está outra, denominada "Pão de Assucar" (H), que tem 390 metros de altitude; e no centro da ilha, outra, que fórma o seu ponto culminante; entre esta montanha e a que lhe fica a léste, o sólo fórma uma depressão (Q), que ainda assim está 22 metros acima do nível do mar, e que se estende para o N. e para o S., até o littoral, em planos inclinados. Da encosta septentrional da mesma montanha central dimana um riacho, o unico que parece haver em toda a ilha. No littoral termina por penhascos ponteagudos, com excepção ao N. das praias "Sem nome", "Empedrado", das "Tartarugas" e do "Porto da Canôa" (C); a léste, outra "Sem nome", e ao S. a que fórma a enseada ou Porto do Principe; entre as pontas da "Crista de Gallo", do "Vallado", dos "Recifes Alagados" (H), das "Tartarugas" (E) e dos recifes das "Pedras Rasas" (F), ao N., e a que estende para o mar um recife com 240 metros ao NE, em frente do Porto do Principe ha uma ilhota de pedra (I), e perto da praia varios recifes, uns emergidos e outros immergidos; segue a ponta dos "Cinco Farelhões" (1), continuando depois os penhascos a guarnecer o littoral, tendo em frente

(1) Segundo The practice of navigation and nautical astronomy, by Henri Rapper, lieut. R. N. 7. ed. London, 1862, dista 651 milhas geographicas do ponto da costa da provincia do Espirito Santo, situado na mesma latitude de 20°31' Sul.

(2) Vide mappa annexo.

á ponta SO, duas ilhotas altas, por entre as quaes e o mesmo littoral passa uma pequena embarcação.

A natureza incendiavel do sólo desta ilha, que parece ter passado por mais de um abalo vulcanico, quando revolvido e exposto aos ardentes raios do sol, é, no conceito do sabio Sr. Visconde do Rio Grande, devida ás camadas de turfa que contém.

Segundo o nosso illustre historiographo José Ignacio de Abreu Lima (3), o navegante portuguez João da Nova, mandado á India por capitão de quatro náos, partindo de Lisbôa em 5 de Março de 1501, descobriu a ilha da Ascensão (hoje Trindade) aos 20°12' austral, e que demora a 120 leguas da costa do Brasil, e foi reconhecida, dois annos depois, por Affonso de Albuquerque, que sahia de Lisbôa a 6 de Abril de 1503, commandando uma esquadra para a India.

Em 15 de Abril de 1700 aportou a esta ilha e tomou posse della em nome do seu Governo, o capitão inglez Edmond Helley.

J. Cock, em sua viagem, descobriu em 28 de Maio de 1775, a Ilha da Trindade, onde fundeou a 31 do mesmo mez (4). O seu aspecto medonho excede ao das ilhas de Paschoa e da Terra do Fogo; suas montanhas, formadas de pedras partidas, parecem produzidas pelo fogo de algum vulcão. Quasi no meio da ilha eleva-se uma montanha branca, sobre a qual, com o oculo, avistamos algum arvoredos; tem 20 milhas de comprimento de NO a SE, e de largura cinco a seis; apresenta muitas collinas e estreitos valles, despidos de vegetação por espaço de muitas milhas, onde só se encontram pedras e areia, ou antes, cinzas, signaes evidentes de que a ilha foi produzida por um vulcão; uma montanha que se eleva a SE parece provar o seu estado primitivo; o seu sólo é formado duma especie de marne, que possui ainda a sua propriedade vegetativa.

Em 1781, achando-se o Governo da Grã-Bretanha em guerra com a Hespanha, mandou occupar a Ilha da Trindade, afim de estabelecer um entreposto para o contrabando, que se fazia á sombra do seu commercio, com as provincias hespanholas do Rio da Prata, depois que o Governo de Portugal cedeu ao da Hespanha a colonia do SS. Sacramento, pelo tratado preliminar de 1 de Outubro de 1777. Em consequencia deste pacto e das reiteradas reclamações do Governo da Hespanha ao de Portugal, ordenou-se ao Vice-Rei do Brasil que mandasse expedição, afim de expellir os inglezes dessa ilha, que inquestionavelmente pertencia aos dominios portuguezes da America meridional.

Assim, em seu officio de 20 de Agosto de 1789, (5), diz o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza ao seu successor, Conde de Rezende:

“No que respeita ao anno de 1782 achará V. Ex. as ordens por que Sua Magestade mandou occupar a Ilha da Trindade, pertencente a estes dominios, da qual os inglezes se tinham senhoreado no tempo

(3) Synopse ou deducção chronologica dos factos mais notaveis da Historia do Brasil, I vol., pag. 26 — Pernambuco — 1845.

(4) Histoire universelle des voyages effectués par mer e par terre dans les cinq parties du monde, par Albert de Montémont, vol. IX, pag. 151.

(5) Tomo IV, pag. 129 da Revista do Inst. Historico e Geographico.

da recente guerra entre os Governos da Inglaterra e da Hespanha, formando nella um estabelecimento de pouca duração. Não foram necessarios os meios da força, que então se preveniu, por se achar já abandonada a mesma ilha na occasião em que se expediu daqui a tropa com o determinado fim de evacual-a, formando-se consequentemente nella, em conformidade das mesmas reaes ordens, um estabelecimento, que, promettendo ter ao principio alguma capacidade para fazer menos pesada a despeza por meio da lavoura, que se pudesse continuar no abreviado terreno de 800 braças (1,760 metros) de comprimento e 200 ditas (440 metros) de largura, como mostram as plantas que estão juntas á correspondencia da côrte, do mesmo anno de 1783; veio depois a conhecer-se que nem podia sustentar o diminuto numero de seis casaes que para alli foram mandados. Todos os logares que, sendo cobertos de terra, parecia capazes de qualquer plantação, depois de roçados, mostraram, sem necessidade de maior exame, que a terra estava superficialmente sobre as pedras, que com o impulso de um pequeno golpe de enxada descobria o terreno inutil, e incapaz de semear-se nelle cousa alguma; e consequentemente muitas porções da mesma terra, que em alguns logares pareciam proporcionadas para a cultura, de nenhuma sorte a podiam admitir por ser muito delgada a capa que cobre a rocha e o cascalho que fórma todo o fundo.

Além disso, esta mesma terra é de tal^o qualidade que se inflamma por si mesma sem a introducção de outra qualquer materia combustivel, que communicada exteriormente faça atear e accender a chamma, como se veio a conhecer no dia 9 de Fevereiro de 1783, em que vendo a terra lançando fumo, averiguada a causa, não se poudo descobrir outra senão que o fogo que sahia, bastantemente profundo, levantando chammas, e que por onde passava reduzia a terra a um cinzeiro esbranquiçado e brando, que atolava; e á custa de muito trabalho, abrindo-se nellas em roda cheias d'agua, para atalhar a passagem do mesmo fogo, poudo mininuir-se o incendio, mas de nenhuma sorte a origem do fogo, por ser propria e natural daquelle terreno.

Do commando desta ilha foi daqui nomeado o capitão do Regimento de Estremós Manoel Rodrigues Silvano, graduado em Sargento-mór, com um corpo de destacamento de 150 praças, que então pareceu indispensavel para a defesa e segurança daquelle posto, e que acabava de ser nomeado por uma nação estranha, e que devia ser guarnecido para prevenir outros semelhantes acontecimentos.

Porém, sendo certo que aquella primeira occupação dos inglezes na ilha foi mais por um acaso a que nos obrigou a necessidade, emquanto recebiam outros soccorros para passarem á Inglaterra, do que com o animo premeditado de permanecerem alli, como veio a verificar-se, me pareceu necessario diminuir o destacamento que presente se acha reduzido a 88 individuos, em que se comprehendem as praças do mesmo destacamento; e ainda assim a conservação daquelle inutil estabelecimento, que jámais será appetecido de qualquer nação, por isso que agora se conhece a sua incapacidade, não deixa de fazer um grande peso e embaraço a este Governo e a esta Provedoria, por ser indispensavel expedir daqui de seis em seis mezes uma embarcação com mantimentos, com que é soccorrida, por não ter outros meios para subsistir independentemente, e mudar de anno em anno o dito destacamento, o qual, não se devendo suppor de melhor gente, obriga a maiores e mais impertinentes providencias do que parece.

Foram presentes a Sua Magestade estas noticias em 10 de Junho de 1783, as quaes em grande parte chegaram com as primeiras que o coronel de mar José de Mello se antecipou a dar, quando foi á dita ilha com o fim de a evacuar, podendo só com a vista descobrir a sua extensão, e medir a sua grandeza sem o preciso exame da sua inutilidade; não tem produzido effeito algum de providencia, por

não se ter fallado mais nesta ilha da Trindade, nem no seu figurado estabelecimento." (6)

Tendo os inglezes abandonado a ilha da Trindade, e achando-se nella uma guarnição portugueza, ordenou-se ao Vice-Rei em 16 de Setembro de 1782, que promovesse communicações com esta ilha, por meio de samacas e outras embarcações pequenas, e exigisse do seu commandante uma minuciosa descripção da qualidade do terreno, das aguas, das plantas e dos fructos, que possam haver nella, particularmente do trigo, do milho, e que das sementes que houvesse no Brasil se lhe mandariam porções sufficientes para semear, examinando cuidadosamente as plantações que fizeram os inglezes e a maneira empregada, para que fosse imitada; finalmente, que a bordo de um navio mercante seguiam para o Rio de Janeiro oito casaes, uns destinados para Angola, e outros para a ilha de Santa Catharina; que podia mandar todos para a ilha da Trindade, querendo estes, e que se ficava cuidando de mandar mais alguns casaes para povoa-la. Prevenindo-o em 18 do mesmo mez que mandasse, pela não em viagem, commandante e mais inglezes que estavam na ilha, em 9 de Outubro informou o Sargento-mór João de Abreu Pereira, encarregado de inventariar o armamento que os mesmos inglezes abandonaram na ilha, que encontrara doze peças de artilharia.

"O Sr. J. F. Galaup de la Perouse, encarregado em 1785 de uma viagem de descoberta, avistou, diz a "Relação da viagem", no dia 16 de Outubro deste anno, ás 10 horas da manhã, as ilhas de Martim Vaz, cinco leguas ao NO; deveriam ficar-nos ao O, porém as correntes arrastaram-nos treze milhas para o Sul, durante a noite; infelizmente, os ventos, sendo constantes de SE até então, obrigaram-nos a bordejar para podermos approximar-nos dessa ilha, passando a uma meia milha afastado dellas. Depois de determinar as suas posições, e feito um reconhecimento para podermos traçar sobre o plano as suas respectivas situações, seguimos para a ilha da Trindade, distante destas ilhas cerca de 27 milhas, para O. 1/4 SO; estas ilhas são, propriamente falando, rochedos, podendo o maior ter um quarto de legua de perimetro; são tres, separados por pequenas distancias, os quaes, vistos de longe, parecem cinco cabeças. Ao anoitecer avistámos a dita ilha da Trindade, que ficava-nos a E.8° N.; o vento conservava-se sempre de NNO, obrigando-nos a bordejar toda a noite, para conservar-nos sempre a ESE; assim que amanheceu, dirigimo-nos para terra, contando com um mar manso ao abrigo da linha, e ás 10 horas estavamos a duas e meia leguas da ponta SE e avistámos no fundo da enseada, formada por essa ponta, uma bandeira portugueza, içada no meio de um pequeno forte, ao redor do qual havia cinco ou seis casas de madeira. A presença desta bandeira excitou a nossa curiosidade, e resolveu-nos a mandar um escaler á terra, para informar-nos se os inglezes já tinham evacuado a ilha, porque começavamos

(6) Não se póde deixar de notar neste officio a reserva com que trata da occupação da ilha da Trindade pelos inglezes, mostra ignorar as reclamações do Governo da Hespanha e pretende com subterfugios encobrir o seu conhecido fim, que estava longe de ser casual, como se quer inculcar.

a ver que nesta ilha não encontraríamos a agua e a lenha de que carecíamos; no cume das montanhas apenas avistámos algumas arvores; em todo o littoral da ilha as vagas quebravam-se com força, que receiavamos que o nosso escaler podesse, sem risco, atracar á praia; tomamos, pois, o expediente de bordejar todo o dia, afim de acharmo-nos no dia seguinte, ao amanhecer, na ponta da ilha, bastante afastados para que podessemos ganhar o fundeadouro ou mandar pelo menos o nosso escaler á terra; á tarde chamamos o commandante do *Astrolabio*, e communicámos-lhe a manobra que pretendíamos fazer, accrescentando que não observariamos nenhuma ordem nos nossos bordos, devendo ao amanhecer estarmos reunidos na enseada; ordenámos ao Sr. Langle qualquer dos dois navios, a *Bussola* e o *Astrolabio*, que se achasse mais á mão, mandaria um escaler á ilha para se informar dos recursos que poderíamos encontrar nella; no dia 18, de manhã, estando o *Astrolabio* distante meia legua da praia, mandamos a *chalupa*, governada pelo Sr. Vaujuas, levando os Srs. de la Martinière e o recebedor de bordo, naturalista infatigavel, que penetrou no interior da enseada, por entre dois rochedos; as vagas eram, porém, tão fortes, que teriam infallivelmente naufragado, se não fossem os promptos soccorros prestados pelos portuguezes, que arrastaram a chalupa para a praia, escapando todos os objectos, excepto a fateixa, que se perdeu; o Sr. Vaujuas contou neste porto cerca de duzentos homens, dos quaes sómente quinze estavam fardados, e os mais em fraldas de camisa; o commandante deste destacamento, ao qual não se podia chamar colonia, por não haver nenhuma lavoura, disse que tinham vindo para alli mandados pelo Vice-Rei para tomar posse da ilha, ha um anno, pouco mais ou menos; ignorava ou fingia ignorar que os inglezes tivessem-n'a precedentemente occupado, não devendo, entretanto, dar-se inteiro credito á sua conversação, porquanto estava na triste necessidade de occultar toda a verdade; pretendia que a sua guarnição era de 400 homens, e que o seu forte era guarnecido por 20 peças de artilharia; entretanto, estava convencido que nenhuma estava em bateria nos arredores do estabelecimento; receiava-se tanto do seu governo que não permittiu aos Srs. de la Martinière e recebedor que se afastassem da praia para estudarem a flora da ilha e fazerem um estudo botanico, e despediu-os, dando-lhes todas as demonstrações de consideração, accrescentando que a ilha nada poderia fornecer, que de seis em seis mezes se enviava do Rio de Janeiro viveres, e que nessa occasião tinha apenas sufficientes para a guarnição, sendo ainda assim preciso ir longe buscar a agua e a lenha de que carecia. A sua guarnição ajudou a pôr ao mar a nossa chalupa. Na mesma occasião mandámos tambem um escaler, governado pelo Sr. Bautin, levando os Srs. Lamanon e Monneron, recommendando-lhes que não desembarcassem enquanto o *Astrolabio* não estivesse perto delles, devendo então procederem á sondagem da enseada e levantar o plano melhor que lhes fosse possivel; em consequencia, o Sr. Bautin, approximou-se da praia ao alcance de um tiro de espingarda. Todas as sondas annunciavam um fundo de pedra e areia. O Sr. Monneron tirou a vista do forte tão bem como se estivesse na praia, e o Sr. Lamanon reconheceu que as rochas eram de basalto ou de materias fundidas, restos de algum vulcão extincto, opinião que o recebedor confirmou, trazendo para bordo uma grande porção de pedras, todas vulcani-

cas, e de areia intimamente ligada com detritos de conchas e de coral. Segundo o conceito dos Srs. Vaujuas e Bautin, a ilha não podia fornecer-nos a agua e a lenha de que careciamos, e assim resolvemos-nos a seguir para a ilha de Santa Catharina. Aproveitámos os dois dias que nos demorámos na ponta Sul da ilha da Trindade, para fazer Bernizet traçar o plano da parte meridional da ilha, que differe muito pouco do que apresentou o Sr. Edmond Haley; a vista da ilha tirada pelo Sr. Duchez de Vancy, é de uma rigorosa exactidão e sufficiente para que os navegantes que se aproximarem do lado meridional da ilha jámais se possam enganar. Ella offerece á vista um rochedo quasi esteril, tendo nos desfiladeiros estreitissimos alguns arbustos, num dos quaes a SE, que terá cerca de 594 metros de largura, está o estabelecimento portuguez.

A natureza não parece ter destinado certamente esta ilha para ser habitada pelos homens e os animaes irracionaes, pois não encontrariam nella a subsistencia necessaria. Os portuguezes, porém, receiosos de que alguma nação da Europa queira aproveitar-se da sua proximidade da costa do Brasil, para estabelecer o contrabando, são empenhados em occupar uma ilha que a todos os respeitos lhes é sómente onerosa.

“O Sr. Monneron diz que a ilha da Trindade está situada no hemispherio meridional cerca de 150 leguas da costa do Brasil; achava-se deserta até a ultima guerra, quando os inglezes a occuparam, com o fim, sem duvida, de poderem mais facilmente tomar os navios francezes, hespanhóes e hollandezes; assegura que a abandonaram quando se declarou a paz, fazendo-se por isso o Sr. Laperouse reconhecê-la.

Avistámos a bandeira portugueza sobre uma montanha, situada no re-concavo de uma pequena enseada a SE; o official que governava o nosso escaler mandado á terra teve ordem para desembarcar só, caso que pudesse fazel-o sem risco; assim seguimos perto do littoral sem podermos atracar á praia; tivemos, entretanto, occasião de examinar o fundo da pequena enseada do estabelecimento portuguez, que se achava a um terço da altura da encosta duma montanha, situada, como dissémos, no fundo da enseada, a qual terminava a O. numa montanha escalvada, que, assim como todas as outras da ilha, são de producção vulcanica, tendo a E uma outra, de feitio dum pão de assucar, com cerca de 96 metros de altitude, e contigua a esta outra, formada duma especie de argamassa, tendo um terço de altitude da precedente; a praia terá proximamente 1.380 metros de profundidade, elevando-se depois o sólo em declive regular até uma especie de esplanada, que, em termos de fortificação, chama-se terraplano, com grande inclinação para a praia, circumstancia que expõe aos fogos dos navios que se acharem fundeados na enseada; não descobrimos parapeito, embora seja de presumir que haja uma barbeta; esforçámo-nos por descobrir peças de artilharia, mas foi debalde; no terraplano havia cinco a seis casémbres, dos quaes o maior, assemelha-se a um reducto, tendo uma de suas faces parallelá á praia e outra ao barranco, onde fenece a esplanada; este estabelecimento parece mais um esconderijo de bandidos que um posto occupado por uma nação civilisada; supprimi os obstaculos naturaes de fazerem um accesso difficil, não descobrireiis nenhum vestigio que indique um projecto de resistencia a um primeiro ataque. Podemos assegurar, sem

receio de enganar-nos, que não ha alli nenhuma embarcação, o que faz-nos crer que os portuguezes estão e pouco tempo estabelecidos na ilha, ou que são muito descuidados. O Sr. Vaujuas, que tambem desembarcou, avaliou em duzentos o numero dos individuos presentes; nós, que os contámos mais de uma vez, só achámos trinta e tres, dispersos pelas montanhas e pela praia e trinta e seis que nos observavam da esplanada, o que nos fez acreditar que não excitavamos a curiosidade de todos os desterrados neste rochedo. Como julgámos que o fundo da enseada era de pedra, talvez que seja difficil ás náos e fragatas fundearem nella para obrigarem o posto a render-se; assim, com o systema actual de defesa, seria preferivel fundear do lado SO da ilha, onde se deve encontrar mais segurança no fundo, e onde se poderá facilmente contornar o posto, occupando o cume da montanha, que está a cavalleiro do terrapleno."

Resolvendo o governo de Portugal, á vista das representações do Vice-Rei do Brasil, Conde de Rezende, que a ilha da Trindade fosse abandonada, mandou em 6 de Fevereiro de 1797, retirar o destacamento e armamento que alli se achava, o qual, embarcando na fragata *Princesa da Beira*, e em uma corveta, chegaram ao Rio de Janeiro em 11 de Outubro do mesmo anno.

Depois deste successo, ficou, como se devia esperar, a ilha da Trindade em completo abandono, quando aportaram a ella os naufragos do bergantim *Jeune Sophis*, que, fazendo-se de vela de um dos portos de França para a ilha de França, em 28 de Maio de 1817, commandada pelo capitão Deveaux, levando o Conde Amerval, sua familia e onze passageiros mais e quatorze homens de guarnição, seguiu com feliz divertida viagem até o dia 6 de Agosto. Tendo-se acabado a proivisão de aguardente, o commandante mandou buscar ao porão; mas apenas se abriu a escotilha, sahiu uma chamma amarellada e suffocante que os marinheiros mal a poderam fechar; comprehendendo o commandante que estavam com fogo a bordo, e para atalhar o perigo, mandou, com toda a calma, e sangue frio, calafetar todas as escotilhas com colchões dos passageiros e outros objectos que tinha á mão, e lançar por toda a parte agua, para evitar os progressos do fogo, do qual se ignorava a causa e a natureza. Averiguação com mais attenção, conheceu-se pelo cheiro, que era vitriolo e agua forte, que consumiam a embarcação; este caso assombrou ainda mais o commandante, que não se lembrava de ter visto semelhante artigo no seu livro de carga; folheando-o com mais cuidado, conheceu que provinha de uma caixa com garrafas que continham vitriolo, que foi embarcada por um negociante com o falso distico de "pharmacia preparada".

Apezar da quantidade de agua que se lançava na embarcação, o fogo, solapando, fazia grandes progressos; o calor tornava-se insupportavel; mal se podia pôr a mão no costado, estava o bergantim na latitude de 20°25', e em 26°50' de longitude O. de Paris.

Aquelles infelizes, vendo a morte certa, trataram de aportar á mais proxima terra, que era a ilha da Trindade; depois de tres dias de fadigas continuas, alagando dia e noite o navio com agua, descobriram afinal a dita ilha, tão desejada. O Conde de Amerval e o Commandante, dotados de

grande animo, que a desgraça não abate, felizmente, preferindo antes arrostar uma morte infallivel do que se exporem a morrer de fome ou a serem victimas das feras, resolveram com os passageiros e a guarnição a seguir para o Rio de Janeiro, e para este fim estavam já a 14 leguas da ilha, quando o immediato do navio, pondo a mão sobre uma das cunhas das escoteiras grandes, sentiu-a queimada e com uma bolha.

Todos aterrados com este successo, examinando com mui cuidado os progressos do fogo, conheceram que o fumo sahia com força, por todas as fendas da embarcação; e, vendo que a morte era inevitavel, pediram ao commandante que fosse para a ilha, o qual, sensivel ás justas reclamações dos seus companheiros de desgraça, facilmente renunciou o projecto de alcançar o Rio de Janeiro, e immediatamente governou para a ilha, que já havia perdido de vista. No dia 10, avistaram os seus medonhas rochedos, e ás 4 horas da tarde deste dia, chegaram a uma enseada por entre dois daquelles rochedos; abertas então as escotilhas, a agua precipitou-se no convez da embarcação e apagou o incendio, empregando-se no dia seguinte aquelles infelizes em salvar os poucos viveres, apenas alterados pelo fogo, desembarcando parte dos passageiros. Mas na noite de 12 para 13, ventando SO, engrossou o mar, quebrando-se com tanta força no costado da embarcação, que se abriu pelo meio, e, as ondas, em poucos instantes, levaram os seus fragmentos e tudo quanto ella continha; os passageiros que estavam a bordo, tiveram apenas tempo de se lançarem na lancha e ganharem a praia com muito trabalho, depois de acoçados pelas vagas entre os recifes, sendo necessario passar um cabo por baixo dos braços delles para salvá-los.

Todos os passageiros assim que chegaram á praia, levantaram barracas encostadas ás montanhas, que esboroavam de instante a instante, enchendo-os de terror. O Conde de Amerval, desejoso de salvar as vidas de 27 pessoas, que poderiam ficar abandonadas naquella ilha deserta, conferenciou no dia 18 com o commandante, e tentou fazer viagem até o Rio de Janeiro, num escaler; para isso o commandante fez apparellhar a sua lancha, e em companhia do Conde e cinco marinheiros, affoutos seguiu neste mesmo dia, de manhã, despedindo-se de seus companheiros, e promettendo-lhes que voltariam para livrá-los, se a Providencia favorecesse a sua arriscada viagem. Com esta lisongeira esperança fazem á vela o seu fragil batel; durante tres dias a sua navegação foi muito feliz; no terceiro dia encontraram uma embarcação ingleza, que seguia para a ilha de França; abordaram-na para pedir viveres; o commndante ficou admiradissimo do encontrar semelhante embarcação no mal alto; tomou-os por piratas e só a muito custo conseguiram fazer-lhe saber o que lhes aconteceu, para que, commovido da sua desgraça, lhes desse agua e biscoitos. Continuaram a navegar, o tempo ficou máo, as ondas engrossaram, e estes infelizes, depois de treze dias de perigo, expostos a todo o momento a serem tragados pelas ondas, e faltos já de mantimentos, chegaram milagrosamente ao Rio de Janeiro a 31 do mesmo mez de Agosto, gosando todos de bôa saude. Desembarcaram na Fortaleza de Santa Cruz, sendo perfeitamente acolhidos pelo bravo governador, que os convidou para jantar com elle. Assim que chegaram á cidade, dirigiram-se ao seu consul geral, o Sr. Maller, que se

apressou em ser-lhes util, impetrando de S. M. Fidelissima, que condoído de semelhante desgraça e animado da proverbial bondade e benevolencia com que costuma soccorrer os infelizes, deu as mais promptas ordens para sahir no dia 6 de Setembro a escuna de guerra *Maria Emilia*, commandada pelo 2º Tenente Manoel Pedro de Carvalho, levando o referido commandante e marinheiros em demanda da ilha da Trindade, para soccorrer os infelizes que alli estavam e que sem este auxilio infallivelmente succumbiriam. Quando esta embarcação aportou, porém, á ilha, só encontrou pendurada a uma arvore uma garrafa, contendo um papel com a declaração *que tendo-se approximado da ilha um navio, os havia levado para a India, que era o seu destino*, persuadidos que os seus companheiros não voltassem com a lancha da *Jeune Sophie*. (7)

Em 6 de Outubro de 1825, o Sr. Duperry (8) descobriu as ilhas de Martim Vaz e da Trindade, situadas aquella em 20°27'42" de latitude Sul e 31°12'58" de longitude O. de Paris; e esta em 20°30'32" de latitude S. e 31°57' de longitude O. de Paris; as ilhas de Martim Vaz são rochedos escavados; a ilha da Trindade é elevada, que com tempo claro, póde avistar-se na distancia de 54 milhas, apresentando alguma vegetação do lado meridional, e algumas montanhas, das quaes uma que chamam "Monumento", outra "Pão de Assucar". A distancia entre ella e as ilhas de Martim Vaz é proximamente de 27 milhas.

Esta ilha foi no mesmo anno visitada pelo Sr. Capitão de Mar e Guerra Diogo Jorge de Britto (9), commandante da corveta *Itaparica*, e dos aspirantes a guardas-marinha, entre os quaes se contavam os distinctos e prestimosos officiaes da Armada, Srs. Vice-Almirante Barão de Angra, Almirante Barão do Amazonas, e Chefe de Esquadra Raphael Mendes de Moraes Valle.

Segundo a "Carte de l'Ocean Atlantique Meridionelle" (10) do Sr. Bernard, as ilhas de Martim Vaz estão no paralelo de 20°29'42" e de 31°12'58" do meridiano O. de Paris, e cruzam-se proximamente no centro da maior das tres que seguem em linha recta. A ilha da Trindade está entre os parallelos de 20°29'46"6, e 20°32'26"6 meridionaes, e os meridianos de 31°42'32" e 31°39'48" O. de Paris; o paralelo de 20°31'23" S. e o meridiano de 31°41'18" O. de Paris cruzam-se no centro da ilha, a variação da agulha era de 6°50' NO. Na mesma carta vem o plano desta ilha levantado pelo Sr. Gressien.

O Sr. Dumont d'Urville (11) visitou a ilha da Trindade em 31 de Junho de 1829, e diz o seguinte: "Distinguimos as ilhas de Martim Vaz e a ilha da Trindade, que se dobram pelo Sul, contemplando a grande

(7) Vide *Gazeta do Rio de Janeiro*, de 10 e 13 de Setembro de 1817.

(8) *Histoire universelle des voyages effectués par mer et par terre dans les cinq parties du monde*, par Albert de Montémont, vol. XVIII, pag. 113.

(9) Não obstante as nossas diligencias, não nos foi possível encontrar o Relatório ou Diário deste official, que tanto se distinguio em diversas importantes commissões.

(10) Rubeque, libraire hydrographique, Paris, 1826.

(11) *H. universelle des voyages*, citada, vol. XVIII, pag. 213.

montanha de 368 metros de altitude, inclinada, isolada e escalvada, que parece ao S., á qual deram os inglezes o nome de "Pão de Assucar", perto do qual estão os dois unicos portos da ilha, se comtudo assim se podem denominar; perto della ha uma montanha de fórmula cylindrica, com 264 metros de altitude e 26 a 33 de diametro, quasi que inteiramente destacada da massa da ilha, torre natural que parece uma outra Babel. A ilha parece ser esteril, com excepção da enseada a SE, onde se distinguem alguns arbustos muito enfezados nas quebradas das montanhas.

Em 1846, apenas sabemos que esta ilha da Trindade foi tambem reconhecida pelo Sr. Capitão de Fragata Manoel Maria de Bulhões Ribeiro, commandante da corveta *Sete de Abril*.

A ilha da Trindade (12) dista 170 a 175 leguas da costa do Brasil, é montanhosa; tem uma enseada ao NO, com vinte braças, fundo limpo; alli ha rochedo alto e destacado em fórmula pyramidal, que póde servir de reconhecimento; entre elle a a terra não podem passar barcos.

Horsbourg diz que esta ilha terá seis milhas em circumferencia; estende-se de SO a NE; é alta e desigual; póde ser avistada do convez de um grande navio na distancia de 15 leguas; é cheia de rochas, quasi esteril; nas alturas da parte do S. ha arvoredos. Na parte de E e SO ha boa agua; em dois regatos tambem ás vezes se encontra, na rocha que fórmula a ponta do SO; porém navio algum deve demandar esta ilha para refazer, salvo extrema necessidade, porque os regatos são muito pobres, e é natural que, faltando as chuvas, sequem, além disso a mesma resaca obsta a que se possa fazer essa mesma aguada com facilidade, e por fóra o ancoradouro não é seguro, porque os ventos de O e SO são travessias, e sendo fortes, é arriscado ir á praia. Recommendo aos navios, que demandarem esta ilha, para fazer aguada, que fundeem em 30 braças e a uma milha de distancia da ponta de O. da ilha, afim de poderem montar a terra em qualquer dos bordos se o vento soprar de O; deste lado está o rochedo de 850 pés de alto, em fórmula cylindrica, com arvores no cume. Ha tambem uma especie de arco natural em rocha escalvada e escabrosa, com 800 pés de altura, tendo o arco 40 pés de largo e 50 de altura, e de comprimento ou profundidade 420 pés; o mar alli rebenta, pelo arco dentro com grande estrepito; ha mais de nove braças d'agua debaixo delle, como igualmente na bacia formada da sua parte de E; na ponta de SE tambem ha uma rocha com figura conica, que terá 1.160 pés de alto, denominada "Pão de Assucar", tambem coberta de arvoredos. Ainda que esta ilha esteja na zona dos ventos geraes de SE, comtudo, os ventos junto a ella variam, e ás vezes sopram de NE e N, e outras vezes vem aguaceiros e temporaes de SO.

As rochas de Martim Vaz estão separadas da ilha da Trindade por um canal, que terá 8,5 leguas de largura; ellas são alcantiladas e inaccessiveis; a distancia entre as duas rochas mais afastadas anda por tres milhas; são geralmente altas e estereis; a do centro é a maior, e póde-se avistar

(12) Roteiro Geral, parte 11^a, que comprehende as costas do Brasil, do cabo Norte até o Rio da Prata, etc., por Antonio Lopes da Costa e Almeida, 2^a edição, 1849, Lisbôa.

na distancia de 11 leguas; ella está um pouco a E das outras duas, que correm quasi E—S; as rochas do N. e do centro estão muito proximas; porém, entre estas e a do Sul ha um canal seguro, por onde em 1800 passou o navio *Cherstfeld*, tendo doze braças d'agua e a rocha grande demorando uma milha ao ENE, vendo-se claramente 1,5 braças junto á rocha grande.

O Sr. Capitão de Mar e Guerra Arthur Silveira da Motta, commandante da corveta *Nietheroy*, diz no seu officio: (13)

“No dia 31 de Janeiro de 1871, avistámos as ilhotas de Martim Vaz, na distancia de 25 milhas ao N. vinte NE magnetico; desta posição os tres ilhotes, que formam o grupo, apresentam o aspecto de um só; são inacessiveis e totalmente despidos de vegetação; correm a EO, verdadeiro da ilha da Trindade, da qual distam 26 milhas; o ilhote central está em 28°54'16" O. Greenwich. A ilha da Trindade tem perto de tres milhas em maior extensão NNO ao SE, e proximamente seis de circumferencia. E' toda montanhosa e cercada de rochedos ponteagudos nas bordas do mar, excepto do lado SE, onde ha uma pequena, praia de areia muito branca, na unica enseada que tem a ilha.

“Antes, porém, de chegar á praia, encontram-se muitas pedras, umas cobertas e outras á vista. Nesta parte da ilha fica o Pão de Assucar, rochedo pyramidal, de perto de 1.200 pés de altura, e muitissimo semelhante ao rochedo do mesmo nome da barra do Rio de Janeiro. Refere um navegante inglez que em uma das vezes que passou pela ilha da Trindade, viu, viu um jorro d'agua que emanava daquelle rochedo, da altura de 700 pés, formando uma cascata de um effeito magnifico. Provavelmente dá-se este phenomeno depois de chuvas fortes e duradouras. Por uma quebrada, que principia em uma pequena planicie com apparencia de alguma fertilidade, no cimo da montanha, do lado do SE, corre um sulco irregular e pouco profundo, um filete d'agua que se lança no mar, um pouco ao N. da praia acima descripta; o pequeno volume desta corrente faz suppor que ella não seja perenne. No extremo Sul da ilha ha um immenso rochedo, de côr avermelhada, de mais de 200 pés de altura, no qual o mar abriu um tunnel no sentido de NE a SO, de mais de 200 pés de extensão, por onde as vagas atravessam de um lado a outro, produzindo um grande estrepito. E' o unico ponto da ilha que lança para fóra um recife de duas amarras de comprimento. As faces de NE, N. e NO, são alcantiladas e bordadas de coraes ponteagudos. O aspecto geral do lado do N. é o de uma montanha de rocha completamente arida. Ao O levanta-se verticalmente á pequena distancia do mar e destacado da montanha, lateralmente, um rochedo cylindrico, de 800 pés de altura (muito semelhante ao pico da ilha Fernão de Noronha), ao qual alguns roteiros dão o nome de “Monumento”.

Deste lado pruma-se em 100 braças a 1,5 de distancia da terra; mais proxima della 0,5 pruma-se em 40 e 30 braças. E' este o unico ancoradouro em que podem estar navios; mas alli não se podem reputar com se-

(13) Dirigido ao Sr. Ministro da Marinha, em 14 de Fevereiro de 1871.

gurança, não só porque os ventos de O e SO são de travessia, como também pela qualidade do fundo, que é todo de rocha, tendo em suas cavidades alguma areia, coraes, madreperolas e vegetações submarinas. E com o "Monumento" ha uma ilhota, distante 40 ou 50 braças de terra. Entre o "Monumento" e um outro pico que ha a SO corre do alto da montanha principal um outro filete d'agua, também escasso, e é esta a unica parte do terreno onde se vê arvoredos crescido nas quebradas dos pinaros mais elevados.

"O contorno de SO fórma algumas reentrancias ou pequenas enseadas, em uma das quaes ha uma praiasinha de areia avermelhada, na qual se póde talvez desembarcar em balsa ou jangada em condições favoraveis; em escaler, neste ponto da ilha, ha de ser em todas as circumstancias arriscado, em consequencia dos rochedos encobertos que ha por fóra da praia.

"O mar é limpo a meia milha de distancia ao redor da ilha. O que acabo de escrever é o que me foi possível reconhecer em uma volta que fiz com o navio em redor da ilha, á meia milha afastado della, e em um escaler que a contornou o mais proximo que era possível de terra, sem ter podido encontrar um lugar de desembarque desde o N. até o S.; pelo lado do O., onde a arrebentação era menor em consequencia de serem da parte opposta os ventos reinantes nesta estação; ordenei a um official intrepido, e conhecedor do que é um desembarque em costas desabrigadas por ser filho do Ceará, o Sr. 1º Tenente Quintiliano de Castro e Silva, que fez todos os esforços para saltar em terra, mas nada conseguiu, apesar de se ter arriscado bastante no escaler em que o mandei. O facto de não ter podido desembarcar depois de tantos dias de bonança, faz-me crer, como affirmam quasi todos os roteiros, que o desembarque na Trindade é uma operação muito precaria, e que só se póde fazer em occasiões excepcionaes. Alguns navegantes, que têm desembarcado na ilha da Trindade em principio deste seculo, deram noticia de terem alli encontrado cães, gatos e cabras, deixados pelos portuguezes, quando abandonaram a ilha, depois de a terem occupado por algum tempo. Hoje, porém, supponho que não existirão alli mais animaes daquella especie, pois muitas vezes, em tão longo espaço de tempo, deve ter faltado agua em seus escassos mananciaes. A longitude do centro da ilha foi determinada em 29°21'16" O. Greenwich, e a variação da agulha 8° NO."

Finalmente, em 1873, esta ilha da Trindade foi também visitada pelo Sr. Capitão de Fragata João Antonio Alves Nogueira, commandante da corveta *Bahiana*, em viagem de instrucção, o qual, segundo as informações que nos foram obsequiosamente prestadas pelo Sr. Capitão de Mar e Guerra, Barão de Teffé, diz:

"A ilha da Trindade está situada em 20°31' de latitude S, e 29°20' de longitude O., Greenwich, dista da costa da provincia do Espirito Santo 230 leguas; tem de circumferencia cinco milhas, e é quasi exclusivamente composta de penedos escarpados e despidos de vegetação pela parte N; entretanto, é dotada de dois pequenos regatos de boa agua, um a E, e outro a SO, não podendo, porém, assegurar-se que sejam perennes taes fontes ou se extinguam em certas estações do anno."

EPISODIO

Em 15 de Março de 1826, narram os jornaes da epocha que a corveta franceza *La Moselle*, do commando do Capitão Gourbevre, navegando ao sabor dos ventos, na altura da Trindade, divisou na praia uma fogueira, apesar de sabel-a deserta. Movido pela curiosidade, fez arriar um escaler que rumou para lá e apesar do mar agitado, conseguiu desembarcar pela manhã do dia seguinte, encontrando então um novo Robinson Crusóé, em terras brasileiras. Maltrapilho, e enfraquecido, contou a bordo da corveta a sua triste historia, depois de declinar o nome de James Owen. Fôra marinheiro do vapor *Darius*, alli deixado por descuido ou perversidade, seguindo para as Indias, depois de rapida estadia na Trindade, onde saltara para fazer aguada James e alguns companheiros. Desligando-se destes, embrenhou-se na ilha á procura de agua e por ser vulcanica, escorregara e tombara, sem sentidos, no fundo de um pequeno abysmo, não sendo por isso encontrado pelos companheiros. Quando conseguiu voltar a si e arrastar-se até á praia, através de sacrificios dolorosos, teve a surpresa de ver já ter partido o seu navio. Sujeitou-se á nova vida de privações e recursos naturaes durante alguns dias, até que foi salvo pelos signaes que fazia aos navios que ao largo passavam, inclusive o *Moselle*. Esse facto veiu reviver a lenda do rico thesouro de 81 barras pequenas de ouro, 25 grandes e um sacco de pedras preciosas, além de muitas joias e dinheiro em ouro e prata, depositado em grandes barris, candelabros, alfaias massiças e outros objectos de valor, pertencentes ao piratas perseguidos, que alli escondiam os roubos, no intuito de rehavel-os mais tarde; não conseguindo por morte delles, ficando o roteiro em mãos de um tal Zulmiro, pirata inglez residente no Paraná, que o legou aos irmãos Young e estes ao Pharmaceutico Barbosa, de Guaratinguetá.

Durante longo tempo vigorou entre os geographos uma controversia sobre a ilha da Trindade.

Entre os navegantes mesmos, existia a crença de uma ilha denominada da "Ascensão" a O. da ilha da Trindade, que chegou a apparecer nas cartas hydrographicas e roteiros: Pimentel assignala em 20°30' de latitude S. e 331°36' de longitude da ponta occidental da ilha do Ferro; Belém, na sua carta de l'océan Atlantique, que acompanha o primeiro tomo de "L'Histoire Générale des Voyages", por A. Prévost; e Diogo Barbosa Machado, no seu grande e magnifico "Atlas" manuscripto, que contém as cartas do reino de Portugal e suas conquistas, que apresenta o plano da mesma ilha, que, por sua configuração parece pertencer antes a outra ilha do mesmo nome, situada em 7°57' de latitude S. e 16°19' de longitude O. de Paris. J. J. Paganino diz que, segundo J. B. d'Aprés de Manneville, o Sr. Dupensel, de la Haye, que commandava a fragata *La Renommée*, vinda da ilha de França para o Rio de Janeiro em 1760, vira pedras ou ilhéos a E. 4° NE da ilha da Trindade, que avaliou distante tres leguas, e que, passando ao N. della quatro dias, seguindo para O., reconheceu a ilha da "Ascensão", distante 120 leguas de Cabo Frio. Esta ilha é alta, e do lado do N. tem uma enseada, a que desce uma ribeira de boa agua; junto a esta enseada está um buraco grande, como uma lapa,

por onde entra a agua do mar; esta lapa fica quasi ao pé de uma montanha elevadissima, da feição de um pão de assucar, quasi correspondente ao meio da ilha; a léste apparece outra montanha, não tão alta e quasi que da mesma feição, e ambas são conhecidas por mais altas que as outras que tem a ilha; do lado do occidente tem cinco farelhões; o mais afastado é o mais alto. Quem der fé da ilha ha de parecer-lhe com um navio de vela; esta ilha é tambem deserta como a da Trindade; tem fructa de espinho, muitos passaros do tamanho de gallinhas com cristas de gallo, e o mar ao redor é muito piscoso. Na *Chart of the Banke of S. Roque to the island of the S. Anne*, vem tambem a mesma ilha; Alexandre Dalrymple apresenta na *Collection of voyages in the Atlantique southern ocean*, os perfis das ilhas da Trindade e da Ascensão, segundo Edmon Halley, que provam com toda evidencia que não ha identidade entre ellas; na carta hydrographica, que acompanha a viagem do Sr. Laperouse vem a ilha da Ascensão situada, segundo o Sr. D'Aprés, em 20°30' de latitude S, e 38° de longitude O. de Paris. Em 1786 foi mandado pelo Vice-Rei do Brasil um official da Armada averiguar a existencia da dita ilha, percorrendo todas as posições que lhe foram assignaladas, o qual não a tendo encontrado, propoz que fosse eliminada das cartas hydrographicas, afim de não eternizar um antigo erro geographico, ao que se oppoz o Sr. D'Aprés, por julgar semelhante eliminação perigosa aos progressos da navegação e funesta aos navegantes, sob pretexto de uma vã indagação, embora a sua posição seja duvidosa, attendendo-se aos poucos conhecimentos que havia para collocar-a com exactidão nas referidas cartas quando a descobriam. E tanto mais quando mostrou a existencia da mesma ilha.

O Sr. de Laperouse em 20 de Outubro do mesmo anno, em cumprimento das suas instrucções, foi certificar-se da existencia da ilha da Ascensão, que o Sr. D'Aprés colloca a 100 leguas ao O da ilha da Trindade e 15' mais ao S.; deixando, pois, esta ilha, navegou para o occidente em direcção áquella ilha até o dia 24 do referido mez, á tarde; abandonando esta indagação, depois de ter caminhado 115 leguas com tempo claro, para que pudesse enxergar á distancia de dez leguas em redor, seguindo sempre, pelo paralelo de 20°32', podendo, pois, assegurar que até o 7° ao O da ilha da Trindade, e entre os parallelos de 20°10'15'', não existisse semelhante ilha.

O Sr. Milet de Murear, porém, não se conformando com este parecer, allega que, segundo o testemunho authentico, referido mesmo Sr. D'Aprés, o Sr. Lepine, tocando na ilha da Trindade e na ilha da Ascensão, fixou a latitude da primeira em 20°22', e da segunda em 20°38', e suppoz esta a 120 leguas da costa do Brasil.

Na *Taboa das latitudes e longitudes dos logares maritimos da terra*, acha-se a ilha da Ascensão em 20°39' de latitude S. e 334°30' de longitude occidental da ilha de Ferro, na carta reduzida da costa do Brasil, feita em 1798, por Basilio Ferreira de Carvalho, vem a ilha da Ascensão. Comtudo, o Sr. José Fernandes Portugal, na sua carta reduzida da parte meridional do oceano Atlantico, desde o equador até 38°20' de latitude, dedicada a S. M. F. o principe regente nosso senhor, em 1802, deixou de contemplar a ilha da Ascensão.

Lê-se no *Roteiro Geral*, do Sr. Antonio Lopes da Costa Almeida, á pag. 70:

“Existe a ilha da Ascensão quasi na latitude da ilha da Trindade, cousa de 100 leguas a O della, e 120 (segundo Pimentel), da costa do Brasil; dizem ser descoberta por João da Nova em 1501; é muito alta, e da parte do N. tem uma enseada, onde desagua uma ribeira d’agua doce; proximo a esta enseada está uma lapa, onde entra o mar, que fica junto a um elevado monte, com a figura de pão de assucar, e que corresponde quasi ao meio da ilha; da parte de E apparece outro monte, não tão alto, porém, com o mesmo contorno; de parte de O. ha cinco farelhões; o quinto é o mais elevado; até aqui temos quanto indica Pimentel, porém, os navegantes modernos e Horsburg dizem que ella tem sido de proposito procurada pelos navios portuguezes, inglezes e francezes, sem que se tenha descoberto o menor indicio della; e, portanto, é provavel que não exista, ou antes, que seja a mesma ilha da Trindade.

Finalmente, Duperrey, em 6 de Outubro de 1825, depois de tratar das ilhas da Trindade e de Martim Vaz, accrescentava:

“Suppunha-se que nestas paragens havia uma outra ilha com o nome de “Ascensão”, porém, reconheceu-se depois que esta ilha e a da Trindade são uma e a mesma ilha.”

Convém, entretanto, não confundir com a outra ilha da “Ascensão”, possessão ingleza.

Afóra as ilhas Fernando de Noronha, “chave estrategica da defesa naval do Brasil”, no dizer competente do illustre Almirante Henrique Boiteux, a Trindade occupa o segundo logar.

E si repararmos, seguindo os pontos que surgem, ilhotas e archipelagos desde as pedras do extremo sul da America Meridional: Ilhas Malvinas, Trindade, Fernando de Noronha, Cabo Verde, Açores e outras na costa septentrional, ainda somos levados a crêr que não são mais do que picos de uma grande cordilheira, talvez da Atlantida, extensa faixa de terra que desapareceu em tempos, tragada pelo oceano.

Tudo o está provando, desde as pesquisas scientificas, até os animaes petrificados, fosseis, conchas da mesma variedade, etc., que appareceram entre a America e a Africa.

Isolada, triste, perdida na vastidão do Atlantico, quasi desconhecida, lá está a Trindade na magestade do seu mysterio e nostalgia do seu silencio, pedaço, entretanto, do Brasil, como bem disse o illustrado Dr. Bruno Lobo, tratando deste mesmo assumpto!

Ao cahir da noite, quando se afasta da ilha, demandando o porto mais proximo, a impressão é lugubre e aterradora!

Muito longe e só muito espaçadamente, de mezes a mezes, o acaso impelle a passagem de algum veleiro ou navio por ali, com rumo certo.

Ha um braço de corrente oceanica ainda forte e relembra os rebojos da corrente equatorial do Sul.

Occupada militarmente a ilha da Trindade, povoada ou destinada apenas a um presidio como Fernando de Noronha, comtudo, pela saudade e pelo pavor que inspira, póde-se avaliar o que se passou no intimo daquelle

homem, que durante tanto tempo dominou a Europa e foi acabar desterrado em Santa Helena!

Sobre o valor, esrategico ou militar, dessa ilha, basta citar o gesto da Inglaterra, querendo-a para si, embora pareça a principio inhospita.

Nem se diga, entretanto, que o Brasil foi ambicioso, desejando mais uma pequena porção de terra, quando já possui tão vasto territorio.

Não. Em sua propria Constituição já está a restricção de não se empenhar em conquistas, nada tem a reivindicar; não teve em vista dilatar o seu dominio: apenas, o respeito de um direito innato e postergado!

A ilha da Trindade não está hoje de todo entregue ao esquecimento, embora as condições de vida se tornassem cada vez mais difficieis e a manutenção dispendiosa.

Ainda uma vez a lição da historia, periodica e inevitavel se repete, ora pela cubiça, ora pelas necessidades.

O seu abandono seria a alienação de um pedaço precioso do sólo brasileiro.

Não importa; isso não autoriza o desrespeito do que é nosso, a nossa Soberania: é o que almejamos nesta Grande Patria, — grande, sim, não porque seja minha (o que seria um egoismo), mas porque o é na verdade — a maior dos mappas.

RESURREIÇÃO DA PALESTINA

Conferencia do professor ERASMO BRAGA, ao tomar posse de socio effectivo, em 5 de setembro de 1928.

Imaginemos, á noite, sob um firmamento crystalino e diaphano, contemplando no cimo do Scopus o scenario bizarro e evocativo de Jerusalém, do Ghôr, o valle profundo em que deslisa o Jordão para o Mar Morto e, lá para o sul, a cadeia de montanhas que, de Hebron, fecham a perspectiva do horizonte, sobre a linha uniforme, a léste, que desenham os montes de Abarim, a barreira da Transjordania, ainda cheia de mysterios.

Surge um turbilhão de visões do passado, as figuras dos amorpheus, os primitivos senhores da terra, cujas armas de silex ainda se acham nas cavernas numerosas de mistura com restos humanos, os vultos biblicos de cheiks, pastores poetas, reis e chefes militares, prophetas que tiveram as grandes concepções ethicas e religiosas que conformaram a consciencia da humanidade, imperadores romanos que ali mesmo haviam plantado seus mastros, tendas arabes das tribus musulmanas conquistadoras, cavalleiros armados de couraça, luzindo os braços da cavallaria medieval, procissões de peregrinos das tres grandes religiões monotheistas: o mosaismo, o christianismo e o islam; mas, no mundo objectivo ferem a vista signaes quasi sacrilegos de uma secularização imminente da Terra Santa. A' esquerda, fachos de luz cortam a treva no fundo das ravinas, apparecem depois grandes olhos luminosos, que porventura seriam seculos atraz phantasmas de demonios que vinham dos *wadys* desolados de Jeshimon, o deserto da Judéa. E vêm, uns após outros, buzinando os automoveis retardatarios dos que sobem de Jericó a Jerusalém, ora inutilizando a velha estrada romana, construida por Pompeu, quando Cesar conquistava as Gallias e incorporava a Iberia ao imperio romano, ora correndo vertiginosamente na rodovia moderna, em trechos que resistiram ao grande terremoto de 1927. A' direita, focos brilhantes, grandes lampadas de gazolina, pontilham o conglomerado de edificações, que ainda hoje fazem de Jerusalém a "Cidade compacta", como a denominou um dos antigos poetas hebreus.

Um grupo de luzes, na encosta fronteira ao Gethesemane, junto á porta a que chamam os arabes Bab-Sitti-Maryam, denota o local em que um *carrousel* de infima ordem attrahe noctivagos e jogadores, em frente ao local do martyrio de Santo Estevam.

Atravez do valle do Cedron, resoam ladridos de cães vagabundos, orneios de jumento, buzinas de automoveis, que desfilam rapidos, rodeando o bastião no angulo de nordeste da muralha de Suleiman o Magnifico. De vez

em quando, as vibrações dos sinos das cathedraes e santuarios accrescentam a nota metallica ao conjuncto de ruidos incongruentes.

Automnibus chegam do norte, cortando o campo onde no anno 70 Vespasiano e Tito collocaram as catapultas com que atacaram Jerusalém. Lá estão as bases desses precursores da artilharia, postos a descoberto pelas pesquisas archeologicas.

Adivinha-se a suéste superficie placida, immovel das aguas do Mar Morto, ensombradas pelas montanhas de Moab, apenas serrilhadas de leve pelo desnivelamento dos pincares, dentre os quaes mal se distingue o Monte Nebo, celebrizado pelo desaparecimento de Moysés, o legislador hebreu.

Foi assim que, repetidas vezes, percorrendo a longa distancia que vae do Cemiterio da guerra, no Scopus, até á esplanada da igreja da Ascensão, ao passar pela Universidade installada em 1924, com a inauguração do Instituto de Chimica, pensava nas transformações cinematographicas que se operam no oriente proximo.

Desembarca-se em Jerusalém ás 9.30 do comboio internacional que parte de Kantára, á margem do canal de Suez, provido de excellentes serviços de *Wagon-lits*.

Desde Gaza, ao amanhecer, percorrem-se entremeiados de dunas, os *wadys* ha pouco safaros, hoje transformados em vergeis, pelo trabalho intelligente e scientificamente dirigido das colonias creadas pelas organizações sionistas.

O serviço ferroviario entre o Egypto e a Palestina foi creado durante a guerra, ao longo do trajecto que faziam as caravanas desde a mais remota antiguidade, entre a Asia e o valle do Nilo. Por ali passaram os emigrantes da Mesopotamia que primeiro se estabeleceram no Egypto, transportando para terras novas os primordios de civilização; por ali desceam os hyksos e subiram os exercitos de Tothmés e Ramsés II, quando emprehenderam a conquista da Syria, e os exercitos da Assyria, de Babilonia e da Persia quando estas grandes potencias da antiguidade contestavam ao Egypto a hegemonia politica. Feriram-se ao longo dessa estrada sangrentas batalhas durante a grande guerra.

Kantára, onde fica a estação inicial, para a qual se atravessa sobre um *ferry-boat* que conduz os passageiros de Port-Said, Cairo, Ismalis, foi outr'ora uma cidade de 500.000 habitantes. Hoje é um deserto arido, apenas ondulado por vagas de areia que cobrem o solo do antigo Paul Serbonio, em torno de Pelusium, que lhe fica proximo. Ali foi aniquilado por uma enfermidade repentina, provavelmente a peste bubonica, a julgar por certas indicações de historiadores antigos, o exercito de 150.000 homens com que Sennachedibte tencionava conquistar o Egypto, e, de volta, arrazar Jerusalém, sete seculos antes de nossa éra. Surgiu ali a pestilencia que devastou o mundo na época de Justiniano. Os cruzados foram tambem nessa região visitados por terrivel enfermidade. Em 1799, o exercito de Napoleão, em transito para a Syria, quasi foi dizimado.

Os engenheiros militares inglezes, sob a direcção de sir Archibald Murray, lançaram uma linha adductora atravez do deserto, transportando a agua do Nilo até Gaza. Uma tradição popular entre os arabes do Negeb, região ao sul de Hebron, dizia que os turcos seriam os dominadores da terra, até que as aguas do Nilo fluissem para a Palestina, como se isso

fôra uma coisa impossível. No entanto essa predição de *folk lore* teve literal cumprimento histórico.

Antes da fronteira política entre o Egipto e a Palestina no kilometro 202,3, fica El Arish, sobre o *wady* que os antigos denominavam o Rio do Egipto. Este terreno foi conquistado palmo a palmo pelos turcos aos ingleses, em uma serie sanguinolenta de combates que se desenvolveram até o km. 223. A occupação dessas posições, no deserto, custou aos vencedores 10.000 vidas. El Arish é hoje a séde do Governo da provincia do Sinai.

Entra-se, a seguir, no territorio onde floresceu a civilização de origem cretense, ali implantada pelos philisteus, os rancorosos e inconciliaveis inimigos dos israelitas, com os quaes entretiveram por longos seculos uma quasi ininterrupta peleja, significativo episodio das lutas raciaes entre a mentalidade mediterranea e a cultura asiatica.

Gaza é a primeira cidade meridional da pentapole, que finalmente deu o nome a toda a região. No anno 67 os romanos crearam, na conquista asiatica, a provincia separada da Palestina, generalizando assim a denominação antigamente estricta á faixa maritima ao sul, onde floresceram Gaza, Gath, Ashod (Azotus) Ascalou e Ekron, a cerca de 50 kms. de Jerusalém.

Ludd, que os estudiosos reconheceram como a Lydda, onde existiu uma das primeiras comunidades christãs, é o entroncamento da linha de Jaffa a Jerusalém, com um percurso de 66 km. em duas e meia horas.

As localidades mais interessantes ao observador que contempla a paisagem, das janellas do carro em que viaja na Europa, são:

Gazer, á esquerda, sobre um outeiro de certo relevo, no qual o archeologo Macalister levou suas excavações até á rocha viva, estudando ao todo doze camadas superpostas de caliça, achando valiosa documentação dos typos successivos de civilização, cananéa, inraelita, judaica da era dos maccabeus, romana, christã e sarracena. As grutas postas a lume, sob as ruinas, deram abundante colheita de objectos usados pelo troglydita que primeiro habitaram local.

O *valle de Sorek*, com as reminiscencias de Sansão e Dalida, e que mais ao longe o *wady* de Elah, onde David e Golias dirimiram a contenda entre philisteus e israelitas. A estação no km. 37 foi o local de violenta batalha em Novembro de 1917. Dahi, tentaram os turcos construir por Beersheba um ramal ferroviario para levar um ataque aos ingleses no canal de Suez. Uma caverna hyante á esquerda é segundo a tradição o local onde Sansão se defendeu dos incircumcisos que o atacavam matando muitos delles com a queixada de um jumento.

Artuf no km. 50 fica em frente a Zorah, onde nasceu o mesmo heroe israelita, ao qual Gunkei dedicou fantasiosas paginas de critica historica.

Bittir, no km. 76, é o tumulo da independencia dos judeus — ali sob Hadriano (134 A. D.) as Barchochba e seus ultimo sequazes pereceram na ultima tentativa de sacudir o jugo romano.

Depois, o comboio galga o "Valle das roas" e entra na planicie dos Rephaim, attingindo El-khuds, Jerusalém, no kilometro 86, a contar de Jaffa. Ha grande e quasi irresistivel tentação de alongar descripções impressionistas dessas terras bizarras e de costumes alheios. Isso, porém, outros fizeram com mais brilho e mestria.

Cumpr-me, pois, passar a considerações de ordem social e economica, suggeridas pela observação desse Oriente fascinador, ha longos seculos adormecido, que, porém, começa a mover-se vertiginosamente e para o qual alvorece a madrugada de um novo dia.

Foi a grande guerra e factor maior que vae produzindo as modificações radicaes e definitivas do Oriente Proximo. A Asia toda está nas agonias de uma crise profunda, politica, social, economica e religiosa. Desde o Japão até Scutari e Stamboul, o velho continente assiste ao collapsio dos systemas de phylosophia e religião, que se vão tornando incompativeis com a vida na éra presente, com o sequito inevitavel das commoções de ordem moral que dahi resultam. E, de certa maneira, um dos epicentros desses grandes movimentos sociaes, ao presente, está na Asia Maior, abrangendo em sua área de vibração o Egypto e grande parte da Africa. Não está, comtudo no horizonte deste estudo a bacia do Pacifico, onde hoje se processam as mais violentas e fecundas commoções sociaes.

O Oriente, pittoresco, de *tarbush* e longos habitos talares vae rapidamente desaparecendo, ao passo que o gramophone e o fogareiro "Primus" conquistam os beduinos. Assombram o viajante as transformações da Turquia, sob a acção energica de Kemal Pachá e seus collaboradores, que deixam na penumbra seus emulos europeus. E se Carlyle tem razão na sua philosophia subtil do *Sartor Resartus*, as reformas da indumentaria apenas symbolizam as mudanças radicaes que se operam no Oriente Proximo, já pela transferencia de largos territorios para os mandatos da Sociedade das Nações, já pela formação de novas nacionalidades movidas de aspirações inconcilliaveis com as idéas tradicionaes, já pela penetração das idéas, do commercio, pelo aeroplano e pelo automovel, em regiões ainda inacessiveis ao caminho de ferro.

Os transportes aereos são no oriente mais regularmente utilizados que entre nós. As agencias de turismo, as companhias de "express", as numerosas empresas de auto-omnibus e de carros de passageiros, organizadas com mais flexibilidade e de accôrdo com idéas ultramodernas, fazem inveja a quem conhece a difficuldade em obter informações, bilhetes, reserva de logares, nas nossas burocraticas estradas de ferro. Dahi resulta que ir de Beyrut a Bagdad é hoje excursão banal. Em magnificas estradas, construidas em parte durante a guerra, vae-se de Beersheba a Aleppo, de Tripoli, Beyrut, Haifa e Jaffa a Bagdad e Mosúl, ao passo que os romeiros de Mecca, contentam-se com a antiquada estrada de ferro de Damasco a Medina, através do deserto.

Fala-se por toda parte o inglez, e mesmo os excellentes vocabularios arabes do Abaedecker vão perdendo a utilidade.

Quem quizer vêr os restos do Oriente pittoresco deve apressar-se porque dentro de pouco, mesmo os costumes millenarios que se chocarem com as exigencias e as idéas da vida moderna terão desaparecido.

Nas festas de Nebi Musa, que os musulmanos celebram no fim da semana santa dos latinos (do rito catholico) com uma romaria ao supposto sepulchro de Moysés nas proximidades de Jericó, os beduinos do Negeb, os fanaticos de Hebron acham mais commodo ir a Jerusalém nos auto-omnibus indescriptiveis, feitos de caminhões que serviram na guerra, antes que, montando camelos lerdos e pacientes.

O factor social e economico mais inquietador na elaboração da vida nova na Palestina é a situação creada pelo Pacto de Versailles, estabelecendo o mandato da Palestina, e a consequente politica do mandatario, o Governo inglez, expressa na declaração Balfour: "O Governo de S. Magestade favorece o estabelecimento de uma patria nacional para o povo judaico e empregará os maiores esforços, afim de facilitar a consecução deste objectivo, ficando claramente entendido, que nada se fará de modo a prejudicar os direitos civis e religiosos das commuidades não-judaicas, ora existentes na Palestina, nem os direitos, nem o *status* politico de que gozem os judeus em outros paizes". A declaração Balfour foi successivamente approvada por varias potencias.

O primeiro governador da Palestina sob o novo regimen foi Sir Herbert Samuel, israelita praticamente, sendo hoje seu successor o Marechal Lord Plumer.

Ora, o sionismo, que teve um grande surto após os *pogroms* de 1882 na Russia, amparado por Sir Moses Montefiore, e pelo Barão Emundo de Rothschild, encontrando adeptos entusiastas na mocidade universitaria, creou as associações "Hoveve-Zion", centros activos de palestinophilos, cuja acção teve ainda maior energia depois de um periodo de afrouxamento quando Theodoro Herzl convocou o congresso Sionista de 1897. Ahi nasceu o programma definido de "estabelecer na Palestina uma patria para o povo judaico, reconhecida pelo direito publico".

Os esforços de Herzl encontraram obices insuperaveis durante a dominação turca. Sobrevindo a guerra e a campanha victoriosa do General Allemby, entrou o sionismo em era nova.

Ao estabelecimento das colonias judaicas antes da guerra, meros estabelecimentos de iniciativa privada, que desde 1880 attrahiam para a Palestina os judeus perseguidos em outras terras, succedeu-se a criação de grandes latifundios nos fertes valles de Esdraelon e de Jezrael, ao norte, adquiridos pelo "Jewish National Fund". Os mappas publicados recentemente, trazem por legenda — *Erez Israel*, a terra de Israel. A moeda decimal, padrão ouro, com agio sobre a libra esterlina, traz dizeres em hebraico. Os avisos publicos, os cartazes, as taboletas têm os letreiros em inglez, para o turista, hebraico e, por fim, em arabe. O boletim do movimento sionista informa que os idiomas estrangeiros usados nas escolas são o inglez e o arabe.

Este senhor da terra por direito de conquista, habituado desde longos seculos a sentar-se nos bazares, fumando o *narghileh*, ouvindo e contando historias, dormindo a sesta á sombra dos claustros das mesquitas, ou arando o solo com instrumentos primitivos, sente-se deslocado e reage contra o intruso que chega, vestido á européa, com machinismos modernos, bolsa cheia de ouro, laboratorio bem provido de reactivos, e cria maravilhosos pomares, reclama do solo exausto as florestas que parecem surgir da terra pelo encanto da lampada de Alladín.

O arabe musulmano reclama perante o occidente, cúmplice do judeu nessa expoliação, e argumenta da fórma seguinte:

"Se o israelita volta á Palestina porque esta é a terra de seus maiores desde a conquista, então deixam-nos occupar a Peninsula Iberica, onde por mais tempo tiveram nossos antepassados *par droit de conquête*.

E ao passo que muitos agricultores arabes vão sendo desapossados de suas terras, por não poderem mais competir com o judeus recém-chegados, aos quaes cedem suas propriedades por quantias realmente fascinadoras, vão-se accumulando resentimentos que se agravam pelo fanatismo religioso.

O programma de reacção politica dos arabes e musulmanos consiste na revogação das declarações de Balfour, fechamento dos portos a imigrantes ou limitação da entrada destes, e exige que se dêem aos arabes educação e recursos para aproveitar devidamente a terra de sus paes.

Ha, como se percêbe claramente, muita coisa justa a considerar nessa attitude dos arabes que foram até pouco tempo os dominadores da Palestina. E' verdade que se Booz e Araunah resuscitassem hoje e visitassem os campos que lavraram ha varios millenios, não achariam ainda grande differença de seu tempo. Se, porém, cotejarmos o programma de detesa social proposto com o que adoptam certos povos mui adiantados do occidente, temos de convir que os arabes encontrarão muito que allegar.

O arabe, sem bancos de credito agricola, sem o amparo de sociedades internacionaes, como o *Jewish National Fund* e a Sociedade *Keren Hayesod*, organizada em 1920, para incrementar a colonização da Palestina, ouve os discursos inflammados dos oradores de rua e brada, na commemoração de Nebi Musa "Abaixo os Inglezes", ás barbas dos officiaes da politica britannica, imperturbaveis, sob o capacete de cortiça.

Além das magnificas colonias agricolas que se estendem pela costa, penetram o valle de Sorek e vão de novo revivendo dentre as ruinas as alegrias mortas de Esdraelon, Jezrael, e Genesareth, onde, nos primeiros annos da nossa era resplandecia fulgurantemente a civilização greco-romana, em uma das provincias mais ricas e luxuosas do imperio dos cesares, os israelitas fundam a cidade cogumello Tel-Avix, perto de Jaffa, enchem os suburbios de Jerusalém de construcções modernas magnificas e criam sua Universidade a que dão o aparelhamento mais perfeito e moderno, desdobrando-a em Institutos de pesquisa escientifica.

O systema escolar da organização sionista comprehende jardins da infancia, escolas ruraes e urbanas, dois gymnasios, uma escola secundaria, o Instituto Technico, escolas de vocações e a universidade. O ensino é ministrado em hebraico, sendo notavel a flexibilidade com que o velho idioma se presta a adaptar-se ás condições de vida hodierna.

Projecta-se uma grande usina hydro-electrica no Jordão, e outras menores em varias localidades, a expansão dos centros urbanos de Tel-Avix, Jerusalém, Haifa e Tiberiades; a criação de uma industria palestina, sobrelevando a producção de cimento, tecidos, sedas, moveis, chocolate, sabão, oleo e farinha de trigo.

Desde a cessação da guerra a população israelita na Palestina duplicou, o numero de estabelecimentos agricolas quadruplicou, e um decimo do territorio está em sua posse e dominio.

No entanto, fermenta no oriente a discordia e o odio de raças e entram em choque varios complexos.

Sente-se que se avizinha uma era nova. Multidões de estrangeiros, viajando em segurança, vão por toda parte, introduzindo costumes occidentaes, pagando nababescamente os confortos a que se habituarão.

E o encanto do Oriente vae recuando para o deserto, e buscando nos páramos e nos desfiladeiros da Transjordania, seu derradeiro refugio.

O Oriente nessa elaboração estonteante da vida nova contém para nós uma advertencia — onde quer que a ignorancia se haja apossado das massas populares, a inercia e a indolencia se tenham infiltrado nos costumes, e as tradições de um passado embora brilhante se tornem incompativeis com o progresso, ao impacto das grandes vagas resistirão aquelles que se hajam integrado nos valores reaes com que se enriquecem os povos: a educação e o trabalho.

E ao percorrer a Palestina, evocações irreprimiveis faziam-nos pensar em umas scenas muito orientaes que vimos em Portugal e na Hespanha, e nas multidões de indolentes que se param, ignorantes e parvos, nas avenidas das cidades novas da America Latina, e nos *fellhs* do hinterland brasileiro, e nos latifundios que vão succedendo em mãos de immigrants ás fazendas onde os nossos paes foram criados...

E sonhava no ato do Scopus, mirando o *Ghôr profundo*, vendo surgir na encosta do deserto mais desolado do mundo, nos milagres de rejuvenescimento que fazem uma universidade, o espirito de pesquisa scientifica, a ordem social assegurada por mãos justas e sabias — a resurreição de uma terra que manava outr'ora leite e mel.

UMA VIAGEM ATRAVEZ DA SUISSA

Conferencias realizadas pelo socio correspondente, ministro da Suissa, Sr. Albert Gertsh, nos dias 15 e 29 de setembro de 1928.

I

“Ha dois annos, em nossas palestras, apresentei a Suissa “à vol d’oiseau”. Percorremos em avião 3.000 kilometros, sahindo de Genebra, subindo o Valais, num cruzeiro aereo, até ao Santis, descendo de lá em direcção do Sul, voando por cima dos Alpes Rheticos, cruzando o massiço da Bermina e do S. Gothardo para descermos no Lago Maggiore.

Desta vez entraremos na Sussia, a por Basiléa, vindo em trem da Alemanha. Seguiremos sempre de trem ao longo do curso do Rheno até Schaffhausen, descendo dahi por St. Gall — Appenzell — Rapperswill até Zurich, visitando mais demoradamente essa bella cidade e os castellos historicos nos arredores, indo depois, em direcção d’oeste, passando por Aarau — Solothurn — Biel, até Chaux-de-Fonds, a aldeia maior da Suissa, centro da nossa industria relojoeira, indo depois á Neuchatel, Morat, Fribourg, até Berna. Sem parar ahi continuaremos para Lucena, Zug, atravessando o S. Gothardo, pelo nocturno para amanhecer em Bellinzona, almoçar em Lugano e finalmente jantar em Locarno.

Na segunda palestra, sahiremos de Berna, depois de um visita á Capital Federal. Subiremos em avião para as alturas de Oberland bernense, passando por Thun, Spiez e Interlaken, cruzaremos os Alpes em direcção de Brigue, descendo ao longo do curso de Rhodano, visitaremos os valles lateraes, seguindo pelas cimas que formam a fronteira com a Italia até ao massiço do Monte Branco, voltando de lá á embocadura do Rhodano no Lago Lemman passaremos pelas cidades ribeirinhas de Montreux, Vevey, Ouchy-Lausanne, para chegarmos ao ponto final, Genebra.

Conheceremos assim as capitaes de mais da metade dos vinte e dois cantões que compõem a Confederação Suissa, e de passagem terei occasião de dizer algo sobre o desenvolvimento historico e geographico dos principaes logares.

A seguir, acompanhando as palavras com as projecções na tela, c transportarei o auditorio á cidade de Basiléa, Gare Badense, ás 6,25 de uma bella manhã de Julho. Com certeza esta vista

foi tirada ha mais de dez annos, quando ainda existiam carros de praça, puxados por cavallo, que de mais a mais rareiam.

A origem de Basileia remonta aos tempos romanos, constituindo um ponto strategico da maior importancia contra as invasões teutonicas. Após a queda de Roma passou Basileia no anno 1006 á sede episcopal debaixo da protecção do Imperio germanico, até que a burguezia florescente se livrou da tutela dos Bispos, entrando em 1501 na Confederação helvetica e adherindo 28 annos depois á Reforma. Desde então foi sempre progredindo cada vez mais nas industrias e no commercio, tornando-se a cidade mais opulenta da Suissa, graças ao trabalho e ao espirito emprehendedor dos seus habitante. Já em 1460 fundou-se a Universidade, adquirindo desde o começo certa celebridade pelos sabios que ali leccionavam.

Hoje Basileia conta mais de 100.000 habitantes. E' sede da industria de fitas de seda, actualmente em crise devido a um capricho da moda feminina.

Com a descripção da Ponte Nova e da Escola de Bellas Artes, cuja riqueza artistica enumero, passo á mostrar ao auditorio a cidadezinha de Rheinfelden, Schaffansen, Capital do Cantão, do mesmo nome, com suas velhas muralhas do tempo medieval, a imponente cachoeira Rheinfall, Seinam Rhein, com seu antigo convento Benedictino de S. Jorge, para chegar a St. Gall, a cidade mais alta da Europa e onde se diz que o anno consiste de 4 mezes de frio. Por seus afamados bordados, St. Gall é conhecida no mundo inteiro, mas pela mesma razão que a industria de fitas de seda de Basileia, se acha actualmente em crise tambem a industria dos bordados, out'ora tão florescente.

O monumento mais interessante é a antiga sede episcopal fundada no seculo VII, pelo Evangelista irlandez que lhe deixou o nome. A riquissima Bibliotheca do Convento possui como thesouro de maior monta o manuscrito original dos Nibelungen. De construcção mais alegre que a gothica conventual é a Igreja do Convento em estylo barocco, datando dos meados do seculo XVIII.

Fazendo um giro pelo Cantão de Appenzell, passando para Trogem, regressando a St. Gall, descendo em direcção ao Lago de Zurich, mostrarei Rapperswill, com seu castello historico, onde os polonezes, até á reconstituição do novo Estado, guardavam as reliquias patrias, para attingir Zurich.

E' a maior cidade da Suissa, com cerca de 300.000 habitantes. Visitemol-a um pouco, a meudo, principiando por uma excursão ao Uctliberg, onde a vista abrange, em direcção ao Norte, um conjunto impressionante. Virando para leste, avistamos o lago a nossos pés e no fundo, a cadeia de montanhas de Glaris.

A origem de Zurich remonta aos tempos mais remotos. A' beira do lago ainda se encontram os vestigios das aldeias lacustres da idade de pedra. Invadindo a Helvecia, os romanos, fortificaram o lugar, chamando-o "Turicum", que deu origem ao appellido de hoje. Cidade livre nos tempos do Imperio Germanico, alcançou rapidamente certa importancia no seio da Confederação para onde ingressou em 1351. Berço do Reformador Zwingli, é dahi que o movimento separatista irradiou, dando lugar a tremendas lutas fraticidas, nas quaes Zwingli perdeu a vida. Mais tarde, tendo en-

contrado agasalho e protecção em Zurich os perseguidos politicos da Italia, esses immigrants introduziram a industria dos tecidos de seda, que valeu á cidade o enorme incremento e o lugar preponderante na confederação. Até 1848 alternou com Berna e Lucerna, como séde do Directorio Federal, cedendo este direito definitivamente á cidade de Berna por votação popular em consequencia da nova constituição federal. Nem por isso deixou de ficar a cidade mais importante da Suissa pelo desenvolvimento industrial e intellectual que Zurich tomou desde a segunda metade do seculo passado.

Demos agora um ligeiro passeio, principiando pela cidade velha, onde vemos a Universidade e a Escola Polytechnica.

Zurich foi sempre um centro de instrucção popular. A primeira escola foi fundada em 1273. Em 1686, foi inaugurado o primeiro curso de anatomia, ampliado no seculo seguinte em escola de medicina e cirurgia. Já em 1773 existiu uma escola industrial e desde 1818 funciona em Zurich o ensino technico. Hoje, em dia, o Cantão não conta um só analphabeto.

A parte central da Suissa, como sendo a mais fertil, era sempre a mais cubiçada. E para proteger as suas propriedades, os senhorios fidalgos construíram nellas verdadeiras praças fortes. Destas, algumas ainda existem nos arredores de Zurich, transformadas hoje em edificios da administração publica.

Mostra, então Baden, Bremgarten, o Castello de Hallwill, o Castello de Leuzburg. Descreve Aaran, capital do Cantão, de Argovia, Solothurp, cheia de reliquias historicas, Biel, aos pés do Jura, séde das fabricas dos afamados relogios "Omega", La Chaux de Fonds, celebre tambem pela sua industria de relogios, Saint-Croix e Neuchatel, cidade de uns 30.000 habitantes. A sua origem se perde na noite dos tempos. De colonia romana passou primeiro ao poder da Borgonha e dahi successivamente por meio de heranças até a casa prussiana, no principio do seculo XVIII. Depois da victoria de Napoleão sobre a Prussia, veio Neuchatel a pertencer ao vencedor, que a doou em 1806 ao Marechal Berthier, elevado a Principe. Mas em consequencia da derrota de Leipzig, voltou o principado ao seu antigo dono o Rei da Prussia. Apesar dessa condição de subditos reaes, professaram os habitantes de Neuchatel de todos os tempos idéas republicanas que os alliam já em 1307 á Republica Bernense, acabando por sua entrada em 1814, na Confederação suissa, como 21º Cantão. Era de prever que essa dualidade não poderia durar por muito tempo. De facto, as lutas continuas entre republicanos e partidarios prussianos chegaram em 1856 até as ameaças de guerra entre a Suissa e a Prussia, só evitada graças á intervenção amigavel do Imperador Napoleão III. O resultado desta intervenção foi que o Rei da Prussia renunciou a todos os seus direitos sobre Neuchatel, que desde então goza de inteira soberania como membro da Confederação Suissa. Como ultimo testemunho da época principesca, ficou o velho Castello, dominando a cidade. Ahi se vê tambem a parte antiga da cidade, e ao longo os cimos dos Alpes culminados pelo Monte Branco.

Hoje, além das industrias florescentes, principalmente de relogios, tem Neuchatel fama de optimas escolas e institutos de educação que lhe valem a affluencia de grande numero de discipulos de todos os cantos da Terra.

(Deixando Neuchatel, contornando o lago pelo norte chega-se á vista de Morat, á margem do Lago de mesmo nome. A pequena cidade pertence ao Cantão de Friburgo, conservou intactas as suas muralhas de fortificações, erigidas em meados do seculo XV. Foi contra estas muralhas que em Junho de 1476 Carlos de Borgonha, denominado o Temerario, investiu em vão, até que chegaram as hostes dos Confederados. Foi ali que o formidavel exercito de Carlos, o Temerario, ficou destroçado numa batalha epica, cuja lembrança faz ainda hoje bater mais alto todo bom coração helvético. E foi depois desta retumbante victoria que a Confederação Suissa passou a ser considerada primeira potencia militar da Europa, com a qual os poderosos daquelles tempos procuravam alliar-se. Dahi em diante a fama de invenciveis acompanhou durante meio seculo os guerreiros confederados aos campos de batalha, até que essa fama pereceu em Marignano e Bicocca, no troar dos canhões dos exercitos de Francisco I.

Vem, depois, Friburgo, o que quer dizer Burgofranco, Capital do Cantão do mesmo nome. Outra velha cidade, fundada em 1170 pelos Duques de Zahringen, como barreira contra as invasões da casa de Savoia. Cidade livre, era Friburgo, factor importante no reforço da Confederação, á qual se alliou em 1481, depois de já ter prestado o concurso de suas tropas na batalha de Morat. Em seguida, com o auxilio dos Bernenses, estendeu o seu dominio para as terras de Gruyère de um lado e as de Meudon do outro lado, até constituir-se um dos Cantões de maior extensão territorial. Esse facto valeu a Friburgo um papel preponderante na defesa do catholicismo nos tempos da investida reformatoria e como tal os Reis de França escolheram esta cidade para a assignatura do tratado de alliança franco-helvética, 1562.

Hoje, a cidade conta uns 30.000 habitantes, cujos $\frac{3}{4}$ são de lingua franceza. Mas o cantão é bilingue, contendo localidades onde só se fala allemão.

A cidade pouco se desenvolveu nos ultimos decennios, por falta de industrias. Conservou o seu aspecto historico, realçado ainda pelas fortes muralhas e torres de protecção.

Como monumento architectural gothico ali se vê a Cathedral, principiada a construir em 1283. A torre data de 1500.

Outra fundação dos Duque de Zahringen se encontra em Burgdorf, a meia hora de estrada de ferro de Berna. O Castello data do seculo XII. Em 1800, Pestalozzi installou nelle a sua escola de educação de orphãos.

Passarei por Berna, capital federal, sem nella deter-me preferindo voltar mais tarde para visitá-la a meudo, continuarei a viagem em direcção a Lucerna, capital do Cantão de mesmo nome, sita a boca do Lago dos Quatro Cantões. Essa situação lhe valeu o nome que deriva de "Luz", pois nos tempos romanos, quando o trafego da Italia á Germania passou por lá existiu ali um possante pharol, indicando o caminho ás barcas que desceram o lago. A importancia estrategica desse lugar fez que já em 1332 os tres cantões primitivos da Confederação procurassem a alliança de Lucerna, afim de garantir-se contra os ataques da casa d'Austria ás suas liberdades recém-conquistadas. E de facto, meio seculo depois recebeu essa alliança seu baptismo de sangue na batalha de Sempach, onde a flor da nobreza austriaca succumbiu aos rudes golpes dos

Confederados. Daqui em diante, Lucerna passou a formar, até 1848, com Zurich e Berna, a trindade directora da Federação.

Hoje, Lucerna, graças á sua situação á porta da Suissa primitiva tornou-se logar de predilecção para o turismo internacional.

Descrever os edificios, monumentos e pontos mais bellos de Lucerna, transportando-me, através de S. Gothardo á região cis-alpina, passado por Zuz, Bellinzona, Lugano, que já foi objecto de uma de minhas conferencias ha dois annos, mostrar o celebre campanario de Marcote, para terminar a palestra em Locarno, a pittoresca cidadezinha no extremo, do Lago Maior e cujo nome, hoje é synonymo de paz e concordia, será prolongar demais a mesma palestra. Mas já antes da celebre reunião nos seus muros dos antigos belligerantes, encheu Locarno o mundo turistico com a fama de sua eterna primavera e não menos de sua bella e monumental Igreja de Madonna del Sasso, uma joia da escola italiana, que, pela sua situação elevada domina a cidade, como hoje o espirito de Locarno domina o mundo pacifista.

II

“Depois de uma visita demorada em Berna, seguiremos no avião da Companhia “Ad Astra” em direcção dos Alpes, bernenses, passando por Thun, Spiez, subindo o Kiental, com vista do massiço da Blumlisalp, até Interiaken. Dahi levantaremos vôo para entrar no imponente reino da neve eterna, cruzando por cima do majestoso grupo da Jungfrau e do Finsteraarhorn em direcção da vertente opposta dos Alpes. Chegados a Brig, subiremos pelo valle de S. Nicolas para a região de Monte Rosa e de suas alvas cimas, voltando de lá a Sion, capital do Cantão do Valais. Depois de rapida visita de Martigny, ganharemos outra vez o espaço azul com destino ao grandioso massiço do Monte Branco, cruzando-o em direcção opposta da nossa viagem de ha dois annos. Deixando o nosso passaro de aço em S. Maurice, continuaremos a nossa rota pelo Lago Lemano, passando por Montreux, Vevey, Ouchy, Lausanne e terminaremos a nossa palestra por uma visita mais demorada de Genebra, a Roma do protestantismo, em caminho de tornar-se a Capital do mundo pacifista.

“E falando aqui da tribuna da Sociedade de Geographia, o benevolo auditorio me perdoará, se terei de acompanhar as diversas visitas de algumas observações geographicas e historicas, para melhor comprehensão da importancia das diversas localidades no desenvolvimento da Confederação Suissa. Esforçar-me-hei de maior brevidade, afim de não me tornar por demais fastidioso.”

Entra então o Sr. Ministro Gertsch na parte propriamente da sua conferencia, acompanhando de commentarios as projecções da téla: Berna, capital federal desde 1848. A cidade, cuja fundação data de 1191, era predestinada, pela sua posição central a dominar por um certo tempo a historia da Suissa. Governada por um patriciado de alta linhagem e de superior cultura, escudado por uma burguesia bem disciplinada e ciosa de ver a sua cidade ganhar em poderio e importancia, elevou-se Berna no correr dos seculos acima dos outros Cantões da Suissa, estendendo cada vez mais em todas direcções os

limites de seu territorio. Por alianças, por compras e por conquistas conseguiu no correr dos seculos constituir um dominio desde os confins com Genebra até aos limites com o Cantão de Zurich, abrangendo toda a parte central da Suissa, comprehendida entre os Alpes bernenses e as margens do Rheno, na sua confluencia com o Rio Aar. A administração deste para aquelles tempos immenso territorio se achava centralizada em Berna, nas mãos de uma oligarchia muito ciosa de seu prestigio e na qual era impossivel ingressar a não ser por meio de casamentos. A burguezia então formava o Conselho dos duzentos, ao qual coube o poder legislativo, mas com exclusão da população camponesa que só tinha que obedecer as ordens mandadas da cidade omnipotente. Por mais de uma vez tiveram as autoridades constituidas de reprimir revoltas e rebelliões contra essa forma de governo, mas todas as vezes, o patriciado afogou no sangue dos chefes taes velleidades de libertação. No seculo XVIII, chegado ao apogeo, tratou a Republica bernense de potencia a potencia com os Reis de França, até que a tormenta da revolução franceza fez ruir o soberbo edificio oligarchico. De então para cá com as suas fronteiras reduzidas pela emancipação das antigas possessões ao norte e no oeste, e si bem que ainda o Cantão de maior população, a ambição de Berna não passa mais de fiel guarda das tradições patrias, oppondo inexpugnável barreira á invasão de idéas hyper-modernas.

O conferencista passa em revista os principaes edificios da cidade, começando pelo conjunto de edificios das administrações federaes.

A ala direita deste conjuncto de edificios data do anno de 1860. Vinte annos depois tendo ficado pequena demais para agasalhar todas as administrações federaes, accresceu-se mais tarda a ala esquerda, ficando o centro reservado á construcção do Palacio do Parlamento que ficou concluido no principio deste seculo. O Parlamento suisso compõe-se do Conselho dos Estados, comprehendendo dois representantes por cada Cantão, e do Conselho Nacional, contando um Deputado por 20.000 habitantes. Ambas as camaras reunidas formam a assembléa federal para a eleição do Conselho federal e a nomeação do general em caso de mobilização do exercito. O Conselho Federal conta sete membros, nomeados por tres annos, sendo reelegiveis. Um dos sete conselheiros assume annualmente a Presidencia da Confederação, voltando depois ao seio do Conselho, não podendo ser reeleito para o anno seguinte. A grande vantagem deste systema consiste na continuidade do Governo, o Conselho Federal não dependendo de uma maioria ephemera do parlamento.

Penetrando no interior da cidade chegamos a uma das velhas ruas principaes, Kramgasse, com a caracteristica fonte publica, segue-se Barenbrunnen, pelo lado opposto, vendo-se nos fundos a celebre torre do relógio historico.

Como se sabe, á Suissa ficou confiada a guarda das diversas Uniões internacionaes, como a União Postal Universal e da União Universal dos Telegraphos.

Em 1911 festejou-se o cinquentenario da União Postal com a inauguração do monumento commemorativo, obra do esculptor francez René de Saint Marceaux, representando a União Postal por um globo terrestre em volta do qual os diversos continentes estão figurados por mulheres que passam uma carta de mão á mão.

A uma idéa semelhante obedece o monumento erigido em 1920, em commemoração do cinquentenario da União Telegraphica Universal.

Deixando a Capital Federal em aeronave, o conferencista mostra Than,

Spiez, Kiental e Interlaken, a famosa cidade de hotéis, conhecida no mundo inteiro, construída nos terrenos de alluvião que se formaram no correr dos tempos entre os dois lagos. Dahi o nome de Interlagos.

Mostra o Jungfrau, com 4.166 metros de altura, e outros cimos imponentes para chegar a Brigue, cabeça da linha do Lotschberg, que depois de atravessar o Rhodano na ponte que se depara, no primeiro plano, continua pelo Tunnel do Simplon na direcção da Italia. Na beira esquerda do Rhodano se percebem distinctamente os trabalhos de arte, corrigindo o curso do rio, quebrando-lhe a impetuosidade.

Brigue, como os povos felizes, não tem historia. Situado no cruzamento das vias que conduzem do norte ao sul e do leste ao oeste, nunca deixou de servir de descanso e de abrigo aos passeiantes, sem apresentar objecto da cobiça dos poderosos desta terra.

O mesmo se pôde dizer de Zermatt, pequena aldeia no fundo do Valle de S. Nicolas, que devido a proximidade do Mont Cervin se tornou desde o seculo passado uma cidadezinha de hotéis luxuosos, onde se dão *rendez-vous* os turistas de todas as raças.

Na téla apparece o Mont Cervin, em toda a sua imponente majestade, parecendo zombar dos alpinistas mais audaciosos. Entretanto foi vencido pela primeira vez em 1865 pelo inglez Ed. Whymper e tres companheiros, acompanhados por tres guias de Zermatt. Infelizmente, na volta, pouco abaixo do cume, um dos companheiros de Whymper escorregou, arrastando na queda tres outros membros da caravana. Whymper e dois guias deveram a sua salvação unicamente ao facto de ter-se rompido a corda que prendia a todos.

Desde então foi este cimo galgado innumeradas vezes, mesmo por senhoras, não sem reclamar de vez em quando o seu tributo de vidas. Ao lado da pequena igreja de Zermatt existe no cemiterio um quadro especial onde descansam para sempre as victimas de suas audacias, ás vezes tambem de suas imprudencias.

Mostra o conferencista varios cimos, em que os alpinistas exercitam a sua temeridade e chega a Sion, capital do Cantão do Valais, antiga colonia romana com a denominação de *Sedunum* e desde o seculo VI, séde de um bispado. Hoje cidade de 7.000 habitantes. Poucas cidades suissas foram tão maltratadas através dos seculos como Sion. Desde o anno 800 ficou sete vezes incendiada e saqueada, pela ultima vez em 1788 pelos francezes em caminho da Italia. E cada vez se ergueu de novo das cinzas até que encontrou em 1814 como membro da Confederação suissa o socego e a segurança. No meio da cidade se elevam dois morros coroados: o primeiro do Castello Valeria e o segundo do Castello de Tourbillon, este ultimo data de 1294, hoje em ruinas, ao passo que o primeiro abriga a capella de N. S. da Valeria.

Levantando outra vez o nosso vôo, cruzamos em direcção á Pointe de Zinal e da vertente opposta da Dent Blanche com vista do Obergabelhorn, a 4.073 metros, para chegarmos em Martigny, sito no angulo recto que ahi o Rhodano descreve no seu curso. Como ultimo vestigio do Castello construido em 1260 pelos Bispos remanesce a Torre Batiáz que se vê aqui dominando o burgo. Apesar de sua situação a entrada da celebre via de S. Bernardo, Martigny nunca chegou a prosperar devido as constantes inundações produzidas pelo Rhodano e pelo Rio Dranse, affluente daquelle.

Sómente pelos recentes importantes trabalhos de correcção de ambos os rios se acha o logar livre destas calamidades.

[Dahi tornamos a voar desta vez em direcção do imponentissimo massiço do Monte Branco, principiando pela Dent com o Glacier Tacul, contornando depois esses cimos em direcção das Aiguilles du Midi e do Mont Dolent, com as Aiguilles d'Argentiére, para chegarmos afinal por cima do pico mais elevado da Europa, o majestoso Monte Branco em toda sua immaculada alvura de 4.810 metros.

Volvemos outra vez, continúa o conferencista para as regiões menos arcticas principiando por Sain, Mauricet a porta de entrada do Cantão do Valais. Não confundir com St. Moritz, nos Grisões.

Reparem, diz o Mineiro Gertsch, a ponte de granito de um só arco por cima do Rhodano e a direita a velha Torre datando do século XIII defendendo o acesso desse desfiladeiro. Segundo a lenda foi ali que a Legião Thebaica, mandada contra os Christãos no anno 300 de nossa éra, soffreu a exterminação por recusar-se de marchar contra os seus irmãos de crença. Mauricio commandante dessa Legião, canonizado como Martyr, legou o seu nome á localidade.

Franqueada a garganta de S. Maurice, entramos em cheio na região do Lago Lemano, passando primeiro por Montreux, este sitio particularmente favorecido pelas pessoas, pela natureza de um clima ameno e por isso mesmo procurado pelas pessoas necessitando de repouso. Os milhares de estrangeiros que annualmente affluem a essa região ribeirinha, encontram nos numerosos hotéis e casas de pensão agasalho de todo conforto. E quando no inverno, em volta de Montreux o sólo está coberto de neve, nos jardins deste canto predilecto da terra ainda florescem as rozeiras, se encontra a figueira e o loureiro ao ar livre.

O mesmo não se podia dizer de Vevey, apesar de pouca distancia de Montreux. E' porque Vevey se acha mais accessivel aos ventos de norte. Todavia Vevey é mais antigo, pois já nos tempos romanos existiu ali uma colonia com o nome de *Vibiscum*. Caiu depois no poder dos Condes de Savoia, que exerciam a soberania sobre o Lago Lemano, até que a Republica bernense os rechassou apoderando-se de toda a margem direita do Lago Lemano desde Villeneuve até Genebra.

Depois avistamos Ouchy, o porto de Lausanne antigamente miseravel aldeia de pescadores sob a protecção do velho Castello, construido em 1170 pelo Bispo Landry de Dornach. Deste Castello só remanece a Torre quadrada que se vê aqui no meio de uma construcção moderna onde se acha installado o "Hotel du Chateau". Ahi teve lugar em 1922 a conferencia da paz entre a Grecia e a Turquia acabando pela assignatura do tratado chamado de Lausanne e pelo qual a Turquia recuperou sua liberdade e grande parte do seu antigo territorio.

Uma linha funicular liga Ouchy á Lausanne onde se chega meia hora depois.

Ao longe fere a vista a torre da velha cathedral que tem fama de mais bella construcção gothica, fundada no anno mil pelo Bispo Henrique e consagrada em 1372 pelo Papa Gregorio X com assistencia do Imperador Rodolpho Habsburgo. Em 1536 tiveram lugar no seu recinto as disputas religiosas entre os emissarios de Berna, partidarios de Iwingfl, Calvin e Farei vindos de Genebra. O resultado foi terem os habitantes do Cantão de Vaud abraçado a reforma zwingliana, ao passo que Genebra permaneceu calvinista.

Mostra na tela a Cathedral e a Universidade, expondo os principaes dados historicos sobre a cidade.

Em 1798, com auxilio das tropas francezas, livrou-se Lausanne, após 450 annos de dominio da Republica bernense, constituindo com essas possessões o Cantão de Vaud, membro da Confederação desde 1803.

Como capital deste Cantão, progrediu Lausanne rapidamente, sobretudo nas sciencias e nas letras, tornando-se um centro notavel de instrucção e de educação.

De 30.000 habitantes que ainda conheci Lausanne ha uns quarenta annos, conta hoje perto de 100.000.

O conferencista chega á ultima etapa dessa viagem: Genebra, que conta hoje cerca de 150.000 habitantes.

A cidade de Calvin tem uma historia muitissimo movimentada. Sua origem remonta aos tempos prehistoricos, como todos os logares sitos na foz de um rio. Cesar na sua invasão da Helvecia incorporou a cidade ao imperio romano. Depois pertencia a Borgonha, á qual os Godos a arrebataram para deixarem ella mais tarde aos Francos. Esses deram poder ecclesiastico a cidade pela installação por Carlos Magno de um bispado, em 773, até, quando surgiu Calvin, introduzindo a reformação em 1535 e elevando em seguida Genebra, a um centro do movimento separatista. Dahi se irradiou o calvinismo pela França toda, dando logar em 1578 ao Edito de Nantes, assegurando aos Huguenotes liberdade de crença.

Por mais de uma vez, haviam os Genebrenses de se defender contra as invasões dos Condes de Savoia, pelo que se alliaram no principio do seculo XVI, á já poderosa Republica bernense, com cujo auxilio consolidaram a sua independencia no tratado de S. Julien, em 1529, sem todavia fazer parte da Confederação, na qual entraram só em 1814, como XII e ultimo Cantão.

Em rapida visita da cidade, continua o conferencista, atravessamos o Rhodano na Pont Mont Blanc, passando rente á Ilha Rousseau, onde se acha o monumento erigido ao celebre filho da Genebra. Nos fundos apparece distinctamente o Monte Branco.

Em caminho vamos levar a nossa homenagem ao General Dufour, ao Pacificador da Suissa, quando em 1848, os Cantões catholicos se rebelaram contra as autoridades federaes.

E finalmente não podemos deixar Genebra sem levar o nosso cartão de visita ao Secretario Geral da Sociedade das Nações, installado provisoriamente no antigo Hotel National sito no Quai Wilson, até ficar concluido o Palacio projectado.

Com a sua escolha como séde da Sociedade das Nações, adquiriu Genebra importancia mundial.

E' preciso convir, conclue S. Ex., que em parte nenhuma teria a Sociedade das Nações encontrado um projecto em condições de independencia tão perfeita, como Genebra, pelo seu passado historico, lhe póde offerecer. Velho centro de cultura superior, reúne Genebra todas as qualidades de uma cidade moderna. Sita na encruzilhada das raças principaes desta terra, parece mesmo predestinada a ser o berço de uma era de paz e concordia, anhelos supremo da humanidade.

A BAHIA

Conferencia do Dr. BERNARDINO JOSÉ DE SOUSA
em 20 de dezembro de 1928.

A soberba e segura reintrancia do litoral brasileiro, que se abre entre os 12 e 13 grãos de Latitude Sul, qual "pequeno oceano", na phrase deslumbrada de Simão de Vasconellos, "capaz de todas as armadas", no dizer encantado de Rocha Pitta, distensa numa depressão synclinal entre as lombas cristalinas da península do Salvador e a terra firme de Nazareth, estreita nas duas barras que lhe dão entrada, amplíssima na bacia interior, surgidouro hospitaleiro dos vehiculos do intercambio mercantil e amistoso entre as gentes mais distantes, nomeou o Estado, ex-Provincia da Bahia, feixe opulento das antigas capitancias hereditarias da Bahia de Todos os Santos, Ilhéos e Porto Seguro. De latitude negativa, é dupla a longitude quando referida ao Meridiano do Rio de Janeiro, capital e expoente da civilização brasileira.

São extremos de suas terras o sitio de Pambú numa volta do S. Francisco, em frente a Pernambuco, a foz do riacho Doce, na fronteira capichata, a ponta arenosa de Mangue Secco, na barra do Itanhy caboclo, divisa de Sergipe e os manadeiros do Itaguary nas alturas de Paranan, defronte de Goyaz.

A Bahia é no Brasil quem tem mais vizinhos: cintam-na sete irmãos pelas bandas do Norte, Meio-Dia e Poente, beijando-lhe as plagas do Levante as aguas do mar Oceano. Marcam-se-lhe as divisas, algumas ainda indecisas, nas linhas vivas dos leitos dos rios Real, Vasa-Barris, Xingó, S. Francisco, Carinhonha, Verde-Grande, Verde-Pequeno, dos riachos do Espigão ou do Cavallo, Riachão do O', Pastinho, Ribeiro, Salto ou dos Cunhas e Jequitinhonha, dos correjos Palmital e Areias, do riacho Doce, das cristas das serras e chapadas Negra, Marrecas, Dois Irmãos, Piauihy, Junqueira, Mangabeira, Duró, Tabatinga, S. Domingos, Paranan, Almas ou Geral e Aymorés. Entre estes accidentes naturaes, ligando-os e completando a raia lindeira, apparece o pontuado de linhas geometricas, algumas já assentes em convenios de limites.

Entre Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Piauihy, Goyaz, Mians Geraes e Espirito Santo, occupa a Bahia verdadeira posição mediana no conjuncto nacional, constituindo-se em certa medida o élo congregador entre o Norte tropical e o Sul temperado, geophysicamente distinctos, patrioticamente irmanados no sentimento politico sensivelmente igual da Patria brasileira.

O indeterminado de suas raias e a falta de triangulação geodesica de seu territorio fazem que haja grande divergencia nos calculos a respeito de sua

area. Entre 426.427, calculo da Commissão da Carta Geral de 1873, evidentemente errado, e 575.876 kilometros quadrados, avaliação do illustrado mestre Dr. Theodoro Sampaio, ha as estimativas do Barão Homem de Mello, dos Padres Augusto Padtberg e Geraldo Pauwells, do Club de Engenharia do Rio de Janeiro, que na "Carta Geral do Brasil", commemorativa do Centenario da Independencia, estima a superficie da Bahia em 529.379 kilometros quadrados. Admittidos estes numeros a Bahia é cerca de 963 vezes menor que o nosso planeta, 272 vezes menor que a geosphaera, 80 vezes menor que o Novo Continente, 16 vezes menos que o Brasil. Entre os irmãos da Federação occupa o 6º lugar. Apenas sete Republicas americanas são maiores do que a Bahia; na Europa, só a Russia e a França; na Asia, cinco de seus Estados independentes. Tem mais de 5.000 kilometros de perimetro, apresentando-se-nos sob uma fórma irregular, larga entre os parallelos de 11 e 14 grãos, afilada para o sul, no vão que medeia entre o Atlantico e a extrema mineira. Mede approximadamente 1.150 kilometros de Norte a Sul, outros 1.000 de Léste a Oeste, e 1.300 na diagonal traçada da foz do riacho Doce á extrema noroeste do Jalapão, onde se lindam ainda confusamente a Bahia, Goyaz, Piauhy e talvez Maranhão. Contam-se 1.080 kilometros de orla marinha, entre as embocaduras do Real e do riacho Doce, toda ella da area de drenagem do Atlantico, o mar de Atlas, hoje opulentissimo scenario dos maiores commettimentos economicos da humanidade, graças á sua fórma e aos caracteres geophysicos e anthropicos de sua bacia e das terras que a envolvem.

Scinde-se o seu litoral, o maior entre os dos outros Estados, em duas porções mais ou menos distinctas: a do Norte, entre os confins de Sergipe e o grande synclinal da Bahia de Todos os Santos, e a do Sul, estirada entre a projecção do Garcez e o rumo austral do municipio de S. José de Porto Alegre.

A primeira secção desenrola-se em geral com a configuração de uma planicie á beira-mar, sem recurvas abrigadas; cingem-na areiaes extensos que, não raro, se empinam em dunas movediças, com a apparencia de serranias brancas que debruam a praia; apenas quebram a monotonia da areia alva a vegetação dos coqueiraes tristonhos e, em certos trechos, a dos mangues resistentes. E' uma costa de dispersão: os seus entalhes não attrahem e o chão de terra a dentro não tem feracidade que anime grangeio largo.

A segunda é flagrante contraste da primeira: é uma costa de condensação. Multiplicam-se os pontos de contacto da terra com o mar em muitas enseadas e angras; abrem-se aqui e alli no verdor de terras fertes surgidouros e abras; a paizagem é variada e de aspectos differentes e formosissimos. Daí a primeira razão de sua importancia anthropica, tambem determinada pelas abundancias das terras interiores, aqui vestidas de mattas opulentas por dezenas de leguas, alli recobertas de culturas rendozas, que mais e mais se estendem magnificas e civilizadoras; daí tambem a sua maior movimentação, o seu denso povoamento e um renque de cidades prosperas de Nazareth a Caravallas, entre as quaes sobreleva Ilhéos, com a sua admiravel actividade, a mais representativa das colmeias que encarnam o novo espirito da Bahia trabalhadora. São 24 portos e ancoradouros que se apresentam na costa da Bahia. A Bahia de Todos os Santos, na concha de um grupo de vales submersos, talhados nos tempos miocenicis, rebaixados e inundados ac

longo das centurias do Pliocenio, é a mais magestosa das fórmãs horizontaes do Estado, sendo a maior de todo o Brasil com os seus 1.052 kilometros quadrados (Delgado de Carvalho). Descobriram-na os portuguezes em 1 de Novembro de 1501; descreveram-na entre outros Simão de Vasconcellos chronista da Companhia de Jesus, os chorographos Ayres de Casal e Domingos Rebello, o hydrographo francês Ernest Mouchez, o almirante Alves Camara, o capitão de fragata Collatino Marques de Souza; estudaram-lhe a geologia Harth, Allport, Rathbun, Rupert Jones, Theodoro Sampaio e John Branner.

Tem duas entradas, dezenas de enseadas entre pontas e peninsuletas, aguas mansas, apenas agitadas pelos ventos do sul, contornos pittorescos, sitios amenos e deleitosos, dos morros verdes á praia balnear de piso branco; as terras marginaes encantadoras estendem-se em campinas verdes ou se enrugam em collinas graciosas, todas vestidas de bosques, perfumadas de jardins, cheias de searas, retalhadas de rios, fecundas de fontes, povoadas e activas, saudaveis e prosperas.

Enfeitam-na 35 ilhas, um archipelago frondoso, da uberrima e sã Itaparica, de boas aguas, com 36 kilometros quadrados, fronteira á Capital, á rasa insúa do Medo, da empolada ilha dos Frades ao sombreado ilhéu das cristalinas Fontes. Para mais de 6 dezenas de povoações debruçam-se sobre as suas bonanças aguas, da cidade do Salvador, nascida como guerreira, no alto de uma escarpa, até as poeticas aldeias que a rodeiam e enfeitam com os seus alvos casarios e as torres de suas capellas seculares. A belleza gracil de seus sitios justifica o gongorismo de Rocha Pitta que, do grande golfo, escreveu: "O céo, que o cobre, é o mais alegre; os astros, que o allumiam, os mais claros; o clima, que lhe assiste, o mais benevolo; os ares, que o refrescam, os mais puros; as fontes, que o fecundam, as mais chystallinas; os prados, que o florescem, os mais amenos; as plantas apraziveis, as arvores frondosas, os fructos saborosos, as estações temperadas. Deixe a memoria o Tempe de Thessalia, os Pensis de Babylonia, e os jardins das Hesperides, porque este terreno em continuada Primavera é o Vergel do Mundo; e se os antigos o alcançaram, com razão podiam pôr nelle o Terreal Paraiso, o Lethes, e os Campos Elysios, que das suas inclinações lisongeados ou reverentes, ás suas Patrias fantasiavam em outros logares."

Do Atlantico bahiano emergem dezenas de ilhas e ilhotas, satellites umas da margem continental, de onde se desprenderam por um processo de immersão ou completo arrazamento da liga dos isthmos, raras alluvionicas ou deltaicas nas boccas dos rios trabalhadores, outras coralinas, supremo esforço dos corollarios, que criam a ossatura dos bancos e de algas calcareas e foraminiferas, que os encorpam e consolidam, na demonstração mais flagrante das influencias organicas na morphologia terrestre. Exemplo das tres variedades insulares são as ilhas do Morro de S. Paulo, os mouchões da foz do rio de Belmonte e os temidos Abrolhos, a 55 kilometros da costa de Viçosa, cinco rochedos emergidos, inicio da perigosa e enfiada barreira de recifes, que, por 1.800 kilometros, perlonga a costa brasileira até o cabo de S. Roque, na terra Potiguarania ou Potingêa.

O territorio bahiano estende-se por duas das grandes divisões physicas do Brasil: a planicie accidentada do litoral e o planalto central, que se nos apresenta á feição de uma ilha terrestre de cerca de 3.000.000 de kilometros quadrados, circumvallada de baixadas, que o geologo francês Lapparent af-

firma ser um dos terrenos mais solidos, mais estaveis, mais rigidos e menos deslocados do globo. Aquella estreita-se entre o mar e as ultimas ladeiras do *araxá* interior, não raro semelhantes a encostas de montanhas para quem as divisa do nascente.

O planalto dilata-se para o poente, em centenas de kilometros, alteado de 200 a 900 metros, atravessado aqui e alli por serranias sem directriz firmada, ora longitudinaes, ora transversaes, retorcidas quasi sempre, scindidas pelos rios em gargantas apertadas, intervalladas por *chapadões* encimados no solido alicerce de uma achada distensa, morrendo em fragas abruptas, inopinadamente, ou descambando nos declives dos *tombadores* que assoberbam valles arrazados e prolongados por todos os ventos, num conjunto baralhado de formaçuras caprichosas e ineditas no grande livro da Natureza. Muitas dessas cordas de serras resultam da acção dos agentes externos que, no decurso de muitos seculos, têm desgastado e destruido as terras montuosas do sertão. São duas as linhas de maior relevo na orographia bahiana: ligam-se uma ao Macisso Atlantico, nas ramificações septentrionaes da antiga Jaguamimbaba, hoje Mantiqueira; a outra, a do Espigão Mestre, é uma das cristas do Macisso Central, em sua secção goyana. Ao primeiro grupo pertencem as serras do lado oriental do S. Francisco, prolongamentos das serras do Espinhaço e Aymorés, que começam nas linhas raianas de Minas Geraes, ao sul dos Montes Altos e do Mucury. Desdobram-se em lombas successivas pela Chapada Diamantina, inflectem a Nordeste nas vizinhanças de Jacobina, abeirando-se afinal das divisas de Alagôas, perto das penedias coadas pelas aguas tormentosas de Paula Affonso. Imagem viva dessa desordem deu-nos Euclides da Cunha, numa pagina de "Os Sertões": "da serra do Sincorá em deante, o eixo da Serra Geral se fragmenta, indefinido. Desfaz-se. A cordilheira eriça-se de contrafortes e *talhados*, de onde saltam, acachoando, em despenhos, para o levante, as nascentes do Paraguassú e um dedalo de serranias tortuosas, pouco elevadas, mas inumeras, cruza-se embaralhadamente sobre o largo dos geraes, cobrindo-os. Transmuda-se o character topographico, retratando o desapoderado embate dos elementos, que alli reagem ha millenios entre montanhas desbastadas, e a queda, até então gradativa, dos planaltos, começa a derivar em desnivelamentos consideraveis. Revela-os o S. Francisco, no vivo inflectir para o Levante, irindicando, do mesmo passo, a transformação geral da região. Esta é mais depressida e mais revolta. Cahe para os terraços inferiores, entre um tumultuar de morros, incoherentemente esparsos. Ultimo rebento da serra principal, a de Itiuba, reúne-lhe alguns galhos indecisos, fundindo as expansões septentrionaes das da Furna, Cocaes e Sincorá. Alteia-se um momento, mas descahe logo para todos os rumos: para o Norte, originando a corredeira de 400 kilometros a jusante do Sobradinho; para o Sul, em segmentos dispersos que vão até além do Monte Santo; e para Léste, passando sob as chapadas de Geremoabo até se desvendar adiante, no salto prodigioso de Paulo Affonso. Ao segundo grupo pertencem as serranias que servem de divisor de aguas entre o S. Francisco e o Tocantins com os nomes arbitrarios de Paranan, S. Domingos, Tabatinga, Duro e Chapada das Mangabeiras, onde se opéra a ligação entre os Macissos Central e Nortista. São as terras altas de nossas extremas com o Estado de Goyaz. Outras serranias isoladas percorrem o Estado em varias direcções; cerros alterosos empinam-se em meio

das chapadas caldeadas pelo sol dos tropicos, ou no liso das planicies, como aquelle Monte Paschoal, aos 16° 54' de Latitude Sul, cujo perfil magnifico primeiro se desvendou aos olhos da maruja de Cabral, na viagem do descobrimento, destinada antes a senhorear a India e assombrar os *samorins* de Panano e Belcançor, Madigão e Gandar, Nahor e Calecut. Culminam as suas terras em 1.500 metros que o aneroides registou no cimo das Almas da Serra da Tromba, não longe dos manadeiros do Rio de Contas.

São estas noções apenas lineamentos geraes da hypsographia bahiana : em verdade é assumpto muito serio o conhecimento scientifico das fórmas do relevo de um país, que sómente se póde fazer á luz do estudo geognostico de seu territorio.

Vem a ponto referir a transcendencia do estudo geologico de uma região para que o geographo possa assentar conceitos verdadeiros : sem geologia, integração de todas as geographias que o mundo viu, não se póde estudar Geographia-scienza, do mesmo modo que não póde ser medico aquelle que desconhece a anatomia do corpo humano, nem é astronomico o que não sabe calcular o movimento dos astros no espaço sideral.

A Bahia não é rica em formações limnologicas. As suas maiores lagoas são as de Itaparica no municipio de Chique-Chique, Timotheo no de Caitité, Gravatá, typo de lago de barragem, no municipio de Porto Seguro, esta não longe do "Monte Aviso" ou Paschoal, situada numa região onde se ostenta "a matta tropical, primitiva, robusta, variadissima nas suas essencias vegetaes, impenetravel no tecido emmaranhado dos seus troncos seculares". Ha outras de menor porte : entre as *bocainas* e as concavidades do *Araxá*, na assentada das serras e nos valles fechados do litoral, apparecem conchas liquidas perennes; as aguas fluviaes accumulam-se nas *baixadas* e as enchentes dos rios derramam-se nas *varzeas* marginaes, dando origem a lagoas intermittentes, como as *ipueiras* do S. Francisco.

A potamica da Bahia abrange parte da cintura hydrographica do S. Francisco, Vasa-Barris, Pardo, Jequitinhonha e Mucury e as bacias genuinamente bahianas do Itapicurú, Paraguassú, Contas, Cachoeira, Una, Buranhem, além de outros menores. Contam-se na Bahia 15 rios importantes com mais de 500 tributarios. Do S. Francisco, o famoso Opara dos amerindios, poderoso mecanismo hydrologico de 3.161 kilometros, grande eixo do sertão bahiano, em plena maturidade, com uma profundidade média de 6 metros, volume de 2.600 metros cubicos por segundo, regando terras de uma bacia de 670.000 kilometros quadrados, aos *aibis* da costa e aos rios torrencias do Nordeste, estes semelhantes aos *ouadis* saharinos ou aos *oumaramba* do Kallahari, de drenagem chaotica, irregulares, perigosos, enchendo e escoando a subitas, mas com certa função providencial em terras que, nas longas estiadas, se julgariam o limiar de desertos, ha toda uma escala de cursos d'agua. Duas são as vertentes do Estado : a do S. Francisco que o banha da confluencia do Verde Grande até a do Xingó e a oriental ou directa do Atlantico. Servem-lhes de *divortium aquarum*, as cumiadas da Chapada Diamantina. Nasce nessas alturas do sertão bahiano os afluentes da direita do S. Francisco e os que se dirigem para o Atlantico. As excellencias do systema fluvial bahiano repontam ao primeiro lanço d'olhos: recorde-se de antes que foram antigas estradas historicas que nortearam o rumo das *bandeiras* para o oeste, a todos sobrelevando nesse papel o S. Francisco;

alguns, como "estradas que marcham", são vias do intercambio estadual; outros ha que, despenhando-se em saltos e cachoeiras, são reservas de poderosas forças motoras; aqui irrigam terras adustas, alli são drenos salutaes, quasi todos viveiros de alimentação para copiosas populações. Até no areião do leito reseccado dos que desaparecem á soalheira dos verões emendados, abre o forte sertanejo a *cacimba* providencial.

Na zona do Jalapão, a noroeste do Estado, encontra-se a mais caprichosa das formações hydrologicas da Bahia: é a lagoa do Varedão ou da Varzea Bonita, curiosissimo exemp'lo de lago de bifurcação no Brasil. Tem mais de 20 kilometros de comprimento de Leste a Oéste, por 6 de largura, de Norte a Sul. As suas margens são de accesso difficil, embrejadas ou entrelaçadas de *buritisaes* compactos. Esta lagoa une e emenda as aguas dos affluentes do S. Francisco e do Tocantins, insulando grande parte do Brasil, ao geito de outra *guyana* da America do Sul. De feito, della defluem para o Tocantins, por intermedio do rio do Somno, os rios Diogo ou Somninho e o Novo, e para o S. Francisco, por intermedio do Preto e do Grande, o rio Sapão. A gente futura verá certamente alli, naquella *agua emendada*, como lhe chamam suggestivamente os naturaes, o eixo de uma esplendida avenida fluvial entre as terras da Bahia e de Goyaz, fecundada pelos progressos que sempre acompanham o intercurso mercantil.

Das aguas subterraneas do Estado, desde as phreaticas até as artesianas, não se tem perfeito conhecimento: entretanto, em largos trechos, são as aguas do futuro.

As condições climáticas da Bahia, vistas de conjuncto, são essencialmente tropicaes. Encerram porém variantes multiplas: no oeste é um acervo de contrastes, revelando-se-nos integro e notorio o character continental ou excessivo da climatologia; no oriente é mais uniforme com a perennidade do calor e da humidade e o abrandamento dos rigores estivaes pelas brisas marinhas que sopram noite e dia. Se em alguns rincões, maximé nos terrenos desabrigados do Nordeste, os calores prolongados abrasam as terras, requeimam as catingas e abafam os sêres, variando as temperaturas entre 38° á sombra nos dias adustos e 14 e 16° nas noites frias, noutros sitios do sertão, em pleno continente, longe dos mares temperantes, oscillam entre 14 e 24 linhas da escala centigrada, egualando-se ás do sul da Europa. As terras de Jacobina, Conquista, Maracás, Monte Alto, Feira de Sant'Anna, Caitité, Morro de Chapéo e tantas outras, gozam de um clima admiravel.

Na apreciavel classificação dos climas do Brasil de Morize-Delgado as terras da Bahia têm o clima tripical com suas três variedades de typos: semi-humido maritimo, semi-humido de altitude e semi-humido continental. Ensina Delgado de Carvalho que o principal interesse que desperta o estudo climatologico de uma região é, do ponto de vista humano, a sua salubridade, isto é, as condições preenchidas de *optimum* biologico que alli offerecem para a vida do homem: neste particular a Bahia offerece optimas condições de assimilação. E' relativamente baixo o seu coefficiente de mortalidade. Graças aos esforços realizados nos ultimos annos pelos poderes publicos tem melhorado bastante o estado sanitario da Bahia, principalmente de sua capital. Um resumo dos trabalhos realizados nestes ultimos annos pela Secretaria da Saúde Publica prova-o exuberantemente: saneamento por meio de grandes obras de engenharia sanitaria das baixadas de Ondina, Camarão e Areia

Preta, em que por anno se davam cerca de 300 obitos por paludismo, ficando tal mortalidade reduzida a 0; estudo para egual saneamento nos locais denominados Lagôa e Massaranduba; creação de postos de hygiene no interior, hoje em numero de 16; fundação de centros de saúde annexos ás Delegacias Sanitarias da Capital; reorganização dos serviços do "Instituto Oswaldo Cruz", onde se procede ás pesquisas microbiologicas, histopathologicas e bromatologicas, ao preparo de lymphá jennericana, das varias vaccinas bacterianas, de *solutos* therapeuticos injectaveis e medicações outras e ao tratamento antirabico; execução dos serviços de hygiene escolar, de hygiene industrial e fiscalização das profissões medica e congeneres; intensificação do serviço de vacinação antivariolica e execução de trabalhos epidemiologicos e prophylacticos de vulto em relação ás doenças transmissiveis em geral e particularmente á febre amarella, peste, infecções typhicas, etc. Vale referir que a média do coefficiente da mortalidade na Capital e suburbios no ultimo quinquennio accusou a cifra de 19,93 por mil habitantes.

* * *

Em meio das demais divisões territoriaes do Brasil a Bahia é uma das mais generosamente dotadas pela natureza, muito embora largos trechos inuteis. A variedade do clima, a occurrencia de quasi todos os productos da zona tropical, flora e fauna variadas, géa cheia de minerios numerosos, rede hydrographica que sulca o territorio em todos os quadrantes, ausencia de espigões asperos que prejudiquem as communições, sólo abundante em terras araveis, linha de costa sufficientemente recortada em abrigos, eis as vantagens naturaes inestimaveis que nos asseguram futuro prospero. Vista de conjunto a Bahia compõe-se de comarcas agricolas, zonas pastoris, districtos mineiros, mattas e campos, representando um como resumo do Brasil inteiro: dahi o ter dito alguém que ella é a polpa do Brasil. Não lhe destroe a importancia a zona pobre do Nordeste em que os ardores do estio mirram a vegetação e repetem de quando em quando as seccas lastimaveis de todo o nordeste brasileiro.

Em verdade os recursos naturaes da Bahia são vultosos. A hulha branca de Berget ostenta-se em mais de 170 cachoeiras, a todas excedendo a de Paula Affonso, de 81 metros de altura (Theodoro Sampaio) e potencial avaliado em mais de 700.000 H. P., seguindo-se-lhe as de Timbora (22 metros) e Bananeiras, no rio Paraguassú, a Pancada Grande (80 metros) no Serinhaem, a da Pancada e do Funil no Gongogy, a do Brumado (200 metros a mais), o Salto Grande, no Jequitinhonha (44 metros). O manancial de energia hydraulica que ellas representam quando valorizadas pelo progresso electrotechnico, assegura grandes possibilidades industriaes para o futuro: é, sem duvida, uma compensação á pobreza de combustivel de seu territorio.

Entre as riquezas do sub-sólo temos a fortuna dos diamantes, a dos carbonatos ou *lavritas* da Chapada Diamantina, a das areias monaziticas da costa meridional, e mais as jazidas de manganez, ouro, ferro, cobre, chromo, talco, graphito, phosphatos, pedras preciosas e semi-preciosas, etc., "vasto campo a explorar, prenhe de surpresas economicas", na phrase de um mineralogista. A Bahia tem uma hydropolis futurissima nas Caldas do Sipó, á margem do Itapicurú.

Flora e fauna são neotropicaes no dizer de botanicos e zoologos.

Quanto á flora as terras da Bahia estão situadas nas duas regiões botânico-geographicas do litoral e do sertão, ostentando na primeira a cortina verdejante das bellas e frondosas florestas da vertente Atlantica, e na segunda, de monte a monte, os campos de multiplos aspectos com os seus geraes, capões, cerrados, taboleiros, catingas, carrascaes e chapadas, campinas e campestres. Não só pela diversidade das especies mas tambem pela sua utilidade a flora bahiana é uma das mais ricas do Brasil : madeiras de lei, plantas industriaes, alimenticias e medicinaes são abundntes e numerosos indices de prosperos fados.

Quanto á fauna a Bahia está situada nas provincias zoogeographicas da Araxana septentrional e da Tupinambarana, que é a secção septentrional da Tupiana, consonate a classificação de Hermann von Jhering, sabio naturalista que por 20 annos dirigiu o Museu Paulista. Quer no dominio aquatico, quer no continental, ou nas associações terricolas, aericolas e aquicolas, abraça uma serie desenvolvida de seres, predominando os simios platyrrinios, morcegos, grandes roedores, desdentados, ungulados, marsupiaes de longa cauda, felinos, passaros de brihante plumagem, reptis, peixes e insectos, e outros animaes que embora inferiores aos do Velho Munido, todavia lhes excedem em graça, variedade e formosura.

* * *

O povo bahiano é, como o brasileiro, formado de elementos muito diversos em suas origens. Na Bahia, como em todo o Brasil, o estudo demologico prova á saciedade a predominancia do factor geographico sobre o humano, pois que a communitade do sentimento nacional não se formou entre homens de uma mesma raça e sim nascidos e creados no mesmo ambiente geographico. Ha 4 seculos viviam no territorio do actual Estado da Bahia homens pertencentes á raça vermelha ou americana, grupados em tribus filiadas a duas familias principiaes — tapuyas no interior e tupys ao longo do litoral. Dessas tribus eram mais importantes a dos Tupinambás, que senhoreava a costa do Brasil desde o S. Francisco até Camamú, e a dos Tupiniquins, de Camamú ao Cricaré, hoje rio de S. Matheus, e pelo interior a dos Amoypirás, a dos Maracás no médio sertão, as dos Patachós e Machacalis nas terras de Alcobaca, a dos Camacans na mesopotamia entre o Pardo e o Contas, a dos Aymorés ou Botucudos nos limites com Minas e Espirito Santo, as dos Acroás e Kraós para as bandas do S. Francisco. Trinta e cinco annos depois do descobrimento é que se iniciou a colonização portuguesa. E sómente depois da fundação do governo geral do Brasil em 1549 é que a Bahia se tornou um dos principaes centros de povoamento da America Portuguesa. Quasi ao mesmo tempo começa a introducção dos negros da Africa reduzidos á condição de escravos, tendo sido a Bahia talvez o lugar do Brasil onde mais desembarcaram os filhos de Angola, Cafraria e das outras regiões africanas até onde chegou a caça infame e o negregado commercio do ebano. Destas tres raças descende o povo da Bahia e do seu cruzamento surgiram varios typos de mestiços, a saber : *mulatos*, resultantes do branco português e do negro africano, *mamelucos* ou *caboclos*, resultantes do português e do indigena, *curibocas*, resultantes do indigena com o negro. A predominancia

foi e é do typo mestiço *mulato*, principalmente nas cidades do litoral. O elemento aborigene, hoje insignificante no Estado, entrou principalmente na formação da população do sertão. Os elementos mestiços dominantes são constituídos por typos fortes, intelligentes, de grande capacidade para todos os trabalhos, apresentando alguns grupos característicos como o do sertanejo do Nordeste, que se impõe pela resistencia, producto de uma vida quasi nomada, de luta constante com uma natureza ingrata, amator das aventuras dos campos, da lida do gado bravo, da luta com as feras, valoroso a toda a prova, por indole impetuoso em suas paixões. E' pena que a ignorancia, a falta de alimentação apropriada, a ausencia de hygiene physica e moral tornem uma numerosa parte da população sertaneja atonica e inerte: attender a estas necessidades é tarefa patriotica que se impõe para a valorização do homem do sertão. "A população, no seu typo geral, é pacifica e, sobretudo muito hospitaleira, acceitando sem resistencia, antes com agrado, no commercio, na agricultura e nas industrias, o concurso e influencias das correntes estrangeiras".

A população em Dezembro de 1926, segundo o calculo da Directoria de Estatistica do Rio de Janeiro, era de 3.859.241 habitantes, não sendo exaggerado estimar-se hoje em 4.100.000, o que dá uma densidade de pouco mais de 7 habitantes por kilometro quadrado (7,763). Em população absoluta a Bahia é apenas excedida por Minas Geraes e S. Paulo, occupando o decimo terceiro lugar quanto á população relativa. E' mais densa no litoral e nas margens dos grandes rios, sitios de condições geographicas mais favoraveis: rareando nas chapadas sertanejas e nas extremas dos dois ultimos quadrantes. Cresce sobretudo vegetativamente, diminuta como é, a corrente immigratoria. A população rural é muito maior que a urbana; esta tem as suas maiores agglomerações na Capital, em Ilhéos, Santo Amaro, Feira de Sant'Anna e Itabuna. Os principaes indices demographicos, pesar das falhas inevitaveis de taes serviços, attestam a vitalidade da sua população: numericamente os sexos equilibram-se mais ou menos: são bastante animadoras a nupcialidade e a fecundidade.

Ecclesiasticamente a Bahia comprehende a archidiocese de S. Salvador e as dioceses de Ilhéos, Barra e Caitité, abrangendo 208 parochias e freguesias. A Cidade do Salvador ostenta ao viajante entre Matrizes e Capellas as suas 70 egrejas, algumas seculares.

A Bahia fez parte da America Portuguesa entre 1500 e 1822: foi capitania hereditaria a principio, depois Capitania d'El-Rei, Provincia do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve nas vespers da Independencia; governaram-na, de 1549 a 1821, 52 governadores, de Thomé de Souza, fundador da cidade do Salvador e do primeiro governo geral do Brasil, a D. Francisco de Assis Mascarenhas, Conde de Palma; de 1821 a 1824 foi administrada por 4 juntas governativas, dentre as quaes resalta a de Cachoeira que dirigiu a guerra da emancipação. Proclamada a Independencia passou a Bahia a ser uma Provincia do Imperio; como tal foi governada por 48 presidentes, do Dr. Francisco Viçente Vianna, Barão do Rio de Contas (19 de Janeiro de 1827) até o Cons. José Luiz de Almeida Couto (7 de Novembro de 1889). De provincia centralizada passou a Bahia á condição de Estado federado, após a aurora de 15 de Novembro de 1889 e no anno de 1891, na maior data bahiana, o glorioso 2 de Julho, promulgou-se a sua Constituição, reformada

em alguns pontos em 1915. Consoante os seus dispositivos liberalísimos um Governador eleito por 4 annos, uma Assembléa Legislativa de duas camaras e um Tribunal Superior de Justiça são os órgãos supremos de seu governo. Treze governadores a têm administrado na Republica. Divide-se o Estado em 151 Municipios que abrangem 437 districtos de paz. Quanto ás necessidades da administração da justiça se divide em 56 comarcas e 143 termos. Os districtos eleitoraes são 6 nas eleições estaduaes e 4 nas federaes. Poleo-graphicamente comprehende 72 cidades, 91 villas, approximadamente 2.000 povoados e aldeias.

Além da "Leal e Valorosa" Cidade do Salvador, sua velha e característica metropole, capital do Brasil de 1549 a 1763, debruçada do alto de sua colina graciosa sobre as aguas da bahia de Todos os Santos, são estas as suas cidades : Matta de S. João, Alagoinhas, Irará, Coração de Maria, Santo Amaro, Feira de Sant'Anna, S. Gonçalo, Riachão de Jacuípe, Cachoeira, S. Felix, Muritiba, Cruz das Almas, Maragogipe, Nazareth, Jaguaripe, Aratuhy e Itaparica, no reconcavo; Inhambupe—a decidida, Esplanada, Serriinha, Bomfim e Geremoabo, no nordeste; Jacobina e Campo Formoso, entre o Itapicurú e o Salitre; Camisão, Monte Alegre, Ruy Barbosa, Itaberaba e Mundo Novo, na península fluvial formada pelo Paraguassú e seu affluente Jacuípe; Juazeiro, Remanso, Cique-Chique, Barra do Rio Grande, Rio Branco, Bom Jesus da Lapa e Carinhanha, á margem do S. Francisco; Barreiras, Santa Maria da Victoria, Monte Alto e Macahubas, na bacia do S. Francisco; Morro do Chapéo, Doutor Seabra, Lençóes, Andarahy, Mucugé, Minas do Rio de Contas, na Cahapada Diamantina; Affonso Penna, Castro Alves, Santo Antonio de Jesus, Areia, Amargosa, Santa Ignez, Jaguaquara, Maracás, Ituassú, Jequié, Livramento, entre os valles do Paraguassú e do Contas; Condeúba, Conquista, Poções, Boa Nova, Itabuna, na mesopotamia entre o Contas e o Pardo; Caitité, a "côrte do sertão", na divisoria dos affluentes da direita do S. Francisco e dos esgalhamentos mais remotos do rio de Contas; Valença, Taperoá, Santarém, Camamú, Ilhéos, Cannavieiras, Belmonte, Porto Seguro, Alcobaça e Caravellas, na costa ao sul da bahia de Todos os Santos.

Se a muitos respeitos a hegemonia intellectual de que se envaidecia outr'ora a Athenas Brasileira, fóco de luz que por muito tempo irradiou a sua autoridade por todo o paiz, encimado na Acropole da intelligencia nacional, se esmaece na passada dos dias, pagando o tributo devido á marcha complexa da evolução e abrindo praça á dianteira de outros centros, é justo, é justissimo que se reclame para a Bahia a justiça do reconhecimento de que não diminuiu o seu amor constante e fervente ao progresso cultural, demonstrado pelo esforço que faz a geração presente no conservar as boas tradições de seu culto ás lettras, ás artes e ás sciencias. Um sópro de renovação mental agita todas as camadas : governo e associações particulares executam um trabalho de reorganização e reparação do aparelhamento intellectual, desde a escola primaria até os institutos de instrucção superior e profissional. Demonstra-o de sobejo o inventario rapido de sua vida intellectual numa affirmação eloquente da capacidade de seu trabalho nas sementeiras da luz. Ha na Bahia actualmente (Setembro de 1928) 1.751 escolas primarias, das quaes 1.367 mantidas pelo governo do Estado. Nestas ensinam 1.674 mestres a 79.884 creanças de uma população escolar avaliada em 399.420 :

cuida-se com todo o empenho em reduzir a cifra negativa. Mantém o governo 3 Escolas Normaes com uma frequencia de 609 alumnos, havendo ainda 4 particulares, equiparadas ás officiaes e devidamente fiscalizadas. Para o ensino secundario ha 10 gymnasios dos quaes um mantido pelo Estado e 9 particulares, com uma matricula total de 3.520 alumnos. Para o ensino profissional ha 10 estabelecimentos, alguns modelares, mantidos pelos governos federal e estadual e por associações particulares. A Bahia tem tres Escolas Superiores : a Faculdade de Medicina, que mantém os cursos de Medicina com 640 alumnos, de Pharmacia com 27, de Odontologia com 64 e o curso de Parteiras com 4, ou seja um total de 736 estudantes; a Faculdade de Direito, com 152 alumnos; a Escola Polytechnica, com os cursos de Engenharia Civil com 60 alumnos, de Chimica Industrial com 8 e de Mecanica Pratica com 19, além de 16 estudantes do curso preliminar. Ao todo são 990 estudantes universitarios. Enriquecem-lhe o patrimonio espirital 14 associações scientificas e literarias, 77 bibliothecas publicas e particulares, 122 jorraes e revistas. Tudo isso é, sem contradicta, prova bastante de grande progresso realizado e de luz intensa que lhe illumina a estrada do futuro. Merece relevo o facto de ha 5 annos ter-se iniciado um cyclo feliz para o ensino publico na Bahia. Convenceram-se os poderes publicos de que era tempo de dar novas orientações á educação do povo. A direcção superior do ensino preoccupa-se desde então com a organização de uma alta e sábia politica educadora visando transformar a sua escola, adaptando-a ao seu meio, aos seus habitantes, a suas inclinações, a suas necessidades, procurando obter o maior proveito possivel de seu material intelligente para a formação de bons cidadãos, bons trabalhadores, bons elementos da grandeza do Estado em dias vindouros.

* * *

A geographia economica, que hoje se entende o quadro real da actividade do homem, abraça um seu numero de questões muito serias que difficilmente se podem reduzir a syntheses. A actividade de uma região e a sua prosperidade dependem de factos muito diversos e complexos, de causas innumeradas, ligadas umas á propria natureza, outras á acção do homem. Circumstancias geographicas vantajosas de posição, de clima, de sólo, de sub-sólo, de relevo e hydrographia propiciam á Bahia dias de larga abundancia. Talvez não haja Estado do Brasil de maiores possibilidades economicas pela variedade dos recursos naturaes de que dispõe. Um trabalho methodico, persistente, tecnicamente realizado, tornará a Bahia um vasto emporio de utilidades e valores. As maiores energias de seu trabalho applicam-se á agricultura e os productos da lavoura lhe apontam o expoente da capacidade productiva. Neste particular produz quasi tudo o que o Brasil assazona, impondo-lhe a variedade do meio uma polycultura opulenta, prejudicada sobretudo pela usança retardia que não a suppre dos meios technicos imprescindiveis ao seu progresso. A falta do conhecimento exacto da agrologia geral e descriptiva diminue-lhe em muito o monte da producção. Tem a Bahia no Brasil o primeiro lugar na producção do cacau e do fumo e, no mundo, o segundo na do cacau e o terceiro na do fumo : é dentre os primeiros na do assucar e dos cereaes, piassava e côcos, arroz, farinha de mandioca, feijão, milho, madeiras

e fibras, oleos, resinas e frutos, distendendo-se tambem pelos seus campos-plantios de algodão (11º lugar no Brasil)) e café, extraindo-se a borracha da mangabeira dos agrestes e da maniçoba nos bosques nativos do sul e do oeste, enquanto se fecunda o sólo de leiras e pomares, florindo e fruteando em prodiga abundancia.

Cultiva-se o cacau na faixa sul-meridional do Estado, da Barra do Rio de Contas até Belmonte, numa area de 167.656 hectares, cobrindo esta superficie 116.459.088 cacauzeiros : a sua producção por pé, em média, é de 364.5 grammos, por hectare é de 540 kilos, tendo sido o total da producção em 1926-1927 de 1.300.000 saccos. A cultura do fumo, que é a "lavoura do pobre", faz-se na zona por traz do reconcavo; a do assucar no reconcavo; a do algodão no sertão e nas encostas das serras; por toda a parte a dos cereaes. A plantação do café vae em crescendo animador : em 1928 contaram-se 67.391.500 cafeeiros em producção e 9.071.500 novos, de 2 a 3 annos, sendo os principaes centros de sua cultura em Amargosa e municipios vizinhos, de Maragogipe a Castro Alves, de Porto Seguro a Alcobaça, de Bomfim a Jacobina e na Chapada Diamantina : a producção média por 1.000 pés é de 750 kilogrammos. Em 1926 produziu a Bahia 22.226.500 kilogrammos; em 1927 chegou a 40.984.000. Cultura muito rendosa na Bahia é a do coqueiro que se estende numa area de 16.000 hectares e que accusa 1.560.000 pés, produzindo cada coqueiro, em média, 40 fructos; por hectare a producção é de 4.000 fructos e a total de 1927 registou a somma de 20.000.000 de fructos.

Segue-se a pecuaria pastoreando-se os gados das planicies litoraneas aos geraes do sertão, onde é bem vasta a região armentosa do Estado. Muito mais quantiosos poderiam ser os seus productos, se mais carinhosos tivessem sido os cuidados dos dirigentes no espalhar os ensinamentos da arte e da sciencia de criar, no intuito de mais abundantes redditos. Pelo censo agro-pecuario de 1920 o rebanho da Bahia comprehendia 2.698.106 cabeças de gado bovino, 381.127 do equino, 230.314 do muar e asinino, 954.617 de ovino, 748.155 do suino, 1.419.761 do caprino. Em relação á pecuaria a Bahia occupa o 5º lugar na criação vaccaril, o 4º na suina e equina, o 3º na asinina e muar, o 2º na ovina, o 1º na caprina.

Nas minas a Bahia ha tres riquezas remuneradoras : os diamantes e carbonatos das Lavras, a monazita da costa do meio-dia e o manganez do centro. A falta de estudos methodicos e de faceis meios de transporte re-cuzem em muito a producção mineira do Estado. Entretanto os variados mineraes que as suas terras escondem e que já foram lobrigados como o ouro, chromo, cobre salitre, turfa, ferro, pedra-hume, marmores, graphito, gesso, amiantho, pedras preciosas e semi-preciosas, etc., constituem certamente vana reserva para o futuro, quando a industria, provida de conhecimentos, capitaes e vias de communicação, puder aproveitá-las.

Movimenta-se a industria fabril do Estado em 2.073 fabricas de vario porte e destino, das quaes 577 no Municipio da Capital, onde trabalham 10.431 operarios, sendo as mais importantes as 12 de tecidos com 4.886 trabalhadores. Entre os estabelecimentos industriaes do interior sobrelevam notar as 18 usinas de assucar situadas no Reconcavo.

O quadro das manifestações da actividade trabalhadora de um Estado fica sem expressão sem o remate necessario do aparelhamento economico,

de função tão vital nas collectividades humanas quanto o systema arterial nos animaes. Com effeito os meios de transporte, naturaes e artificiaes, terrestres e aquaticos, as vias de comunicação mediatas e immediatas, as invenções modernas applicadas á circulação e conservação dos productos, cuja extensão e aperfeiçoamento contribuem tão poderosamente para desenvolver as trocas, base de toda a vida material do mundo contemporaneo, são os alicerces mais seguros da prosperidade de um Estado. Toda a civilização dominadora quasi que se resume em caminhos. Lembremo-nos dos exemplos de Roma, cujas estradas fizeram da Italia um só todo, do grande creador de estradas carroçaveis que foi Napoleão, da acção de Bismarck, de todos os paizes da vanguarda, sobretudo dessa formidavel colmeia humana da America do Norte, maravilhosamente cortada em todos os sentidos por estradas de ferro e autovias.

Em noss amplo territorio, no qual as distancias são enormes, impõe-se uma politica activa de communições afim de que diminuam as zonas de inexportabilidade, onde não é possível, pela falta de meios de transporte, grande numero de productos naturaes.

Actualmente a Bahia tem 2.264 kilometros e 34 metros de estradas de Ferro em trafego, 233 kilometros e 510 metros em construcção: uma dellas fronteira o Leão do Norte, na margem direita do S. Francisco; duas ultrapassam as lindes do Estado e as demais se disseminam pelo interior. Cortam o seu territorio 5.603 kilometros e 618 metros de rodovias, estando em construcção para mais de 100. Não são para desprezar os caminhos communs das tropas e boiadas, dos carros de bois, que representaram e ainda representam em certos rincões do Brasil papel economico de alto apreço. Não me esqueço que li a'gures de que o boi jungido fôra o primeiro engenheiro e as rodas pesadas do carro o primeiro theodolito que indicavam o rumo e o nivel na penetração das terras incultas da America do Sul.

De 4.000 kilometros de itinerarios fluviaes que lhe presenteia a natureza são aproveitados 2.248 no rio S. Francisco, 495 nos cursos inferiores do Paraguassú, do Contas, do Pardo, do Jequitinhonha e do Mucury, 805 milhas de navegação maritima medem-se nas linhas do reconcavo e do sul do Estado. A navegação da bahia de Todos os Santos espraia-se em quatro rumos differentes num desenvolvimento de 300 kilometros, até Itaparica e Salinas, Santa Amaro, Cachoeira e Nazareth. A navegação do litoral singra pelas aguas do Atlantico em mais de 1.200 kilometros, tomando porto em 8 surgidouros principaes, abrindo-lhe ainda o Oceano a grande via maritima para a communição com o exterior e demais Estados maritimos da Republica.

Completam a physionomia economica da Bahia os serviços dos Correios, Telegraphos e Telephonos. Os Correios são subordinados a uma Administracção de primeira classe com séde na Capital e a outra de quarta classe com séde em Juazeiro, á margem do mediterraneo brasileiro. A Administracção da Bahia superintende 326 agencias, distribuindo-se por 170 linhas, com um desenvolvimento de 16.370 kilometros e 680 metros. A de Juazeiro conta 54 agencias, 48 linhas postaes e um desenvolvimento de 8.850 kilometros.

O serviço dos telegraphos comprehende na Bahia a linha nacional, as linhas annexas ás ferrovias, o telegrapho submarino, a telegraphia inalambrica em duas estações, sendo uma, a de Amaralina, das melhores do Brasil.

O telegrapho nacional tem um desenvolvimento de 3.669 kms., e 412 metros de linha de postes e 9.786 kms., 620 metros de desenvolvimento de conductores. A linha de postes a ser incorporada á rede ainda este anno de 1928 é de 548 kilometros. O telegrapho annexo ás esferas de ferro tem a extensão de 2.279 kms. e 186 metros de linha de postes. Ha 187 estações telegraphicas em todo o Estado. O telegrapho submarino pertence á rede da companhia ingleza "Western Telegraph". O serviço telephonico existe na Capital e em algumas localidades do interior. O da Capital irradia-se hoje por nove cidades do Estado, a saber: Maragogipe, São Felix, Muritiba, Cachoeira, São Gonçalo, Cruz das Almas, Feira de Sant'Anna, Santo Amaro e Nazareth. Na Capital, ha (Setembro 1928) 3.900 linhas com um desenvolvimento de 15.369 kilometros, que servem a 4.564 aparelhos. As linhas inter-urbanas têm um desenvolvimento de 1.110 kilometros e servem a 88 aparelhos installados nas nove cidades interligadas. E' esta mesma "Companhia" que mantém na cidade do Salvador 94 kilometros 509 metros e 30 centimetros de linhas de bondes, entre as melhores do paiz, cuja energia propulsora é captada na queda das Bananeiras (Paraguassú), trazida por linhas conductoras num desenvolvimento de 105 kilometros e 740 metros por seis conductores, que dá um total de 634 kilometros e 44\$ metros.

O commercio da Bahia desenvolve-se gradativamente: o valor das trocas augmenta dia para dia, numá ascensão animadora. E' maior a exportação do que a importação: aquella attingiu em 1927 o valor de 271.736:410\$000 pelo porto da Capital e pelo de Ilhéos 70.493:576\$000, num total pois de 342.229:986\$000. A importação accusou a cifra de 103.604:450\$000. Figuram na ordem do valor os seguintes productos: cacau, fumo, café, maniçoba, couros, assucar, charutos e cigarros, pelles, piassava, borracha, monazita, mangabeira, madeiras, cêra de carnaúba, côcos e coquilhos, além de outros generos de menor porte economico. A Bahia pesa realmente na balança economica da Republica. A importação consiste principalmente em objectos manufacturados, productos metallurgicos, farinha de trigo, productos chimicos pharmaceuticos, carvão de pedra, gazolina, kerozene, bebidas, etc.

O porto da Bahia é um dos mais movimentados do Brasil, occupando o 3º lugar no movimento geral, sendo o 3º na exportação geral do Republica e o 5º na importação. "Possue extenso caes de atracação de 1.700 metros para navios até o calado de 8 metros e installações e aparelhamento modernos para o movimento de mercadorias e depositos".

Nada menos de 10 companhias estrangeiras de navegação e 5 nacionaes occupam os seus vehiculos no intercurso maritimo do Estado.

O seu estado financeiro é bastante promissor: os dois termos da lei orçamentaria para 1928 accusam as seguintes cifras: Rs. 59.171:566\$485 para a Despesa e Rs. 59.499:400\$000 para a receita. A receita orçada para 1929 accusa a cifra vantajosa de Rs. 81.536:750\$000 e a despesa a de Rs. 81.227:324\$212.

No systema tributario têm maior relevo os direitos de exportação, estatística, industrias e profissões, transmissão de propriedades, territorial, etc.

O quadro economico-financeiro que lhe fizemos a traço rapido, assignala á Bahia uma situação lisonjeira entre os mais importantes Estado do Brasil.

A quantidade e a qualidade de seu trabalho já começam a tornar-se elementos auspiciosos para a riqueza do Brasil.

A sua geographia, esclarecida pelas lições do passado, justifica plenamente as esperanças do futuro, cheio de promessas, sem embargo das causas, não raro aleatorias, que influem na vida material dos povos, hoje tão complexa, mercê do fluxo e refluxo de necessidades que remugem dominadores a sua marcha evolutiva. Não esqueçamos que o facto geographico impera em todas as manifestações da vida humana, "A vida e a sciencia estão impregnadas do espirito geographico, graças ao qual podemos apreciar as formas precisas da realidade em cada lugar do terra".

Mais de meio milhão de kilometros quadrados, longa faixa maritima e longa escala de climas, terrenos physica e geologicamente propicios a todas as culturas tropicaes e sub-tropicaes, largos espaços para a criação, riquezas inexploradas no sub-solo, um povo bom, pacifico e trabalhador, hospitaleiro e economico são, em verdade, elementos naturaes e humanos de grande valor. De presente é flagrante o abrir-se de novos horizontes, graças a uma febre de actividade em todos os departamentos do trabalho. Mercê do affluxo de capitaes que lhe vêm abastar de meios para novas realizações e multiplicação das empresas, graças á reorganização dos serviços e criação de novos, da propria confiança maior nos seus destinos, assiste-se ao espectáculo gratissimo da feitura de trabalhos reproductivos, do inicio de muitos outros, não raro audaciosos, mas justificaveis, como sejam os da abertura de estradas, da introdução de praticas scientificas, da remodelação das suas melhores cidades a partir da do Salvador. A sua regeneração economica é um facto que se impõe de dia para dia.

Não importa o atrevimento de muitos projectos: para o real progresso dos povos infantis é de mister que á prudencia ponderada se allie sempre a ousadia destemida. A' sombra da paz e nas fainas do trabalho reparador, só ellas, em consorcio equilibrado, podem produzir amplos e reaes fructos de civilização; felizmente é este o ambiente em que vive a Bahia de hoje.

Fizemos um resumo sincero do que ella é em 1928: subordinamos o nosso trabalho aos reclamos da época que são os de sciencia exacta, de estatistica, de observação; redigimol-o com o espirito cheio de moderação e de verdade.

* * *

Vale agora em fecho do rapido escorço da Bahia do presente (1928), recordar-lhe as primasias historicas em traços rapidos mas bastantes para reconhecimento de seu direito liquido á estima dos brasileiros. As suas cartas de crença são irrecusavelmente dignas de todo o apreço: acreditam-na vantajosamente no coração do Brasil.

Quando em vespervas do seculo XVI "a mais formosa e poderosa armada que até aquelle tempo para tão longe dos reinos partira" rumo ás Indias do levante, navegando o mar de longo, se desviou da rota do Gama, e pelos azares das ondas ou segundo planos de afortunado almirante, descobriu o Brasil, foram terras da Bahia as divisadas primeiro no cimo do Paschoal ou "Monte Aviso" e na costa do sul, entre as barras dos humildes ribeiros de Santa Cruz e Cahy. Foi na Bahia que brilhou primeiro a civilização occidental,

dando-nos a benção christã nos braços daquella cruz de Porto Seguro, a primeira que se *chantou* em terras da America do Sul.

Quarenta e oito annos depois era a Bahia escolhida para séde do governo geral do Brasil, salvando-o da hydra da anachia de cabeças alçadas nos tempos da tragedia das capitánias. Thomé de Souza, grande estadista daquelle tempo longinquo, funda na Bahia em 1549 a primeira cidade do Brasil e nella a unidade, base primeira da actual e patriótica "união perpetua e indissolúvel" dos vinte irmãos federados da nossa Patria: foi a cidade do Salvador a capital do Brasil de 1549 a 1763, quando o glorioso ministro illuminado de D. José I transferiu a séde do governo colonial para o Rio de Janeiro.

Na Bahia pisaram primeiro terras nacionaes os bons e devotados jesuitas para a evangelização dos indigenas bravios; foi o primeiro assento americano de uma provincia dos filhos de Loyola, soberba Companhia que estava destinada a traçar uma das mais bellas paginas da historia da conquista. Na Bahia se abriu a primeira escola no sólo dos brasileiros — o collegio dos jesuitas de Salvador, onde se implumaram tantos vultos notaveis dos tempos coloniaes.

Na Bahia se ouviram primeiro os hymnos da religião do Redemptor nos primeiros templos do Brasil. Foi na Bahia que o papa Julio III estabeleceu o primeiro Bispado do Brasil, creado pela bulla "*Super Specula Militantis Ecclesiae*" de 25 de Fevereiro de 1551: capital religiosa da colonia, ainda hoje guarda essa preeminencia moral, desde quando é a séde do Arcebispo Primaz do Brasil, instituído pela bulla "*Inter Pastoralis Officii Curas*" de 16 de Novembro de 1676, assignada pelo Papa Innocencio XI.

Em terras bahianas se ouviram primeiro os ruidosos combates contra o invasor da Batavia dissimulada numa companhia de avidos mercadores e dellas partiram pelos sertões nordestinos afóra, rumo de Pernambuco, muitas legiões de guerrilheiros que foram colaborar na construcção da maior epopéa guerreira de nossa historia colonial.

O surto *bandeirante* da Bahia, se não teve a estupenda floração do de S. Paulo, foi-lhe, sem duvida, anterior: entraram primeiro no deserto os predadores dos *brasis* e depois a miragem faiscante das minas fabulosas atirou os colonos ambiciosos além de suas terras largas, varando a *sertania* brava, desbravando como primeiros as terras do septentrião, mineiro e espirito-santense, e amplos tractos de Sergipe, Piauhy, Ceará, Goyaz e Maranhão. Temos na Bahia a figura estupenda de Francisco Dias de Avila, senhor do Castello da Torre, que bem póde figurar ao lado do maior dos conquistadores de territorios para o Brasil, aquelle epico sertanista de S. Paulo que foi Antonio Raposo. Admiravel em sua aventura, partiu um dia de seus muros, junto á enseada de Tatúapara, varou o sertão adusto do nordeste, chegando até a veia do Mearim maranhense e, á custa de uma coragem formidavel, chegou a crear a "mais grandiosa fortuna immobiliaria do paiz", 260 leguas de terras esiradas entre o mar e o *rio dos curraes*.

Centro da direcção administrativa do paiz, fóco de cultura maior da colonia, berço de tantas populações perdidas nesses sertões occidentaes, a Bahia é, com razão chamada a *alma mater* do Brasil. Tradições, costumes, troncos genealogicos das principaes familias do paiz, tudo guarda a Bahia

como padrão de suas glórias na formação da nacionalidade brasileira (Theodoro Sampaio).

A Bahia também teve a sua inconfidência em 1798-1799. O mesmo sonho da liberdade que em 1792 levou á força o immortal Alferes de Dragões de Villa Rica e aos cárceres africanos a flor da intelligencia mineira, a 8 de Novembro de 1798, testemunhou na Bahia o martyrio de João de Deus Nascimento, Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, Luiz Pires e Manoel Faustino que conspiraram em prol de uma "Republica Bahiense".

Foi na Bahia que o regente D. João, violentado em Portugal e benemerito no Brasil, traçou a primeira formula da nossa emancipação, assignando a "Carta Regia" de 28 de Janeiro de 1808, quebrando-se então as cadeias ruinosas do monopolio commercial que escondiam ás bandeiras do mundo os portos da colonia e cerravam aos espiritos as aspirações da vida livre.

A Bahia tem a primazia maior da guerra santa pela Independencia do Brasil inteiro. Quando a estrella da liberdade despontou alviçareira em meio dos céos do Cruzeiro, apontando ao Brasil o caminho de seus gloriosos e immortaes destinos, foi na Bahia que a servidão estrangeira entendeu assentar os seus arraiaes de resistencia á marcha emancipadora. Por isso mesmo, antes que os clarins do Ypiranga acordassem o Brasil para a redempção, já a Bahia punha a vida e a fortuna de seus filhos ao serviço da Independencia. Desde Junho de 1822 levantaram-se os bahianos na justissima revolução pela soberania da nossa nacionalidade. Praieiros e sertanejos confundem-se na hora solenne da iniciação e os seus regimentos aguerridos cercaram a capital da Provincia, pelejaram por mais de um anno uma lucta homerica em que, não raro, não tinham outras armas senão a fé na victoria final da liberdade contra a tyrannia, secular agonizante. E entraram a 2 de Julho de 1823 na cidade medimida á custa de seu heroismo, ao som do hymno da Independencia e á sombra das bandeiras que se baptizaram ao fogo de dez campos de combate e de dezenas de arremettidas heroicas, em que o sangue dos feridos e a alma dos mortos eram, por dizel-o, a semente maravilhosa da grandeza futura da maior Patria da America do Sul. Foi ainda no seu amplo e bello golfo que na mesma época memoravel se iniciou a marinha de guerra do Brasil naquella famosa barca Pedro I de Oliveira Bottas e nos navios improvisados de Lord Cochrane.

Commove-nos a lembrança de que todo o Brasil já fez justiça ao devotamento da Bahia á causa de sua integração e emancipação. Cem annos após a Independencia o estudo sereno e paciente dos acontecimentos, firmado em testemunhos historicos irrecusaveis e em valiosos documentos desentranhados dos archivos, tornou indisputada a hegemonia bahiana nos memoraveis feitos de 1822-1823. A justiça postuma tardou: mas fez-se a tempo e os heroes bahianos e os seus feitos magnificos se transmittirão de geração em geração, para modelo e como exemplo. Nunca jamais o patriotismo brasileiro luziu mais brilhante do que ao iniciar a luta pela liberdade sem a ajuda do governo central, sem outros arhelos senão os do seu proprio civismo, sem outros estimulos senão os que derivavam de sua decisão resoluta pela idéa emancipadora, sem medir o alcance de suas graves resoluções ante as incertezas daquelles dias de infinitas anciedades, olhando para a frente com a fé ar-

dente na causa abraçada e só pensando em agir com valor e perseverança pela redempção do Brasil.

Ao longo dos lustros do Imperio, a Bahia teve relevo inegualado na historia da organização nacional pelo esforço dos seus estadistas de rara estofa, Cayrú e Abrantes, Jequitinhonha e Nabuco, Zacharias e Cotegipe, Saraiva e Rio Branco.

Quando a honra nacional foi ultrajada pelo tarado tyranno do Paraguay, nenhuma Provincia enviou tantos combatentes para os campos da guerra pe'a defesa dos nossos brios conspurcados: 18.725 bahianos (Visconde de S. Lourenço), quasi todos "Voluntarios", marcharam para o Sul, formando os seus soldados a primeira infantaria do mundo, no dizer emphatico do glorificado Duque de Caxias.

Na campanha abolicionista, a mais generosa e celebrada de todas as campanhas Moraes do Brasil, a Bahia tem em Castro Alves um brasão de gloria imperecível e se orgulha de ser a Patria de Rio Branco que, antes da Lei Aurea, redimiu o ventre escravo.

Tres outros pincares dominam inatingidos a intelligencia nacional: José da Silva Lisboa, "o nosso primeiro e até hoje não excedido commercialista" na phrase de Inglês de Souza; Teixeira de Freitas, o maior civilista da America do Sul"; Ruy Barbosa, "o pontifice maximo do constitucionalismo patrio", a formidavel cabeça, ella só um areopago respeitabilissimo a luzer como um pharol inextinguível e irrivalisavel na amplitude da terra brasileira e que, em dias invisos, por duas vezes, levou bem longe além fronteiras, em nome do Brasil, o grito da redempção da humanidade.

Quatrocentos e vinte e oito annos de vida ao sol da civilização conta a Bahia.

Raramente andou a peregrinar os tortuosos caminhos da anarchia. Foi sempre seu timbre acatar as leis e as autoridades constituidas, sem renegar as expansões da liberdade. Se padece certos vicios inevitaveis, herdados ou adquiridos que, não raro, embaraçam o progresso material e moral do seu povo, é este o tributo de todos á propria evolução politico-social e a sua eliminação é obra paciente e ardua que o patriotismo impõe á abnegação e constancia das gerações que se vão succedendo.

A jornada feita denuncia flagrantemente que se firmará um dia nas idéas, nas leis e na pratica o reinado da justiça, da paz e da verdade das suas instituições democraticas.

Bahia: terra galharda das maiores tradições nacionaes, santuario dos mais bellos recordos da nossa historia, gloria de todos nós, mãe fecunda de cujo seio sahiu a Patria Brasileira, ella é, em verdade, a arca santa onde se guarda a força dos nossos destinos, o proprio espirito da nossa terra, a luz do Brasil.

COMMUNICAÇÕES GEOGRAPHICAS

Nas sessões ordinarias, realizadas de Julho a Dezembro, inclusivé, de 1928, fizeram communicações geographicas os socios professor Lupercio Hoppe, Dr. José Mattoso Maia Forte, doutora Isaura Sydney Gasparini, Dr. Paulo José Pires Brandão, professor Lindolpho Xavier, Dr. Octavio Vinelli, professor Luiz Duarte da Gama.

GEOGRAPHIA ECONOMICA

PROFESSOR LUPERCIO HOPPE (4 de Julho de 1929):

SUMMARIO

I

Geographia e Historia. A séde planetaria e a narrativa espontanea da vida da Humanidade.

II

Os diversos derivados do mesmo vocabulo grego, significando a Terra.

III

O Tratado de Sociologia. O Capital e a Industria.

IV

A actividade militar ou destruidora e a actividade industrial ou constructora.

V

As provisões. Os instrumentos de trabalho. As machinas na lavoura e nas fabricas. Os transportes.

VI

Agricultura e Manufactura.

VII

As leis economicas da producção, da conservação e da transmissão dos thesouros materiaes da Humanidade.

VIII

Commercio e Banco.

IX

O capital abstracto. A moeda metallica e moeda papel.

X

O Brasil. Correntes immigratorias. Producção e Abundancia.

— :: —

Tendo em vista a nossa riqueza e a nossa politica, a geographia e a historia foram sempre consideradas como base e como fonte de todo o real saber. Uma estuda a séde planetaria de nossos destinos objectivos ou terrenos, a outra a narrativa espontanea da vida social da Humanidade. Emquanto a primeira no começo se limitou ao conhecimento das montanhas e das planices; dos mares e dos continentes; dos rios, das fontes e das praias; das ilhas e dos portos — a segunda se preoccupára igualmente com os sonhos e as lendas, com as expedições e a bravura, com os antepassados e o heroismo, com a idade de ouro e a felicidade. Todavia, ao passo que o mesmo radical grego *Géo* a Terra produziu successivamente geographia (descripção da terra), geometria (medida da terra), geologia (sciencia da terra, porém seguindo uma orientação mais particular), geodesia (divisão da terra); a historia permaneceu sempre historia.

Quer trate da acção, da ficção ou imaginação, de assumptos de memoria ou de realização, a historia vae ajuntando sempre documentos e monumentos por toda a parte, na familia, na patria, sobre os fetiches e os deuses, os anjos e os demonios, as potestades, as musas e as puras entidades. E ainda sobre outras abstracções mais caracteristicas aqui, ali, além, em todos os tempos e em todos os lugares. Com muita ingenuidade, repetindo, as vezes, os mesmos factos quotidianos e insignificantes; exagerando os aspectos secundarios da vida real do passado e esquecendo ou mesmo deturpando serviços inesqueciveis de grandes benemeritos de nossa especie; a historia, mesmo assim, foi preparando a Philosophia da Historia, a propria Sociologia, o Systema de Politica Positiva.

V. quadro n. I.

Mas a sciencia social para a sua formação definitiva teve que resolver tambem o problema da riqueza, nosso objectivo actual, a riqueza ou economia, mui judiciosamente chamada o *Capital*.

V. quadro n. II.

Este exame assim systematizado envolve immediatamente o conhecimento das leis economicas. (Adam Smith, Dunoyer e Augusto Comte). Leis economicas da produccão, da conservacão e da transmissão de todos os thesouros materiaes.

V. quadro n. III.

Encarando, então, a sua grande utilidade e destino na sociedade, os valores temporarios se dividem em alimentacão, vestuário e habitacão, como todos sabemos. Vem depois os machinismos fixos e moveis nas fabricas e na lavoura, hoje completados pelos innumerados transportes, ahi incluidos os velocissimos aeroplanos. (Ferrarin-Del Prete, Roma-Natal, Brasil). Faltando, apenas, a elegante theoria da moeda, ou capital abstracto, reconheceremos, em seguida, a vantagem social do dinheiro representar ao mesmo tempo todas as provisões e instrumentos de trabalho. E ainda mais, com algum esforço, demonstraremos, mais adiante, o metal amodado ou a nota de banco, além de vir auxiliar a distribuiçã das utilidades entre todas as familias, concorrer tambem para o aproveitamento dos productos materiaes mais facilmente pereciveis na troca com os que são mais duradouros.

A outra construcção estatica da economia social nos é fornecida, depois, pela jerarchia da actividade industrial.

De inicio, agora, nesta exposiçã protocolar, uma rectificacão importante se nos afigura urgentissima. Temos em mira a necessidade, aliás já muito divulgada, de tornar no discurso o nome de *industria* e seus derivados como synonymo de *trabalho* e não como equivalente á palavra fabricacão ou manufactura. Foi na fabrica, com effeito, que a solidariedade operaria se manifestou e cresceu, organisando sem demora, a pujança material do proletariado moderno. Vem dahi a dualidade caracteristica da politica positiva: capital e trabalho ou economia e industria. A actividade industrial ou pacifica ou o proprio trabalho só pôde assim subir lentamente, substituindo sempre a actividade militar conquistadora ou a guerra. Comtudo, tambem é verdade que durante a idade-média houve a actividade militar defensiva como um intermediario indispensavel entre os dois extremos da progressão social. Entretanto, devemos, sem demora, generalizar esta concepção fundamental, incorporada irrevogavelmente á politica, como a sciencia já se tornára, ha muito, a alma da philosophia e a moral o resumo da religiã. Industria, sciencia e moral, neste grupo eminente, devem ser palavras sagradas, como desde a antiguidade já o são politica, philosophia e religiã, especialmente esta ultima.

A industria, agora, pôde ser rural ou citadina, conforme a actividade se exerce nos campos ou nas cidades.

No primeiro caso, se patenteiam a lavoura e a criaçã; no segundo, se entrelaçam as fabricas e o commercio. Presidindo esta immensa organizacão de paz, apparece o banco e com elle suas carteiras especializadas. Solidamente preparadas, podem estas attender á mais consideravel clientela.

V. quadro n. IV.

Uma outra diivisão da industria pôde ser feita, mediante o phenomeno da produccão e da troca. E esta segunda decomposiçã logica attende ainda mais ao ponto de vista historico como a primeira pertence á exposiçã

dogmatica. Durante toda a antiguidade e mesmo na idade-média, a manufactura, como sempre indicou a sua etymologia, era um annexo da agricultura; e o banco, ainda bem pouco mais de um seculo, era considerado um apendice do commercio. Estabelecida deste modo em suas linhas geraes a verdadeira economia politica, incorporada definitivamente aos ensinos da Estatica Social, a nobre aspiração dos grandes economistas do seculo XVIII da immortal escola de Diderot e Hume, fica assim satisfeita cabalmente.

Tratemos agora e se fôr possivel ainda com maior carinho do nosso amado Brasil.

A grande producção de provisões e instrumentos de trabalho, sendo a base da verdadeira abundancia e esta o fundamento da riqueza ou accumulacão do capital, a nossa patria, com serenidade, poderá aguardar o mais risonho porvir. E' verdade que, no entanto, a anarchia social vae num crescendo assustador. Por toda a parte a intranquillidade e a duvida, a desconfiança e a descrença a desesperação pela ausencia quasi completa de órgãos systematicos que preguem e pratiquem a verdadeira fé scientifica e com ella o trabalho remunerador, e a fraternidade universal. Comtudo, em virtude da herança de caridade e veneração que nos legou o catholicismo da idade-média, temos fundadas esperanças que o Tratado de Sociologia ainda chegará a tempo de salvar do naufragio geral, politico e moral, os valores intellectuaes e humanitarios, bem visiveis claramente em toda a sociedade contemporanea. A conflagração mundial de 1914, no meio de tanta lagrima, veio evidenciar o perigo de permanecerem neste estado chronico de duvida e militarismo, as nações mais adeantadas do occidente. O lado ethnologico, isto é, no que diz respeito á formação do povo brasileiro, tambem o confronto historico nos é immensamente favoravel.

Em nenhuma outra parte do mundo se encontra uma nação politicamente constituida ha mais de um seculo, onde a fusão das tres raças humanas ou o caldeamento do branco, do negro e do amarello, se tivesse effectuado empiricamente, mas com tamanha sabedoria. Pergunto. Onde o elemento africano, o mais affectivo de todos havia entrado em proporções tão consideraveis? Onde o sangue caboclo, legitimo exemplo permanente da actividade americana? Onde o luzitano, elemento director pela cultura e pela lingua superior, comquanto povo pequeno em territorio e poderio, mas oriundo dos que permaneceram nominalmente catholicos?

Assim era elle, vêde bem, um dos representantes directos dos ideaes humanos mais difficeis e elevados da idade-média, o herdeiro incontestavel das conquistas politicas da separação dos dois poderes sociaes e de todos os outros resultados moraes de uma epoca incomparavel, tão cheia de galanteios de cavallaria, de poesia, de amor, de felicidade na terra!... Outras terras e outras gentes têm conseguido vantagens materiaes incalculaveis; porém, que nos conste, ninguém, nenhum outro povo, até hoje, proximo a 40 milhões de almas, jámais poderá realizar como o nosso a mesma feliz progressão social, a integração de tantos valores excepçionaes.

Apoiados nestas idéas magistraes e animados das mais risonhas esperanças aqui chegamos, meus caros amigos, meus novos companheiros de estudos.

Vejamos, agora, no futuro, o que será a nossa abençoada gente quando por aqui passar mais uma geração de bandeirantes do trabalho. Pos-

suindo o nosso paiz uma longa costa maritima, sendo cortado por in-
•numeros rios navegaveis, com immensas florestas ainda desconhecidas, com
pastagens naturaes em campos saluberrimos, facil foi aos nossos antepas-
sados do seculo da Independencia, da Regencia e da Republica, cuidar,
além da organisação do Instituto Historico e Geographico (1838), inspi-
ração urgente e de accentuado patriotismo, esta outra fundação memoravel,
a da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro (1883). Ao lado das lendas
e narrativas dos bandeirantes paulistas para a conquista do *hinterland* pa-
trio e da descripção documentada da epopéa nacional, desenrolada ao tempo
do grande seculo, o seculo de Descartes e Leibnitz, com a violenta e subita
invasão hollandeza em grande extensão do norte, em torno de Pernambuco,
foi igualmente preciso, diziamos, no tempo de Bernardo Pereira e Var-
nhagen, focaliar tambem a attenção do povo e das nações da Europa
para as riquezas de todo o genero, mineraes e vegetaes das novas paragens
do Brasil, já então tornadas celebres. Era o despertar da curiosidade pa-
tricia para descobrir novos e formosos estuarios praticaveis, oriundos do
planalto central de Goyaz e Matto Grosso. E conhecidas as nascentes do
leito do S. Francisco, fazer tambem percorrer em todas as direcções ima-
ginaveis e ainda desconhecidas, todos estes ricos caminhos naturaes, ver-
dadeiras vias permanentes da natureza, num sólo, em tudo, privilegiado.
Assim, dentro em breve, os grandes afluentes do Rio Paraná, com climas
temperados, iriam revelar com espantosa celeridade em suas margens
amenas terras roxas infindaveis, tidas como as melhores do mundo (Ribeirão
Preto), favoraveis, portanto, á formação e desenvolvimento rapido dos mais
opulentos nucleos civilizados da Humanidade.

Até mesmo as longas corredeiras, as impressionantes cachoeiras do in-
terior — a soberba quéda d'agua colossal decantada pelo poeta dos escravos
— parecendo perenne obstaculo insuperavel ou interdicção absoluta, inven-
cível ao progresso industrial de nossa terra, deveria, em breve, a curto es-
paço e inesperadamente, tudo transformar. Seria, por fim, uma immensa
e cyclopica energia electrica, superior em tracção, força, claridade e
luz. Como *ulha branca* viria beneficiar o *el-dorado central* o ver-
dadeiro Brasil do futuro.

O flagello periodico das seccas do nordeste, o despovoamento parcial
e temporario do sertão do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, iriam
tambem receber, além do balsamo conselador de poços artesianos e grandes
açudes irrigadores, mais caminhos de ferro rapidissimos, estradas rodo-
viarias confortaveis, que apressariam a vinda de soccorros immediatos aos
famintos em tempo de penuria e facilitariam o proprio exodo de familias
empobrecidas, acompanhadas das ultimas riquezas perciveis de todo aquelle
torrão outr'ora prospero, tranquillo e feliz. Sim, a nosso ver, a verdadeira
solução logica, definitiva, deste problema nacional e humanitario reside
no reflorestamento lento, mas continuo desta nobre região equatorial. Só
o plantio de novas mattas, de começo, insignificantes, isoladas, parciaes e
desprotegidas poderá conseguir a volta, attrahir as chuvas regulares e bem-
fazejas, evitando deste modo as excessivas enchentes rapidamente
transbordantes e sempre destruidoras, num chão agreste, agora totalmente
despido, sempre nú, sem arvoredos nem arbustos... sem nenhuma vida e
lentamente se avisinhando, se transformando irremissivelmente num vasto

deserto. Após uma prolongada agonia ou secca de muitos mezes e raramente muitos annos, contam os ingenuos moradores daquellas infelizes povoações victimadas: um forte aguaceiro de uma unica noite de esperanças é o sufficiente para fazer brotar a pequena vegetação luxuriante, o verde já visivel, em quantidade infinita, num terreno tão cheio de singularidade e de prodigios.

Na visinhança do litoral, a regularidade da temperatura nordestina, anulando quasi por completo a diversidade das estações do anno; a suavidade de um clima seco muito igual, com um céu sempre azul; é tudo propicio ao restabelecimento dos convalescentes de longas enfermidades. Esta região é tambem a mais favoravel, dizem, á cultura da mais longa e resistente fibra de algodão da melhor qualidade. Pelo seu modico preço e grande abundancia, sendo esta lavoura preferida como base do emporio do vestuario de todos e especialmente do operariado, se comprehende a vantagem de intensificar a sua producção no Brasil.

Outro assumpto igualmente importante e referente á producção, nos é tambem oferecido pelo aproveitamento racional dos rebanhos dos campos e cochilhas de pastagens do Rio Grande do Sul. Sabe-se, por informações fidedignas, que durante os invernos mais ou menos rigorosos, as forragens riograndenses diminuem sensivelmente em toda aquella afastada latitude sertaneja. Atim de que o gado já crescido e com regular peso não pereça ou emmagreça, em extremo se desvalorizando, são os activos estancieros do Sul forçados a immolar, impiedosamente e sem demora, grande parte da producção bovina mais nova, principalmente dentre os recém-nascidos. Ora, este grave inconveniente periodico da pecuaria sulina será facilmente remediado, a nosso ver, se atendermos a duas circumstancias favoraveis, uma estatica, outra dinamica. Com efeito, o Sul de Matto Grosso, uma verdadeira revelação agricola contemporanea, tem tambem gramineas nativas e abundantes, e durante o inverno o clima á mais clemente. Temperado, sem geada nem neve em qualquer época do anno, dizem todos ser esta terra feita para o encanto dos olhos e da saude. Com vias faceis para automoveis e caminhos de ferro a vapor ou electricos, certamente irão os gauchos encaminhando para estas novas plagas descobertas, a invernação do excesso da criação annual do extremo sul, deste modo engrandecendo seguramente o patrimonio do Brasil.

Abordemos, agora, uma outra questão de geographia economica, que se nos afigura a mais urgente e já cristalizada sabiamente na opinião publica, e representa melhor a aspiração de muitos milhares de brasileiros, tambem, na verdade, equivalente a mais de um seculo de nacionalidade.

Quero referir-me ao planalto central do Brasil, que, para ufania nossa, coincide com o centro da America Latina. De nossos maiores da Independencia, da Regencia, do Imperio e da Republica fôra sempre este o anhelos supremo, colectivo. Hoje, o mesmo pensamento patriotico ainda se torna mais dominante por motivos outros lentamente explicados neste escripto e que vão adeante seleccionados. Séde das cabeceiras de grandes rios: Paraguay-Parana para o sul; S. Francisco para leste; principaes afluentes do Amazonas margem direita para o norte. A começar na foz, o Tocantins-Araguaya, em seguimento se destacando successivamente o Xingú, o Tapajoz e o Madeira. Até a fertil e longinqua bacia do Guaporé, como todos sabemos, que se dirige então para o poente em demanda das aguas do proprio

Madeira, tem tambem as suas fontes no mesmo radiante planalto central. Desta arte, possuindo a nossa gente uma vastissima região elevada, toda habitavel, temperada, salubre e fertilissima, com innumerous rios em direções oppostas, seguindo separadamente aos quatro pontos cardiaes; no ponto de vista do trabalho, a maior aspiração e mesmo interesse palpitante de todos nós deveria ser sempre o seu rapido povoamento, industrial aparelhamento e moralizadora distribuição. Viria depois a tranquillidade e rendimento, o abastecimento e a alegria, a harmonia e a concordia, tudo, em fim, em nome da religião do presente e da posteridade. Só assim será a *America para a Humanidade*.

Ricos rebanhos de gado em campos ainda desconhecidos, florescente lavoura de algodão, cana de assucar, cereaes, pomares... nestes povoados onde outróra fôra campo, sertão e matta-uirgem. Extensas cidades industriaes com fabricas movimentadas, commercio activissimo, casas bancarias acreditadas para maior facilidade e mais perfeito desenvolvimento de tudo e de todos — eis o planalto latino-americano do porvir. Ainda mais, com recursos ilimitados, habitando agora as margens mais altas dos grandes afluentes do rio mediterraneo, estes novos bandeirantes do trabalho, da paz e da fraternidade irão descendo e civilizando os nossos caminhos cultivados. Irão terminar no *Inferno Verde*, no rio mar, no rio Oceano das lendas e tradições.

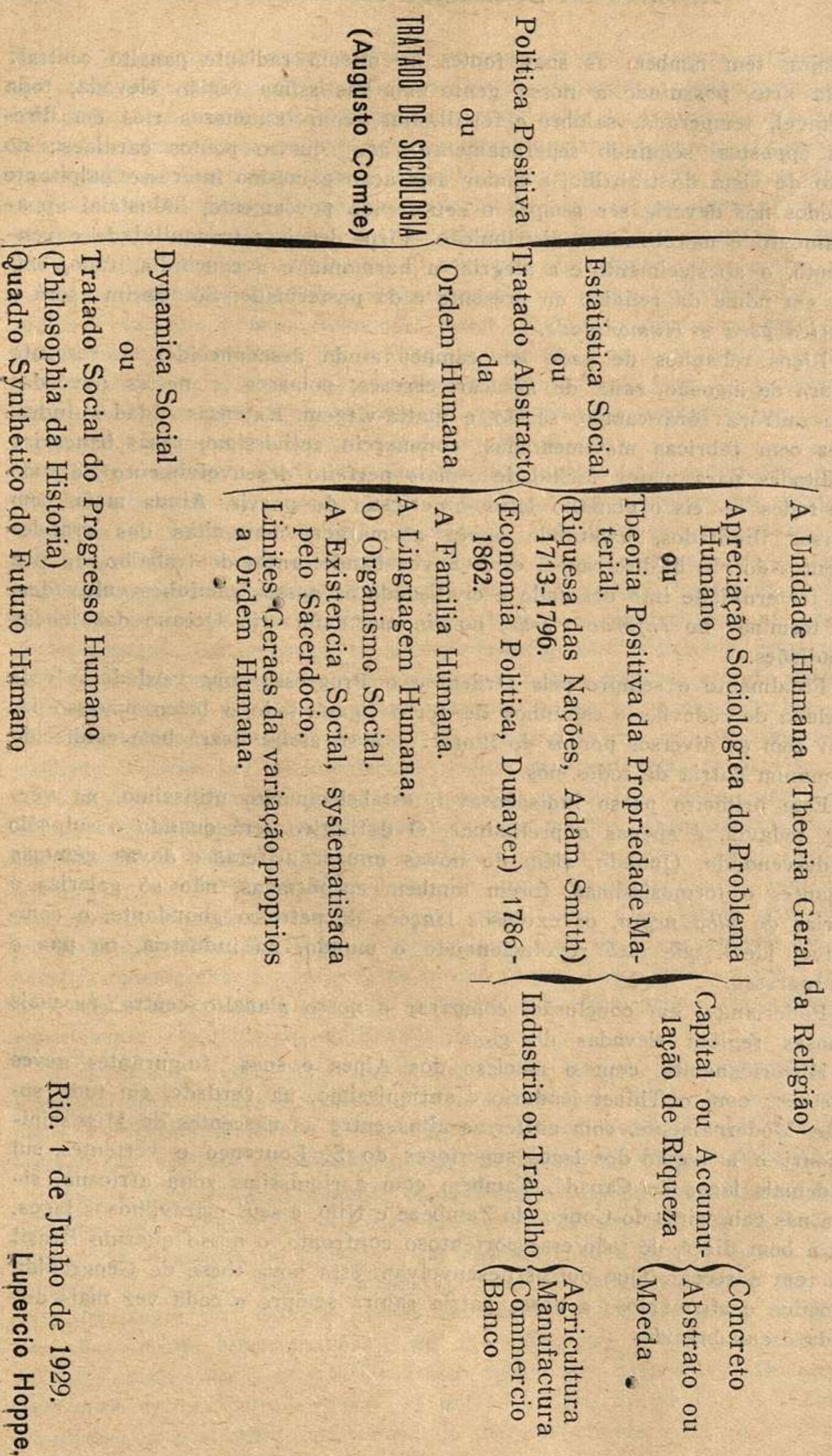
Finalmente e sempre pela Ordem e o Progresso, uma verdadeira rede estrelada de rodovias e caminhos de ferro ligará todo o blóco macisso interior com os diversos pontos do litoral... e só assim ficará bem conhecida a commum patria de todos nós.

Este primeiro passo indispensavel, estabelecimento utilissimo, na verdade, todavia, é apenas o preliminar. O definitivo será quando o sub-sólo fôr desvendado. Quando, além de novas minas auríferas e novas gemmas brilhantes e formosissimas, forem tambem encontradas, não só galerias e galerias de *ulha negra*, os extensos lençoes de petroleo abundante, o combustivel ideal, que está revolucionando o mundo, na industria, na paz e no progresso.

Podéramos, em conclusão, comparar o nosso planalto central ás mais formosas regiões elevadas do globo.

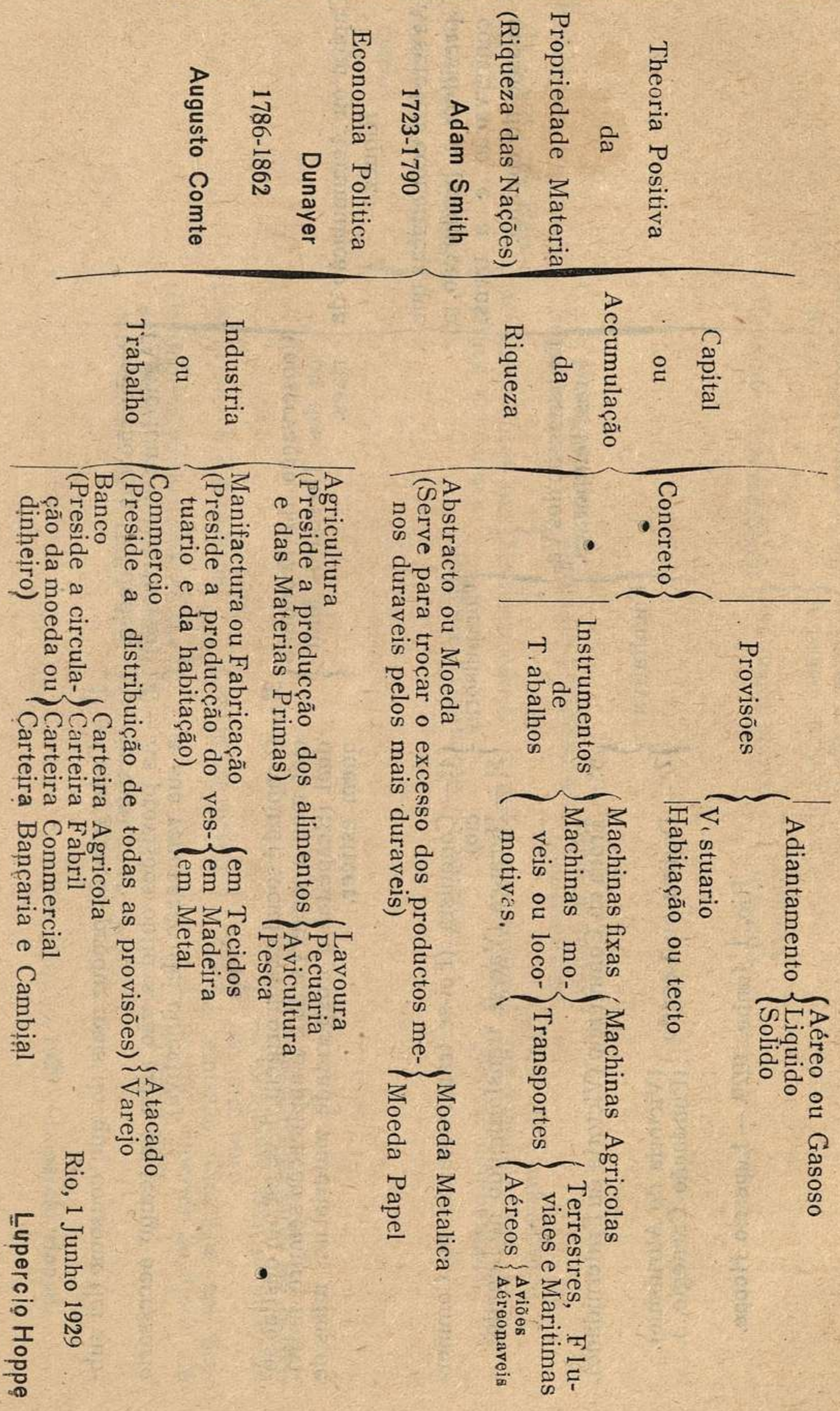
Historicamente, com o macisso dos Alpes e suas fulgurantes neves perpetuas; com o Thibet lendario e antiquissimo, na verdade, em tudo superior. Modernamente, com as terras altas entre as nascentes do Mississipi-Missouri e a região dos lagos superiores do S. Lourenço e vertentes sul dos demais lagos do Canadá. Tambem com a riquissima zona africana, situada nas cabeceiras do Congo, do Zambéze e Nilo, e seus maravilhosos lagos. Mas, a bem dizer, de todo esse portentoso confronto, o nosso querido Brasil nada tem a reccar. Que outros desenvolvam esta nova these de Geographia economica e afirmamos: a nossa patria sahirá sempre e cada vez mais admirada e ennobrecida.

Introdução Fundamental ao mesmo tempo Scientifica e Logica.



Rio. 1 de Junho de 1929.

Lupericio Hoppe,



Capital ou Accumulação da Riqueza

(As sete leis economicas que presidem a produção, a conservação e a transmissão do capital).

Produção das Utilidades. (Agricultura e Fabricação)

- 1.^a — Cada geração produz mais do que consome (lei sub-jectiva).
- 2.^a — As provisões obtidas vão além do tempo necessario a sua renovação (lei objectiva).

Conservação da Economia ou dos Theouros Materiaes.

- 3.^a — O capital é social na sua origem, deve ter um destino social, mas a conservação e a applicação sempre individual. (Respeitar a prosperidade material nas mãos de quem estiver).

Transmissão dos Valores Temporaes.

- Compulsoria
 - 4.^a — Conquista (Foi-se transformando no Commercio).
 - 5.^a — Herança (Vae-se transformando no Legado).
- Facultativa
 - 6.^a — Troca ou Commercio (Victoria da Fraternidade).
 - 7.^a — Dativa ou Legado
 - (Victoria do Altruismo).
 - (Fundação Carnegie...).

Rio, 1 Junho, 1929. — Lupercio Hoppe.

Principaes Funções da Instituição Bancaria).
 (Presidindo a Circulação da Moeda Fiduciaria).
 Seculo XVIII

Acceptar Deposito de Valores. { A praso longo e fixo. }
 { A praso curto e fixo. }
 (Mediante juros modicos) { Em conta corrente. } Limitada.
 { Illimitada.

Fazer Descontos ou Emprestimos. { Mediante promissorias. } sem avalistas
 { com avalistas }
 (Mediante juros um pouco mais elevados). { Mediante caução de titulos negociaveis }
 { Mediante hypothecas de immoveis. }
 { Letras de cambios, effectos commerciaes, accções de companhias...

Emitir Not s Fiduciarias. { Com lastro metalico (ouro) }
 { Sem lastro metalico (ouro) }
 (Destinadas primeiramente aos seus proprios clientes, depois ao graude publico em geral). { A emissão fiduciaria em perfeita igualdade com o fundo de garantia ouro. }
 { A emissão fiduciaria em proporção superior ao fundo da garantia ouro. }

Rio, 1 Junho, 1929 — Lupercio Hoppe,

ESTRADA DE RODAGEM RIO-SÃO PAULO

DR. J. MATTOSO MAIA FORTE.

(1 de Agosto de 1928).

O Dr. MATTOSO MAIA FORTE leu apontamentos geographicos e historicos sobre a zona fluminense atravessada pela estrada de rodagem Rio-S. Paulo, desde o antigo districto de Marapicú, em Iguassú, até Pouso Secco, na divisa de São Paulo.

Recordou a origem dos districtos e freguezias de Bananal, de Itaguahy, São José do Bom Jardim, São Sebastião do Arrozal e Passa Tres dos municipios de Pirahy, São João Marcos e Rio Claro, mencionando a fundação dos respectivos povoados e as leis que os criaram, bem como os aspectos geographicos e economicos.

Descrevendo os pontos de passagem da estrada pelos districtos e municipios fluminenses, lembrou a importancia que os de Pirahy, São Marcos e Rio Claro tiveram na economia da antiga provincia do Rio de Janeiro e terminou por fazer uma synthese dos varios traçados estudados para a construcção da estrada, desde os estudos mandados fazer em 1925 pelo Governo do Estado do Rio, aos quaes se seguiram os das bandeiras e explorações da Associação Paulista de Estradas de Rodagem, até o traçado definitivamente adoptado.

A este respeito mostrou que ao passo que a Estrada São Paulo-Rio vem ligando municipios e districtos paulistas, a Rio-São Paulo, em 100 kilometros de percurso, embora magnificamente construida, só toca em um povoado fluminense. Disse que, sob o ponto de vista da travessia por cidades e povoados, outros traçados eram superiores ao preferido e concluiu por alludir á verdadeira estrada de turismo uma vez feitas as ligações e melhoramentos indispensaveis pelo Governo fluminense, o que se dará se, partindo da actual estrada Rio-S. Paulo, mais ou menos na "Ponte Coberta", se dirigir para a divisa de São Paulo através dos municipios de Itaguahy, Vassouras, Barra do Pirahy, Barra Mansa e Rezende.

ENERGIAS DO BRASIL

DRA. ISAURA S. GASPARINI.

(1 de Agosto de 1928).

"Dentre os caracteres que distinguem o homem dos outros animaes de organização superior, Boucher de Berthes estabelece, um, a meu ver, indiscutivel: O homem constroe instrumentos para augmentar a sua força physica.

E de facto, surgindo no planeta encontrou seres muito melhor aparelhados para vencer na luta pela existencia, dispondo de meios naturaes para prover a subsistencia e para resistir ás intemperies.

Mas, o homem dispunha de intelligencia privilegiada, e, observando, tirou conclusões que lhe revelaram a necessidade urgente de construir.

E foi assim que pedaços de páo foram utilizados para alcançar os frutos que outros animaes tiravam naturalmente, pela grande facilidade de trepar nos galhos.

Lascas de pedra serviram para arrancar as raizes que outros animaes tiravam com as garras.

Raspadeiras tambem de pedra serviram para limpar pelles que lhe protegessen o corpo contra o frio, enquanto existiam seres cobertos de plumagens lindas e de pelissas raras.

Foram, portanto, as necessidades da vida que tornaram o homem empreendedor e constructor.

Compreendeu que seu esforço devia ser voltado para um unico fim: a conquista das forças latentes no seio da Natureza.

Desde as épocas primitivas, foi pondo a seu serviço uma serie de energias naturaes, mas, a maior conquista assignalou-se entre o fim do seculo XVIII e o começo do seculo XIX: a descoberta das jazidas de carvão, que vieram elevar a consideravel potencia a sua força.

Desde então a humanidade dispunha de meios para as grandes conquistas industriaes e commerciaes.

O surto economico coube á Europa!

Situada no hemispherio N. do qual é quasi que privativa a posse do carvão, coube-lhe papel de destaque entre as suas irmãs, Asia e America do N. pelas vantagens geographicas que apresenta.

Referindo-se á ella diz Montesquieu: "A Europa com suas peninsulas bizarramente recortadas, e coroadas de um conjunto de ilhas e archipelagos, parece talhada em pedaços".

Segundo Karl Ritter, a variedade de estructura, a complicação das formas, a riqueza em ilhas e peninsulas são para um continente signal de elevada organização, isto é, da aptidão para facilitar o desenvolvimento das sociedades humanas.

Além disso, as montanhas da Europa cortadas de valles profundos, facilitam a passagem de uma vertente á outra.

Os grandes rios, nascidos no coração do continente, irradiando-se para os differentes mares, estabelecem facilmente as communicações.

Eis a razão porque foi a primeira a receber os beneficios do poderoso soberano negro, rei das industrias e imperador do commercio.

Mas, o egoismo é instincto humano, e a Conflagração Européa não foi mais do que a luta pelo monopolio do carvão.

Para demonstral-o basta estabelecer a comparação entre a divisão administrativa da Europa antiga e a actual.

As grandes potencias tinham um objectivo unico: o dominio das bacias carboníferas.

Durante a luta, novo elemento foi lançado ao mundo, tão importante e valioso quanto o Carvão: o Petroleo.

Presentemente os dois se enfrentam, apresentando o petroleo as seguintes vantagens:

a) — maior valor thermico. (P: C: :5:3).

b) — menor peso.

c) — combustão mais rápida e limpa.

d) — maior facilidade de transporte.

e) — frete mais baixo.

Nestas condições, assenhoreou-se da industria da Navegação, do Automobilismo e da Aviação.

Comtudo, o carvão ha mais de um seculo rege as industrias do mundo, ao passo que o papel do petroleo suppõe-se rapido e breve.

A duração das fontes de petroleo conhecidas é calculada apenas em alguns decenios.

Quanto ao carvão, acredita-se que as jazidas europeas serão esgotadas antes de quatro ou cinco seculos, emquanto que as norte-americanas poderão alimentar as industrias mundiaes durante um periodo de cem seculos.

Possue a America do Norte sete bacias carboniferas collossaes, das quaes duas pertencem aos inglezes: a de Nova Escocia e a de Nova Brunswik.

A China rivaliza com os Estados Unidos. Richthefen estudou as bacias carboniferas chinezas, situadas em todas as provincias percorridas pelos afluentes do Rio Amarello, e affirma que facilmente os caminhos de ferro poderão penetrar nas minas, pois começam ao nivel das planicies. Os grandes rios navegaveis asseguram á producção carbonifera do paiz brilhante futuro.

De modo que as reservas de carvão são muito superiores ás de petroleo. Ambas foram accumuladas pela energia solar no seio do planeta, durante millenios e estão sendo consumidas com espantosa rapidez.

Surge um duplo problema economico: qual será o succedaneo do carvão? Qual será o do petroleo?

O carvão será substituido pela agua, que a energia solar traz em continuo e ininterrupto movimento.

O petroleo, pelo alcool, tirado de vegetaes que a mesma energia reproduz annualmente na superficie do planeta.

Ambos os problemas são de interesse mundial e não podem deixar inactiva a attenção dos brasileiros.

Nosso Brasil possue carvão e petroleo, inexplorados, e nós mesmo ignoramos a importancia de suas reservas.

Mas conhecemos a fertilidade do nosso solo e os meios de intensificar a cultura da canna de assucar, extraordinario producto de alcool.

O milho, que tão bem produz em nossas terras, póde ser proveitoso aliado da canna.

Os americanos do Norte fizeram a seguinte experiencia:

Na época da floração dos milharaes, cortam-se as flores masculinas afim de evitar a fecundação; ora a seiva que deveria formar os frutos, accumula-se no caule, tornando-o cheio de succos e muito semelhante ao da canna, visto como pertencem ambos á mesma familia.

Deste modo, o milho dá uma percentagem de alcool equivalente a, mais ou menos, $1/4$ da percentagem da canna.

Aproveital-a será para nós economia, porque a producção do milho é extraordinaria em nossas terras e o nosso territorio é immeturo.

A Italia, o primeiro paiz do mundo que pensa em viver unicamente dos seus recursos naturaes, já economisa as fontes de petroleo, addicionando 20 % de alcool ao producto extrahido.

A nós brasileiros, cumpre-nos, não pensar em viver independente, pois o intercambio das nações é uma necessidade; pensar ao menos em diminuir a dependencia.

Está em nossas mãos lutar e vencer, cobrir as nossas terras de canna-viaes immensos, abastecer a nossa industria de petroleo inesgotavel!

Inesgotavel é tambem a energia dos nossos rios gigantes; cumpre-nos saber aproveitá-la.

Sim, vençamos brasileiros, mostrando ao mundo os verdadeiros soberanos industriaes: canna de assucar verde e dourada, hulha branca, leve, transparente, eterno symbolo do movimento no planeta."

FALK-LORE AMERICANO

DR. PAULO JOSE' PIRES BRANDÃO.

(1 de Agosto de 1928).

Não era propriamente uma communicação geographica que ia fazer, pois trataria de um livro interessantissimo, unico no genero, ou, melhor, o primeiro que apparece e chegou ás mãos do orador a titulo de emprestimo, razão que obsta o seu offerecimento á Sociedade.

O livro é um trabalho curiosissimo, editado da Italia sobre musica, contendo muitas melodias populares dos indigenas do Equador, do Perú e da Bolivia, sendo 36 dellas puramente indigenas, nas quaes a autora do livro — Marguerite Bechard d'Harcourt — estudou profundamente, com instrumentos musicaes encontrados em sepulturas dos tempos dos Incas e, como demonstração, publica varias escalas theoricas musicaes, pelas quaes chega á conclusão de que algumas das melodias foram musicas admiraveis e de perfeita technica.

É um subsidio para o estudo do "folk-lore" americano com apreciações antropologicas, principalmente na apresentação dos instrumentos musicaes incas, alguns verdadeiros instrumentos musicaes asiaticos e africanos ainda hoje em franco uso, de onde se evidencia a analogia que existe entre esta musica inca e as escalas barbaras daquelles continentes.

Fêz tocar algumas dessas musicas e encontrou nellas grande semelhança com a musica popular brasileira actual; ora na sua melodia triste, ora na toada do maxixe, que por sua vez não deixa de ser uma musica em grande parte africana, vindo com o trafico africano, modernamente modificado pela influencia das musicas de dansa dos Estados Unidos, que hoje invadem o mundo inteiro, sem entretanto mudar o seu fundo, pois derivam dos negros norte-americanos, descendentes de africanos que, como os nossos, começaram

a sua existencia no Continente como escravos; e dahi a sua accentuada melancolia.

É um "folk-lore" admiravel a musica. Quanta harmonia se desfruta nas vibrações das cordas, na docilidade do sopro, no retumbar dos bronzes, em compassos rithmados, num mavioso gemido de sons ora agudos, ora graves, num complexo de notas na extensão chromatica de soidos e de lamentos!

Este livro impressionou-o de tal maneira que se achou no dever de comunicar a sua existencia á Sociedade, para conhecimento dos estudiosos desse genero.

O PLANALTO CENTRAL BRASILEIRO

PROFESSOR LINDOLPHO XAVIER

(1 de Agosto de 1928).

Disse o professor LINDOLPHO XAVIER que ia tratar do livro "Terra distante...", do capitão Cordolino de Azevedo, e leu alguns trechos dessa obra sobre o planalto central brasileiro, no qual se faz interessante estudo geographico de Goyaz.

Depois de percorrer algumas paginas de rara emoção civica, nas quaes o autor conta a sua chegada áquelle Estado, sua terra natal, de que estava ausente ha trinta annos, o orador commentou varios trechos de palpitante impressionismo, pelos quaes se vê surgir a terra goyana, nova, com o seu futuro latente, o seu povo simples e ingenuo, confiante no futuro, a pujança das suas campinas, a fertilidade do seu solo.

Ha, por exemplo, este trecho onde se descreve Araguay e a E. F. Goyaz:

"Araguay é o termo dessa viagem de 25 horas, desde São Paulo.

A's 8 ½ da noite o trem pára, afinal, na estação que é a ponta dos trilhos da Mogyana, depois de um percurso de mais de 700 kms.

Araguay, já em Minas, é o reflexo do que vale Goyaz; vive do que produz o nosso Estado; cesse a vida por lá e Araguay perecerá de inanição. Foi isso o que me disse abastado negociante goyano localizado naquella cidade, e a comprovação de seu affirmar estava na paralyisia que lhe adveio quando, em virtude dos successos de São Paulo, houve como que um retrahimento de cargas e passageiros da estrada de ferro goyana.

A noite chuvosa impediu-me de percorrer a cidade, o que fiz ao regressar. E' grande e movimentada, mas sem calçamento, cobertas as ruas, casas, tudo mfim, do pó terrivel, asphyxiante, impalpavel, a se espalhar em turbilhões, em volutas caprichosas, á passagem rapida dos automoveis. Regularmente illuminada á electricidade, de commercio prospero e boas casas de residencia, a impressão que causa é muito agradavel.

A noite, passei-a num hotel proximo á estação. Passei-a quase em claro, pela afflicção e desejo incontidos de rever nossas terras, nosso céu, de penetrar no territorio goyano depois de tão longa ausencia e sabendo ser o dia seguinte, aquelle em que deveria realizar o ardente anhelos.

As horas se escoavam lentamente, em mortal lentidão; tinha a impressão de que os relógios não andavam propositadamente. Ainda era alta madrugada e já me achava enroupado e prompto para seguir viagem.

Com uma hora de antecedencia, insoffridamente, entrei na estação da E. F. DE GOYAZ. Que emoção, quando li taes palavras, em letras graúdas, fortes, ferindo a vista, ao longo de cada um dos carros do comboio e no tender negro da locomotiva.

Que de evocações saudosas me trouxeram ao espirito aquellas letras, tão vulgares, tão simples e indifferentes aos outros passageiros e para mim tão repletas de saudosas e doloridas reminiscencias e evocadoras, ao mesmo tempo, da sadia e doce alegria que eu, dentro de breve tempo deveria fruir! E que doce surpresa foi a minha quando, entrando no vagão, percorrendo-o com carinho, examinando-o com minucia como se revisse physionomia amiga, pude verificar o asseio, a limpeza, a abundancia de vidros biselados por entre as janellas, do quase luxuoso carro de 1ª classe em que deveria aboletar-me!

E eu que imaginava tão mal da nossa primeira via-ferrea, através de criticas pouco justas de patricios nossos e quando, exactamente, vinha de trafegar nos luxuosos comboios da Central, Ingleza e Mogyana!

O goyano pode orgulhar-se de sua via-ferrea, que, sobre me parecer bem construida, nada tem que invejar ás congeneres do paiz.

A's 6½, um silvo forte de machina, o caracteristico assobiar dos freios Westinghouse, seguidos de ligeiro solavanco, indicaram o inicio da marcha que deveria, dentro em breve, alongar-se em pleno torrão goyano.

E' surprehendente o espectaculo que se vae gozando. O comboio, depois de attingir 900 metros de altitude, chega á borda de um precipicio; lá em baixo, ao longe, muito ao longe, espelhando-se ao sol nascente, como larga fita de prata liquida, correndo preguiçosamente por entre dilatado valle, está o Paranahyba, que serve de limite ás fronteiras dos do's Estados, e que para mim era o marco divisorio que norteava meu peregrinar.

Desce o comboio a serra; precavido, o machinista vae travando locomotiva e carros; amiúde se ouvem assobios do Westinghouse; continua-se descendo, procurando, em curvas caprichosas, ganhar o grande rio.

Entre 9½ e 10 horas, parada rapida em Engenheiro Bétout, a ultima estação em territorio mineiro.

Um arranco seguido de ligeiro rodar, eis a ponte que, majestosamente, atravessa o Paranahyba. Ponte larga, de mais de cem metros, alta, bem lançada, com forte e artistico travejamento metallico, ella honra o engenheiro que a calculou e construiu.

O trem, em marcha reduzida, engolfa-se por ella; ao ruido das aguas, transparentes e crystallinas, desfazendo-se em cachões de espumas alvinitentes de encontro aos penedos ngros, semeados em profusão no leito do grande rio, casa-se o ruido ôco, de fundo metallico, provocado pela travessia e amplificado pelo ranger das juntas e pelo choque das rodas de encontro ás emendas dos trilhos.

E' a natureza e o homem a festejarem unissonos, em esquisito concerto, a entrada em Goyaz do comboio da civilização, portador do progresso e estimulante da riqueza e do trabalho!

Nesse momento batia-me apressadamente o coração. Fechei os olhos e, do fundo do meu ser, do recesso mais intimo de minha alma, sahuu uma

prece, ardente, sincera, viva, plena de fé, dirigida a Deus, agradecendo-lhe a infinita bondade de me permittir sentir-lhe novamente a belleza das matas, respirar os perfumados ares de seus campos, embriagar-me com a ventura de quem volta á *Terra distante* depois de prolongado exilio!"

E' neste teor que o Sr. Cordolino Azevedo descreve a sua viagem. Não se pôde desejar mais ternura, mais colorido.

E' louvavel a sinceridade num escriptor como esse, que sabe estremecer tanto o seu torrão.

Para os economistas, o trecho que se vae ler tem grande interesse. Por chi vamos ver como se alarga a zona cafeeira brasileira, mesmo pelo chapadão central.

O autor elogia o café goyano:

"Parece exagero e não o é: para os *cafezistas*, para esses viciados como eu, não pôde passar despercebido o sabor extraordinariamente differente que apresenta a preciosa rubiacea goyana; é de um paladar esquisito, *sui-generis* e que se não encontra no café de outras partes do Brasil.

Teria sido illusão minha?

Ouso affirmar que não; durante os vinte e quatro dias de permanencia no territorio goyano foi essa a impressão que tive. Externei-a a outras pessoas, para as quaes Goyaz era indifferente e todos foram do mesmo parecer. E isso mais se accentuou á volta, quando novamente deixei de me deleitar com o legitimo e saboroso moka da terra natal."

Eis agora a descripção de uma cidade nascente, com a vida que lhe afflue pelo trabalho goyano:

Tavares é uma estação da E. F. de Goyaz (1); está na ponta dos trilhos e é a Méca dos viajores que demandam a capital goyana, a 72 horas do Rio de Janeiro e distante de Araguay 304 kms.

A's 6 ½ da tarde, com pontualidade, o comboio attingiu, debaixo de chuva, fina, impentente, dessas chuvas de inverno, incommodas, geladas, que molham até os ossos e dão á paisagem uma physionomia de infinita tristeza.

"Tavares é bem o expoente do que vale e pôde a terra e o povo de Goyaz. Ha menos de um anno por lá havia apenas uma palhoça, triste e pobre, quando a E. F. de Goyaz fez alto naquella solidão.

Foi o sufficiente para que aquelle alfombrado valle, de optimo clima pelos seus 900 metros de altitude, se transformasse na colmeia humana que hoje é.

Ruas, alinhadas algumas, casas a se elevarem vertiginosamente, hotéis, pensões, negocios de toda ordem, dão ao forasteiro a impressão de que tudo aquillo fôra creado pela varinha magica do conto oriental, surgindo rapidamente do nada, e de que os telhados, vermelhos ainda, são o attestado incontestavel do maravilhoso surto da longinqua povoação goyana.

Centro de zona fertil e regularmente povoada, Tavares está destinada a ser uma das grandes cidades do sul do Estado. Para ella correm os

(1) São estas as estações no territorio goyano: Anhanguera, Cumary, Goyandira, Verissimo, Içá, Ipamery, Inajá, Urutahy, Roncador, Pires do Rio, Tapiocanga, Ubatan, Carahyba, Ararapyra, Ponte Funda, Tavares; no ramal de Catalão: Goyandira, Catahão, Ouvidor.

productos da região em que se acham Campo Formoso, Santo Antonio, Bella Vista, e outras cidades. Presentemente Bomfim e Annapolis, onde ainda não chegaram os trilhos da estrada, enviam a Tavares os productos do seu labor.

A estrada de ferro tem realizado milagres no sertão. Annapolis, que até pouco tempo nada valia como centro exportador, com a aproximação da linha ferrea tomou tal incremento que sómente a safra de café do anno passado rendeu 2.620 contos. Como é consoladora essa estatística!

Quando, ha mais de 70 annos, se discutia no parlamento do Imperio a construcção da estrada de ferro de Mauá, a primeira no Brasil, inaugurada a 30 de Abril de 1854, Lins de Vasconcellos clamou contra o excessivo preço por que ia ficar aquella *estrada de ouro e não de ferro*, no seu dizer, para, affirmava elle, carregar num só dia toda a producção de um mez. Nos dias restantes os trens correriam ás moscas e a renda não daria para cobrir as despesas da construcção.

Lins de Vasconcellos tivera a visão estreita dos retrogados, dos conservadores inveterados, que não admitem o progresso, que não conhecem as possibilidades economicas do nosso paiz. Entretanto, repetindo aquelle errado conceito, um patricio nosso, declarava-me um dia, sentencioso qual novo Pacheco: "A estrada, dizia elle, só trafejará um dia; será o sufficiente para transportar os poucos feijões que possuímos a mais".

O que se passa em Tavares é a contestação brilhante a esse affirmar, a essa sentença oriunda de embotada intelligencia. Suas casas de negocio sobem de vulto e capital, dia a dia; as de commissões e consignações, hoje em numero de quatro, têm enormes capitaes para o meio em que vivem: de 100 a 400 contos cada uma. A estação, com o movimento de carga e passageiros, rende, disse-me o agente, 250 contos mensaes.

E' fabulosa essa renda se attentarmos em que as localidades que contribuem para aquelle movimento nem são numerosas, nem estão muito proximas. Mas é herculeo o esforço, por parte dos goyanos para se aproveitarem dos carros da Goyaz.

De todos os pontos chegam, de momento a momento, numa promiscuidade encantadora (e que põe em relevo o accentuado periodo de transição que lá se observa, da rotina para o progresso), carro de boi, de irritante lentição, pesado, tirado por dez e mais juntas e o auto-caminhão, rapido, elve, de muitos H. P., num perfeito contraste, face a face os dois vehiculos representativos, cada um da sua época: um o mais antigo, primitivo, de tempos immemoriaes, lerdo; outro o mais moderno e perfeito dentre os de trafego terrestre, forte, agil, devorando distancias. E isso sem se levarem em conta as tropas de burro, pequeninos, pretos quase todõs, pejados de carga, desapparecendo sob o *ligá* protector, de couro cru', tendo á frente a *madrinha*, vistosa, de guisos chocalhantes, a indicar o caminho aos companheiros exangues pelo continuo esforço produzido "

Terminou o professor Lindolpho Xavier salientando o valor da obra do capitão Cordolino de Azevedo, trabalho de um tecnico cheio de emoção nativista, que sabe avaliar a grandeza do Brasil.

O BRASIL

DR. OATAVIO VINELLI

(7 de novembro de 1928)

Em geral brasileiro não conhece sua patria. E, portanto, não é de estranhar a injustiça que pratica quando fala das coisas de sua terra natal, nem o pessimismo, que o domina, quando se refere a assumptos brasileiros.

* * *

Tão desalentadoramente ouvi varios compatriotas se expressarem sobre temas brasileiros, que procurei conhecer *de visu* a realidade dos factos.

Quiz verificar se devia envergonhar-me... não... não comprehendo como possa alguém envergonhar-se do paiz em que nasceu, mas entristecer-me por amor á minha patria. E com alacre surpresa cheguei á conclusão de que só temos, os brasileiros, motivos de orgulho de nossa patria.

* * *

Assim me convenci de que o typo de *Jeca Tatú* apresentado como symbolo do brasileiro é falso

Pela energia e coragem o brasileiro póde ser representado por *Mané Chique-Chique de Ildefonso Albano*. Longe de ser doente e desanimado, o brasileiro é forte, entusiasta. Assim o provam o immortal Euclides da Cunha, um dos mais notaveis escriptores do Brasil e um dos que melhor manejam a formosa lingua de Camões, Ildefonso Albano, João do Norte. O sertanejo é forte, é forte o gaúcho e o é o paulista. E' forte o carioca e em geral são fortes e energicos os nossos compatricios.

Certo, há doentes no vasto territorio do Brasil, mas a generalização a esse respeito é um erro, mostra Mario de Alencar, no prefacio do livro de Ildefonso Albano — *Jeca Tatú e Mané Chique-Chique*. Cuidemos do saneamento de nosso paiz, aliás, já estão estabelecidos postos prophylacticos em nossa patria, e a missão Rochfeller, proveniente da alma generosa e nobre do seu benmrito fundador tambem poderosamente auxilia o trabalho grandioso do saneamento do Brasil.

* * *

Que longe de ser um individuo debilitado e fraco, o brasileiro é valoroso, energico, mostra a historia de nossa patria, cheia de exemplos, que comprovam a minha asserção. O nosso progresso na industria, commercio e agricultura é admiravel. Hoje se não póde dizer que o Brasil é o café, apenas.

Occupamos o primeiro lugar do mundo na producção do café, mas o segundo relativamente ao fumo, milho e cacáu, o terceiro em relação ao assucar, o quarto quanto ao algodão, o setimo relativamente ao arroz. Mas não se limita a isso a agricultura no Brasil: cultivam-se feijão, batata, mandioca e muitos outros variados productos. Somos o quinto paiz do mundo em relação ao gado. Borracha, maniçoba, caucho, mangabeira existem

no Brasil. Herva matte abunda em Santa Catharina, Paraná, Rio Grande do Sul e Matto Grosso. Sal especialmente no Rio Grande do Norte.

Explora-se carvão de pedra e manganez, e já se cuida da siderurgia.

* * *

Em menos de um anno se transformou a nossa capital, feia, suja, colonial em uma das cidades mais bellas do mundo, e terminadas as obras a que patrioticamente se entregou o actual prefeito, será, de certo o Rio de Janeiro a mais bella cidade do mundo. A essas obras de embellezamento tambem se dedicaram grande numero de Estados. Quanto á instrucção é forçoso confessar que está atrasada. O recenseamento de 1920 deu a proporção de 78 % de analphabetos! Penso, porém, que se se fizer o recenseamento em 1930, se encontrará diminuida a vergonhosa, a humilhante proporção acima referida. Em primeiro lugar de 1920 para cá se abriram muitas escolas, senão em todos, ao menos em varios Estados e no Districto Federal.

Por outro lado o grande numero de livrarias, onde se encontram os livros mais recentes vindos do estrangeiro, especialmente da França. Já se lêem no Brasil, no original, livros inglezes, italianos e hespanhóes, e allemães. Quer isto dizer que a instrucção se acha mais diffundida em nossa patria. Penso que haja no Brasil 60 % de analphabetos. Ainda assim é acabrunhadora essa porcentagem. E o braço estrangeiro? Certo o estrangeiro tem contribuido para o progresso de nossa patria, mas é preciso observar uma coisa. Quem emigra do paiz em que nasceu e vem trabalhar em terra estranha não o faz por vontade. Se o estrangeiro abandona a terra natal é porque lá elle lutava com a difficuldade de vida. E' porque lá a má fortuna o perseguia incessante. E' porque no seu paiz era sempre vencido na luta pela existencia. E' porque se lá ficasse a miseria iria bater-lhe á porta.

Vem para o Brasil esse infeliz vencido. Encontra aqui fraternal acolhimento. O que não achava na patria longinqua se lhe depara facilmente em nossa terra — trabalho —. Completa mutação no drama angustioso. A inquietação cessa, as noites que passára insomne, preocupado com o futuro da familia, futuro que se lhe antolhára negro, são substituidas por noites bem dormidas e tranquillo, calmo, o estrangeiro confiante encara o porvir. E isto não é nada? Em troca de tantos beneficios só pedimos trabalho. A paga é pequena. Assim, se o estrangeiro trabalha não faz mais do que cumprir com o seu dever. E em troca do cumprimento do dever, aufere, como vimos, grandes beneficios, porque pária na terra natal encontra o bem estar, senão a abas-tança no Brasil. Não sou inimigo do estrangeiro. Paiz extenso e de escassa população, recebemos de braços abertos o estrangeiro que aqui vem em busca de trabalho. Mas tambem não vejo a razão por que muitos brasileiros quasi divinizam o estrangeiro, exagerando-lhes o valor do esforço, em detrimento do nacional, que tambem uta, que tambem concorre para a grandeza da patria.

* * *

O brasileiro hoje entrou para o commercio e industria, diminuida, como está, a mania perniciosa da formatura. E a entrada de tantos moços brasi-

leiros, em geral inteligentes e preparados, muito concorreu para o desenvolvimento da industria e commercio.

A industria manufactureira floresce no Brasil, e o nosso commercio progride: Café, assucar, algodão, cacáu, borracha, fumo, couros, pelles, madeiras, carnes congeladas, manganez, arroz, frutas, milho, areias monaziticas e outros productos varios exporta a nossa patria.

* * *

E o brasileiro para conseguir triumphar teve de fazer extraordinario dispendio de energia. Porque todo esse progresso, de que com razão nos podemos ufanar, foi obtido com máus governos. E' preciso confessar, que com raras excepções são máus os governos que se têm succedido na alta administração do nosso paiz. E o povo trabalhava, esforçava-se com ardor, com a inquietação a mortificar-lhe o espirito; irritado, pelas arbitrariedades e violencias praticadas pelos governantes, revoltado contra a oppressão e a tyrannia, que felizmente até agora, não lograram implantar-se em nossa patria.

Tres obstáculos temos a vencer na marcha para o porvir: O analphabetismo, escassa população e máus governos.

* * *

Nenhum desses obstáculos é invencivel.

Mas aquelle que devemos combater com mais enthusiasmo, com mais denodo é o constituido por máus governos. E' o problema capital. E' preciso que se não implante, sob pretexto algum, a dictadura no Brasil.

* * *

E' preciso lutar com energia contra qualquer velleidade de dictadura. Protestar com vehemencia, pela palavra ou pela penna, ou pelo voto contra a injustiça, contra a oppressão. Protestar em voz bem alta sem temer as consequencias da nossa attitude intrepida. Protestar sem medo. "O medo mata a vontade e impede a acção" li eu algures. Este pensamento tão verdadeiro gravou-se com fundas raizes no cerebro de quem lhes dirige a palavra e tem sido a norma que o guia em todos os actos da vida.

* * *

Como consequencia lógica do que acabo de dizer não é possivel apresentar a nossa patria como um modelo de ordem.

Um acto de injustiça nos revolta, e se outros se succedem a revolta se vai estendendo paulatinamente a muitos. Forma-se deste modo o ambiente propicio á revolução, que rebenta fatalmente. Não prego a insurreição, quero a ordem, mas tendo ella como esteios indestructiveis, a justiça e o direito. A' ordem obtida pela violencia, com a prisão e exilio de homens eminentes, á ordem com a tyrannia brutal, á ordem conseguida por um traidor que esmague a sua patria com o tacão da bota do liberticida, é preferivel o desencadear da tormenta revolucionaria com seu cortejo de infortunios e

desgraças. Mas a liberdade não é dádiva generosa dos governos; ella tem de ser conquistada á custa de lutas, de sacrificios e martyrio.

Em prol da liberdade lutemos sem desfallecimento, sem desanimo, sem medo... porque o "medo mata a vontade e impede a acção".

* * *

Os obstaculos, que difficultam o nosso progresso, não são invencíveis. E afastados que sejam, o que se conseguirá com o decorrer dos tempos, nosso grande paiz, populoso, instruido e bem governado, habitado por um povo energico e forte seguirá ovante a estrada larga que o conduzirá a seu glorioso porvir!.....

O RELATORIO DO DR. E. BACKHEUSER

PROF. LUIZ DUARTE DA GAMA.

(7 de Novembro de 1928).

Quando se ouve, nas nossas reuniões, a fala autorizada do illustre professor E. Backeuser e outros tantos membros preclaros que enriquecem com o seu brilho esta douta "Sociedade", é motivo mui justo e opportuno para despertar attenção daquelles que acompanham com amor e carinho as causas determinantes desta geratriz magnifica, que bem se traduz pelo nome de — Geographia —.

Entremeio ao relatorio do professor Backeuser feito, com aquella serenidade eloquente que lhe é peculiar, sobre a sua importantissima missão de representar a Sociedade de Geographia no Congresso Internacional de Geographia de Londres e Cambridge e nas festas commemorativas do Centenario da Sociedade de Geographia de Berlim, de cuja missão se desobrigou com muita honra para a nossa "Sociedade", revelou o illustre professor, com captivante sinceridade, o desejo de estender a sua viagem á Africa. E, infelizmente, o deteve, talvez por pouco tempo, um obstaculo de dolrosa expressão sentimental, da qual são coparticipantes os seus amigos, discipulos e admiradores.

Podemos imaginar o objectivo de estudos desta viagem á Africa, quando se trata de um pesquisador scientifico do feitio do professor Backeuser.

Este seu elevado interesse pelas regiões africanas, não deve passar vagamente pela memoria dos que estudam, com cuidadosa particularidade, a Geographia e a marcha dos seus phenomenos physicos, politicos e sociaes.

A Africa em uma certa e determinada região da superficie da Terra, ou seja na sua costa occidental, com o factor que ahi reinava naquella época, proporcionou ao grande Cabral, a descoberta das nossas terras, integrando-a com estas em um dado momento, na nossa Historia.

Esta mesma costa africana em certas e determinadas regiões, tem contribuído para o successo sempre crescente da nossa navegação internacional, com grandes nações, onde mantem o nosso Brasil o melhor intercambio de diplomacia, cultura e commercio.

E, finalmente esta mesma costa africana, em certas e determinadas regiões, promette na sua adaptavel situação geographica, tornar-se um dos factores consideraveis na organização da nossa navegação aerea internacional.

Nas paizagens sociaes, onde se encontra a Terra sob o dominio do Homem, mesmo nas camadas encantadoras ou representativas das aptidões humanas, algumas dependem ou carecem do beneficiamento, que lhes prodigalisam as paizagens physicas e naturaes do continente africano.

Condensando estes capitulos encontramos maravilhosamente a Geographia, na sua actividade physica, politica, mathematica, economica e historios dizendo ao Homem: onde está, para onde deve se locomover e como deve viver.

E, na sua finalidade crystallizando todos estes conhecimentos, purificando cerebros e corações, encontramos a Philosophia — sciencia das sciencias —.

Realçando o cathedratico com a função geographica, não posso deixar de realçar o sabio com o função philosophica.

Os Moreiras Guimarães e os Backheuser são educadores de vasta cultura, que vêm semeando pelo centro cultural do nosso Paiz, expressivos conhecimentos scientificos aos seus educandos, os quaes vão se alicerçando entre a evolução culta das novas gerações, onde a clarividencia que progride, melhor apprehenderá as suas lições claras e explicativas.

Philosophia e Geographia são scenarios que deslumbram no theatro das sciencias, e não posso prescindir da citação destes nomes, que lhes são expoentes de valor.

Portanto, Sr. Presidente, na qualidade de discipulo estudioso, prevaleci-me de um trecho do relatorio do Professor Backheuser, para chegar á conclusão desta ligeira reminiscencia, confiante e com muita fé, nos sabios subsidios que póde proporcionar á bagagem littero-educativa-scientifica da nossa Patria este erudito pedagogo e fiel interprete da utilissima pratica da Escola Activa.

O 45º ANNIVERSARIO DA INSTALLAÇÃO DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO

Aberta a sessão pelo Sr. General Moreira Guimarães, presidente da dita associação, convidou S. Ex. para sentarem-se á mesa os Srs. Major Affonso Ferreira, representante do Sr. Presidente da Republica; Drs. Mello e Souza, H. Romaguera, Vasco da Cunha, Honorio de Carvalho, respectivamente representando os Srs. Ministro da Justiça, Viação, Relações Exteriores e Agricultura; Commandante Oswaldo Gaudio, pelo Sr. Ministro da Marinha; Drs. Carlos Domingues, Alcides Bezerra e João Ribeiro Mendes, Secretario Geral, 1º Secretario e 2º Secretario da Sociedade de Geographia.

Expondo os fins da sessão, disse o General Moreira Guimarães que, "fundada aos 25 de Fevereiro de 1883 e installada aos 16 de Setembro do mesmo anno, completa no dia de hoje, 45 annos de labores proficuos, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. São dias festivos, assignalados pela propria lei organica da veneranda Sociedade o 25 de Fevereiro e o 16 de Setembro, em que aqui se recordam, todos os annos, os benemeritos fundadores da illustre associação. E não só esses fundadores, senão consocios de outra ordem, os quaes, pela contingencia da vida objectiva, tenham desapparecido, subjectivamente.

Ao certo, em qualquer momento, tanto que nos reunimos, estamos trazendo á memoria, nós outros da Sociedade de Geographia, os nossos mortos queridos.

Mas seria impossivel, no instarte que vae passando, recordar todos esses mortos. Poderei, no entanto, consubstancial-os em quatro nomes, que ninguem sabe esquecer: no do primeiro presidente, aquelle coração de tanta bondade, o marquez de Paranaguá; no do segundo presidente, aquelle espirito de tanto saber, o barão Homem de Mello; no do terceiro presidente, homem de acção e pensamento, o general Thaumaturgo de Azevedo; no do quarto presidente, outro homem, tambem de acção e pensamento, o almirante Gomes Pereira.

Criou-nos o ensejo, para esta commemoração, a conferencia do eminente confrade, S. Ex. o Sr. Ministro da Suissa. Esta sessão é, em verdade, solenne; de maneira que não ha razão para que se faça amanhã o que se deve fazer hoje.

Somos duas vezes reconhecidos ao Sr. Albert Gertsh, nosso distincto consocio que tanto admiramos. Primeiro, porque de modo tão captivante nos

attendeu ao convite para esta conferencia; segundo, porque esta mesma conferencia se faz a melhor festa que poderíamos offerer aos nossos amigos, para, com a emoção da saudade e da gratidão em face da memoria dos que se foram de nossa companhia, assignalarmos a data inesquecivel da installação da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro."

E, proferidas estas palavras, bem como traduzidos, como traduzia, todos os agradecimentos da Sociedade de Geographia a quantos foram levar o conforto do seu comparecimento, convidou o General Moreira Guimarães o Exmo. Sr. Ministro Gertsh a occupar a tribuna.

Sob calorosas palmas, com que foram recebidas as ultimas palavras do Presidente da Sociedade de Geographia, assomou á tribuna o Sr. Alberto Gertsh, que desenvolveu com brilho invulgar e de maneira interessantissima o thema que havia escolhido para a sua conferencia: "Uma viagem através da Suissa". Illustrando o seu trabalho com bellissimas projecções luminosas descreveu S. Ex. o percurso de Basilea a Locarno, passando por Schaffhausen, St. Gallon, Zurich, Neuchatel, Friburgo, Berna, Lucerna, Bellinzona e Lugano, e foi applaudidissimo ao terminar a sua palestra.

O General Moreira Guimarães encerrando a sessão, convidou os presentes para a proxima conferencia do Sr. Ministro Gertsh, a qual será opportunamente annunciada e agradeceu, não só o comparecimento dos representantes das altas autoridades, como a todo o auditorio, no qual se viam muitos membros do corpo diplomatico, innumerables senhoras e pessoas gradas.

O Sr. Ministro da Suissa foi conduzido á sala de conferencias por uma commissão composta dos Drs. Mario de Souza, Costa Lima e Commandante Raul Tavares.

(Do "Jornal do Commercio", de 16-9-1928.)

A occorrença do 45º anniversario da installação da SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO, offerece-nos ensejo para realçar os serviços que, modestamente, de longa data, vem a mesma Sociedade prestando á cultura da nossa patria.

Não é vastissima a sua obra; associação de limitados recursos pecuniarios, só com muito esforço, muita abnegação dos seus directores tem podido realizar os objectivos da sua fundação.

Sem intenção de referir todos os fastos de que a SOCIEDADE se póde ufanar, destacaremos aquelles que, a nosso ver, mais recommendam a tradicional aggremação.

A sua "Revista", publicada desde 1885, consta hoje de trinta e um tomos e, dentro em breve, surgirá a 1ª parte do tomo 32º, pois, a partir deste anno, cada tomo do orgão da SOCIEDADE se formará de dois volumes semestralmente publicados.

Essa collecção é sem favor, magnifico repositório de assumptos geographicos, mormente brasileiros, e as monographias que opulentam as suas

(N. da R.) — Vão publicadas neste tomo as conferencias do Sr. Alberto Gertsk.

paginas, subscriptas por summidades nacionaes e estrangeiras, occupam-se desenvolvida e eruditamente da geographia em suas varias divisões: os nossos limites, a hydrographia, a ethnographia, a climatologia, a astronomia, etc, mereceram dos seus collaboradores carinhosa attenção, podendo-se affirmar que, sobretudo quanto á hydrographia, o material contido na "Revista" é abundante.

Além da "Revista", encetou a SOCIEDADE a publicação da "Geographia do Brasil", obra planejada para 10 grandes volumes, destinada a commemorar o centenario da nossa Independencia, e dirigida pelo Professor Lindolpho Xavier.

Publicaram-se della os tomos I, II, X e a 1ª parte do 9º.

O 1º aféra as palavras da Commissão Directora da "Geographia do Brasil", á guiza de introducção, contem: *Geognose do Solo Brasileiro*, pelo Dr. Euzebio de Oliveira; *Aspecto physico* pelo Dr. Honorio Silvestre; *O Nordeste*, pelo Dr. Alceu de Lelis; *Orographia*, pelo Dr. Honorio Silvestre; *Speloologia*, pelo Dr. Antonio Olyntho, e *Manifestações vulcanicas*, pelo General Dr. Alípio Gama.

No volume 2º encontraram-se: *Bacia do Amazonas*, *Bacia do Prata*, *Bacia do Uruguay*, *Bacia do Paraná*, *Bacia do Paraguay*, *Bacias orientaes*, e *Bacias interiores*, pelo Dr. Honorio Silvestre; *Força hydraulica (Catalogo das principaes quedas de agua no Brasil)*, trabalho organizado na 2ª secção da 1ª divisão da Inspectoria Federal das Estradas, sob a chefia do Dr. A. Rodvalho dos Reis; *Rios navegaveios do Brasil*, capitulo elaborado sob a direcção do Dr. Lucas Bicalho, na Inspectoria de Portos, Rios e Canaes; *Costas e Nesographia*; *O Atlantico Sul*, pelo Dr. Delgado de Carvalhi e *O Littoral*, pelo Dr. Raja-Gabaglia.

A "*Chorographia de Minas Geraes*" forma o 10º volume e a *Chorographia do Amazonas* constitue a materia da 1ª parte do 9º volume.

Obra por sua natureza dispendiosa, pois cada volume tem, em média, 400 paginas ornadas de valiosissimas gravuras e irrepreensivelmente impressas, não dispõe a SOCIEDADE de meios pecuniarios para proseguil-a, o que é devéras lamentavel, pois uma vez completa constituiria — resalvados pequenos senões inherentes á obra humana — a melhor fonte do estudos da nossa geographia.

Cogita, neste momento, a SOCIEDADE de um assumpto de transcendente importancia: o estudo systematico das nascentes dos rios, trabalho esse suggerido pelo Coronel Souza Doca e confiado, pelo illustre presidente, General Moreira Guimarães, á competencia dos Drs. Everardo Backeuser, Alexandre Sommier e Almirante José Manoel Monteiro.

Tambem a *Geographia das calamidades* desperta o interesse da Sociedade que, attendendo ao appelo da sua congenere de Bruxellas, envida esforços para oollaborar em tão magno estudo.

Poder-se-ia accrescentar uma longa série de outras actividades em que a SOCIEDADE tem sido útil ao Brasil, taes como: os Congressos de Geographia, a demarcação de limites inter-estadoaes, o Curso Livre Superior de Geographia, o seu comparecimento a congressos nacionaes e estrangeiros de summa importancia; a reunião do 1º Congresso Scientifico Latino-Americano; as communicações geographicas que se fazem nas suas sessões mensaes; as con-

ferencias constantemente realizadas no seu salão de honra, no qual, para sôcitar egregios estrangeiros, falaram Réclus, Von den Steiner, Giovanni Rossi, J. Valverde, Charcot.

Mas, o que, no momento, merece tambem referencia é a parte que a Sociedade tem na divulgação do Brasil no exterior, através da premuta de suas publicações com as de associações cultas de todo o mundo, o que ainda recentemente se verificou com a remessa de trabalhos seus — graças á gentileza das embaixadas e legações acreditadas no nosso paiz, — a instituições intellectuaes da Europa, da Asia, da America e da Oceania.

Concorre, dest'arte, a SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA, para o bom nome desta terra, que é a sua precipua preocupação e a razão da sua utilissima existencia."

AS EXPEDIÇÕES AO INTERIOR DO BRASIL

O Sr. Presidente, General Dr. Moreira Guimarães, justificou a seguinte moção, que foi approvada unanimemente e está subscripta por quasi todos os socios presentes na sessão de 7 de Novembro de 1928.

“Não existe em nossa Patria, nem deve existir instituição alguma, que deixe ao de lado o patriotismo. Mas, se ali, como na Academia de Letras, se cultua a pureza do idioma, ou, como no Instituto Historico, se faz, despertando-se todo o amor civico, o registo das tradições do Brasil; aqui, certamente, poderá viver, consagrando-se de corpo e alma á geographia da Patria, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro. O certo é que, semelhante Sociedade, que se esforce porque um dia se logre nomear do seu seio as varias commissões para o estudo, completo, dos differentes sectores do nosso territorio, olha, meio inquieta, para o que se está fazendo pelo interior do [Brasil], mediante a influencia de curiosos, ou de sabios, que desprovidos, uns e outros, de obrigações quer diante da referida Sociedade, quer em face do Governo da Republica, se agitam, nesse interior, explorando todas as riquezas do solo brasileiro. Não pretende a mesma Sociedade o Brasil isolando-se do resto do planeta; deseja ella conhecer a terra e toda a terra, para melhor servir á Patria e á Humanidade. Entretanto, formularia os melhores votos no sentido de, sem a devida permissão do Governo Federal — a quem cabe não só a defesa do territorio nacional, mas ainda a protecção dos Indios do Brasil — não tomarem rumo tamanhas explorações, nem aquellos curiosos, nem estes sabios, alguns dos quaes como se inspiram, menos no amor á sciencia do que na revolta contra os filhos de nossas florestas, e lá, com effeito, os combatem a ferro e fogo. — Rio, 7 de Novembro de 1928. — *Moreira Guimarães — Carlos Raja Gabaglia — A. Couto Fernandes — Carlos Domingues — Carlos G. Bittencourt — J. Barbosa Rodrigues Junior — Paulo José Pires Brandão — Taciano Accioli — Lupercio Hoppe — Edmundo Felix Tribouillet — Mario de Souza — Alcides Bezerra — Octavio Vinelli — Isaura Sidney Gasparini — Luiz Duarte Gama.*

A CATASTROPHE DO "SANTOS DUMONT"

Em sessão de 7 de dezembro, de 1928, do conselho director, disse o general Dr. MOREIRA GUIMARÃES, presidente, que julgando interpretar o sentimento dos consocios, ia mandar inserir em acta um voto de profundo pesar pela catastrophe do hydro-avião *Santos Dumont*, que tantas illustres victimas fizera. Referiu-se a cada uma dellas, enaltecendo-lhes as notaveis qualidades; mas disse tambem, que não queria a homenagem se cingisse ás suas palavras e, por isso pedia aos consocios manifestassem, como elle o fizera, a magua pelo infortunio que enlutou a nossa patria.

Tomando a palavra o Sr. Lindolpho Xavier, 1º vice-presidente, assim se exprimiu:

"Sr. presidente. Depois das palavras sensatas e repassadas de verdade philosophica, que V. Ex. acaba de pronunciar, nada mais precisaríamos dizer sobre a commemoração de hoje. Mas eu quero accrescentar algumas impressões pessoaes, com que celebrarei esta data triste, este momento rude da Patria. V. Ex. falou como sociologo, que vê perderem-se de chofre tantas cerebrações de escol.

Mas eu vou falar do meu ponto de vista pessoal. Vou adduzir considerações, que me saltam da alma, como gritos de desabafo.

Commemoravamos a chegada de Santos Dumont. Vinha de trazer o seu invento, o "Transformador Marciano", fruto de um engenho genial.

A Escola Polytechnica queria celebral-o como elle o merece: recebê-lo no seu aparelho, no avião, jogando-lhe flores, do alto, ao aportar ao Brasil.

Mandou, portanto, um grupo de seus luminares: Tobias Moscoso, Ferdinando Labouriau, Amoroso Costa; mais outros vanguardeiros se lhe adheriram: Amaury de Medeiros, Paulo de Castro Maya; foram outros e outros; mecanicos, jornalistas, um engenheirando. Eram a sciencia e a sociedade, bem representadas; era o professorado, era a intellectualidade latejante de hoje, que ia receber o Icaro redivivo que encarnou o passaro. Não foram, como V. Ex. tão bem disse, Sr. presidente, em um passeio esportivo; foram ao cumprimento de um dever porque julgaram que, para receber o inventor da aeronave, só em um avião o podiam fazer, bem alto nas nuvens, donde, atirando flores, lhe mandassem a mensagem do Brasil, que lhe proclamaria que a elle deve o mundo a invenção do mais pesado que o ar; a elle, e a mais ninguem, essa gloria, que é nossa, que é do Brasil, para toda a humanidade.

A invenção de Santos Dumont está constatada pela glorificação da Cidade-Luz, que lhe ergueu o monumento imperecivel; está comprovada pelo Aero Club de França, que lhe publicou todos os documentos de sua precedencia; está documentada no proprio livro, que o inventor escreveu,

onde mostra dia a dia a marcha das suas descobertas; está, enfim, documentada no proprio vôo em torno da Torre Eiffel, que foi presenciado por Paris inteiro, antes que outro qualquer o tentasse. A cidade o recebia com festas, e o coração do Brasil inteiro palpita desse justo amor da gloria de um filho immortal.

Quem diria, Sr. presidente, que ali naquella agua, no fundo da nossa bahia tão tranquilla, no dia de sol maravilhoso, diante dos nossos olhos, numa revoada sinistra, a morte havia de colher, de um trago, aquellas cabeças illustre?

Tobias Moscoso... quem poderá esquecer-o? Franco, jovial, rescendendo talento, era como um professor de energia. Alma bondosa, prenhe de uma grande sympathia! Ha poucos dias, eu o via em Bello Horizonte, ao lado de sua esposa, no afan de estudar os problemas da educação. Era elle que, num impeto de sinceridade, me dizia:

— Como estou roubado! Eu, que não conheço o Brasil, que vou correr a Europa, todos os annos, como unico lugar, onde se respira, vejo agora que estava sendo victima de um engano. Calculava o interior uma gehena bravia, intoleravel, onde nada houvesse que admirar. Mas, agora é que observo! Que vida palpita por aqui! Resolvi, de hoje em diante, mudar de rumo. Quero conhecer o Brasil!

Durante esses oito dias da Segunda Conferencia de Educação, Tobias revejava-se com Licinio Cardoso e Francisco Campos na presidencia dos trabalhos.

Discutia, a proposito de tudo, tomava parte nos debates, animava as palestras, com um ar de sympathia que irradiava em torno de si. Foi elle que, num almoço de homenagem, proclamou Vicente Licinio Cardoso, o legitimo representante da brasilidade.

Por ahi se vê a sua sinceridade. Era assim que elle agia; era esparzindo sympathia: era fazendo acto de fé.

Na Polytechnica, vós todos o conhecestes: professor emerito, dirigindo, preleccionando, incentivando os moços. Era um animador de almas. Mas, não era só isso. Ao par de sua cultura profunda, reunia um espirito adornado de rara elegancia.

Vêdel-o, escrevendo a peça de theatro *Esquecer*, com Luiz Peixoto, que granjeou o premio da Academia; era ler as suas chronicas literarias no "O Dia", que fizeram época: ainda mais, era ler-se um simples relatório de serviço como esses que escreveu como chefe da Baixada Fluminense, onde ao par de assumptos technicos, da materia rude do serviço, floreava o filão de ouro de uma linguagem castiça. Mas, além de tudo, era chefe de familia exemplar, carinhoso até o extremo, sabendo dar uma educação aprimorada a seus filhos, que lhe herdaram a lhaneza, a rectidão d'alma, que encontraram sempre em sua esposa — senhora de raros dons de character — o paradigma perfeito. Em quantos congressos internacionais brilhou Tobias Moscoso! E como elle representava bem o Brasil!

Mas, passemos a outro morto: Ferdinando Labouriau, esse espirito sorridente, que surgia com uma luz tão intensa! Que professor! Que idealista! Leia-se o artigo que elle, ha poucos dias, escreveu no "Imparcial":

“Tenho impetos de dizer sinceramente aos operarios brasileiros: — “Não acrediteis nesses falsos pregadores, que vos ensinam ser o communismo a melhor forma de governo!

A sociedade ha de sempre ser governada por uma pequena “elite”. O que compete ao proletariado é seleccionar essa “elite” e obrigai-a a governar com justiça.” E’ este o espirito moço, que gaigou de um salto a politica para realizar um alto idealismo. Elle, o pioneiro de uma cruzada de regeneração de costumes, que se atirava como um bom gardingo para a frente. Era o escriptor, o orador e o pamphletario, cozido ao cientista e ao economista. Surgiu para morrer. Teve a luminosidade de um facho que se accende para apagar-se logo. E imaginar que elle, com Amorofo Costa, com Castro Maya, ainda estão ahi, na lama do fundo da Guanabara, inincontraveis! Amorofo Costa, a cabeça que se celebrizou em Paris, quando, diante da Sorbonne e do Collegio de França revelou a cultura mathematica brasileira! O professor modesto e profundo, verdadeiro sabio!

Amoary de Medeiros! Quem o conheçera como eu? Medico dos mais illustres, dentro da sua modestia! O remodelador da Hygiene Publica de Pernambuco! O coração de ouro, que só pela presença soerguia os enfermos.

O sabio moço, que num consultorio, sorridente, cheio de intuição divinatória, punha a mão sobre o enfermo e o mandava para casa com taes conselhos, com taes prescripções, que era já a cura certa.

Amoary não era o medico só do corpo; era-o da alma tambem. Sabia ensinar a illudir as dores da vida, com leituras adequadas a cada enfermo. Ao formular uma receita, formulava outra á parte, a lista dos livros de consolação que o consulente devia ler. Ainda mais: diagnosticava a gymnastica, como condição para a cura; ensinava os movimentos. Possuia irresistivel sympathia.

Quanta gente ficou ali, no fundo dessa bahia! O Coronel Vallo, do serviço geographico do Exercito Brasileiro, que veio da Austria com a commissão de notabilidades em assumptos topographicos, realizando no nosso paiz um serviço que será dos melhores do mundo.

Fique, senhor presidente, gravado na acta deste dia, nos annaes da Sociedade de Geographia, o reconhecimento nacional a todos esses servidores do progresso, que baquearam numa arremettida subita do destino, em frente a nossos olhos, desfalcando a mentalidade patria contemporanea de um dos seus mais vigorosos contingentes. Fique, por fim, assignalada a personalidade de Santos Dumont, que esse felizmente vive e viverá ainda, para coroar de maior gloria o Brasil e dotar a humanidade de um apparelho novo, o *Transformador Marciano*, para realização definitiva do sonho de Icaro!

O Sr. Dr. Costa Lima, que se seguiu ao Sr. Lindolpho Xavier, pediu que as homenagens da Sociedade fossem extensivas aos aviadores militares Drummond, Marques Junior e Beltrão, recentemente victimados no cumprimento do dever é, mais, solicitou que, como complemento da manifestação de pesar da Sociedade fosse suspensa a sessão.

O Sr. Presidente, associando-se ao que disse o Dr. Costa Lima e após consultar á casa, encerra a reunião.

COMMEMORAÇÃO DE ROALD AMUNDSEN

Com uma brilhante sessão, a 14 de junho de 1928, realizada, commemorou a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro a descoberta do Polo Sul, reverenciando, por essa ocasião, carinhosamente, a memoria do grande explorador norueguez Roald Amundsen.

Constituida a mesa pelos Srs. general Moreira Guimarães, presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; ministros Herman Gade, da Noruega, e T. Grabowski, da Polonia; Dr. Bernardino de Souza, secretario do Instituto Geographico e Historico da Bahia; Reidar Solum, chanceller da legação da Noruega; Drs. Carlos Domingues e Randolpho Chagas, respectivamente, secretario geral e 3º vice-presidente da Sociedade de Geographia, disse o general Moreira Guimarães, dando inicio aos trabalhos da sessão, as seguintes palavras:

“Numa solidariedade que emociona, estão, hoje, dominadas por um mesmo sentimento superior, todas as sociedades de geographia que se encontram no planeta. A iniciativa dessa convocação cabe á Sociedade de Geographia da Polonia. Com certeza, tamanha iniciativa honra, por igual, aquella douta irmã da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e á gloriosa patria do grande Sienkiewicz.

Ninguém ignora o alto valor da solidariedade. Porém mais que a solidariedade, aqui e ali está a continuidade robustecendo os laços que prendem, num mesmo organismo, todas as criaturas humanas. A solidariedade lembra o espaço. A continuidade o tempo. No primeiro caso existe a geographia, no segundo a historia.

A verdade é que não ha geographia sem historia, nem historia sem geographia. Além de que, a solidariedade é a continuidade no espaço, como a continuidade é a solidariedade no tempo.

De qualquer modo, não se comprehende nenhum acontecimento sem essas coordenadas — o espaço e o tempo. E só com o espaço é a terra que nos impressiona. Com o tempo o nosso espirito não se restringe aos horizontes da propria terra; divisa todo um passado e todo um futuro bem longe dos dias de hoje. Mas é o culto o que nos permite alongar a vista por esses dias longinquos, vivendo cada um de nós, assim no passado como no futuro. Então, como que a criatura humana se faz superior a si mesma, perdendo as contingencias do seu somatismo, todas as fraquezas que lhe são inherentes, para lograr a verdadeira immortalidade, vivendo em outrem, por isso que vivera para outrem.

Tal o abnegado filho da Noruega, Roald Amundsen, que desde 1903 a 1906 se impuzera á admiração do mundo com as suas explorações daquelle tempo no Polo Norte e que aos 14 de dezembro de 1911 conquistára a gratidão de todos os seus compatriotas, hasteando, nesse dia memoravel, peia

primeira vez, ou antes que outra bandeira ali se alçara, o pavilhão da cruz azulada no polo sul. Ainda vivendo objectivamente, já estava na memoria e no conhecimento de toda gente. Mas quando se tomára de impulsos generosos e voara para salvar os destemeros viajantes do *Italia*, não houve coração humano que se não angustiasse pela sorte do immortal Roald Amundsen. Também, perdido e morto nos gelos do Polo Norte, ahí está na vida subjectiva, ao alcance dos que têm alma para a gratidão, que se deve aos bemfeitores da humanidade. 'E' que, em rigor, nem se perdera, nem morrera, posto que ninguem esqueça aquella tragedia no meio dos gelos do Polo Norte.

Igualmente, não se perderam, nem morreram os bons viajantes do avião que trazia o nome glorioso do mais glorioso dos brasileiros, Santos Dumont. Ainda que não se nos apague da memoria a imagem desta tragedia que se desenrolára na encantadora Guanabara, num bello dia de sol nas alturas e de alegrias em nossos corações, ahí se acham vivendo cada vez mais aquelles bravos allemães tão familiares ás surpresas e difficuldades da aviação, aquelle intelligente austriaco de tanto saber profissional, aquelles brasileiros notaveis que se resumem num Ferdinando Labouriau, num Amorooso Costa, num Tobias Moscoso.

Decididamente, não é possivel recordar a tragedia do Polo Norte, sem lembrar esta outra tragedia da formosa Guanabara. E, se nada falta ao fulgor da eterna existencia, seja de Amundsen, seja dos bons viajantes do *Santos Dumont*, a nós tudo nos falta, que objectivamente desapareceram todos elles da existencia de todos os dias. Procuremos, pois, viver como esses mortos queridos, os quaes souberam desempenhar a missão que lhes reservára o destino. Delles ha de vir o alento, a inspiração, o entusiasmo de que carecemos, para levarmos por diante a tarefa, patriotica e humana, em que nos sentimos empenhados. Morrer por morrer, eis a verdade, é força morrer como Roald Amundsen, num impulso generoso, ou como Ferdinando Labouriau, Amorooso Costa e Tobias Moscoso, num movimento de civismo — cumprindo o seu dever."

Terminadas as calorosas palmas com que foi applaudido o general Moreira Guimarães, deu ella a palavra ao padre Dr. Geraldo Pawles, que estudou com erudição e de modo muito interessante, a obra e a personalidade de Amundsen.

Foi tambem muito applaudido.

Seguiu-se-lhe com a palavra o professor La-Fayette Côrtes, orador da Sociedade, que discorreu sobre o grande norueguez e que, como os oradores que o precederam, mereceu prolongadas palmas do auditorio.

* * *

Falou, por fim o Sr. ministro Herman Gade, da Noruega, para associar-se á manifestação da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e agradecer-lhe a carinhosa homenagem á memoria do seu egregio compatriota.

Encerrando a sessão, o general Dr. Moreira Guimarães agradeceu o comparecimento de quantos vieram prestar á sociedade o concuso da sua solidariedade neste preito a Amundsen.

ADMINISTRAÇÃO DA SOCIEDADE DE GEO- GRAPHIA DO RIO DE JANEIRO NO BIENNIO DE 1929-1930

Em assembléa geral de 14 de Dezembro de 1928, procedeu a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro á eleição da directoria, conselho director e comissões permanentes que devem servir no biennio de 1929 a 1930. Corrido o escrutinio e apurados os votos, verificou-se o seguinte resultado:

Directoria: presidente, general Dr. José Maria Moreira Guimarães; 1º vice-presidente, professor Lindolpho Xavier; 2º vice-presidente, professor Dr. Everardo Backheuser; 3º vice-presidente, Dr. Randolpho Fernandes das Chagas; secretario geral, Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues; 1º secretario, Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti; 2º secretario, João Ribeiro Mendes; thesoureiro, Dr. Alberto Couto Fernandes; orador, professor La-Fayette Cortes.

Conselho director — Dr. Alexandre Emilio Sommier, Dr. Carlos M. Delgado de Carvalho, Edmundo Felix Tribouillet, professor Erasmo Braga, padre Dr. Geraldo Pauwles, Dra. Isaura Sydney Gasparini, Dr. João Barbosa Rodrigues Junior, Dr. João Raymundo Duarte, Dr. José Mattoso Maia Forte, general Dr. Liberato Bittencourt, Dr. Mario Rodrigues de Souza, Dr. Paulo José Pires Brandão, Dr. Roberto Moreira da Costa Lima, Dr. Saul de Gusmão, general Dr. Samuel de Oliveira, Dr. Silvio Fróes Abreu, Dr. Taciano Accioli Monteiro e Dr. Vicente Licinio Cardoso.

Commissões Permanentes:

Geographia Physica. — José Mattoso Sampaio Correia, Commandante Eugenio de Castro, Drs. Mario Moura Brasil do Amaral, Octavio Vinelli e Tenente José Augusto Barbosa.

Geographia Politica — Drs. Everardo Backheuser, Manoel Cicero Peregrino da Silva, Laudelino Freire, Arthur Vieira Peixoto e Arnaldo Gomes da Costa.

Geographia Mathematica. — Drs: Paulo de Frontin, Aarão Reis, Romero Zander, Mario Rodrigues de Souza e o General Dr. Mario Barreto.

Geographia Historica. — Dr. Clodomirio de Vasconcellos, José Mattoso Maia Forte, Pandiá Tautphoeus, Herman Castello Branco, Saul de Gusmão, e Padre Dr. Geraldo Pauwles.

Geographia Economica e Commercial. — Dr. Miguel Calmon, Lindolpho Xavier, Victor Viana, João Lyra Tavares e Lupercio Hoppe.

Geographia medica e biologica. — Almirante Dr. Carlos de Barros Raja Gabaglia, Drs. Theophilo de Almeida, Augusto Diogo Tavares, Castorino de Oliveira Guimarães, Americo da Silva Pinto e João Barbosa Rodrigues Junior.

Ensino da Geographia. — Drs. Mario Rezende, Othello de Sousa Reis, La-Fayette Cortes, Alexandre Emilio Sommier e João Pedro Carneiro da Cunha.

Estudos Americanistas. — Drs: Antonio Carlos Simoens da Silva, Roberto Moreira da Costa Lima, Erasmo Braga, Francisco Pereira Lessa e Major Henrique Silva.

Meteorologia e Magnetismo Terrestre. — Drs. Henrique Morize, Mario Rodrigues de Sousa, Commandante Frederico Villar, commandante Thiers Fleming e Dr. Luiz José Le Coq de Oliveira.

Hydrographia. — Drs: Manoel da Silva Couto, Hildebrando de Araujo Góes, Alfredo Lisboa, José Domingues Belfort Vieira e Almirante José Manoel Monteiro.

Cartographia. — Professores Olavo Freire, Mauro Montagna, Major Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Coronel Dr. Luiz Sombra e Capitão Dr. Francisco José Pinto.

Redacção. — Drs: Lindolpho Xavier, Carlos Delgado de Carvalho, Alcides Bezerra, Vicente Licinio Cardoso e General Dr. Liberato Bittencourt.

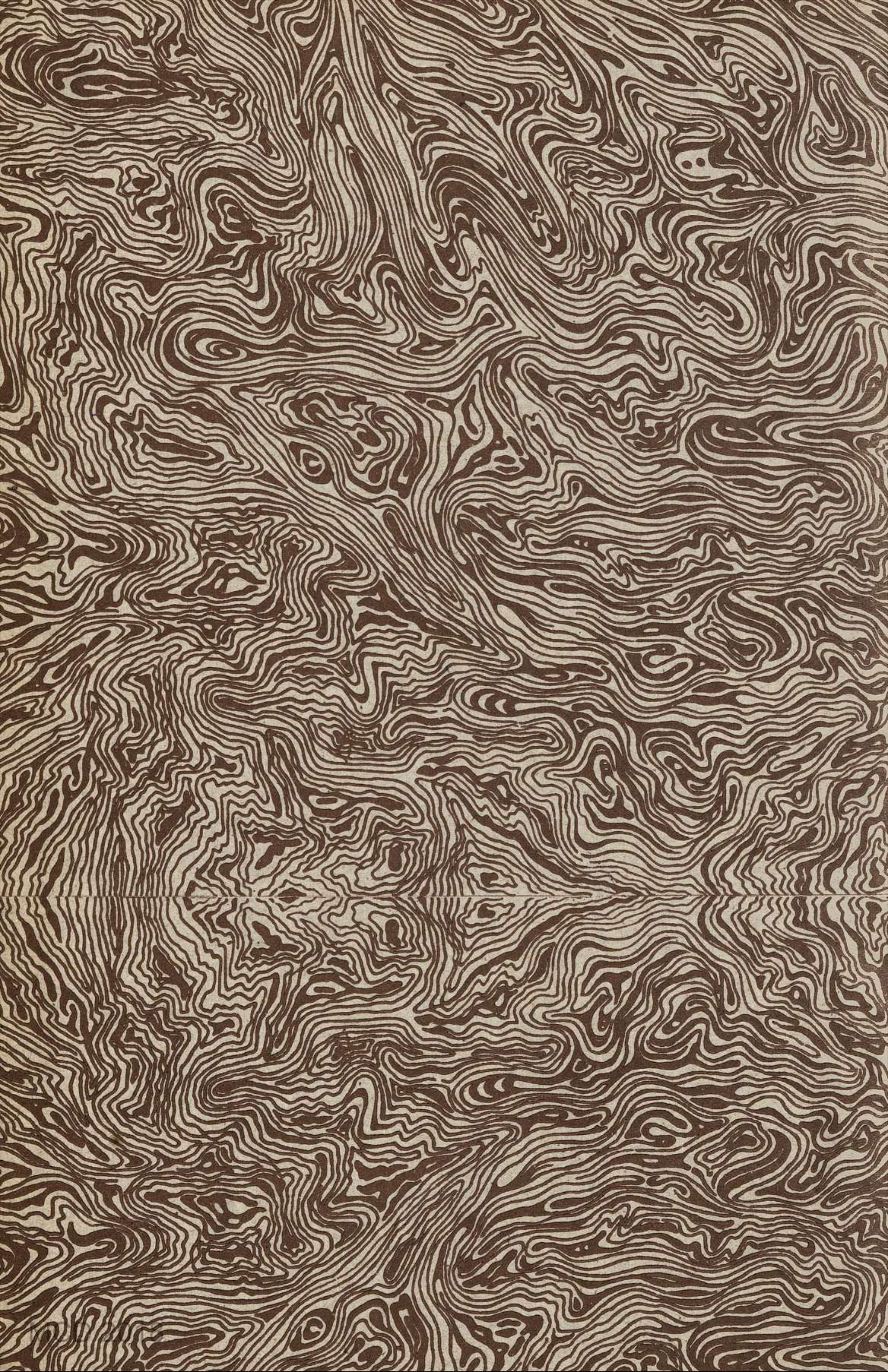
Contas. — Drs: Augusto Carlos Moreira Guimarães, Taciano Accioly, Luiz Duarte Gama, João Ribeiro Mendes e Alberto Xavier.

CADASTRO SOCIAL

Em 1928, foram eleitos: *Socios benemeritos*: Srs. João Ribeiro Mendes e Charles A. Sylvester. *Socios effectivos*: Drs. Alvarenga Fonseca, J. M. Silva Rosa Junior, João Pedro Carneiro da Cunha, Lupercio Hoppe, Arthur Vieira Peixoto, Mario Bulhão Ramos, Octavio Vinelli, general Dr. Mario Barretto, Drs. Lysannias de Cerqueira Leite, Roméro Zander, Savino Gasparini e capitão do Exercito Angelo Mendes de Moraes. *Correspondentes*: Drs. Paulo Francisco de Andrade Arantes, Manoel Aarão, João Pinto da Silva, Mario Guastini, Francisco Henrique Moreno Brandão e José Ricardo Lima.

Falleceram no mesmo anno: os Drs. Manoel de Oliveira Lima, vice-presidente honorario, Susviela Guarch, socio honorario, Antonino da Silva Neves, Sebastião Galvão, Abdias Neves e Joaquim Goulart de Andrade, correspondentes, Antonio Carlos de Arruda Betrão, do Conselho Director, Daniel Henninger, 2º vice-presidente, Leopoldo de Bulhões e Ferdinando Labouriau Junior, socios effectivos.

TYPOGRAPHIA
O. Côrtes, Botelho & C.
Rua Buenos Ayres, 145







1018